

LA TROBE UNIVERSITY

LIBRARY



OWO BACHS-810



PARVANIA
PAUL NATION-810



MUCIO TEIXEIRA

BARÃO ERGONTE

OS

GAÚCHOS

1ª EDIÇÃO

ESTUDO DO MEIO PHYSICO, DO MOMENTO HISTÓRICO
DA VIDA PAMPEANA, DO CANCIONEIRO POPULAR,
E SYNTHESE BIOGRÁFICA DE RIO-GRAN-
DENSES ILLUSTRÉS



Editores :

Leite Ribeiro & Maurillo

3, RUA SANTO ANTONIO, 3

RIO DE JANEIRO

1920

OS GAÚCHOS

OBRAS DE MUCIO TEIXEIRA

LIVROS DE POESIAS

Vozes trémulas, 1 vol. de 212 págs. — *Violetas*, 1 vol. de 200 págs. — *Ondas e Nuvens*, 1 vol. de 250 págs. — *Sombras e Clarões*, 1 vol. de 296 págs. — *Novos Ideaes*, 1 vol. de 400 págs. (4ª edição) — *Prismas e Vibrações*, 1 vol. de 236 págs. — *Hugonianas*, 1 vol. de 494 págs. (2ª edição) — *Contos em Cantos*, 1 vol. de 242 págs. — *Poesias e Poemas*, 1 vol. de 238 págs. (2ª edição) — *Celajes*, 1 vol. de 361 págs. (em lingua castelhana) — *Poesias de Don Mucio Teixeira*, traduzidas por poetas de Venezuela, 1 vol. de 250 págs. — *Campo-Santo*, 1 vol. de 519 págs.

POEMAS

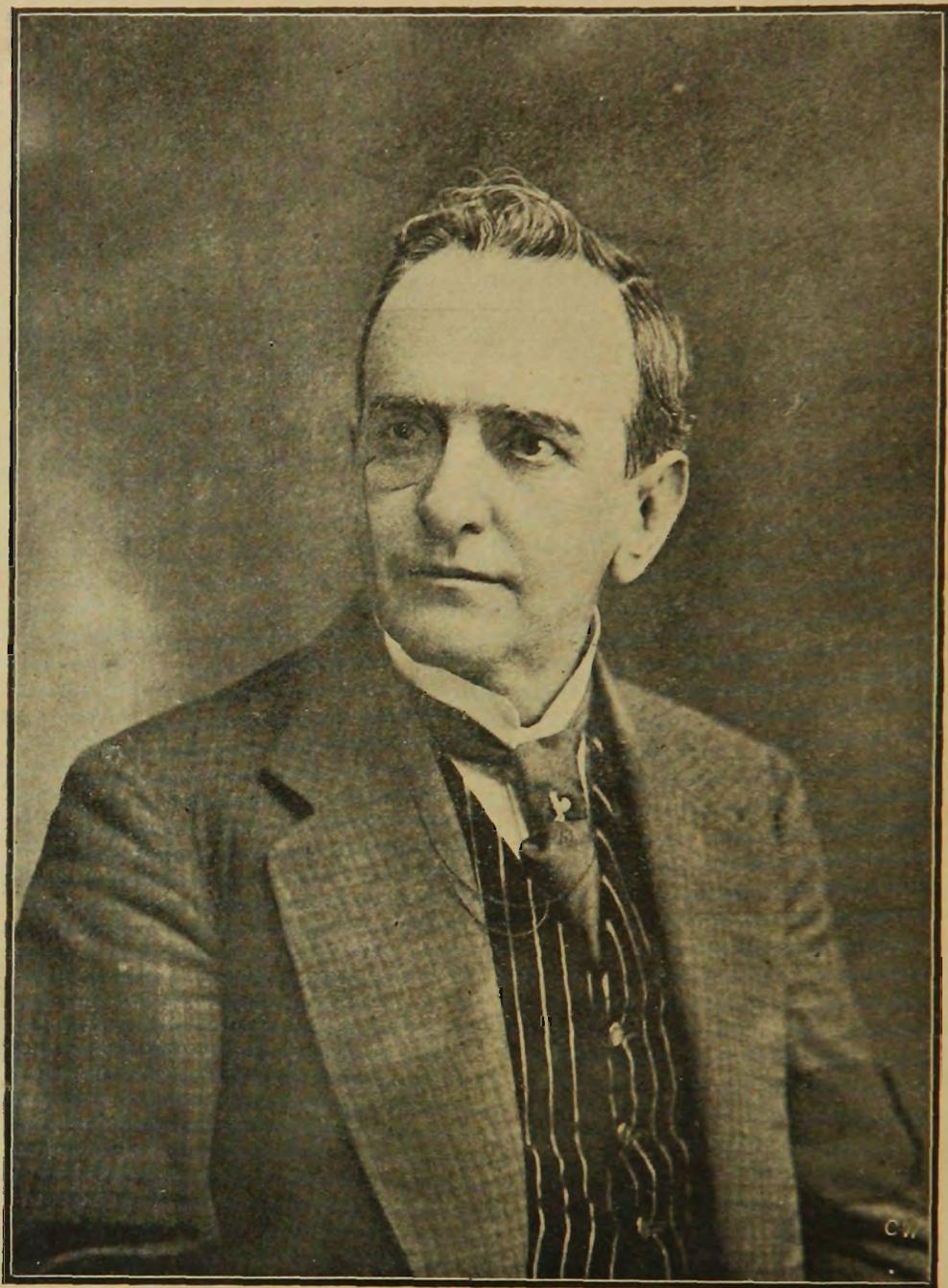
Cérebro e Coração, 1 vol. de 212 págs. (3ª edição) — *Fausto e Margarida*, 1 vol. de 210 págs. (4ª edição) — *O Inferno Político*, 1 vol. de 224 págs. — *Intermezzo Lyrico*, 1 vol. de 284 págs. — *Um Sonhador do Século*, 1 vol. de 182 págs. — *O Tribuno-Rei*, 1 vol. de 126 págs. (2ª edição) — *Os Inconfidentes* (fragmentos), 1 vol. de 92 págs. — *Mulheres do Evangelho*, 1 vol. de 262 págs. (2ª edição) — *Pequenos Poemas de CAMPOAMOR*, 1 vol. de 325 págs. — *O Girafa*, 1 vol. de 110 págs. (2ª edição) — *Leviandades de Clymene*, 1 vol. de 82 págs. — *Caprichos de Mulher*, 1 vol. de 46 págs. — *O Kaiser perante a Historia*, 1 vol. de 25 págs. — *Terra Incógnita*, 1 vol. de 408 págs.

DRAMAS

O Filho do Banqueiro (5 actos) — *Alvaro, o Farrapo* (5 actos) — *A Flor de um dia* (4 actos e em verso) — *Tempestades moraes* (3 actos) — *A Virtude no Crime* (5 actos) — *O Sobrinho pelo Tic* (3 actos) — *Montalvo* (3 actos) — *Chimica Conjugal* (1 acto e em verso) — *A Urucubaca* (3 actos, em prosa e verso).

LIVROS EM PROSA

Memorias dignas de memoria, 5 vols. — *Poetas do Brasil*, 3 vols. — *Synthese histórica da Literatura Brasileira*, 3 vols. — *Vida e obras de Castro Alves*, 1 vol. — *Biographia de Bethencourt da Silva*, 1 vol. — *Relatorio da Exposição de 1900*, 1 vol. — *La administracion del Doctor Rojas Paúl en Venezuela*, 1 vol. — *O Brasil Marcial*, 1 vol. — *O Imperador visto de perto*, 1 vol. — *Os Gauchos*, 2 vols. A ENTRAR NO PRÉLO: *Homens do meu tempo*, 3 volumes.



Yucio Ferreira

MUCIO TEIXEIRA
BARÃO ERGONTE

OS

GAÚCHOS

ESTUDO DO MEIO PHYSICO, DO MOMENTO HISTÓRICO,
DA VIDA PAMPEANA, DO CANCIONEIRO POPULAR
E SYNTHESE BIOGRÁPHICA DOS RIO-GRAN-
DENSES ILLUSTRES

Tomo I



Editores :
Leite Ribeiro & Maurillo
3, RUA SANTO ANTONIO, 3
RIO DE JANEIRO
1920



920.08165

T266g

1920

t. 1

LA TROBE UNIVERSITY
LIBRARY



6496/7403
22. 2. 68

A MEUS FILHOS

ALVARO
MUCIO — MANUEL
MARIA JOSÉ

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.*

(ANTONIO FERREIRA)

THE

OF

THE

OF

THE

THE

THE

O MOMENTO HISTÓRICO

DIVIDI o meu tempo em uma tal multiplicidade de coisas antagonicas, que eu mesmo fico ás vezes perplexo, como que fazendo uma tática interrogação ao passado, interpellando-o e invocando o seu testemunho para o nitido desencadeamento de tudo, sem o minimo esquecimento de factos, datas e individualidades, que podem parecer á primeira vista dispensaveis, mas que considero como peças justificativas da maior importancia, imprescindiveis mesmo, de cooperação inconsciente, mas efficaz, na elaboração de um trabalho minucioso e complexo como este, paciente e detalhado como devem ser todos os *documentos humanos*.

A critica leva hoje a analyse até á curiosidade mais indiscreta; e tem imprescindivel necessidade de fazer isso, porque procura antes de tudo explicar a apparição e o desenvolvimento gradativo do genio individual e do phenomeno sociolátrico, tanto pela acção do meio physico como pelo impulso das condições historicas, que são assimiladas ou repellidas, conforme o grau da iniciativa individual, ou do adiantamento colectivo.

A estas aspirações respondem na critica moderna os *Estados Pessoaes*, que na maioria dos casos são um pouco menos do que requer a seriedade scientifica, mas tambem alguma coisa mais do que uma futil curiosidade ou ligeiro passatempo. Deixam de ser, esses processos documentados, meros objectos de curiosidade para se converter em arrazoados fecundos, quando aquelle a quem

se referem pode offerecer á contemplação do observador o prisma refulgente de um seculo.

A maior acção da minha vida teve por scenario a segunda metade do seculo XIX, o meu seculo, ou para melhor dizer, o seculo do meu nascimento, que bem se poderia denominar o tempo de Pasteur, o incomparavel chimico que synthetisa a cirurgia e a hygiene. Foi tambem *o seculo das luzes*, batendo em cheio num paiz novo, como este, que tratava então de resolver simultaneamente dois grandes problemas sociaes e politicos: a abolição do elemento servil e a proclamação do regimen politico continental.

Em ambos tomei parte activa, como o demonstram os meus livros de então; e entrei, neste seculo XX, que parece destinado á victoria do espiritalismo, á restauração do magismo das épocas remotas, á conquista dos dominios do ar e a desvendar os mysterios do fundo dos mares, auxiliado o ingenho humano pelas energias da electricidade, dos raios X, do *radium* e de tantas outras forças vivas da Natureza, que existem desde que o mundo é mundo, e que só agora começam a apparecer á nossa percepção.

Os seculos agonisam e morrem, como agonisam e morrem os homens e os vermes, as flores e os corpos celestes, os systemas de governo e os systemas planetarios. O sol é o hyperbolico alampadario acceso por Deus na camara-ardente do Universo, onde tudo palpita e morre a cada instante, renascendo da propria morte, para palpitar de novo na perennial vibração de tudo. Na eterna dualidade da força e da materia, só permanece imperturbavel e sobranceira a lei do transformismo. «Nada se crêa, nada se extingue na Natureza», disse Lavoisier. Nada tambem perdura inalteravel. Tudo desaparece e tudo reaparece. Toda fórma de vida não é mais que um fóco, no qual se concentram as energias do principio universal da vida.

Estamos acostumados a julgar como verdadeiro só aquillo que desce á percepção dos nossos sentidos, ao passo que o que está acima da intelligencia commum chega a parecer imaginario e illusorio. Ahi é que está o erro. Não vêmos todos os dias o sol levantar-se no Oriente, galgar o throno do Zenith, e declinar no Occi-

dente?—e qualquer menino de escola já sabe que esse movimento apparente não é mais que uma illusão causada pela rotação da Terra.

A materia solida parece uma massa densa e impene-travel, e não deixa de ser uma agglomeração de centros de força, um symbolo da energia accumulada, uma expressão visivel da potencia universal invisivel que permanece em tudo. E' que a materia não é mais do que uma manifestação externa de uma força em estado latente, enquanto que o espirito é uma potencia interna, invisivel e activa. E assim como existe uma differença entre o bem e o mal, entre o amor e o odio, a sabedoria e a ignorancia, assim tambem se manifesta a dualidade entre o Espaço e o Tempo.

A nossa mente mal pode receber um pequeno numero de impressões por segundo. Si pudessemos receber uma só impressão por hora, a vida nos pareceria mais curta; e si recebessemos a impressão de cada simples ondulação de um raio de luz, cujas vibrações attingem a 500 bilhões por segundo, um só dia da nossa vida pareceria então uma eternidade.

Dormindo ou sonhando, perdemos a noção do tempo, que parece voar. E como são longas as noites passadas em claro, quando a dôr nos martyrisa, ou quando assistimos a agonia lenta de uma pessoa que amamos!... Dizem os ignorantes que as visões dos santos são alucinações da enfermidade dos mysticos. Mas si uma arvore não deixa de ser uma arvore, para todos os que a vêem, porque razão uma verdade, admittida como verdade pelos que sabem perceber-a, ha de se transfigurar em uma illusão ou mentira, aos olhos dos que não sabem vêr as coisas transcendentes?

A percepção da verdade depende do equilibrio da intelligencia e das emoções. Enquanto não entrarmos no estado transcendente do conhecimento directo da verdade, apenas veremos as sombras que a cercam, ouvindo o éco apagado de suas vozes de perennal harmonia, porque o som dessas vozes é abafado pela algazarra das vaidosas ambições humanas, e a sua luz apaga-se no nevoeiro das paixões desencadeadas pelos instinctos sensuaes.

São surprehendentes os grandes phenomenos observados nos profundos laboratorios da Terra e do Espaço!... E' tão mysteriosa a formação dos infusorios como a dos planetas, havendo no campo da relatividade tanta vida dentro de um atomo como dentro de um astro. E tão energico é o pensamento, elaborado na escuridão de um craneo, como o fluido electrico que se desprende do fóco luminoso de um sol.

Dá-se exactamente factó identico no mundo moral, onde fermentam as paixões mais nobres e os desejos menos confessaveis. Têm uns grande energia intellectual e pouca força moral; têm outros grandes virtudes e limitada intelligencia. Os que têm as energias mentaes reforçadas pela superioridade do character, estes são os eleitos da Divindade — e conservam-se em estado consciante no meio da Natureza e da sociedade.

Voltemos, porém, ao *momento historico*. Os seculos agonizam e morrem, como as flores da primavera e as escumas do mar na epilepsia das tempestades. Assim tambem agonizam e morrem as mulheres da terra e as estrellas do ceu. A lagrima que escorre da rôxa palpebra do moribundo, fria como os labios da amante no espasmo dos beijos, é a crystallisação de todas as sensações na paralyisia final de todos os musculos, quando os olhos, já vitreos, se cravam na vela que nos botam na mão.

Esse olhar, que nem pestaneja mais, permanece indifferente a tudo que o cerca, porque um olhar interior, que é o da consciencia, vê nesse rapido e supremo instante, ao clarão sinistro do maior dos espantos, limpido como um relampago na escuridão da noite, deslizar pela mente todo o passado, numa procissão retrospectiva que se recolhe á igreja de onde sahiram os andores.

Assim tambem os seculos, na hora em que são devorados pelo tempo, para a divisão chronologica dos cyclos historicos, recapitulam todos os episodios notaveis da sua existencia, servindo-se do livro, do jornal, da chronica e da tradição oral, para que o historiador possa vir a escrever-lhes a biographia. E' provavel que de hoje em diante sejam tambem aproveitados nesse mistér o phonographo e o cinematographo, bem como os espiritos desencarnados, que se servem do organismo do *medium* para as suas communicações d'além tumulo.

Deixemos tremeluzir na poeira doirada das épocas prehistoricas toda a poetica grandeza das primeiras idades do mundo, eternamente embaladas no berço das lendas e tradições heroicas. A primeira época pode ser determinada desde á Génesis até á dispersão dos homens; a segunda, da dispersão até ás Olympiadas; a terceira, já rigorosamente historica, dos reis-pastores do Egypto e das instituições dos phenicios até Alexandre; a quarta, das guerras punicas; a quinta, das guerras civicas; a sexta, com Jesus Christo, veio abrir na terra as portas do ceu, plantando no Calvario a arvore da Redempção, que foi regada com o seu divino sangue. Começa, então, a nossa éra, cujos seculos podem ser synthetisados assim:

I — De Augusto a Paulo; II — de Séneca a Simão, o Mago; III — de Apollonio de Thiana ao baixo-imperio; IV — Virgilio e os Papas; V — Mahomet; VI — o Califado e os arabes na Hespanha; VII — os Carlovingianos; VIII — as Cruzadas; IX — as Communas; X — a queda do Imperio do Oriente; XI — a imprensa e a polvora (no Occidente), XII — os exercitos permanentes e o militarismo; XIII — a philosophia e o pontificado; XIV — o triumvirato poetico de Boccacio, Petrarca e Dante; XV — as descobertas da bussola e da America; XVI — o seculo de Paracelso e do descobrimento do Brasil; XVII — a reforma e a encyclopedia; XVIII — a Revolução Francessa; XIX, o seculo das luzes; XX — o seculo da electricidade.

O seculo XVIII, que herdou as mais sagradas tradições de um passado prenhe de tão alevantados exemplos, agonisou como que arrastado ao tumulo pelas blasphemias de Voltaire, as maldições de Bossuet, a *Aguia de Meaux*, e a solidariedade de Chateaubriand nos crimes da canalha franceza, na mais repugnante promiscuidade das invasões revolucionarias, tripudiando dentro das escuras prisões e ante os erguidos cadafalsos, embriagando-se no seu proprio sangue, depois de ter derramado o de reis e poetas, mulheres e crianças!...

A formosissima e sempre altiva cabeça loira de Maria Antonietta, duas vezes coroada, pela realesa e pelo martyrio, encanecida em poucas horas na noite da prisão, presentindo o duro contacto da fria lamina da guilhotina no seu alvissimo pescoço de cysne, e adivinhando

o coração materno os maus tratos que supportava o innocente Delfim... e a resignação evangelica de Luis XVI, perdoando no testamento os seus ferozes assassinos; e aquella meiga e linda princesa estrangeira, que se achava de passeio no palacio das Tulherias; e a cabeça sonhadora de André Chénier, onde havia alguma coisa sagrada, taes são os trophéus da revolução que pretendeu proclamar *os direitos do homem*, quando o homem só tem deveres a cumprir.

O seculo XIX, recebendo a ignominiosa herança da impiedade e do morticínio, ensaiou os primeiros passos num terreno marginado de abyssos, a tropeçar sobre os destroços de thronos e altares, desmoronados simultaneamente pelo tufão revolucionario que se desencadeou na Europa, varrendo a França e sacudindo Paris. Assim, não podia deixar de ser o que foi: um scéptico, curvado ao peso das duvidas, devorado pela ambição, entorpecido pelo desalento, esfalfado pela sensualidade, embriagado pelo atordoamento e varado pelo tédio.

Quem quizer saber o que era o Brasil em 1870, não precisa mais do que ouvir Alfredo de Musset falar da França de 1830. Não admira que as vozes do romantismo europeu, ecoassem tão tardiamente em todas as nações latino-americanas, quando ainda hoje, em que já dispomos dos mais rapidos transatlanticos e até do telegrapho sem fio, as novas escolas literarias só são iniciadas no vasto campo continental depois de se acharem quasi esgotadas nas fontes de que emanaram. Só depois de trinta annos foi que se reproduziram no nosso meio physico os influxos mentaes e a acção complexa daquelle momento historico.

«De tres elementos se compunha (diz o encantador poeta) a vida que então se offerecia aos moços; atraz delles um passado para sempre destruido, agitando-se ainda em suas ruínas, com todos os fosseis dos seculos do absolutismo; na frente a aurora de um immenso horisonte, os primeiros alvares do futuro, e entre estes dois mundos... o quer que fosse parecido com o oceano, que separa o antigo continente da juvenil America; um não sei quê de vago e fluctuante, um mar cavado e coberto de destroços de naufragios, atravessado de quando em quando por uma vela que alveja ao longe ou por algum navio a vomitar

denso fumo; numa palavra, o presente, que separa o passado do futuro, que sem ser nenhum delles, se perde ao mesmo tempo com ambos, e no qual ninguem sabe, ao dar um passo, se pisa sementes ou ruínas».

Restava, portanto, o presente, o espirito do seculo, que não é noite nem dia. Encontraram-no sentado num sacco de ossos, embrulhado no manto do egoismo, tiritando com um frio terrivel. Entrou-lhes na alma angustia mortal na presença deste espectro meio-mumia, meio-facto. Aproximaram-se d'elle como o viajante a quem se mostra em Strasburgo a filha de um velho conde de Sarvenden, embalsamada com as suas vestes de noiva; esse esqueleto juvenil faz tremer, porque tem na mão descarnada e livida o anel nupcial, e a cabeça esphacela-se-lhe no meio das flores de laranjeira.

Começou, pois, a fermentar em todos os corações juvenis um sentimento de inesplicavel tédio. Condemnados ao repouso pelos senhores do mundo, entregues a pedantes de toda especie, á ociosidade e ao desalento, os moços viam fugir-lhes as escumantes vagas contra as quaes haviam preparado seus braços. Todos esses gladiadores untados de azeite experimentavam no intimo da alma insupportavel miseria. Os mais ricos deram em libertinos; os mediocrementemente remediados abraçaram uma profissão e resignaram-se á toga e á espada; os mais pobres entregaram-se ao postigo entusiasmo dos palavrões, a um mar encapellado de acção sem fim determinado.

Quando as idéas allemãs passaram para as nossas cabeças, experimentou-se desgosto taciturno e silencioso, seguido por uma convulsão terrivel, porque, formular idéas geraes, é transformar o salitre em polvora, e o cerebro homerico do grande Goethe destilava como um alambique todo o licôr do fructo prohibido. Os que o não leram, esses cuidaram que nada tinham com elle, pobres creaturas! a explosão arrojou-os, como grãos d'areia, para o abysmo da duvida universal.

Foi uma especie de negação de todas as coisas do ceu e da terra, negação que se pode chamar desillusão, ou, si querem, *desesperança*; como si a humanidade em lethargia fosse julgada morta por quem lhe tomasse o pulso, como aquelle soldado a quem se perguntou uma vez:— Em que crês tu?— e que respondeu logo:— «Em

mim!»—Do mesmo modo a nossa mocidade, ouvindo esta pergunta, responderia immediatamente:—«Em nada»..

Mas, ainda assim, o meu seculo sempre conseguiu rasgar o seio das aguas—para que passassem os navios a vapor; furou o ventre das montanhas—para que passassem as locomotivas, desenrolando nos tuneis o seu pennacho de fumo; crivou de punhaladas a crosta do planeta, fincando-lhe no dorso essa infinidade de postes telegraphicos, que são as bayonetas caladas dos exercitos da civilisação; e encordoou a grande harpa dos oceanos de fios electricos, que formavam o tecido arterial do novo Adamastor do progresso, cujos membros «por essas longas aguas se estenderam»..

Grandes problemas foram resolvidos nesses ultimos cem annos. Em materia de fé, o transcendente dogma da Conceição; no mundo physico, a direcção dos aerostatos, cortando as correntes atmosphericas, cujo primeiro passo foi dado por um brasileiro e por outro brasileiro determinada a marcha victoriosa; e na esphera politica e social, o direito das minorias, como garantia moral das proprias maiorias.

Morreu o meu seculo com as vistas voltadas para as bandas do Oriente, de onde nos vem a luz, quando as regiões levantinas eram invadidas pelos formidaveis exercitos europeus, de ambiciosas nações que, a pretexto de lhes querer impôr a civilisação occidental, nada mais fizeram sinão saquear e assassinar, despojando das suas raras preciosidades o maravilhoso palacio do Celeste Imperio.

E viu tambem a grandeza épica dos gloriosos *boers*, que disputaram palmo a palmo o terreno natal, numa lucta desigual e titanica ante a criminosa indiferença das grandes nações visinhas, cujo sentimento intimo não podia deixar de ser o da mais profunda admiração por esses poeticos pastores, religiosos e simples, que se transformaram em guerreiros heroicos.

Seculo fecundo nas letras, viu na Allemanha emudecerem Goethe e Schiller, quando Heine ia principiar a cantar; viu na França nascer e morrer Victor Hugo e Alfredo de Musset, escutando ainda os ultimos passos de Chateaubriand, sem esquecer as primeiras vibrações da lyra de Theophilo Gautier; cantou na Hespanha com Espronceda,

Zorrilla e Campoamor; e partiu da Inglaterra com o seu *Lord Errante*, o radioso Byron, que foi morrer pela liberdade da Grecia.

Ouviu musicos da grandeza de Wagner e philosophos como Augusto Comte; teve astronomos como Flammarion, naturalistas como Haeckel, oradores como Castelar, um principe romantico e sonhador como o rei Luis da Baviera, e um imperador poeta e sabio como o brasileiro Pedro II. Fascinado pela fulguração olympica da aureola guerreira de Napoleão, deixou-o «empobrecer o mundo para enriquecer a França»; pisou com Garibaldi o sólo siciliano, «afrontando o despotismo de Napoles»; deixou a Italia unificada, pela acção do cerebro de Cavour e do braço do *Rei Galantuomo*; e ainda lá, na cidade Eterna, viu a cabeça alvissima e luminosa de Leão XIII, o pontifice diplomata e poeta.

Acompanhou as successivas marchas triumphaes das hostes napoleonicas e viu rolar das alturas da gloria a aguia arrogante que foi cahir num duro rochedo da solitaria ilha de Santa Helena, enquanto os reis que lhe deviam a corôa, e os marechaes, que foram seus soldados, permaneciam em criminosa indifferença ante a lenta agonia mortal do bello salteador de thronos. Assistiu ao desmoronamento moral da Galia transalpina, tão radiosa nos tempos de S. Luis e das Cruzadas, salpicada pelo lôdo do istmo do Panamá e humilhada pelo genro de um dos seus presidentes da Republica, que a transformou em balcão, vendendo as cruces da Legião de Honra!...

Assistiu tambem á traiçoeira emboscada que os inglezes da America, depois de ter usurpado o Novo Mexico, prepararam, esgueirando-se sorrateiramente, por traz de *la perla de las Antillas*, aguardando a oportunidade para arrancar-a ao collar diamantino da Hespanha, cujas tradições do valor de outr'ora fluctuavam nos mastros partidos da esquadra submergida em aguas cubanas, á semelhança da pomba que é varada pela flecha do selvagem.

Serei eu o Terencio, que pergunte á America do Norte: — «Não te envergonhas desse triumpho?» — A dolorosa verdade é que essa victoria, tão humilhante para o vencedor, foi a porta aberta por onde passou a Italia nas ciladas contra a Turquia e o Negus Menelick. Eis a

synthese historica que legou ao mundo em seu testamento o seculo em que nasci e amei, a sonhar e a trabalhar, para entrar, no pleno vigor da minha virilidade, no seculo XX, que é o da minha morte. Unica prophesia que faço sem recorrer á astrologia nem á kabala...

Ha um phenomeno logico em que, em determinados casos, o momento historico se confunde com o meio physico; e é nessas excepcionaes occasiões que ficamos perplexos, na indecisão, sem saber si devemos estudar a acção climatologica ou a herança atavica. Chegou a vez do estado de expansão, em que o povo gaúcho, principalmente representado pela classe média, e esta com as mãos cheias de razão, entendeu reclamar os direitos que lhe eram negados na proporção dos deveres que lhe eram impostos; e si alguma occasião a justiça pode legitimar uma revolução, poucas mais justas que a dos *Farrapos* nos apresenta a historia.

Não me inclino de preferencia para a legalidade nem para a rebeldia, que, si naquellas fileiras militaram meu Avô, meu Pai e meus tios, nestas ardeu mais tarde o fogo sagrado dos meus enthusiasmos juvenis. Mas a verdade deve pairar sobranceira, dominando todas as nossas paixões pessoases; e a verdade é esta: os revolucionarios já estavam cançados de supportar as picardias dos governantes, que a centralisação mandava para ali, munidos de *carta branca*. E como todas as reclamações fossem inuteis, procuraram assim recuperar o tempo perdido, pelo recurso extremo de um rasgo tão violento. Tentaram dessa maneira entrar na posse plena de suas liberdades tolhidas, e nesse proposito déram plenos poderes ao coronel Bento Gonçalves da Silva, aclamado general em chefe do exercito revolucionario, o qual começa a sua *Proclamação* por estas palavras:—«O Deus que nos deu a vida, deu-nos ao mesmo tempo a liberdade; a tyrannia pode destruil-as, mas jamais conseguirá desunil-as!»

Os *Jarroupilhas*, como lhes chamavam os *caramurás* (legalistas), não tinham o discernimento preciso para cogitar das vantagens dependentes das fórmias de governo. Si até os mais eruditos, ainda hoje, não são capazes de dizer qual seja a melhor, como poderiam elles, simples

camponios, tratar da resolução de tão transcendente problema?

Assim também os *Inconfidentes*, da capitania de Minas, embora dirigidos pelos poetas de Villa Rica, jamais cogitaram de semelhante coisa, querendo apenas a diminuição do *dizimo*, rebellando-se contra a usura insaciavel da ambiciosa metropole, que lhes tirava couro e cabello. Nem o famoso Tiradentes, (que de simples moço de recados foi arvorado em proto-martyr de uma independencia tardiamente idealisada pelo positivismo) tinha a capacidade precisa para tal apprehendimento.

Compoamor demonstra que nos governos mixtos as instituições politicas devem basear-se na *boa-jé*. «O fundar um systema sobre a *desconjiança* é como que elevar um edificio no meio de um lago de aguas estagnadas e putridas, que não poderá ser devorado por um incendio, mas que sempre estará cercado de reptis immundos». A desconfiança numa collectividade é uma taça de veneno num festim de irmãos.

O direito divino, a unidade e a força do despotismo, a soberania nacional, a igualdade, a liberdade e a fraternidade da republica, são os principaes ingredientes com que os droguistas da politicagem compõem as receitas monarchico-representativas. A chimica politico-constitucional ainda não conseguiu confeccionar um condimento appetitoso para todos os paladares; a uns repugna a unidade e a força do despotismo, a outros causam nauseas a igualdade, a liberdade e a fraternidade da republica.

A republica absorve o merito, quando o merito não é tão grande, como o de Napoleão, que absorveu a republica. Este governo é como os planetas: para percorrer harmonicamente a sua orbita precisa um concurso igual de forças centrifugas e centripetas. A rivalidade, o vaivem e a luta são a virilidade das republicas; a sua saude é uma febre remittente. Engendradas pela fraternidade e amamentadas pela liberdade, são estranguladas pela igualdade...

A republica é o verdadeiro espelho da plebe, que em nenhum outro vê tão nitidamente reflectidas a sua ignorancia, a sua abjecção e a sua desgraça. O populocho prefere-a pela mesma razão porque as feras não gostam das jaulas. A plebe tem apenas dois sentimentos:

o entusiasmo e a inveja; e tanto applaude o genio que se levanta como a virtude que tomba. A republica é a tragedia que arrebatada as platéas; a monarchia é uma fina comedia classica que escapa á interpretação do vulgo.

A verdade é esta: não ha bôas instituições com homens maus, nem más instituições com homens bons. As fórmulas de governo são para os homens o que é a espada no braço que a maneja. O ferro, que nas mãos de um canalha (assalariado por outros canalhas), mata um Pinheiro Machado, nas mãos de um operador abre o ventre da mulher, numa operação cesariana, salvando a parturiente e o fêto. Sob qualquer fórmula que seja, todos os governos podem ser bons ou maus, não se podendo dizer qual seja o melhor ou peor.

Ora, o chefe da revolução dos *Farrapos*, que não passava de um valente sargentão, desembainhou o seu gladio em prol de uma aspiração regional, não patriótica, como se diz de boca em boca; queria apenas adaptar ao seu meio physico as necessidades determinadas pelo momento historico; correram, então, os politiquinhos a explorar tamanho rasgo de audacia, em beneficio das suas conveniencias pessoais, sob a pomposa denominação de idéas novas, saturadas de ineditismo democratico.

Nunca passou, pois, pela mente de Bento Gonçalves e seus heroicos companheiros a idéa de afastar do throno do Imperio o filho do fundador da nossa nacionalidade; o que elles apenas queriam, e exigiram de espada desembainhada, era a descentralisação, que, como um polvo, sugava toda a seiva da provincia. Longe estavam elles, como os macaqueadores de Cieszkowzki e Hegel (que não têm feito mais do que figural-os ao sabor das suas conjecturas), de saber que as fórmulas de governo não saem dum circulo vicioso onde os povos giram de diante para traz e de traz para diante, dando voltas em linha espiral do centro á circumferencia e da periphéria ao ponto de partida, ora partindo do absolutismo para a democracia, ora da democracia para o absolutismo.

O sabio imperador D. Pedro II disse-me um dia que as fórmulas de governo são simples questões de esthetica; e eu tive a honra de retorquir-lhe que, para mim, se parecem com os corpos elasticos, que tanto se dilatam como se restringem, do mesmo modo que os vestidos femi-

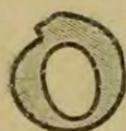
ninos são compridos ou curtos, segundo as exigencias da moda. A verdade, porém, é que o futuro das fórmulas de governo é tão eventual como o futuro da sua civilização.

O gaúcho do seculo XIX já não era mais o grupo das familias açorianas que vieram povoar a capitania riograndense. Albino Costa, em carta-aberta que me dirigiu pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e que trasladei para o meu livro *O Imperador visto de perto*, diz: — «Em 1747, Feliciano Velho de Oldemberg contracta o engajamento e conducção de 4.000 familias açorianas para povoar «o sertão do Rio Grande de São Pedro do Sul», como diz a cedula real de D. João V, assim denominando não só a vossa feliz terra gaúcha, como a campanha da colonia do Sacramento, depois Cisplatina, e o continente da ilha de Santa Catharina.

Effectivamente, deste contracto de Feliciano Velho com a corôa, promanou todo esse escol de familias e cidades riograndenses e algumas do Uruguay (Salto, Paysandú, etc.), de que hoje com razão o Brasil se orgulha, por ser essa admiravel terra gaúcha, a mais rica e productiva região da constellação brasileira. Não foi estranho a esse contracto, — quanto á qualidade dos emigrantes (os açorianos pertencem á nobresa portugueza e por isso se mantiveram no Rio Grande do Sul sem cruzar-se com indias nem com negras), e quanto ao destino, para que o tratado de limites, já em preparo com a Hespanha, e que se celebrou tres annos depois, em 1750, encontrasse povoadas de portuguezes as terras limitrophes do Sul, — o insiigne patriota e insigne poeta Alexandre de Gusmão, santista, irmão do famoso *Padre Voador*, — Bartholomeu de Gusmão».

Este é o momento historico em que se desenvolve a acção do grande drama de bravura, intelligencia, capacidade e verdadeiro brasileirismo dos personagens que vou fazer mais adiante entrar em scena, para surpresa de muitos e admiração de todos que me lerem.

O MEIO PHYSICO



RIO GRANDE DO SUL é uma terra privilegiada: dispõe da extraordinaria riqueza dos mais variados productos naturaes; tem a sua vasta zona agricola convenientemente aproveitada; e ostenta a mais florescente industria, cujos productos desafiam os melhores similares dos centros europeus, até mesmo da America do Norte, que é o paiz essencialmente industrial. Tem, além disso, um excellent systema hydrographico, que poderosamente coopera para a sua prosperidade, sem esquecer que jazem sob o seu sólo prodigiosos thesoiros mineraes.

Tem em abundancia o ferro, o carvão de pedra, o cobre, o chumbo, o kaolim, o giro, a prata, o salitre, granito, grés, e marmores de bellas e variadas côres, especialmente os que se confundem com os de Carrara; é opulentissima a sua variedade de pedras preciosas, principalmente os topazios, as esmeraldas, ágatas, cornalinas, etc. O clima é saudavel e ameno, sendo as estações bem pronunciadas.

No inverno é rigoroso o frio, mas secco, chegando a cair neve até na capital, marcando o barometro uma temperatura inferior a zero nas regiões serranas e em algumas das bellas cidades da campanha. Chove muito, durante esta estação, principalmente nos planaltos; e por toda a extensão da savana gaúcha os rios transbordam em determinadas épocas, principalmente nas denominadas *enchentes de S. Miguel*. Nos mezes de Maio a Agosto sopra amiudadamente o *Minuano*, vento tão impetuoso

que vai quebrando os arbustos e sacode as mais vigorosas arvores. O minuano é um vento frio e secco, que vem dos Andes, e que muito concorre para a salubridade daquellas regiões.

Nunca viste o Gaúcho soberano,
Mais rápido que o vento minuano,
O régio vendaval? (*)

As suas rajadas, rispidas e sibillantes, são como latigos a fustigar a vegetação; introduzem-se subtilmente pelas frestas das portas e janellas das mais confortaveis habitações, sacudindo com violencia as vidraças e zunindo pelo ar a fóra, ferindo-nos a epiderme como si nos mordessem a carne, ou nos mettessem pontas de alfinetes. E' o glorioso rival do *Simoun* abrazador da Africa, mas não galopa inutilmente por aridos desertos arenosos: leva nas suas invisiveis azas de neve o talismã da força e da saude.

Diz o naturalista Nathaniel Plant o seguinte, com referencia ao Rio Grande do Sul:—«Um futuro brilhante é reservado a este paiz, tão fertilmente dotado em thesoiros mineraes. Seria difficil encontrar no mundo uma área de igual extensão, tão favorecida pela natureza, para desenvolvimento das artes industriaes e de manufacturas como esta provincia. Vastissimas mattas cobrem-lhe as serras, que formam os limites ao norte. Em suas terras todas as vegetações tropicaes se produzem sem muito trabalho. Flanqueada a sua fronteira occidental por excellentes rochas, ricas em metaes, os valles de seus rios abundando em extensas camadas de carvão de pedra, mineraes de ferro e jazigos calcareos, formam uma combinação tão poderosa de vantagens naturaes, que este paiz parece destinado a uma figura conspicua no futuro proximo do mundo».

Não ha exaggero em affirmar que o Rio Grande do Sul, pela sua posição topographica, e a acção prodigiosa dos seus oriundos, secundados pelo colono allemão, o polaco e o italiano, é o segundo Estado da União Brasileira, desde que S. Paulo disputa actualmente

(*) MUCIO TEIXEIRA — *Flores do Pampa*.

a primazia, sendo que na estrutura economica de ambos reside o grau de adiantamento moral e material com que tanto se distanciam do resto da nação.

Além dos primeiros povoadores serem açorianos, o melhor typo da Iberia, o Rio Grande do Sul é povoado das melhores raças da Europa: a germanica principalmente, que tem grande representação no commercio, e occupa parte importante na fertil zona agricola, ao norte do Estado, onde se dedica á industria do tabaco, da manteiga, da banha, das carnes do porco, do boi, do carneiro e das aves, cultivando com esmero os abundantes cereaes em geral. Os colonos acham-se bem installados, prosperam e imprimem ao meio em que vivem o character classico e tradicional da raça laboriosa e sobria.

Na zona serrana, onde se ostenta a plantação dos pinheiros, entre a mais opulenta e variada vegetação, como que se realisam verdadeiros milagres na vastissima extensão comprehendida por Caxias, Nova Trento, Alfredo Chaves, Bento Gonçalves, Prado, Guaporé e outras ex-colonias constituídas em bellas cidades bem povoadas, servidas por vias-ferreas e fluviaes, além das amplas e numerosas estradas vicinaes, que lhes facilitam o progresso e tanto fazem prosperar o commercio.

A variedade da cultura do sólo offerece ali todos os productos conhecidos na Europa Meridional. Os vinhos, o trigo, os feijões, o arroz, o algodão, as forragens, as fructas, as carnes ensaccadas, principalmente os presuntos e salames, além do xarque, bem como o cultivo do mel de abelha e do bicho da sêda, são genuinamente productos destinados á mais rica das expansões da existencia collectiva.

Os gaúchos são de um valor lendario e de uma assimilação incomparavel em todos os ramos da actividade humana. Basta dizer que os capitalistas estão empenhados em desenvolver na mais alta escala a cultura do trigo e do arroz. E já é surprehendente o espectáculo que se nos depara em toda a campanha, onde abundam usinas, engenhos e mais estabelecimentos montados em grande numero para utilização de tão cubiçados grãos. O trigo e o arroz ocasionarão a almejada independencia das exportações estrangeiras, libertando-se este paiz, em

curto praso, do commercio das farinhas norte-americanas e argentinas.

Junte-se a esta crescente febre de trabalho, a este fecundo ardor de nobre e legitimo bairrismo (assim justificado e até louvavel) a amenidade do clima, a fertilidade do sólo, a abundancia das suas aguas em rios admiraveis e piscosos, e em lindissimas e retumbantes cascatas alterosas, com quédas que parecem desafiar o engenho creador, tudo realçado pelo character hospitaleiro dos filhos de tão convidativa região, e ter-se-á a idéa de um paiz orgulhosamente modelar.

Quanto ás industrias pastoril e pecuaria, cerca de vinte milhões de gado bovino e vaccum, e não sei quantos outros de ovelhas e cavallos, observadas já em não pequena escala as leis da selecção; e as innumeradas fabricas de queijo e manteiga, productos que infelizmente ainda se não conhecem na capital da União, demonstram o facto do grandioso progresso gaúcho, que se dilatará admiravelmente quando forem esplendidas realidades, além da abertura definitiva da barra a todas as bandeiras dos navios de mais alto calado, o porto da capital da provincia, essa linda e populosa cidade banhada pelo Guahyba, e a construcção do porto das Torres. Tudo isto levado a effeito, um só Estado da União Brasileira (S. Paulo) poderá competir com o Rio Grande do Sul.

Os traços geologicos do Estado, derivados da mais interessante estructura, estão de harmonia com os accidentes em systemas, tanto na região da *Serrania* como no *Pampa*; e merece ser estudada a sua fauna e a flora, minereos metalicos e mineraes diversos. José de Alencar, que escreveu o seu romance — *O Gaúcho* — com a imaginação ao serviço da outiva, apesar disso, conseguiu pintar ao vivo o Pampa rio-grandense, que é assim descripto:

«A' savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e cochilhas que figuram as fluctuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa do que na immensidade dos mares. E' o mesmo ermo, porém sellado pela immobildade, e como que estupefacto ante a majestade do firmamento.

Raro corta o espaço um passaro erradio, demandando sombra, longe na restinga de matto que borda as orlas

de algum arroio. A trecho passa o poldro bravo, desgarrado do magote; eil-o que se vai retouçando alegremente babujar a grama do proximo banhado.

No seio das ondas o nauta sente-se isolado: é átomo envolto numa dobra do infinito. A ambula immensa tem só duas faces convexas, o mar e o ceu. Mas em ambas a scena é vivaz e palpitante. As ondas se agitam em constante fluctuação; têm uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sôpro do vento; ha nellas uma physionomia, um gesto.

A tela oceanica, sempre magestosa e esplendida, resumbra possante vitalidade. O mesmo pégo, insondavel abysmo, exhubera de força creadora; myriadas de animaes o povôam, que surgem á flôr d'agua. O pampa ao contrario é o pasmo, o torpor da natureza.

O viandante perdido na immensa planicie, fica mais que isolado, fica oppresso. Em torno d'elle faz-se o vacuo: subita paralyisia invade o espaço, que pesa sobre o homem como livida mortalha. Lavor de jaspe, imbuído na lamina azul do ceu, é a nuvem. O chão semelha a vasta lápida musgosa de extenso pavimento. Por toda parte a immutabilidade. Nem um bafo para que essa natureza palpite; nem um rumor que simule o balbuciar do deserto. Pasmosa inanição da vida no seio de um alluvião de luz!

O pampa é a patria do tufão. Ahi, nas estepes nuas, impera o rei dos ventos. Para a furia dos elementos inventou o Creador as rizezas cadavericas da natureza. Diante da vaga impetuosa collocou o rochedo; como leito do furacão estendeu pela terra as infindas savanas da America e os ardentes areaes da Africa. Arroja-se o furacão pelas vastas planicies; espoja-se nellas como o poldro indomito; convolve a terra e o ceu em espesso turbilhão. Afinal a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto como dantes, placido e inalteravel.

E' a mesma facee impassivel; não ha ali sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestigios. A savana permanece como foi hontem, como ha de ser amanhã, até o dia em que o verme *homem* corroer essa crosta secular do deserto. Ao pôr do sol perde o pampa

os toques ardentes da luz meridional. As grandes sombras, que não interceptam montes nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fóra. E' então que assenta perfeitamente na immensa planicie o nome castelhano. A *savana* figura realmente um vasto lençol desfraldado por sobre a terra, e velando a virgem natureza americana.

Essa physionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos; mas logo após resumbra tão funda tristeza que estrange a alma. Parece que o vasto e immenso orbe cerra-se e vai minguando a ponto de espremer o coração. Cada região da terra tem uma alma sua, raio creador que lhe imprime o cunho da originalidade. A natureza infiltra em todos os sêres que ella gera e nutre aquella seiva propria; e fórma assim uma familia na grande sociedade universal.

Quantos sêres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nellas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indigenas da savana. No seio dessa profunda solidão, onde não ha guarida para defeza, nem sombra para abrigo, é preciso affrontar o deserto com intrepidez, soffrer as privações com paciencia, e supprimir as distancias pela velocidade.

Até a arvore solitaria que se ergue no meio dos pampas é typo dessas virtudes. Seu aspecto tem o quer que seja de arrojado e destemido; naquelle tronco derreado, naquelles galhos convulsos, na folhagem desgrehada, ha uma attitude athletica. Logo se conhece que a arvore já luctou com o pampeiro e o venceu. Uma terra secca e poucos orvalhos bastam á sua nutrição. A arvore é sobria e feita ás inclemencias do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o tufão nas azas e atirou-a ali, onde medrou. E' uma planta emigrante.

Como a arvore, são a ema, o touro, o corcel, todos os filhos bravios da savana. Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, o *gaúcho*. De cada sêr que povôa o deserto, toma elle o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça, os brios do corcel e a vehemencia do touro.

O coração, fel-o a natureza franco e descortinado como a vasta cochilha; a paixão que o agita lembra os impetos do furacão, o mesmo bramido, a mesma pujança. A esse turbilhão do sentimento era indispensavel uma amplitude de coração, immensa como a savana.— Tal é o pampa.

Esta palavra originaria da lingua kichúa significa simplesmente o plaino; mas sob a fria expressão do vocabulo está viva e palpitante a idéa. Pronunciai o nome, como o povo que o inventou. Não vêdes no som cheio da voz, que rebôa e se vai propagando expirar no vago, a imagem fiel da savana a dilatar-se por horisontes infindos? Não ouvis nessa magestosa onomatopéa repercutir a surdina profunda e merencoria da vasta solidão?»

Esta é a moldura da téla onde vou desenhar os meus *Perfis Gaúchos*.

O GAÚCHO

 GAÚCHO é o typo mais notavel do Brasil, tanto na sua vida innocente e simples, como nos rasgos épicos da sua indomita bravura. E' um typo verdadeiramente superior, mas infelizmente ameaçado de desaparecer dentro de pouco tempo, substituido nos trabalhos do campo pelo colono, que acabará por fazer com elle o mesmo que os primeiros povoadores fizeram com os selvicolas.

Cumpre, pois, ao poeta que se compenetrar do grande papel que deve representar aos olhos da posteridade, estudar-lhe os usos e costumes, enriquecer o seu vocabulario, com aquelle dialecto imaginoso e abundante, vê-lo finalmente de perto, emquanto não desaparece de vez, para poder perpetual-o com fidelidade em seus poemas. Foi o que fiz, nas *Flôres do Pampa* e em outros livros de 1873 por diante.

O typo que idealizei nos meus versos é a cópia fiel do *guasca largado* e do *monarca das cochilhas*, saturada de observação e palpitante de verdade, como o reconheceu a crítica unanime do paiz e do estrangeiro. Sylvio Romero disse: «Em seu bello livro (*Novos Ideaes*) a primeira parte, sob o titulo *Flôres do Pampa*, muito me agradou, porque exprime a verdade da vida pampeana pelo seu lado innocente e sério». E Carvoliva observa que, com as *Flôres do Pampa*, «tentei a poesia nacional».

«Nas *Flôres do Pampa* (diz Carlos Jansen) é que se revela todo o espirito de observação do poeta, tanto mais admiravel, que não sóe ser peculiar da juventude.

Não ha um matiz que escape; e tão frescas, tão vigorosas são as tintas empregadas, tão harmonioso é o quadro, que fica evidenciado neste livro que se pode ser realista sem ser sórdido. O mais notavel ainda é que, além da naturalidade e do fundo de observação, ha a maior propriedade na applicação dos termos da giria popular do gaúcho».

Diz Alvaro Teixeira: — «Mucio voltou-se muito cedo ainda para a poesia *pampeana*. No livro *Vozes Trémulas*, publicado em 1873, encontra-se á pagina 179 o *Canto do Guasca*, que é talvez o seu primeiro passo nesse terreno, pois foi escripto quando o poeta ainda estava na infancia, o que levou José Bernardino dos Santos a dizer, no prefacio desse livro: «O *Canto do Guasca* é a unica de suas poesias que tem verdadeira *côr local*: a quadra e a decima a *desbançar* todas as regras da grammatica; o dialecto *barbaresco* do camponez rio-grandense, a sem-ceremonia ou inconsciente despejo da dialogia, esse *tocar por diante* a primeira imagem, das que traz ao *rodeio*, completam o typo original que se propóz descrever».

«*Gaúchos!* (diz Fernando Osorio), typos intermedios do selvagem e do homem civilizado; entidades nascidas e domiciliadas na campanha e sempre promptas á toda a sorte de aventuras, — «mescla de energia independente da raça guarany e da fortaleza de ferro e extraordinario valor dos primeiros conquistadores». Individuos bellicosos, vigorosos, indifferentes á vida e á morte, acostumados ás intemperies, aos sóes ardentes como aos rigidos invernos; cavalleiros destemidos desde a juventude, affeitos a lidar com animaes bravios e a subjugal-os; amestrados em romper os obstaculos que lhes offerecem os montes, as cochilhas e as torrentes caudalosas dos rios; sagazes e arditos; habeis no manejo da faca, da lança, das bolas e do laço como das armas de fogo; apropriados para manobrar e fazer a guerra nos descampados do Sul; patriotas, entusiastas da independencia e da liberdade; admiradores da força corporal e do valor pessoal; capazes de adherir ao primeiro chefe audaz, valente e emprehendedor que fale aos seus sentimentos».

O typo do *gaúcho* é unico e inconfundivel. Seria uma injustiça e uma deturpação o comparal-o ao *vaqueano* do Piahy, ao *sertanejo* do Maranhão, ao *jangadeiro* do Ceará ao *jagunço* da Bahia, ao *tabaréu* de Sergipe, ao *matuto* de Pernambuco, ao *caipira* de S. Paulo, ou ao *garimpeiro* de Minas Geraes, que nenhum destes tem dialecto proprio e tradições de tão intensa poesia. Ha ainda sub-typos regionaes, como o *capoeira* carioca, o *cajageste* pernambucano, e o *capadocio* bahiano, que escapam á indole deste livro.

O *Gaúcho* está para aquelles, como estão aquelles por sua vez para estes. E até mesmo entre estes ha distincções, pois o *capoeira* tem a navalha, o *cajageste* empunha a faca, e o *capadocio* não ameaça nem mata, contenta-se com fazer discursos *pernosticos* e cantar lundús ao violão em serenatas enluaradas. A sua arma de guerra é a viola, o seu *pinho*, como elle diz, *derretendo o figueirote*, cheio de *manimolencias*...

O *Gaúcho* em regra geral é isto: — alto, reforçado, sadio, intelligente, desembaraçado, agil, audaz, valente, franco e generoso. Pode-se dizer que vive em cima do seu cavallo, o *pingo*, (1) ou o *bagual* (2) montado desde manhã até á noite. Tudo nelle é caracteristico: o *poncho* (3) de inverno e o *pala* (4) de verão, a *goiaca* (5) á cintura, de onde pende o facão e a pistola; o *chiripá* (6) franjado, ou as *bombachas* (7) de sêda, de brim pardo, ou lã, cahindo até á joelheira das botas *rossilhonas* (8);

(1) Cavallo excellente.

(2) Cavallo indômito que vive independente de qualquer sujeição. Um *bagual*, ou um *cavallo bagual*.—*Etym.* Vocabulario da America hespanhola, oriundo das Antilhas.

(3) Vestidura de lã preta ou azul, forrada de baeta encarnada, com gola de veludo negro, quadrada e com uma abertura no centro por onde enfia a cabeça.

(4) Especie de *poncho*, de fazenda leve; alpaca ou sêda, com franjas nas extremidades.

(5) Cinta de couro, com bolsos.

(6) Especie de calções, curtos e com pregas.—*Etym.* Do castelhano *chiripá*, especie de *caroguelles* ou *zahones*.

(7) Calças largas e eurtas, que dão pelo joelho.—*Etym.* Vocabulo traduzido do adj. castelhano *ancho*, *pantalón*. *bombacho*.

(8) Botas de couro crú.

e o *rebenque* (9) de *açoiteira* (10) de *guasca* (11) *retovada* (12) e *cancha* (13) prateada; as grandes esporas, *chilenas*, (14) de rosetas pontagudas e rangedoras; não esquecendo o *sombreiro*, (15) de grandes abas leves, com o *barbicacho* (16) suspenso, cahido sobre as costas, o grande lenço ao pescoço, e o cigarro sempre atraz da orelha.

O Gaúcho entrega-se de preferencia á criação do gado cavallar, bovino e vaccum. Tem um methodo especial para amansar os cavallo selvagens, *teatinos*, (17) o que elle chama *domar os potros*, (18) e é de uma agilidade assombrosa e de uma certeza admiravel quando atira o *laço*, (19) ou as *bolas*, (20) que sacode no ar, em giros ligeiros, até lançal-o á cabeça do cavallo ou do boi, que se sente assim subjugado, ou enroscando-o nos pés do animal que cai *pealado*. (21)

A sua alimentação é simples e frugal, contentando-se com o que lhe offerece a prodiga natureza dos seus

(9) Chicote. O pobre usa-o de couro, o rico com filigrana de prata e entrançada na parte superior, cabo de prata massiça ou de oiro de lei.

(10) A parte inferior do chicote, látigo.

(11) Tira de couro.—*Etym.* Vocabulo castelhano *guasca*, synónimo de corda, ou *soga*.

(12) *Retovar* é forrar de couro qualquer coisa, principalmente as *bolas* de ferro coberto de tiras de couro de boi trançadas.—*Etym.* Vocabulo hispano-americano.

(13) Sitio para carreiras de cavallo. Tambem se applica esta denominação ao cabo do *rebenque*.

(14) Em lingua castelhana se diz *chileno* o que é do Chile; mas os naturaes deste paiz são *chileños*, assim como *brasileiro* só se applica ás coisas, e *brasileño* ao homem da nossa nacionalidade.

(15) Chapéu. Não admira que o *Gaúcho* chame de *sombreiro* ao seu chapéu, quando Cervantes já chamava o *sombreiro* de *chapéu*.

(16) Cordão com borla que prende o chapéu á cabeça, apertado na nuca.

(17) *Teatino* é o animal sem dono.

(18) *Potro* é o cavallo indômito, que vive independente de qualquer sujeição, como o *bagual*, cuja etymologia é a mesma. Tambem se diz *potranco*, quando é novo, o que em castelhano não tem masculino, dizendo-se *potranca*, égua.

(19) O *laço* e as *bolas* são as armas de apprehensão que o *Gaúcho*, tanto na guerra como na paz, emprega para deter o cavallo, o boi ou o inimigo que dispara.

(20) As *bolas*, de pedra ou ferro, são entrançadas de tiras de couro e presas aos pares na extremidade do *laço*.

(21) *Pealar* é segurar o animal pelos pés.

pagos, (22) sem dispensar um só dia o tradicional *churrasco*, que é um pedaço de carne de vacca (ás vezes com o couro) passada ligeiramente sobre as brazas, presa a um espeto de pau, na qual a salmoura é salpicada com um ramo de qualquer arbusto de folhagem curta.

Tambem não passa sem o agradável, saboroso e diuretico *matte*, (23) uma hygienica beberagem de folhas seccas e finos talos picados em pequenos pedaços, de infusão na agua quente ou no leite a ferver, á maneira do chá, mas tomado em *cuias* (24) especiaes, umas pequenas cabaças redondas ou ovaes, preparadas para esse mistér, com a competente *bomba*, (25) um tubo de prata, ou de cana delgada, pelo qual é chupada a beberagem, e que termina em um bôjo crivado de orificios. Dá-se tambem ao *matte* o designativo de *chimarrão*, (26) quando não leva assucar, o que é preferido pelo *Gaúcho*, sendo aquelle mais usado pelas mulheres e as crianças.

O *Gaúcho* pode ser encontrado sem uma *onça*, (27) ou mesmo um *patacão*, (28) na *goiaca*, (29) mas a sua viola

(22) Os lares penates, a habitação de cada um.—*Etym.* Do latim, *pagus*, aldeia, logar pequeno.

(23) O *matte* é um arbusto oriundo do Paraguay transplantado para o Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná, onde ha opulentissimos *heraes*, já figurando o seu commercio com vantagem nas pautas aduaneiras.

(24) O fructo da *cuiteseira*, sêcco e limpo do miolo, raspado, para se poder nelle beber o *matte*, que é chamado *chimarrão* quando é tomado sem assucar.

(25) Diz-se em castelhano *bombilla*, que se pronuncia *bombilha*, porque os dois *ll* têm nesse idioma o valor do nosso *lh*.

(26) Dá-se tambem o nome de *chimarrão* ao gado bovino que foge para os mattos e nelles vive fóra de toda a sujeição (emquanto que aos cavallos, em condições idênticas, se dá o designativo de *teatinos* (sem allusão aos clérigos de S. Caetano).

(27) Moeda de oiro, hespanhola, com circulação em toda a América Latina, do valor de 320 *reales* (o *real* corresponde á nossa moeda de 200 réis); por conseguinte a *onça* vale entre nós 32\$000 ao cambio de 27 dinheiros, como o tinhamos durante o Imperio.

(28) Moeda de prata, do mesmo peso da *onça*, que os hespanhóes denominam *patacón*, do mesmo valor do *peso*, ou *duro*, que corresponde á nossa moeda de 2\$000.

(29) Vocábulo castelhano, que quer dizer *adornado*; é mais applicado pelos espanhóes ás carruagens e aos navios; mas o *Gaúcho* das savanas rio-grandenses, orientaes e argentinas, applica-o aos arreios do seu cavallo de montaria.

sempre tem um bordão e uma prima de sobresalente, para o que der e vier; e o seu cavallo anda sempre *aperrado*, (30) de *prataria*, tanto no cabeçaço do *lombilho*, (31) como na *cabeçada*, (32) *bocaes*, (33) estribos, rédeas, cabeçaço, peitoral e rabicho. Faz da *carona*, (34) do *baixeiro*, (35) e dos *pellegos* (36) a sua cama; o *serigote*, (37) enfronhado na *badana*, (38) serve-lhe de travesseiro; e é de *guampa* (39) tanto o seu copo como o seu *isqueiro* (40).

Errando o dia inteiro, a cavallo, pelas *cochilhas* (41) e *canhadas*, (42) recolhe-se ao *rancho* (43) ao pôr do

(30) Incrustações de prata nos arreios do cavallo.

(31) Serigote, selim pequeno, com os cabeçaços adornados de grandes chapas de prata macissa, ora simples, ora lavrada de arabescos em relevo. *Etym.* Corruptella de *lomillo* (pronuncia-se *lomi-lho*), vocábulo castelhano que quer dizer a parte superior da albarda.

(32) Peça de couro, com enfeites de prata, que suspende o freio.

(33) Bocaes, peças cylíndricas que prendem os estribos.

(34) Peça dos arreios feita de um couro quadrado e dividido em duas partes iguaes, cosidas entre si, que fica sob o *lombilho*.—*Etym.* Vocábulo castelhano que se applica á parte interior da albarda e ao lombo da cavalgadura.

(35) Também se diz *suadouro*. E' o panno que se põe sobre o lombo do animal, por baixo dos arreios, para abrandar a dureza do contacto destes.

(36) Pelles de carneiro, quadradas, forradas de lã e debruadas de cadaço nas extremidades exteriores, com as quaes os mais pobres substituem o *coxinilho*.—*Etym.* Do castelhano, *pellejo*. O *coxinilho* é um tecido de lã, preta ou branca, que se põe sobre os arreios para commodo do cavalleiro.

(37) O mesmo que *lombilho*. Vide a nota 31.

(38) Pelle macia, lavrada ou lisa, que se põe sobre o *coxinilho*.—*Ety.* Vocábulo vernáculo e castelhano. No nosso idioma significa *ovelha magra e velha*, carne delgada, e carneira para capas de livros; em lingua castelhana, aonde o *Gaúcho* a foi buscar, é a pelle curtida de ovelha ou de carneiro.

(39) O chifre do animal de raça bovina, que serve de garrafa, de copo e de isqueiro, conforme o tamanho em que é cortado para o uso do campo ou da habitação.

(40) Pequena peça feita da ponta do chifre, a que se prende por uma pequena corrente de prata a pedra e o fusil para lascar fogo e accender o cigarro. O *Gaúcho* só fuma cigarros de palha, na qual, depois de *sovada* (amaciada) com a faca, é enrolado o fumo picado do pequeno rôlo, que sempre traz consigo. Os *isqueiros* e as *cuias de malte* são communmente adornados de prata no bocal e na parte inferior. Os mais ricos também os adornam de bocaes de oiro.

(41) Extensas e prolongadas lombas com ligeiras ondulações, cuja vegetação consiste emervas de pastagem.

(42) Valles, ou planura estreita entre duas montanhas.

(43) Esta palavra não é empregada pelo *Gaúcho* no sentido vernáculo de bando, comida, etc. Quer dizer exclusivamente palhoça.

sol; e ali, á mesa, sem toalha, na *varanda*, (44) janta á luz do lampeão de petroleo, ou de velas de sêbo em castiças de latão, ou de prata, conforme os seus haveres; os homens comem primeiro, servidos pelas mulheres, as quaes só tomam logar á mesa depois que elles se levantam, sentando-se então a esposa com as filhas e os filhos pequenos. Fóra da mesa das refeições, homens e mulheres vivem na mais intima solidariedade.

Assim, terminadas as refeições femininas, reúnem-se todos á roda da fogueira, que crepita no meio do aposento mais amplo da habitação, em noites de inverno; ou no terreiro, nas outras estações do anno, onde também arde sempre a fogueira crepitante, em que é aquecida a agua nas chaleiras, para o *matte*, cujas *cuias* correm de mão em mão, enquanto os pinhões são cozidos em grandes panellas de barro, sendo o amendoim torrado em alguidares também de barro e as batatas doces lançadas sobre as brazas.

Sentam-se todos em cêpos de pau, ou em caveiras de cavallos e bois, deitadas as crianças sobre a relva, ou a correr nos brincos infantis, ali demorando todos até a hora de dormir, cantando elles e ellas, á viola, ou violão, no monotono rythmo da *Chimarrita*, que é a sua canção popular, no genero das *peteneras* platinas, com essa tristeza communicativa dos *jados* peninsulares da Iberia.

A familia é um apostolado para o *Gaúcho*, embora a mulher seja por elle considerada inferior ao homem, ao ponto de não merecer um logar ao seu lado, á mesa das refeições; na infancia, porém, a menina gosa das mesmas regalias do menino. A hospitalidade é a sua religião. Dá ao hospede a primeira *cuia de matte*, cede-lhe a cabeceira da mesa e encilha para elle o seu melhor cavallo. Nem ha *andante* (45) que resista ao — *chegue-se, apeie-se, entre e abanque-se!* E tanto o forasteiro como os seus *peões*, (46) assim que soltam o — *O' de casa!* vão logo deixando as suas montarias á *soga*, que por ali encontram o bernal cheio de milho.

(44) O *Gaúcho* chama de *varanda* á sala de jantar.

(45) O mesmo que passante, camiuhante, transeunte.

(46) Este plural é preferido pelo *Gaúcho* ao classico *peões*.

Como já ficou dito, ama o seu cavallo, depois o cão. Quando quer chamar a um individuo de miseravel, diz: — «*Tem cachorro magro...*» Mas o cavallo é o seu companheiro, tanto na paz como na guerra, nos passeios e nas lides do campo; e não esquece que muitas vezes é elle quem o salva nos maiores perigos, supporta-o sobre o dorso durante dias inteiros, sacudindo as crinas com o garbo de um animal brioso, reconhecendo-o de longe e galopando ao seu encontro, a relinchar, de narinas dilatadas, como se respirasse no ar as emanações do seu corpo.

O cavallo bem merece a estima do gaúcho. E' um animal intelligente, que até percebe si o cavalleiro não sabe montar; resiste então ao latego e ás esporas, *gachando-se a corcovear*, (47) até atiral-o ao chão. Falando das excellencias do cavallo, ha naturalistas que levam a exaggeração ao ponto de dizer que pensa, sente e quer como o alveitar. E' de tão alta linhagem, que os seus ancestraes, começando pelos corceis de Sesostris, figuram na Historia Universal ha 3.300 annos; e conta na sua gloriosa ascendencia o famoso *Rocinante* de D. Quixote. E até chegou a ser consul o *Incitatus*, de Caligula, sem esquecer o cavallo de Troya, que escondeu no bôjo cautelosos guerreiros.

O cavallo sahiu dos fornos da Natureza tão esbelto e gracioso como os vasos gregos, em que a arte lhe perpetuou a imagem. E si o gaúcho o cobre de prata-ria, é seguindo o exemplo dos arabes, que o ajaezavam de veludo e sêda, no que foram secundados pelos guapos cavalleiros da Andaluzia, que os arreiavam de custosas bordaduras em oiro. Hoje, infelizmente, é preferido o *puro sangue* inglez, de perfil acarneirado, crinas tozadas e cauda de meio palmo. O cavallo do gaúcho, fogoso, crinado, de colla atada, de ancas redondas e pescoço sacudido em constante elasticidade, faz lembrar aquelle da Dama do Bosque das lendas allemãs.

Nas epocas festivas, quando a *Bandeira do Divino Espirito Santo* é levada de porta em porta, em rumorosa procissão de alegre cavalgada, para recolher es-

(47) *Corruptella* de corcovar. encurvar, arquear o lombo.

portulas ao som de tambores e cornetas, gaitas e violas, e ao espoucar de foguetes, que de longe annunciam a sua aproximação lenta e ruidosa; ou nos grandes dias patrióticos, principalmente o 7 e o 20 de Setembro, (48) sem esquecer as datas natalicias, os cerimoniaes dos casamentos e baptisados, então desaparece o homem laborioso, que é substituído pelo *folião*.

E' de um tino, isto é, de um juizo natural extraordinario. Basta encarar um homem ou uma mulher á primeira vista, para vêr logo si aquella amisade lhe serve. Conhece tambem as mudanças do tempo, com grande antecedencia, pela côr das nuvens ao pôr do sol, e prevê as grandes chuvas e as enchentes, que em determinadas epochas annuaes fazem os rios transbordar, pelo tempo bom ou mau nas primeiras phases lunares de cada mez. Conhece tambem a idade dos cavallos pelo exame dos dentes, e si a egua é parideira pelo movimento das ancas, quando *troteia*.

Quando, porém, o seu braço musculoso e nu, maneja o machado, as arvores mais altas e rijas, os angicos e as grapiapunhas, os synamomos e os pinheiros, os umbús e os jequitibás tremem farfalhantes e cahem-lhe aos pés com estrondo, levantando escuras nuvens de *polvadeira*. (49) E si o estrangeiro ousa insultar o pavilhão nacional, então é que o *Gaúcho* se mostra de uma heroicidade selvagem: enrasta a lança lendaria de seus antepassados, afia a lamina do seu facão nos lageados do Pampa, monta no seu melhor *parelheiro*, (50) que dispara a galope pelos caminhos da victoria, lucha braço a braço e peito a peito, só regressando aos *pagos*, coroados e condecorados de golpes e cicatrizes, para mandar escrever nas páginas da historia mais um nome como estes: — Menna Barreto, Bento Gonçalves, Canabarro,

(48) O 7 de Setembro, como todos sabem, é a data da independencia do Brasil; e a 20 de Setembro de 1835 rebentou no Rio Grande do Sul a guerra dos *Farrapos*, que durou dez annos, até Agosto de 1845.

(49) Grande quantidade de poeira.—*Etym.* Corruptella do vocábulo castelhano *polvorada*, quantidade de pó que se levanta da terra.

(50) Cavallo de raça, destinado ás corridas e ás cavalhadas.

Netto, Chico Pedro, Onofre, Andrade Neves, Osorio, Conde de Porto Alegre!

*
* *

Os folk-loristas prestam indubitavel serviço ás letras, recolhendo a pedraria preciosa dos desfiados collares da Musa Anonyma de todos os paizes. E' um improbo labor o destes enamorados amantes das tradições populares; e além dos casos em que os deslumbra o crystal de rocha ou a lentejoula ferida pelos raios solares, esses joaheiros da poesia regional sempre se enriquecem de valiosas acquisições.

Preocupado com a constante elaboração de livros da propria lavra, nunca dispuz do tempo preciso para expôr nas minhas vitrinas a preciosa collecção desses diamantes, perolas e rubis, ao alcance de qualquer memoria; mas nem por isso deixei de decorar algumas quadrinhas populares da minha terra natal, vendo que muitas dellas poderiam ser firmadas por poetas do mais alto renome.

O cancionero de qualquer povo é inquestionavelmente um verdadeiro thesoiro do saber e da inspiração de todos os tempos. Não é meu proposito montar aqui um bem sortido armazem folk-lórico; vou apenas offerecer ao bom gosto dos leitores o oiro nativo da minha saudosa e opulenta terra, para que se veja que a inspiração espontanea dos tropeiros *gaúchos* nada tem que injejar á inspiração bizarra de nenhum outro povo.

Perguntar ao povo porque produz esses cantares, seria o mesmo que indagar o motivo porque ha na ostra exudações que são perolas. O povo trabalha, sente e ama; e são esses cantares os seus suores, os seus anhelos, as suas lagrimas. De onde veio a primeira estrophe? Antes dos versos de Tyrteu, ouviu-se o côro estridente dos guerreiros arianos; antes de Roland entoar as suas canções, o franco e o gallo cantavam seus hymnos ao sol, ajoelhados diante da carreta de bois.

A musica é mais antiga que o homem. Nas selvas prehistoricas, os juncos oscillantes e a ramaria murmurosa das arvores serviam de flautas e alaúdes. A esses instrumentos, que vibraram nas solidões, e cujos sons

anti-diluvianos não puderam chegar ao ouvido do homem primitivo, seguiram-se outros, em que a tempestade ainda hoje executa a orquestração solenne que nem Wagner conseguiu copiar.

Querem alguns philologos que o canto em suas origens fosse uma especie de lingua onomatopica, e um meio mnemotechnico efficaz, empregado inconscientemente pelo selvagem, e depois pela sociedade patriarchal, na plenitude da consciencia humana, quando as palavras já estavam na posse do seu character distincto e da sua energia phonetica.

E' fóra de duvida que a phrase cantada se grava mais profundamente na memoria, e que as vozes e os differentes sons da natureza penetram nas linguas balbuciantes, formando esse opulento conjuncto de notas articuladas que denominamos harmonia imitativa. Quem não sabe que o grillo e a cigarra repetem seu proprio nome?

A questão, que ainda não foi elucidada, é esta: si as advinhações, sentenças e anexins, (o que já presuppõe no povo certo estado de adiantamento mental), são anteriores ou posteriores á trova erotica e ao romance tradicional. Admittindo a origem quasi pedagogica do canto, parece logico suppôr que os fundamentos do sentir popular chegaram a ser, como as leis de Lycurgo, cantares obrigatorios que se propagaram em repetidas audições, passando de pais a filhos como uma herança sagrada.

Neste caso, em obediencia ás proprias leis da mesma logica, o rifão, a sentença, ou maxima moral, a oração ou o conjuro, deviam ser cantados antes da quadra e do romance, que já exigem o tom, o conceito, e maior somma de idéas, de sensações e de conhecimentos, ao ponto de attingir a synthese, servir-se do rythmo, de dominar a fórmula, e expressar assim as aspirações e os affectos.

Penso, porém, que os rifões, as sentenças moraes e os jogos d'espírito deviam ter sido impostos pelos velhos á juventude, ao passo que os cantares brotam espontaneos na flôr da mocidade, ecoando pelo resto da vida, dispensando severas lições e influindo mais poderosamente nos sentidos e na sensibilidade. E assim traduzem as alegrias da adolescencia, a sêde da liberdade, os

encantos do amor, os attractivos da belleza plastica e a inesgotavel multiplicidade dos desejos sensuaes.

Pelas quadrinhas que se seguem, pode-se avaliar a originalidade e a graça do *Cancioneiro Gaúcho*, inquestionavelmente superior ao de qualquer outro ponto do Brasil, não só pela espontaneidade e o sentimento, como principalmente pelos rasgos característicos da independencia e bravura desse povo de guerreiros e poetas.

CANCIONEIRO GAÚCHO

Eu sou maior do que Deus,
Maior do que Deus eu sou:
Eu sou maior no peccado,
Porque Deus nunca peccou.

Eu, quando inda era pequeno,
Cantava — que retinia:
Eu cantava em Dom Pedrito
E em Porto Alegre se ouvia!

Eu não sou filho d'aqui,
Sou filho de Jaguarão,
Ensilho cavallo gordo,
Tomo matte chimarrão.

Eu fui aquelle que disse,
E quando digo não nego,
Que achando amor do meu gosto
Morro secco, não me entrego!

Eu não sei si cante ou chore,
Nem sei que faça de mim:
Eu, cantando, dobro as penas,
Chorando penas sem fim.

Eu não sei quem foi que disse,
Mas quem disse não mentiu:
Que ás moças de Porto Alegre
Nunca ninguem resistiu.

Eu não canto por bonito,
Nem canto p'ra me mostrar;
Com a dôr que tenho n'alma,
Canto para não chorar.

Eu quero bem ás mulheres,
Porque de uma fui nascido,
Não quero que as outras digam
Que sou mal agradecido.

Eu amei uma casada...
E puz-me a considerar:
Por mim deixou seu marido,
Por outro me ha de deixar.

Eu fui lá não sei aonde,
Visitei não sei a quem,
Fiquei assim não sei como,
Morrendo não sei por quem.

Dizer que vi, eu não vi;
Mas, me parece que vi
Aquillo que eu nunca vi,
Eu, que tanto já vivi!

Eu sou aquelle tunante,
Do mundo bem conhecido,
Que tirei uma madama
Dos braços dum presumido!

Eu não tenho pai nem mãe,
Não tenho irmãos nem parentes.
Sou filho das aguas claras,
Neto das aguas correntes.

Eu acórdo em ti pensando,
Em ti cuidando me deito;
Não é defeito o cuidado,
Ter amor não é defeito.

Eu venho de lá, tão longe,
Noite velha adiantada;
Dá-me um matte chimarrão,
Minha linda misturada.

Mal botei o pé no estribo.
Meu cavallo estremeceu;
Adeus, donas e chinocas,
Quem vai-se embora sou eu.

Subi ás portas das nuvens
Amontado num trovão,
Desci nas cordas da chuva,
Com dois coriscos na mão!

Quando sahi dos meus pagos
Minha mãe recommendou:
—Meu filho, tu não apanhes,
Que teu pai nunca apanhou!—

Tenho meu cavallo baio,
Quando saio vou branqueando;
Si quebro o chapéu do lado
As moças ficam penando.

Tenho meu cavallo zaino,
Vermelho, côr de pinhão;
Vou campear as morenas
Que andam de rédea no chão.

Tenho meu cavallo ouveiro,
Marchador da madrugada;
Marcha, marcha, meu cavallo,
Vamos vêr a minha amada.

Tenho o cavallo na soga,
Ferrado de pata e mão,
Para tirar uma dama
Da garupa de um pimpão!

Tenho um cavallo rosilho
Que trota de barba ao peito;
E p'ra qualquer gauchada
Balança do mesmo geito.

Não te empresto o meu cavallo,
Que mancou num chapadão;
Si os cavallos bons manqueiam,
Os mancos que não farão?

Moça, me diga o seu nome
E também a sua morada,
Eu tenho cavallo gordo,
Um galope não é nada.

Nas altas cavallerias,
Eu, que sou guasca largado,
Tenho sempre á mão o rêlho,
E o pingo rinchando ao lado.

Cavallo bom e mulher
Foi pelo que fui perdido;
Cavallo bom sempre tive,
Mulher sempre tenho tido.

Tire o cavallo da chuva,
Vá cantar noutro terreno,
Que o gallo de crista erguida
E' o que primeiro depenno.

Não tenho medo de gallo
Nem de frango de topete:
O gallo eu capo de faca
E o frango de canivete.

Desde gury eu já era
Um monarcha abarbarado:
Ninguem me pisou no poncho
Que não ficasse pisado!

Assim que te vi, chinoca,
Fiquei te querendo bem,
E ando de boca fechada,
Sem dizer nada a ninguem.

Amar e saber amar
São dois pontos delicados;
Os que amam, não têm conta,
Os que sabem, são contados.

Meu amor, fala baixinho,
Que as paredes têm ouvido:
Segredo muito encoberto
E' sempre muito sabido.

Não botes lencinho branco
Para o lado donde eu ando;
Dá-lhe o vento, abana o lenço...
Penso que estás me chamando.

Nas ondas do teu cabelo
Eu aprendi a nadar;
Perdi a luz dos teus olhos,
Não posso mais bracejar.

Eu por ti vivo morrendo,
E acho essa morte tão doce
Que queria morrer sempre,
Si a morte sempre assim fosse.

Já vi chorar uma pedra
Pelo teu pé arredada,
Por tu passares por ella
Sem ella ficar pisada.

Me puz a pesar pedrinhas
No meio da penedia,
Mais pesavam minhas penas
Do que quanta pedra havia.

Não ha coração no mundo
Como este meu coração:
Sempre está levando coices,
Sem cahir nunca no chão!

Queria que me dissessem
Onde o pesar mais augmenta:
Si é no peito de quem fica,
Si é n'alma de quem se ausenta.

Quando passas nas cochilhas,
As ancas se boleando,
Até as folhas e flôres
Vão todas se requebrando.

Si cahir a tarde triste
Com ar de que vai chover,
Não te esqueças dos meus olhos
Que choram por não ter vêr.

Quando a mão te aperto, tremo,
Quando tremo, tudo esqueço;
Tudo esqueço e só me lembro
Que é por firme que eu padeço.

Si eu pudesse, transformava
Este mundo num altar,
E nelle te collocava
Para o povo te adorar.

Só por ser a noite escura
Não temas de me falar,
Quem ama não teme nada,
Quem teme não sabe amar.

A pena que ando penando
Mais dura não pode ser:
Ter olhos para chorar,
Sem tel-os para te vêr!

O' rio, que vais correndo,
Procura o bem que eu adoro;
Si te faltarem as aguas,
Leva as lagrimas que choro.

Quebrar ferro, romper bronze,
Não acho ser valentia:
Ser valente — é amar tanto,
Sem socegar noite e dia!

Por detraz daquellas bandas
Vejo espadas reluzir...
Tenho o meu amor na guerra
E não posso lhe acudir!

Quem me déra ter agora
Um cavallinho de vento,
Só para dar um galope
Aonde está meu pensamento!

Menina dos pés pequenos,
Si eu olho, porque os retira?
Quanto mais seu pé se esconde,
Mais a viola suspira...

Muita perna tenho visto,
Perna fina, perna grossa,
Mas a perna mais bonita
E' a das moças da roça.

Neste São José do Norte
Brotam moças nas areias;
Vivendo perto da praia
Enganam como as sereias.

Eh, mano! gente entonada
A gente do Rio Grande!
Das moças não me arrenego,
Dos homens, ninguém me mande!

Eu fui passando de largo
Nas bandas de Uruguayana,
Para não dar ás morenas
O meu couro p'ra badana.

Não são aqui os meus pagos,
Nem d'aqui eu quero ser;
Em Quarahy fui creado,
Onde nasci vou morrer.

Em Cangussú dei de rédea.
Entre serras e penedos,
E tòquei p'ra Caçapava,
Só por guardar uns segredos.

Abaxai-vos, serros verdes,
Seccai, rio Jaguarão;
Quero alcançar num galope
Quem levou meu coração.

Ai, cochilhas de Sant'Anna!
Ai, campos do Garupá!
Sinto as lagrimas cahindo
Por *uma*, que ficou lá...

Taquary não vale nada,
Rio Pardo nem um vintem,
Santo Amaro mil cruzados
Pelas mocinhas que tem.

O' dona! si eu lhe contasse,
Você diria que eu minto:
As moças do Livramento
Usam pistola no cinto.

Em S. Borja e S. Vicente
P'ra casar não se demora,
Que as moças daquelles pagos
Cortam a gente de espora.

Na cidade de Pelotas
As moças vivem fechadas:
De dia, fazem biscoitos,
De noite, sonham caladas.

As moças da Cachoeira
São bonitas, que eu bem vi;
Estavam lavando roupa
No passo do Jacuhy.

Nas portas do Cerro-Largo,
Cerrando pernas ao baio,
Acode, meu bem, depressa,
Acode, sinão eu caio!

Já descí, em noite escura,
A serra de S. Martinho;
Quando o perigo apertava,
Chamava por ti baixinho.

As moças de Santo Amaro
Têm barriga de porongo;
Quem quizer casar com ellas
Leva tripas e mondongo.

A viola sem a prima,
A prima sem o bordão,
Parece filha sem pai
Corrida por seu irmão.

A Ausencia tem uma filha
Que tem por nome—Saudade:
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra a minha vontade.

A cachaça é minha tia,
O vinho é meu primo-irmão;
Não ha funcção nestes pagos
Que os meus parentes não vão.

Venha cá, não seja arisca,
Venha dansar no rodeio
Com este quebra largado
Que é tido por quebra-freio!

As esporas não têm pontas,
Só me resta o papagaio...
Sinão, eu lhe mostraria
Como rasgava este baio!

O biguá dentro d'agua
Passa a noite e não se molha;
Eu fico o mesmo que pedra
Si mulher feia me olha.

A mulher, quando se mette
A falar da vida alheia,
Começa na lua nova,
Acaba na lua cheia.

A mulher, quando começa
Com seus protestos de amor,
Cruzando dedo com dedo,
Jura por Nosso Senhor.

Quem roubou a sua mulher
Mostrou que era seu amigo:
Levou penas, deixou glorias,
Levou trabalhos comsigo.

A mulher e a gallinha...
Oh! que bicho interesseiro:
A gallinha pelo milho,
A mulher pelo dinheiro.

Duas coisas neste mundo
Não se deixa passear:
A gallinha o bicho come,
A mulher dá que falar.

Nunca vi mulher bonita
Ter cabelo no nariz,
Nunca vi mulher nenhuma
Ter constancia no que diz.

Papagaio come o milho,
Periquito leva a fama:
Tambem todo mundo fala
Desfazendo de quem ama.

O gallo dorme em poleiro,
O pato dorme no chão;
O pobre nos seus arreios,
O rico no seu colchão.

Gavião, gavião preto,
Mereces ser baleado,
Que tiveste o atrevimento
De comer pombo creado.

Adeus, perdiz da macega,
Adeus, pombinha dos mattos!
Si não me calo, me comam
Mutucas e carrapatos...

Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é:
Si não fosse o caranguejo
Não se dansava em Bagé.

Lá vai a garça voando
Co'as pennas que Deus lhe deu;
Trocando penas por pennas,
Mais penas padeço eu.

Papagaio linguarudo,
Não fales no meu jardim;
O jardim é para as moças,
As moças são para mim.

Ai, gallo! si tu soubesses
Quanto custa um bem querer,
Não cantarias na hora
Em que eu ia adormecer...

Quero-quero vai voando
E os esporões vão batendo;
Quero-quero quando grita
Alguma coisa está vendo.

O meu ratinho calungo,
Ha tres dias que não rói;
Anda roendo por fóra,
Isso mesmo é que me dóe.

Toda a gente se admira
Do macaco fazer renda:
Eu já vi uma perúa
De caixeiro numa venda.

O cão que ladra não morde,
Bicho que grunha não vem;
O besouro também rônca,
Vai-se vêr, não é ninguém.

O veado quando corre
Deita a orelha e vai pulando;
Meu amor, quando me enxerga,
Vem toda se requebrando.

Pula, pula, meu potrilho,
Quero te vêr retouçar,
Que inda ha de chegar o dia
De uma dama te ensilhar.

Amanhã eu vou-me embora,
Hoje inda estou me aviando,
O cavallo que eu vou nelle
E' potranco, e 'stá mancando.

O tatú subiu a serra
Com tenção de beber vinho,
Apertaram-lhe a garganta,
Vomitou pelo focinho.

O tatú foi encontrado
No passo de S. Sepé,
Com laço e bolas nos tentos,
Cavallo manco dum pé.

O tatú foi-me na roça,
Toda a roça me comeu;
Plante roça quem quizer,
Que o tatú quero ser eu.

Acuda, tatú, acuda,
Me acuda, sinão eu morro:
Venho todo lastimado
Das dentadas dum cachorro...

Meu tatú de rabo molle,
Meu guisado sem gordura,
Eu não gasto o meu dinheiro
Com mulher sem formosura.

Ha duas coisas no mundo
Que fazem muito berreiro:
Velha braba rabujenta,
Cachorrinho no terreiro.

Ha tres coisas neste mundo
Que me fazem muito mal:
Noite escura, mulher feia,
Cachorrada no quintal.

Cachorrinho está latindo
Lá nas bandas do chiqueiro,
—Cala a boca, cachorrinho,
Não sejas mexeriqueiro.

Cachorrinho está latindo
Lá no fundo do pomar:
—Cala a boca, alcoviteiro,
Deixa a gente se beijar.

Quando ha de chegar o dia
Em que ha de a sua mucama
Botar os nossos chinellos
Debaixo da mesma cama?

Não te encostes na parede,
Que a parede larga pó;
Encosta-te no meu peito,
Que esta noite dormi só.

Esta noite eu tive um sonho,
Que sonho tão atrevido!
Sonhei que tinha na cama
A fôrma do teu vestido.

Muito padece quem ama!
Muito soffre um coração!
De dia, apanha poeira;
De noite, constipação.

Si tu não queres que eu venha,
Pé por pé, de madrugada,
Vai, então, de vagarinho,
Que eu deixo a porta encostada.

Você me mandou cantar,
Pensando que eu não sabia;
Pois eu sou como a cigarra
Que cantando passa o dia.

Pombinha com o pé n'agua,
Demorando, p'ra beber,
O' pombinha da minh'alma!
Não me botes a perder...

Desgraçado de quem ama
Fóra do seu natural:
Quando passa bem um dia,
Tres e quatro passa mal.

Toda vida ouvi dizer
Que o amor matava a gente;
Fui um dia exp'imentar...
Quasi morri de repente!

Não mandes mais o moleque
Trazer tanto recadinho,
Põe o chale na cabeça,
Vai-me esperar no caminho.

Todo o homem quando embarca
Deve resar uma vez,
Quando está na guerra, duas;
E quando se casa, tres.

Não me atires mais pedradas,
Que eu nunca fui maltratado;
Quero que me atires beijos,
Que com elles fui creado.

Si eu morreer co'a minha fala,
No meu juizo perfeito,
Hei de pedir que me enterrem
Na covinha do teu peito.

A barra do teu vestido
Toca não toca no chão...
Cada geitinho que fazes
Toca no meu coração.

Desgraçado de quem anda
Correndo por casa alheia:
Almoço serve de janta,
A janta serve de ceia.

Ao homem, para ser homem,
Só uma prova se requer:
Ter sempre no pensamento
Mulher, mulher... e mulher!

Note bem nisto que digo,
Deixe de tanta arrelia,
Mulher não gosta de prosa,
Só gosta de valentia.

A mulher quer valentia,
Mas se rende á intelligencia;
Por isso é que dia e noite
Canto com toda a sciencia.

Si quer saber o que é bom,
Esbanje, não seja avaro;
Que amor de moça bonita
Sabe bem, mas custa caro.

Não me gabo do que faço,
Não choro de desventura,
E nem gasto o meu dinheiro
Com mulher sem formosura.

De Minas Geraes o oiro,
De Montevidéo a prata,
De Portugal a rainha,
Do Rio Grande esta ingrata.

Juraste, jurei, juramos,
Juramos, jurei, juraste;
Quebraste, quebrei, quebramos,
Quebramos, quebrei, quebraste.

A açucena quando nasce
Arrebenta pelo pé;
Tambem arrebenta a lingua
De quem diz o que não é.

Seu Chico, p'ra vêr as moças,
Fez uma ponte de prata;
As moças não passam nella...
Seu Chico quasi se mata!

Um conselho dou a todos,
Que é muito conveniente:
Não casem com mulher feia,
Que o *jeio* pega na gente!

A minhoca é bicho feio,
E' bicho que entra no chão;
Tu também por seres feio
Entraste em meu coração.

O cabelo preto e crespo
Faz um lindo parecer;
Tudo quer cabelo crespo,
Mulato ninguém quer ser.

No ôco de uma figueira
Achei um ninho de anú;
Para negar o que fazes
Ninguém melhor do que tu.

Roda, roda, a polvadeira
Não queima o bofe a ninguém;
Dansando é que se *apreceia*
A torça que o bofe tem.

Bode de cabelo grande
Merece ser penteado
Com pente de cinco pernas,
Para não ser confiado.

Alfinetes são ciumes,
As agulhas variedade;
As moças são como as cobras,
Bichos de muita maldade.

Ninguém diga neste mundo:
—Dest'agua não beberei:
Que os doutores também morrem,
E até se desmonta o Rei!

A desgraça quando fere
Não escolhe qualidade:
Fere o rico, fere o pobre,
Fere a propria majestade!

O tempo pediu ao tempo
Que desse mais tempo ao tempo,
D'ahi, respondeu-lhe o tempo:
Com tempo tudo tem tempo.

Meu modo de andar alegre
Deus me deu por natureza:
Que não é porque eu não sinto
No coração a tristeza!...

Dos filhos que meu pai teve
Eu fui o mais destemido;
Para amar moças bonitas
Parece que fui nascido.

Quem me dera ser a sêda,
Depois da sêda o setim,
Para andar de mão em mão,
As moças pegando em mim!

No rio nadam os peixes,
Nos mares o camarão;
Nas ondas dos teus cabellos
Navega o meu coração.

Deixem-me cantar bem alto,
Que se acorde a vizinhança,
E' só p'ra ver si essa ingrata
Inda me tem na lembrança.

Estou me lembrando agora
Dos pagos do meu rincão;
Amores, que meus já foram,
Agora de quem serão?

Pescador, que estás pescando
Nas frias águas do Sul,
Pescador, vê si me pescas
A moça do laço azul.

Quem anda sempre commigo
E' que sabe como eu ando:
De noite, sempre acordado;
De dia, sempre sonhando.

Ha uma planta no matto
Que brota sem ter raiz;
Assim é também o riso
Na boca de um infeliz.

A morte, sendo desgraça,
Não deixa de ser ventura,
Pois corta logo de vez
Todo o mal que não tem cura.

O aguapé da lagóa
Floresce da côr do luto;
Si é por ti que ando chorando,
Como tens o rosto enxuto?

Não ha desgraça no mundo
Que não tenha outra maior,
Nem se encontra coisa bôa
Que não haja outra melhor.

No cachimbo ou no cigarro
Fumo verde não fumega;
Onde vê moça boníta
Meu coração não socega.

Toda a morena bonita
Nunca devia nascer:
E' como fructa madura
Que todos querem comer.

Fui soldado, assentei praça,
Metti-me numa guarita,
Sou chefe, sou commandante
De toda moça bonita.

Sou soldado, assentei praça,
No regimento do amor:
Como assentei por meu gosto
Não quero ser desertor.

Ser monarcha das cochilhas
Foi sempre o meu galardão;
Si algum *bahiano* duvida,
Descasco logo o facão.

Quando me ausento dos pagos,
Isso por curto intervallo,
Reconhecem minha volta
Pelos trancos do cavallo.

Não tenho mancha nem medo,
Não temo inverno ou verão;
Meu culto é das raparigas
E do matte chimarrão.

Gosto da vida do campo,
Góvêrno com honra e brio;
Com um par de bolas nos tentos,
Não sinto fome nem frio.

Sou livre como o pampeiro
E nem cortejo um tyranno,
Criei-me em escaramuças,
Ao sôpro do minuano.

Chimarrita, Chimarrita,
Chimarrita, meu amor!
Por causa da Chimarrita
Padeço que causa dôr.

Chimarrita, Chimarrita,
Chimarrita do outro lado;
Por causa da Chimarrita
Passei arroios a nado.

Chinoca, chinoca arisca,
Quando eu chego porque corres?
Si és bonita, porque foges?
Si és feia, porque não morres?

Do meu canto eu estou vendo
Quantos *mattes* vais chupando:
Quando me chegar a cuiá,
Os pausinhos 'stão nadando.

Si me deixares na soga,
Rodilhudo e aplastado,
Para a tua montaria
Bem posso ser ensilhado.

Si me fizeres a senha,
Vou partir a cancha ao meio:
Levo soga e pau de arrasto,
E vou *sentar* no teu sêio.

A fita do teu cabelo
E' buçal, maneia e laço;
Descogotado e lunanco
Inda por ti vou no passo.

Qual ovado, qual maceta,
Despaletado, estrelleiro,
Assim que me dês de rédea,
Verás um bagual folheiro!

Gósto da vida do campo,
Desta livre gaúchada:
Na cidade eu morreria
Comendo carne cansada.

Vivo corrido da sorte,
Rebenqueado da saudade,
Só por não vêr teus encantos
Eh, pucha! barbaridade!

Saia de chita engommada,
Já não falas com ninguem...
Olha que a chita desbota
E sai da moda tambem.

Tyranna, minha tyranna,
Tyranninha do Arirú!
A mulher matou o marido,
Pensando que era um jacú...

Quem quer amar em segredo,
Sem ninguem desconfiar,
Quando olhar não deve rir,
Quando rir não deve olhar.

A solteira diz:— comece,
A casada diz:— acabe...
A viuvinha não diz nada,
Fingindo só que não sabe...

A gente que nos espia,
Cochichando, sempre alerta,
Si eu te levar na garupa
Vai ficar de boca aberta.

Triste vida a do tropeiro,
Que nem pode namorar:
De dia, repona o gado;
De noite, passa a rondar.

Lá detraz daquelle serro
Tem um sino sem badalo;
Já tenho dôr de cabeça
De domar este cavallo!

Tenho o meu laço de fita
E as minhas bolas de prata,
Pois nem assim eu pialo
O coração desta ingrata.

No bamburral da tristeza
Passo o dia a suspirar,
Da querencia tão distante,
Tudo é noite sem luar.

No potreiro de teus olhos
Cupido me boleou;
Que esperança de muscar-me!
Logo o buçal me passou...

Cuidavas que me deixando
Eu ia morrer de dó;
E' bem fraco o carreirista
Que tem um cavallo só.

Indo eu por um caminho
Marimbondo me mordeu:
Todos dizem:—não é nada,—
Quem soffre as dôres sou eu.

Quem tem medo não se chega
Quando o touro escarva e berra;
Quem não tem culpa não teme
Nem Deus, nem homem na terra.

Amor entra pelos olhos,
Dá no peito direitinho;
Si não acha resistencia
Vai seguindo o seu caminho...

Os teus olhos mais os meus
Ambos têm um parecer,
Mas os teus têm um geitinho
Que bota os meus a perder.

A açucena quando nasce
Toma conta do jardim;
Tambem ando campeando
Quem tome conta de mim.

Tem mais de dez mil buracos
Formigueiro de cupim;
Arranjas dez mil desculpas
P'ra não vires para mim.

Quem quizer comprar, eu vendo
Um amor, que já foi meu,
Bonito que nem um cravo
E falso como um judeu.

A maré, que vasa e enche,
Deixa a praia descoberta;
Vão-se uns amores, vêm outros,
Não se dá coisa mais certa.

Meu amor brigou commigo,
Eu não sei porque motivo;
Que me importa? lá se avenha,
Não é de amores que eu vivo.

Já te disse, laranjeira,
Que não botasses mais flôres,
Que ficasses sem laranjas
Como eu fiquei sem amôres.

Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão;
Do homem nasce a firmeza,
Da mulher a ingratição.

Esta casa já foi casa,
Este terreiro — cidade:
Como querem que eu não chore
Se sinto tanta saudade?...

Qual matungo abichornado
Atraz da egua madrinha,
Assim pena, assim padece
Um'alma que já foi minha.

Relinchando de saudade,
Tão longe do meu rincão,
Sou matungo estropeado
Eu, que já fui redomão!

Da tropilha que te segue
Sempre fui o mais fogoso:
Tenho tranco mui macio,
Sou parreheiro famoso!

No curral de teus affectos
Quero ser pellegueado,
Correndo todos os dias
De beijos rebenqueado.

Quando ella e eu corcoveamos
Na dansa repinicada,
Não se pisme, minha gente,
Que eu não sou molle nem nada!

Meu pai, p'ra me vêr casado,
Prometteu-me um burro branco;
Depois que cahi no laço:
— Meu filho, o burro 'stá manco.

Esta vai por despedida,
Por despedida lá vai:
Minha mãe morreu sem dentes
De tanto morder meu pai.

Menina dos meus peccados,
Vosmecê me fez a bôa;
Me fez dormir no sereno,
Como o sapo na lagôa.

O vento que está soprando
Leva a palha e deixa o trigo;
Só quero que me responda
Si essa carranca é commigo.

Sai-te d'ahi, cara suja,
Vai te lavar na maré,
Que em outras muito mais limpas
Já dei co'a ponta do pé.

Eu me chamo José Doce,
Meu sobrenome é Melado,
Porque assim que vejo moças
Fico todo assucarado.

A pedra, que é pedra dura,
Sente os golpes que lhe dão;
Como querees que eu não sinta
Os golpes da ingratidão?

A folha da laranjeira
De noite parece prata;
Tomar amores não custa,
O apartamento é que mata!

Ouvi tropel de cavallos,
Esporas a retinir,
Era um amante saudoso
Que vinha se despedir.

Adeus é palavra triste,
Triste como a despedida;
Que sempre que a gente parte
Noss'alma fica partida!

O adeus parece que chora
Como a criança doente;
Sai da boca e entra n'alma,
Dóe no coração da gente!...

O PARTHENON LITERARIO

O PARTHENON LITERARIO foi um incentivo e um exemplo. Influuiu de maneira tão poderosa e brilhante, tanto no momento historico como no meio physico, ampliando o seu campo de acção sociolatrca até ás condições da raça, de conformidade com a trilogia de Taine. Porto Alegre parecia então a metrópole intellectual do Brasil. Nunca se vira mesmo, em nenhuma das nossas grandes e cultas capitaes, tamanho numero de poetas e prosadores reunidos diante das aras do ideal commum.

As tradições da cõrte do Imperio, com o triumviraço dos poetas do indianismo, Porto Alegre, Magalhães e Gonçalves Dias, e posteriormente com Casimiro de Abreu, Pedro Luis e Teixeira de Mello; S. Paulo, Pernambuco, Bahia e Maranhão, as tres primeiras com as suas gerações academicas e a ultima no seu periodo atheniense; sem esquecer os poetas de Villa Rica, no tempo da Inconfidencia, nada disso se pode comparar com a radiosa capital gaúcha no decennio de 1868 a 1878.

A cõrte do Imperio viu em si os maiores prosadores e poetas do Sul e do Norte, além dos que nasceram no seu illuminado scenario espirital, mas sempre reunidos em limitado numero, com dois ou tres na época de Dutra e Mello, outros tantos com Francisco Octaviano, ou com Manuel Antonio de Almeida, além dos que surgiram com o romancista de *Innocencia*, mais tarde Visconde de Taunay, logo depois da geração de Castro Lopes e Joaquim Manuel de Macedo.

Mas, mesmo sendo o centro de todas as forças vivas da nacionalidade, limitou-se a isso, sem contudo deixar de ser um viveiro de heróis e genios, com o seu Duque de Caxias e o nosso sabio Imperador D. Pedro II, o maior de todos os brasileiros em todos os tempos. A cidade do Rio de Janeiro, sem nunca ter tido, até hoje, um momento historico-literario como aquelle decennio de Porto Alegre, foi e é o vastissimo centro da enorme periphéria para onde convergem as mais poderosas cerebrações de todos os pontos do paiz, mas sem que o numero dos seus oriundos possa antepôr-se á invasão que a assoberba, como as aguas de muitos rios correndo para o mar.

S. Paulo viu reunidos na sua tradicional escola de direito os cinco ou seis companheiros de Alvares de Azevedo, mas todos de differentes provincias, que foi o que aconteceu posteriormente, nas gerações de Castro Alves com Fagundes Varella, e de Carvalho Junior com Oliveira Bello, ambos riograndenses. Pernambuco teve as épocas de Pedro de Calasans com Franco de Sá; a de Castro Alves, com Tobias Barreto e Sylvio Romero; a de Annibal Falcão com Generino dos Santos, e a de Fausto Cardoso com Martins Junior; a Bahia e o Maranhão viram as gerações de Junqueira Freire e de Agrario de Menezes, e de Trajano Galvão com Almeida Braga.

Em Porto Alegre, porém, reuniam-se no *Parthenon Literario* mais de cincoenta intellectuaes, todos riograndenses, que se chamavam:— Caldre e Fião, Apollinario Porto Alegre, com seus irmãos Achilles e Apelles, José Bernardino dos Santos, Affonso Marques, Lobo Barreto, Gustavo Vianna, Baptista Pereira, Ferreira da Luz, Ferreira Neves, Menezes Paredes, Ignacio de Vasconcellos, Bibiano de Almeida, Sá Brito, Aurelio de Bittencourt, Hilario Ribeiro, Antonio Palmeiro, Alves Torres, Miguel Werna, Luis Motta, Sousa Motta, Faria Corrêa, Azevedo Junior, Sylvino Vidal, Augusto Tota, Sueiro Junior, Sousa Lobo, Paula Soares, Leopoldo de Freitas, Theodoro de Miranda, Terencio de Miranda, Benjamin Villas Bôas, Francisco Cunha, Pereira Gomes, Fernando Osorio, Vasco de Araujo, Fernando Ferreira Gomes, Graciano de Azambuja, Arthur Rocha, Lobo da Costa, Taveira Junior, Eudoro Berlink, Ataliba Valle, Argemiro Galvão, Erico da

Costa, Ernesto Silva, Joaquim Moreira, Lucio Cidade, Trajano Cesar, Julio de Castilhos, Tallone Junior, Homero Baptista, Assis Brasil e Mucio Teixeira.

Tambem faziam parte do *Parthenon* as poetisas Amalia Figueirôa, Julieta Monteiro e Revocata de Mello; a prosadora Luciana de Abreu, a primeira mulher que no Brasil subiu á tribuna das conferencias literarias; os sacerdotes Teixeira, Vianna e Massa, notavel orador sagrado o primeiro, os outros eruditos preceptores da juventude do tempo. Entre os moços do *Parthenon* destacavam-se um velho e um menino: o velho era o venerando dr. Caldre e Fião, o menino era Eu.

Alguns annos antes floresceram na mesma cidade de Porto Alegre as gerações de Araujo Porto Alegre, (51) depois Barão de Santo Angelo, e de Antonio Alvares Pereira Coruja, erudito chronista e professor de primeiras letras; do sabio Araujo Ribeiro, senador do Imperio e Visconde do Rio Grande; (52) e logo em seguida a de Felix da Cunha, com as poetisas Rita Barém de Mello e Clarinda de Siqueira, dignas continuadoras de Delfina da Cunha, e os dois illustres allemães Carlos von Koseritz e Carlos Jansen, a quem tanto devem as letras e o jornalismo do Rio Grande do Sul.

Além da incomparavel superioridade numerica, a mocidade do *Parthenon* não se limitou ao terreno exclusivo da literatura: sacudiu a ramaria entrançada na floresta escura da politica, para que batesse em cheio naquelle sólo fecundo o sol que devia vigorisar a sementeira das idéas novas, dando extraordinario impulso ás correntes da aspiração republicana, e cooperando de maneira efficaz para a solução do problema abolicionista, cuja iniciativa partira de um de seus membros, o dr. Caldre e

(51) Apollinario Porto Alegre e seus irmãos não eram parentes deste insigne prosador e poeta, cujo nome de familia era Pitangueira.

(52) O senador Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, é o autor da célebre obra intitulada *A Creação, ou a Natureza interpretada pelo senso commum*, em que se revela philosopho e demonstra scientificamente o crescimento da terra. A edição brasileira é pouco conhecida, mas foi traduzida em varias linguas, tendo a traducção allemã dez edições, sendo a inglesa prefaciada por Darwin.

Fião, que em 1840 já discutia o assumpto pela imprensa do Rio de Janeiro, tomando parte nas celebres reuniões da *Chacara do Castello*, onde o conselheiro França e Leite reunia os emancipadores de então. (53)

O *Parthenon Literario* foi um enorme e doirado viveiro de atrevidas aguias, que dali sacudiram as grandes azas de envergadura capaz de transpôr as culminancias da poesia e da sciencia, da arte e da politica, da administração e da diplomacia, sem exclusão de um só dos departamentos da esphera social. Teve poetas, oradores, dramaturgos, jornalistas, parlamentares, tribunos, romancistas, diplomatas, estadistas e polygraphos.

E' tal a indiferença indigena por aquillo de que mais nos deveriamos orgulhar, que uma instituição tão notavel como o *Parthenon Literario*, sem igual entre as suas congeneres, inclusive o Instituto Historico, que é o mais considerado nucleo da nossa intellectualidade, nem ao menos é citada na *Historia da Literatura Brasileira* do meu grande amigo e primeiro crítico nacional Sylvio Romero, que se limitou a dizer apenas isto: «no Sul os mais notaveis foram Carlos Ferreira nas *Rosas Loucas* e Mucio Teixeira nas *Sombras e Clarões*».

Apenas Alcides Maya rasgou o pesado veu de silencio que occultava a unica Academia de Letras que o Brasil tem tido até hoje, quando disse:—«Surgiu Mucio Teixeira, no Rio Grande do Sul, em época de effervescencia literaria, a do *Parthenon*, dominada por uma forte corrente de idéas humanitarias e liberaes, republicanas, e, simultaneamente, por um notavel movimento nacionalista nas letras.

As tradições gaúchas, estudadas carinhosamente, favoreciam a tendencia revolucionaria e democratica da mocidade de então. Começara a propaganda abolicionista na imprensa e na tribuna das conferencias; os jornaes sustentavam incandescentes polemicas philosophicas, politicas e religiosas, todos queriam a America livre... Formulava-se ao mesmo tempo o problema da nacionalidade dos typos heroicos, as suas luctas e costumes; impu-

(53) Nesse mesmo anno de 1840 o Dr. Caldre e Fião publicou o volume do seu romance, de propaganda abolicionista, intitulado *O Corsario*.

nha-se geralmente como o primeiro e o mais sagrado dever de patriotismo. A poesia tornara-se perigosamente batalhadora, doutrinaria, arrebatada».

Quanto ás academias, cumpre dizer que mallograram todas as tentativas de fundação de uma verdadeira Academia de Letras no Brasil, talhada pelos moldes da Franca ou da Real Academia de Espanha, até que finalmente o fallecido immortal Machado de Assis se lembrou de fundar a que ora possuímos (54).

A idéa primacial da criação de uma Academia de Letras Brasileira, surgiu no Instituto Historico, em 1847, como se vê do seguinte teôr indicativo:

«10 de Julho de 1847. Senhores. Os abaixo-assignados, convencidos da necessidade urgente de uma associação que se occupe especialmente das Bellas Letras, e promova o seu adiantamento, não só com trabalhos proprios, como tambem animando a mocidade, e reunindo os elementos esparsos de um corpo que pode influir no progresso da literatura a animar aos que a ella se dedicam: resolveram crear, debaixo da protecção do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, um Instituto Literario para preencher esta lacuna, dividido em tres seguintes secções: A primeira de literatura propriamente dita, subdividida em prosaica, e poetica; a segunda de linguistica; a terceira de literatura dramatica.

Offensa seria expender aqui ao illustrado Instituto Historico e Geographico quanto as Letras Brasileiras devem esperar da criação de semelhante sociedade, e muito mais animada pela primeira instituição literaria do paiz, a qual por sem duvida se não negará, attento o seu reconhecido zelo por tudo quanto tende ao progresso da nossa patria, a prestar-lhe o seu valioso apoio, pois que delle deve resultar, além de incontestaveis beneficios, uma auréola de gloria para a nascente associação.

Espera o Instituto de Literatura merecer do Instituto Historico e Geographico Brasileiro a graça especial de fundar-se sob seus auspicios. — *Candido José de Araujo*

(54) Tenho prompto para entrar no prelo um livro intitulado *A pseudo-Academia de Letras*, onde essas coisas são esmiuçadas, para lição dos futuros patrioteiros e sábios de carregação. — M. T.

Vianna, Manuel Ferreira Lagos, Manuel de Araujo Porto Alegre, Francisco Freire Allemão, Santiago Nunes Ribeiro, Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Alexandre Maria de Mariz Sarmiento, F. M. Raposo de Almeida, Francisco de Paula Menezes, Ludgero da Rocha Ferreira Lapa e José-Joaquim Machado de Oliveira».

Esta petição teve o seguinte: «*Parecer da Comissão encarregada de examinar a proposta para se fundar, sob os auspícios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, uma associação que se occupasse especialmente da litteraria patria:*

«Muito vantajoso parece á commissão fundar-se desde já a proposta Sociedade; e muito honroso para o Instituto Historico e Geographico Brasileiro erguer-se sob seus auspícios criação tão importante, assim como elle foi criado sob os da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, gloriosa successão de patrioticos empenhos. E não só approva a commissão a parte essencial da proposta, mas tambem a indicada divisão em tres secções de Litteratura propriamente dita, Linguistica, e Arte Dramatica.

Unicamente a respeito do titulo, que é na proposta o de Instituto Literario, mais proprio pareceria á commissão o de Academia de Litteratura Brasileira.—Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1847.—*Dr. Joaquim Caetano da Silva.—Fr. Rodrigo de S. José.—Francisco de Salles Torres Homem.—Manuel de Araujo Porto Alegre.—F. M. Raposo de Almeida».*

Este parecer foi approvado com a modificação no titulo da sociedade, que se deveria denominar: não *Academia de Litteratura Brasileira*, mas *Academia Brasileira*. E só em 25 de Outubro de 1850, foi lida em sessão do Instituto, presente o Imperador, a seguinte proposta, que determinou ainda uma referencia á Academia:

«Propomos que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, como illustre representante do movimento e progresso das letras no Novo Mundo, honre o talento e o merito das senhoras brasileiras na pessoa da illustrissima Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, distincta poetisa, já estimada nos circulos literarios pelas

suas composições, admittindo-a na classe de seus membros honorarios, para incentivo e estimulo ás nossas patricias recciosas de se darem á cultura das letras e affrontar os preconceitos da nossa velha educação, publicando as producções de seu espirito. — *Joaquim Norberto de Sousa Silva*. — *João José de Sousa Silva Rio*. — *Luis Antonio de Castro* ».

Uma commissão especial de dois illustres membros do Instituto Historico foi nomeada para dar o seu parecer sobre esta nova proposta, o qual foi approvedo, e termina do seguinte modo: — «Respeitando muito, tendo em subido apreço os merecimentos da nossa distincta patricia, a commissão hesitaria ainda, e apesar das considerações expostas, em offerecer este parecer, si porventura não houvesse no Instituto a idéa da criação de uma *Academia Brasileira*, mas tendo, como é de esperar, de realisar-se esse pensamento, é a commissão de parecer que o Instituto sobrestando em qualquer juizo a respeito desta questão, espera pela installação da *Academia Brasileira* para a ella remetter a proposta offerecida. — Sala das sessões, no Paço Imperial, em 22 de Novembro de 1850. — *Joaquim Manuel de Macedo*. — *Antonio Gonçalves Dias* ».

Este nobre ideal dos mais eminentes literatos brasileiros, só quasi vinte annos mais tarde é que foi realisado, com a fundação do *Parthenon Literario*, no memoravel dia 18 de Junho de 1868. Fale José Bernardino dos Santos, meu muito amado mestre, que corrigiu e prefaciou o meu livro dos 15 annos (*Vozes trémulas*, 1873). — Diz elle:

«Descancemos um pouco sobre a pedra angular do grandioso monumento recém-lançado á vala e contemplemos com desvanecimento e orgulho aquella ardida e brilhante mocidade, que se lhe agrupa ao redor, desfraldando o estandarte da revolução e da conquista! Saudemol-os, os illustres neophytos das letras, que, conscios de si, se votam sorrindo ao martyrio de um apostolado grandioso, como outr'ora se adornavam de flôres as victimas destinadas ao holocausto; saudemol-os com uma dessas vibrações patrioticas, que nos arrancam da alma o entusiastico brado de — *Avante!*

O que foi esse dia, e o que era essa mocidade, vai ella propria dizer-nos na phrase eloquente de Iriema: (55) — «Os alvaneis do Parthenon eram apostolos de uma crença, como o foram Cephaz e Paulo; a uns e outros assistiu a mesma energia moral. O culto ás letras constitue tambem uma religião; e, como todas as religiões, não deixa de ter um coliseu de martyrio, uma corôa de espinhos e uma apotheose sobre a lapida que o revestir. O dia 18 de Junho abriu o cyclo literario na provincia que até então não pudera reunir um nucleo onde a luz civilisadora se concentrasse nos certamens scientificos, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre a verdade, o bem e o bello».

Não foi isso um programma politico, sonoro só porque é cavo; foi um voto, como que uma prophacia, que tem nos factos consumados a evidencia do seu inteiro cumprimento. Tudo isso é hoje uma realidade; e mais ainda: uma *Revista Literaria*, uma esplendida bibliotheca, e o registro das cartas de liberdade que o Parthenon, só por si, e pela sua solitudine, concedeu a quarenta e tantos sêres, que por infausto nascimento estavam condemnados a não fruir o supremo goso — a liberdade.

Alí estão, no Parthenon, esses thesouros do nosso orgulho, erguendo padrões gloriosos, eternos, nos quaes um dia, talvez não remoto, burilará a gratidão collectiva a palavra *Benemerencia*. Estes factos são tão notaveis e publicos, que não é mistér recommendal-os para serem acceitos, elles por si mesmo impõem-se ao espirito mais rebelde. Receios de exprobar susceptibilidades, fazem-me sacrificar outras reflexões interessantes ao assumpto, como ainda silenciar os nomes mais distinctos dos que constituem essa pleiade illustre, a que poderia socorrer-me.

A bôa e verdadeira critica tem-nos, porém, descriminado, ordenando-os pela precedencia do merito; e esse juizo virá resarcir o prejuizo que me provoca prudente silencio. E demais, é facil tarefa a que tiver por escopo conhecel-os; elles ahí estão, ou na bibliotheca, annaes e *Revistas* do Parthenon, ou na imprensa diaria e hebdomadaria, ou ainda sobre os louros que juncam o prosce-

(55) Pseudonymo de Apolinario Porto Alegre.

nio e nos victores que estremeceram as pesadas abobadas do theatro S. Pedro, quando *Chan e Japhet* (56) e *Mulher e Mãe* (57) o levantaram do lodo em que o tinham immergido licenciosas comedias e pesados dramalhões trazidos de outras terras. Procure-os o historiador ahí, que, como a folha, a flôr e o fructo são presos ao tronco, os encontrará, ligados a produções de subido merito scientifico e literario». (58)

Diz Lobo Barreto:—«O Parthenon, em nossos dias, de atalaia neste extremo bastião do florecente povo sul-americano, atrevido construiu em um penhasco, no meio das ondas do materialismo, o seu admiravel templo; e sobre elle accendeu um pharol, a publicação da sua *Revista*: e muitas vezes o naufrago, perdido na negridão das cavas oceanicas, vem, attrahido pela esteira de luz daquelle fóco, vem crente bater á porta do templo hospitaleiro. E' mais um livro que se abre. E Castro Alves disse:

Oh! bendito o que semeia
Livros, livros á mão cheia,
E manda o povo pensar;
O livro, cahindo, n'alma,
E' germen — que faz a palma,
E' chuva — que faz o mar!»

Durante os dois primeiros annos, reuniam-se os membros do Parthenon, em sessões semanaes, para lêr as suas produções em verso e prosa, discutindo assumptos de litteratura, arte e historia. Em 1869 appareceu o primeiro numero da sua *Revista Mensal*, em grande formato, de 48 paginas, acompanhada do retrato seguido da biographia de brasileiros illustres, principalmente os nascidos no Rio Grande do Sul. Os assumptos tratados em tão interessante publicação eram de preferencia relativos á historia e costumes da mesma provincia, tanto na poesia como no romance, no drama, na comedia, na chronica e no conto, sendo extraordinario o numero de

(56) Drama de José Bernardino dos Santos.

(57) Drama de Eudoro Brasileiro Berlink.

(58) *Carta a Mucio Teixeira*, publicada por José Bernardino dos Santos, no *Album Semanal*, anno I, 1872.

preciosos documentos inteiramente ineditos da guerra dos *Farrapos*. (59)

Coincidiu o desaparecimento da *Revista do Parthenon* com a minha sahida definitiva de Porto Alegre, em 1878, quando, depois de algumas ligeiras viagens ao Rio e S. Paulo, fixei a minha residencia na cõrte do Imperio, de onde ainda mandei collaboração para os tres numeros que se publicaram depois da minha retirada. Regressando á minha terra natal, em 1893, ainda tentei reerguer o *Parthenon*, que parecia adormecido sobre os louros colhidos, mas o momento era exclusivamente guerreiro, ardia o Rio Grande do Sul no fogo da guerra civil, a revolução *Federalista*, que durou tres annos. Desanimado, nunca mais voltei lá.

Além da pontualidade com que era mensalmente publicada a *Revista* (1869-1878), o *Parthenon* abria as portas para sessões bi-semanaes (uma privativa dos socios, a outra franqueada ás suas familias), só começando a parte dansante depois de terminada a litteraria, que começava por uma conferencia de assumpto philosophico, artistico, historico ou de actualidade, esmerando-se o orador em prender a attenção do auditorio com idéas novas engastadas em caprichoso estylo, conseguindo-se ás vezes verdadeiros triumphos de eloquencia.

Tambem faziamos subir á scena os nossos dramas e comedias, adaptados todos ás tradições e usos locaes, dando mensalmente um espectáculo no theatro S. Pedro, que era franqueado ao publico mediante remuneração, cujo producto era destinado á libertação dos escravos, no que foi empregada quantia superior a cincoenta contos de réis. Os papeis eram representados pelos socios e senhoras e senhoritas da melhor sociedade. As cartas de liberdade eram entregues em scena aberta, depois de um solemne discurso abolicionista, entre flôres, palmas e freneticos *bravos*.

(59) Seria completo o archivo histórico do Pantheon sobre esse glorioso decennio do Rio Grande do Sul, si um presidente nortista, Tristão de Alencar Araripe, abusando do seu cargo administrativo, não tivesse retirado da secretaria do governo de Porto Alegre, uma grande parte, que remetteu ao seu primo José de Alencar, que os pedira para documentar um livro que nunca escreveu.

O Dr. Caldre e Fião, cognominado o *Mentor Parthenonista*, doôu uma vasta extensão de terra, no bairro que tomou o nome de Parthenon, para ali ser lançada a pedra fundamental do seu sumptuoso edificio, cuja planta tambem nos offereceu, um bello palacio de marmore patricio, talhado pelos moldes architectonicos do monumento erigido por Péricles, na prisca Athenas, em honra de Minerva. A pedra fundamental foi solemnemente enterrada no ponto culminante do terreno, mas...

Além de faltar-nos o essencial, que era o dinheiro, e que dinheirão! escusado é dizer que nada mais faltava para a immediata realisação desse grande sonho do bello visionario (que a todos nós suggestionou, ao ponto de por muito tempo não pensarmos em outra coisa), até já tinhamos encontrado o novo Phidias, com o concurso de Ictinos e Callicrates... Foi este, talvez, o ultimo enlevo d'alma ledo e cego, que a fortuna não deixou durar muito, daquelle espirito generoso, coração magnanimo e alma eternamente infantil do unico velho que se via entre os moços do Parthenon.

A nossa *Revista* surgiu precisamente quando as folhas diarias de Porto Alegre fluctuavam á tona d'agua, num mar que parecia adormecido para o ideal, onde bordejavam as desarvoradas naus dos dois partidos politicos do Imperio, o *Liberal* e o *Conservador*, cujos orgãos, *A Reforma* e *O Constitucional*, lembravam dois navios mercantes, em funda calmaria morta, cahidas do alto dos mastros as enrugadas velas, rebentado o cordame, desconjuntada a mastreação, na monotona e prolongada expectativa de um vento de feição, á mercê do primeiro rebojo que os levasse na interrompida direcção de indeciso rumo.

Uma leve brisa, preguiçosa e tardia, arripiava de vez em quando a superficie do espelho onde se reflectiam os grandes pannos, que nem assim se desfraldavam, espadanando apenas num passageiro entreabrir, para se encolher de novo, como si fossem as grandes azas de um passaro fantastico e somnolento, mal sacudidas em pleno azul para manter o equilibrio da fluctuação.

Surgiu assim inesperadamente, na linha extrema do horisonte crepuscular, radiante como o olho ardente de um pharol na penumbra do anoitecer, o primeiro numero

da nossa *Revista*, que não encerrava no bôjo apenas uma bagagem literaria, mas abria as suas paginas, que eram as velas soltas da esquadra do futuro, ás novas idéas sociaes e humanitarias.

A propaganda revolucionaria, iniciada por Apollinario Porto Alegre e seus poucos companheiros de 1868, foi por todos nós secundada depois de 1872; passou da sua casa da rua Nova esquina do becco do Leite (durante os dois ultimos annos da guerra do Paraguay), para os fundos de um sobradinho da rua de Santa Catharina, perto do Caminho Novo, onde se reuniam, embuçados ao entrar e sair, como verdadeiros conspiradores; — d'ahi passou de novo para a rua Nova, mas já então em outro predio, maior, expressamente alugado para esse fim, no qual foi installado convenientemente o Parthenon, com o seu custoso mobiliario e a sua escolhida e volumosa bibliotheca, enriquecida de preciosas edições dos classicos de todas as literaturas, poetas e prosadores modernos dos mais adiantados paizes e do que havia de mais util na sabedoria antiga e na sciencia contemporanea.

Foi com esse instrumental que fizemos romper a orchestra das novas idéas ao compasso de versos heroicos e discursos incendiarios, que encontraram eco nas vozes em côro dos destemidos alumnos da brilhante *Escola Militar de Porto Alegre*, muitos dos quaes conseguiram mais tarde ligar seu nome aos mais salientes factos politicos que se desenrolaram no nosso scenario regional, á frente de todos apparecendo Solon, Godolfim, Arthur Oscar, Thomaz Flores, Moreira Cesar, Trajano Cesar, Dantas Barreto e Febronio de Brito, que serviam na guarnição, e tambem reuniram-se a nós.

O doirado bergantim dos nossos ideaes, audaz e galhardo como um veleiro brigue de pirata, não abria velas de sêda aos beijos voluptuosos de caprichosos ventos, mas seguia orientado pela precisão da bussola, impellido com violencia pela prodigiosa rapidez dos musculos d'aço movimentados pela energia das caldeiras accesas, deslizando garboso e petulante sobre a alvissima espumarada das fervidas ondas chicoteadas pela helice, num oceano cavado por ventos de tempestade, á semelhança do vapor de Fulton quando arrancou o naufrago do heroismo ás suas profundas meditações nostalgicas nas penedias

de Santa Helena. Só então a atrevida aguia moribunda, com as possantes garras acorrentadas às ferreas grades da jaula britannica, comprehendeu, com tardio arrependimento, que teria alargado indefinidamente o seu alto e solitario vôo triumphante sobre todas as cordilheiras do planeta, si não tivesse regeitado aquelle poderoso elemento de guerra, de paz e de progresso, confiando no saber de uns sabios que nada sabiam.

Assim tambem os sustentaculos do segundo reinado, entre nós, não se quizeram convencer, lendo o programma dos moços do Parthenon, que era mistér modificar a divisa dos dois partidos militantes, que não faziam outra coisa sinão disputar a posse do poder, em teimosa desobediencia ás imperiosas imposições da lei evolutiva. Si os liberaes e os conservadores tivessem a previsão do futuro, naturalmente haviam de pôr de lado os subalternos interesses partidarios, e pugnariam pelos seus principios com o mesmo ardor com que nos batiamos nós pelos nossos. E outros e mais resistentes seriam assim os multiplos meios que poderiam antepôr á impetuosa invasão das idéas demolidoras.

Foi positivamente o combate desigual do gigante, revestido de armadura de aço, brilhante e invulneravel, investindo intrepido e resolute contra dois pygmeus descuidados e sem armas na mão, ou para melhor dizer, ferindo-se com as proprias armas, que procuraram, ao despertar, ainda estremunhando, ás apalpadellas: debandando espavoridos ao primeiro grito de guerra, como a matilha das antas que se dispersa no Pampa ao restrugir das fanfaras dos caçadores em manhã de primavera e sol.



PERFIS GAÚCHOS

UMA só phrase basta para immortalisar Buffon. E' aquella synthese da larga experiencia dos seus 81 annos, que o levou a dizer que — *o estylo é o homem*. Colloco esta phrase acima da propria *Historia Natural*, que lhe valeu tantas honras e recompensas, até mesmo a collocação da sua estatua em vida, na entrada do Museu de Paris, com esta inscriçãõ: — *Magestati naturae par ingenium*.

Depois do estudo, rigorosamente scientifico, do meio physico, do momento historico, do Pampa e do Gaúcho; partindo do que ha de mais simples na poesia popular até chegar ao mais transcendente, na intellectualidade do Parthenon; começam, agora, os *Perfis Gaúchos*, que são apenas retratos a bico de penna, para não dizer ligeiros esboços, ora carregando a mão num rasgo de audacia, ora pintando o character numa phrase vibrante, comtanto que a figura ficasse bem parecida.

Penso, com Zeda, que não é a exactidão minuciosa o mérito dos bons retratos: «a principal qualidade do retratista consiste em achar e immediatamente copiar o traço principal do retratado». Temos todos, entre as mil expressões do nosso semblante uma que é a mais nossa, isto é, a que melhor reflecte o sêr espirital de cada individualidade. Saber salientar essa expressão, eis o segredo, que revela tudo.

Foi isto o que procurei fazer nos *documentos humanos*, que reuni na vasta galeria que apparece depois desta página, collocando-os em ordem chronológica, que

é imprescindível em obras desta natureza, mas dividindo-os em grupos, de conformidade com a respectiva esphera de acção. Destacam-se no primeiro plano *Os Sabios*; seguem-se *Os Heróes*; apparecem em seguida *Os Notaveis*; logo depois os *Estadistas e Parlamentares*; não podiam ser esquecidos os *Poetas e Prosadores*, nem os *Artistas*, um grande músico e um grande pintor, fechando com chave de ouro — *Um Genio*, esta gloriosa legião de redivivos que apresento á posteridade.

Foi isto o que procurei fazer. E' isto o que entrego aos contemporaneos. A critica (dos competentes) dirá se consegui tão generoso intuito. Uma obra destas não se escreve da noite para o dia. Representa muito esforço, muita pesquisa, verdadeiros prodigios da memoria, para a fiel recapitulação de factos inteiramente inéditos, ou de simples datas, que nem sempre os mais interessados guardaram na memoria, mas que não podem deixar de apparecer com exactidão. — Eu não morreria em paz, si não dêsse á terra do meu nascimento esta prova do meu amor. Della nada recebi até hoje: a ella tudo tenho dado sempre!

TRES SABIOS

Os tres únicos sabios brasileiros do século XIX, nasceram todos no Rio Grande do Sul, como se vai ver em seguida. E si a isto accrescentarmos que a elles se juntam os mais brilhantes e fecundos poetas, estadistas, parlamentares, diplomatas, músicos e pintores, o titulo de Sparta não é bastante para a provincia heróica—que tambem é Athenas.

(MUCIO TEIXEIRA)



VISCONDE DO RIO GRANDE

JOSE DE ARAUJO RIBEIRO, primeiro Barão e depois Visconde do Rio Grande, nasceu em Porto Alegre a 20 de Julho de 1800 e falleceu no Rio de Janeiro a 25 de Julho de 1879. Formado em direito pela universidade de Coimbra, em 1826 foi nomeado secretario da Legação Brasileira em Napoles, de onde passou a servir na França em 1828, indo no fim deste anno para a America do Norte, no character de encarregado de negocios; em 1833 foi nomeado ministro e enviado extraordinario junto á côrte de Londres (tendo antes administrado a provincia de Minas Geraes, de 4 de Julho a 4 de Novembro desse anno).

Em 1835 foi a Lisbôa, representando o nosso Imperador na exaltação de sua irmã D. Maria II, ao throno de Portugal; e em 1836 seguiu para o Rio Grande do Sul, que se achava revolucionado, assumindo a presidencia da provincia natal em época tão difficil, e lá se conservou até 1837. Seguiu de novo para Paris, no desempenho do seu cargo de ministro plenipotenciario, de onde foi a Londres, em missão especial, em 1843, voltando á França e conservando-se ali até a quêda da familia de Orleans, em 1849.

Era grande do Imperio, commendador da ordem de Christo, official da Legião de Honra da França; e além dos cargos administrativos e diplomaticos, em que muito se distinguiu, foi deputado pela nossa provincia á Assembléa Geral Legislativa, na sua terceira legislatura, e eleito senador do Imperio quando se achava na Europa, em 1847. Foi tambem membro do Instituto Historico, em cujas revistas trimensaes deixou notaveis trabalhos, além

de publicar em livro umas interessantes *Cartas Politicas* (dirigidas pelo roceiro Cincinnato ao cidadão Fabricio), em 1871; publicou mais: — *Exposição* sobre o commercio entre o Brasil e a França; *Regulamento* para o corpo diplomatico e consular do Brasil; *Determinação* do rio Vicente Pinçon; *Parecer* acerca da *Memoria* do conselheiro Barão de Japurá, relativa á questão de limites do Brasil com a França; *Regulamento* para os dois estabelecimentos reunidos: Caixa Economica e Monte de Soccorro, etc.

A sua obra mais notavel, que o levará á posteridade como verdadeiro sabio, é *O Fim da Creação*, ou a Natureza interpretada pelo senso commum, onde procura demonstrar scientificamente o crescimento da terra, que nasceu, vive e morrerá. Esta obra é pouco conhecida entre nós; basta dizer que da pequena edição, feita em 1875, ainda não se esgotaram os preciosos exemplares, quando das suas traducções em francez, allemão e inglez, ha diversas edições. O nome deste sabio riograndense era familiar aos mais eminentes anthropologistas europeus, muitos dos quaes mantinham correspondencia com elle. Darwin prefaciou-lhe a traducção ingleza do *Fim da Creação*.

Quando este illustre patricio estava na presidencia da nossa provincia, que ardia no fogo da revolução dos *Farrapos*, havia dois mezes, deu-se o seguinte factó: achava-se o coronel Silva Tavares (pai do general do mesmo nome, que figura mais adiante), prisioneiro de Bento Gonçalves e condemnado a ser passado pelas armas; conseguiu, porém, escapar-se, na noite de 5 de Fevereiro de 1837 e no dia 19 apresentou-se ao presidente da provincia, que o nomeou em seguida commandante geral dos districtos do Rio Grande e Pelotas, dando-lhe amplos poderes para manter a segurança publica. E o que fez Tavares? — de posse dos elementos officiaes, a primeira coisa que fez foi aconselhar ao presidentee que se retirasse immediatamente da provincia, pondo á sua disposição o patacho *Leopoldina*, não tendo o illustre administrador outra coisa a fazer sinão ceder á força das circumstancias. Passou o governo ao brigadeiro Antero Ferreira de Brito e retirou-se do Rio Grande do Sul, aonde nunca mais voltou.

«Esse presidente (diz Fernando Osorio) (*) chegou em 6 de Novembro de 1835; era o Dr. José de Araujo Ribeiro, um dos deputados geraes pela provincia, de onde era filho. Veio no brigue-barca *Sete de Setembro*. Não trouxe consigo nem armas nem soldados, porque o seu objectivo era a paz, a conciliação. A conciliação! — um programma então impossivel. Os odios pessoaes estavam exaltados, o sangue derramado ensopava o sólo. Mas, em vez de seguir logo para Porto Alegre, a tomar conta da administração, deixou-se ficar quasi um mez na cidade do Rio Grande, depois seguiu para a de Pelotas, onde tambem se demorou, só chegando á capital no dia 5 de Dezembro. Enquanto esteve naquellas duas cidades (como era do seu programma a conciliação), entreteve-se em conferencias com individuos notoriamente conhecidos como infensos á revolução, e isso tornou-o suspeito perante os liberaes triumphantes, que haviam feito a revolução para subir ao poder, não para transigir com os vencidos.

Araujo Ribeiro, ou o governo imperial de quem era o delegado, errou; devia governar com o partido vencedor, ou não. As consequencias do erro não tardaram a apparecer. Os liberaes *exaltados* começaram a explorar, a intrigar; viram no programma de Araujo Ribeiro intenções hostis da côrte contra os homens de Setembro; entenderam, que o novo presidente não lhes trouxera garantias, mas duvidas e ameaças. Um jornal havia em Porto Alegre, *O Continentista*, habilmente escripto, vulgarizador de idéas subversivas, que tratava de animar a revolta, a separação da provincia, o estabelecimento do governo republicano. Publicou um artigo incendiario, que foi espalhado com profusão por todos os pontos da provincia e nem uma só folha o combateu; pelo contrario, todos os demais órgãos da imprensa o coadjuvaram. Esse artigo aconselhava o povo a não deixar imperfeita a sua obra, a fazer os ultimos sacrificios para completal-a... E dizia:

«A marcha do gabinete do Rio de Janeiro para com esta provincia tem sido, desde a época da feliz indepen-

(*) *Historia do General Osorio*, cap. VII — pag. 293.

dencia do Brasil, sempre tyrannica, insidiosa, hostil, iniqua e contraria aos interesses e prosperidades do continente, que de certo seria reduzido ao ignominioso e despotico jugo, si não raiasse no horizonte do Rio Grande o glorioso dia 20 de Setembro. Os continuados e exorbitantes saques, que quasi absorviam as grandes rendas da provincia; a falta de pagamento da sua divida interna; a remessa de empregados, na maior parte avidos, sem virtude e adversos á nacionalidade e grandeza da provincia, os quaes só tinham em vista locupletar-se, e tyrannisavam os riograndenses, cujas queixas e clamores eram tratados com o ultimo desprezo pelo gabinete do Rio de Janeiro, exuberantemente provam que se intentava reduzir os continentistas á mais aviltante escravidão.

Riograndenses livres!... vêde que o gabinete do Rio de Janeiro já enviou com manha para presidir-vos uma *creatura sua*, (*) que deve vir munida de ordens crueis, e sanguinarias, e bem como o leão furibundo só anela impossibilitar-se da cadeira presidencial para arremessar-se sobre os patriotas queprehenderam a gloriosa revolução de 20 de Setembro, e dilacerar-os com as suas garras e dentes. E bem longe de consentirdes na posse desse homem, que o gabinete do Rio de Janeiro escolheu para vos perseguir, como é constante, reuni-vos, ao contrario, aos benemeritos coroneis Bento Gonçalves, — *Bento Manuel*, (**) Oliverio Ortiz e mais patriotas que vos conduzirão ao campo da honra, os quaes devem desconfiar de quaesquer promettimentos do traidor gabinete do Rio de Janeiro, tendo em vista o engano e traição: praticados

(*) Tamanha era a injustiça deste jornalista, que até sacrificava a verdade, negando a patriótica intenção do governo imperial, que escolheu para presidir a provincia um dos seus mais illustre filhos, o venerando e sabio Araujo Ribeiro, que já revestido dos mais generosos intuitos, e cuja respeitabilidade pessoal se impunha á confiança de todos os seus conterraneos.

(**) Este general paulista deixa de ser biographado, nesta galeria, por ser a figura mais repugnante daquelle decennio de glórias: era um explorador, que ora servia aos *Farrapos*, ora á legalidade, passando-se com armas, e bagagens para o lado onde soprasse o vento favoravel, vendendo-se mais de uma vez a uns e outros.

com Pinto Madeira e de proximo com Vinagre, no Pará. E' com esforço e coragem que deveis animar os feitos dos americanos livres. Salvai vossas pessoas, vossas familias, vossos bens, vossas propriedades e vossa patria, ficando convencidos de que só tendes dois caminhos a seguir:—o da gloria e o da escravidão: escolhei!»

Esta intriga fructificou. No dia 9 de Dezembro, reunida em sessão a Assembléa Provincial, «os juizes de paz de Porto Alegre e Pedras Brancas exhibiram representações de seus districtos contra a posse de Araujo Ribeiro. Unanimemente os deputados votaram por ellas, sem discutil-as, e por sua vez officiarão ao governo dando as razões do seu procedimento, que eram estas: constar que o brigue-barca em que viera Araujo Ribeiro trazia armamento a bordo; que Araujo Ribeiro seria em breve co-adjuvado por outras forças de mar; que havia um plano combinado no Rio de Janeiro para estygmatisar e punir a revolução e os revolucionarios, a todo custo; que existia um officio do ministro da Justiça sobre o vice-consul hamburguez, ordenando o seu processo por ter partilhado da causa dos revolucionarios». — A estas razões accrescentavam mais duas: — a falta de respeito do governo imperial aos officios do vice-presidente Dr. Marciano Pereira; e a omissão do commandante do brigue-barca não participando sua chegada, ao governo da provincia.

O primeiro pensamento que acudiu a Araujo Ribeiro, ao ter noticia de haver a Assembléa lhe negado posse, foi de abandonar a provincia, e tel-o-ia realisado, si não fosse o coronel Bento Manuel, deputado provincial, ter-se-lhe offerecido para sustentar a sua autoridade e combater os revoltosos, pondo assim em pratica um artificio (que o Dr. Francisco de Sá Brito, em apontamentos que legou a seus filhos, assim narra):—«O coronel Bento Manuel, que fôra nomeado commandante das armas pelo vice-presidente Dr. Marciano, convidou-me a que eu lhe fosse falar, pois estava enfermo. Foi em Porto Alegre, no mez de Dezembro. Fui á rua da Igreja onde elle se achava. Na casa immediata estavam reunidos individuos e um delles dizia:—«não se ha-de dar posse ao novo presidente; a provincia o não quer».—Membros da Assembléa Provincial ali estavam tambem, e pareceu-me que

de opinião de dar-se a posse, como assim manifestava Bento Gonçalves, ahi presente.

Sahi dessa casa e fui á do Snr. Brochado, onde estava Bento Manuel. O coronel guardava o leito, tendo á cabeça uma mesa com vidros de remedios; tinha a cabeça amarrada por um lenço, e conservava o corpo de baixo dos lençoes. Logo que ficámos sós, pediu-me que cerrasse a porta da alcova, e, lançando de si as cobertas, sentou-se á beira da cama desatando o lenço da cabeça. Disse-me que não estava doente, que tinha os remedios que o medico receitou, mas era apparatus que tinha por fim, disse, *não comprometter-me amanhã na Assembléa*, — «onde á força se ha de deliberar que se não dê posse ao presidente nomeado; o povo ha de ir ás galerias armado com estoques, punhaes e pistolas, para que assim se decida, e quando isto não baste, têm os opposicionistas mais de 400 homens em armas proximo da cidade e promptos a entrarem e a cooperarem para que a posse seja denegada.

Disse mais, que convinha que eu tambem deixasse de comparecer, *para não comprometter-me*. Ponderei que não me comprometteria, apesar de ser o unico secretario da Assembléa, e sim votaria contra a posse, visto ser a argumentação dos opposicionistas, de punhaes, etc. Disse-me que eu, como amigo do Snr. Araujo Ribeiro, lhe assegurasse que elle, coronel, iria para a campanha e em pouco tempo estaria á testa de uma força capaz de conter os anarchistas da capital, e de sustentar a posse do presidente nomeado pelo governo geral; que entretanto, S. Ex. se retirasse para algum lugar onde fosse abrigar-se de insultos dos anarchistas. Logo que deixei Bento Manuel, em vez de communicar a Araujo Ribeiro o que elle me disse, fui á Assembléa. Desde que começou a sessão no dia assignado para a posse, as galerias se encheram. Foram apresentadas pelos juizes de paz as representações contra a posse, até que os animos melhor esclarecidos se tornassem calmos.

Quizeram os revolucionarios impôr condições a Araujo Ribeiro: pretenderam que proclamasse publicamente a moderação que guardaria em seus actos administrativos, antes de tomar posse. Não accitou. As representações dos juizes de paz não soffreram discussão e foram de-

feridas por unanimidade de votos. Depois, fui ao Snr. Araujo Ribeiro, que me perguntou: — *Então, que houve?* — Respondi: — *Opposição á posse.* — Ficou surprehendido e commovido com a minha resposta. Perguntou-me si Calvet havia votado contra, disse-lhe que sim. Dei-lhe o recado de Bento Manuel, que pareceu desanuveá-lo o semblante. Nessa noite Araujo Ribeiro entendeu-se com elle, e não amanheceu na cidade, tendo ido pernoitar na Barra, algumas léguas da capital, onde seu pai tinha um estabelecimento rural e de xarqueada. Bento Manuel, dias depois da retirada de Araujo Ribeiro, a pretexto de tomar medidas de segurança contra os inimigos da revolução, obteve licença da Assembléa para seguir a reunir forcas na campanha, e ausentou-se de Porto Alegre».

Tendo combinado com Bento Manuel um plano de resistencia, Araujo Ribeiro foi até a villa de S. José do Norte, onde parou algum tempo a bordo do seu brigue-barca. A resolução de ficar para resistir ao partido *exaltado* e ás doutrinas subversivas do *Continentista*, que prégava com a republica a separação da provincia, — seria o maior serviço que á causa do Imperio poderia ter prestado Araujo Ribeiro naquella época, si encontrasse lealdade na espada com que contava, e que o trahiua, como a todas as causas que promettia defender. «Tambem por outro lado (diz Fernando Osorio), o estouvamento do partido *exaltado*, e do *Continentista* prégando a separação da provincia, foi o maior desacerto que poderia ser feito á causa da revolução; pois, com essa propaganda, desgostaram-se os liberaes *moderados*, descontentaram-se os homens que queriam assegurada a victoria da revolução de Setembro, mas não desejavam o esphacelamento da pátria, nem que fosse offendida a sua integridade. A resistencia de Araujo Ribeiro importou nada menos do que a formação do grande nucleo que serviu de base ao exercito imperial para enfim derrotar a revolta, restabelecer a ordem e a paz.

Quando Araujo Ribeiro se retirou de Porto Alegre, recebeu uma lista de nomes que lhe deu Bento Manuel, com a recommendação de a elles dirigir-se. Na lista estava o do tenente Osorio. (*) — Este tenente é influencia

(*) Manuel Luis Osorio, depois marechal e marquez do Herval.

tambem? — perguntou o presidente. — E'; e si não morrer, virá a ser, no futuro, d'entre as primeiras, a primeira. Não se esqueça V. Ex. de escrever-lhe. Satisfazendo á risca essas indicações e as exigencias da situação, Araujo Ribeiro, tomando da penna, a bordo mesmo de seu brigue, foi um sabio e um heróe. Escreveu centenas de officios e cartas; agitou perfeitamente a opinião, e colheu o resultado do seu trabalho. Ao findar o anno de 1835 contava com o apoio de muitas camaras municipaes, de muitas autoridades civis, de varios militares de prestigio e de numerosos cidadãos influentes. A carta que Araujo Ribeiro dirigiu ao joven official que deveria ser mais tarde o inclyto *Legendario* é a seguinte:

— «*Illmo. Snr. Tenente Osorio.* — Ha tres dias que cheguei a este lugar, vindo de Porto Alegre cheio do mais profundo pesar, não por me haverem recusado a entrega da presidencia da provincia, mas por me haverem recusado com o fim de levarem a effeito planos que não podem ser sinão desastrosos. Minhas intenções eram de retirar-me logo para a côrte do Rio de Janeiro, mas os pedidos em contrario, que me têm sido feitos pelas camaras municipaes e habitantes do Rio Grande, S. José do Norte e Pelotas, assustados com os projectos de republica e separação da provincia, me decidiram a sobre-estar na minha viagem.

Nestas circumstancias, tenho julgado prudente dirigir-me ás pessoas de mais consideração da provincia, para pedir dellas o seu parecer e ouvir a manifestação de seus sentimentos sobre a crise em que nos achamos, porque entendo que as camaras e os habitantes pacificos e desarmados, nada poderão conseguir si forem contrariados pelos que têm a força á sua disposição. V. S. é um official conceituado na provincia e está bem no caso daquelles cidadãos a quem tenho julgado prudente dirigir-me, pela qual razão vou tambem rogar a V. S. o favor de me declarar, com franqueza, o seu modo de pensar sobre as circumstancias em que actualmente me vejo, e sobre os negocios da nossa patria. Fico esperando a sua resposta, e tenho a satisfação de confessar-me — de V. S. — muito attento venerador e criado — *José de Araujo Ribeiro.* — Norte, 23 de Dezembro de 1835».

Recebendo esta carta, que não era menos que uma subida honra para um joven tenente de 27 annos de idade, recebeu tambem Osorio uma *Ordem do dia* de Bento Manuel, datada de 30 do mesmo mez, do quartel-general em S. Gabriel, assim concebida:—«O commandante das armas está demasiadamente ao facto dos manejos do partido republicano, e dos meios que emprega, e mais certo ainda das desgraças que acompanhariam a separação da provincia; e, firme nos principios que proclamou, depois do memoravel dia 20 de Setembro, em desempenho da *legalidade*, ou de Araujo Ribeiro, apresentava-se em campo para combater com pouco mais de 900 homens, sendo 600 com Bento Manuel, 120 com o tenente-coronel Medeiros e 187 com o tenente-coronel João da Silva Tavares; o *farroupilha*, ou da revolução, com mais de 3.000 homens, sendo 1.200 com Bento Gonçalves, 1.000 com Lima e Côrte-Real, 400 com Crescencio e Netto e 500 com Onofre. No decurso da lucta, conforme a bôa ou a má fortuna, esses partidos augmentaram ou diminuíram as suas fileiras.

Araujo Ribeiro, resolvido, como estava, a dominar pela força o partido que levara a revolução á segunda phase, começando por negar-lhe a posse, resolveu tomar conta do governo da provincia e prestar o respectivo juramento na camara municipal da cidade do Rio Grande. E assim o fez, no dia 15 de Janeiro de 1836, o que communicou á Assembléa. Esta convidou-o a ir a Porto Alegre ractificar o seu juramento, para apossar-se da presidencia, sem o que não o reconheceria. Araujo Ribeiro não foi. Era opinião de muitos que si elle tivesse ido, a paz teria sido feita; outros, porém, entendiam que a sua resolução de não ir foi mais acertada, livrando-se assim de cair em alguma cilada da Assembléa, que o tratava de criminoso, de réu da anarchia, e invocava sobre a sua cabeça a espada da justiça.

Rôtas de uma vez as relações entre Araujo Ribeiro e a Assembléa, ficou a provincia com dois governos: um, a principio com a sua séde em Porto Alegre; outro, na cidade do Rio Grande; e ambos sustentados por amigos dedicados e entusiastas, na imprensa e nas armas. Começadas as hostilidades em Fevereiro, a provincia do Rio Grande do Sul, entregando-se á *guerra civil*, offereceu

ao mundo o espectáculo de uma lucta titanica, que por sua importancia e grandeza—«mereceria as honras de um commentario como o da *Guerra das Gallias*. (*)

Conheci o venerando sabio Araujo Ribeiro, parente e amigo de meu avô Victorino José Ribeiro, (**) poucos mezes antes da morte do grande sabio patricio. Vim-lhe recommendado, quiz elle hospedar-me em sua casa, mas eu já estava morando com meu primo França e Leite, (***) agradei-lhe, compromettendo-me a ir sempre vê-lo, o que fiz amiudadas vezes, sahindo dali verdadeiramente encantado de tanto saber e tanta superioridade moral. Araujo Ribeiro era um bello ancião, de aspecto distinctissimo e maneiras finamente diplomaticas. Vivia só, com um criado allemão que trouxe da Europa, a quem estimava, contemplando-o no testamento. Dispunha de fortuna. Assim que rebentou a guerra do Paraguay, pediu a palavra no Senado só para dizer que, enquanto durasse a guerra, o seu subsidio deveria ser recebido pelo ministerio da guerra, para ser distribuido pelos filhos dos soldados riograndenses mortos em combate.

DR. JOAQUIM CAETANO DA SILVA

JOAQUIM CAETANO DA SILVA nasceu em Jaguarão a 2 de Setembro de 1810 e falleceu em Nicheroy a 27 de Fevereiro de 1873. Era doutor em medicina pela Faculdade de Montpellier, depois de ter o titulo de bacharel em letras pela universidade de Paris; tinha as palmas da Academia Franceza; era membro do Instituto de França, da Sociedade de Geographia de Paris, da Real Sociedade de Medicina de Gand, do Instituto Historico do Rio de Janeiro; commendador da ordem de Christo e cavalleiro da Rosa.

Logo que chegou da Europa, em 1838, foi nomeado lente de portuguez, rethorica e grego do Collegio Pe-

(*) Pinto de Campos — *Vida do Duque de Caxias*.

(**) O coronel Victorino figura mais adiante.

(***) Coronel Antonio Rodrigues dos Santos França e Leite, um dos heróes da guerra do Paraguay.

dro II, e no anno seguinte reitor do mesmo collegio, em substituição do Bispo de Anemuria, que fôra mestre de D. Pedro I. Em 1851 foi nomeado encarregado de negocios na côrte da Hollanda, e em 1854 consul geral no mesmo reino. Regressou á patria, onde desempenhou os cargos de director da Instrucção Publica da Côrte, de onde passou para a direcção do Archivo Nacional, cujo cargo teve de abandonar por ter ficado cego. Esquecia-me dizer que quando estudante na Europa, leccionava francez aos francezes.

O meu amigo Pires de Almeida, (*) sabendo da preocupação do Dr. Joaquim Caetano de enriquecer o seu vastissimo vocabulario com termos ainda não encontrados nos dictionarios, fez-lhe um dia uma pilheria de muito espirito. Numa das visitas que lhe fazia amiudadas vezes, começou a empregar termos da gíria carioca, de modo que não parecia ser proposital. Logo ao ouvir o primeiro, o sabio riograndense pediu-lhe que esperasse um pouco: abriu a gaveta da secretária, tirou um livro de apontamentos, escreveu-o, tornou a guardar o caderno, pediu desculpa da interrupção e continuou a palestra. Novo termo, novo trabalho de abrir e fechar a gaveta; mais um, mais dois, mais tres... e o sabio, atrapalhado com tamanho thesouro de erudição linguistica, resolveu não metter mais o caderno na gaveta, mal tendo tempo de pedir, por gestos e acenos de mão, que parasse um pouco e tivesse a bondade de repetir o que acabava de dizer. Pires de Almeida, fingindo-se esquecido do que já tinha dito, empregou uma nova alluvião de termos, mas de maneira que não dava tempo de serem aproveitados...

O sabio levou as mãos á cabeça, erguendo-se, sem saber como aproveitar tamanho manancial, entusiasmado por um lado, mas por outro praguejando, por vêr a lymphá crystallina correr-lhe aos pés, sem poder saciar a sêde que o devorava, num supplicio que fazia lembrar o de Tantaló, quando Pires de Almeida, pedindo-lhe desculpa do que tinha feito, tirou do bolso as folhas de papel onde tinha escripto o seu valioso contingente e

(*) Dr. José Ricardo Pires de Almeida, autor de numerosos livros e meu collaborador na traducção de varias tragedias gregas, como se verá nos *Homens do meu tempo*.

offereceu-as ao sabio, que o abraçou com enthusiasmo e reconhecimento.

O Dr. Joaquim Caetano da Silva escreveu as seguintes obras: *Supplemento* ao Diccionario de Moraes, em 1829, quando apenas contava 19 annos de idade, apresentando 490 vocabulos que escaparam áquelle lexicographo, e em 1832 accrescentou-lhes ainda mais outros 400, que tirou de Filinto Eijsio, Garção e Diniz;—*Fragment d'une memoire sur la chute des corps*, 1836;—*Quelques idées de philosophie medicale*, 1837;—*Memoria* sobre os limites do Brasil com a Goyana franceza, 1851;—*Appendice* ao parecer sobre o *Indice Chronologico* do Dr. Perdigão Malheiros;—uma *Grammatica Portugueza*;—*Mechanismo da lingua grega*;—*Tratado sobre a Gravidade*, etc.

As suas principaes obras, que lhe deram alto renome na patria e fóra della, são:—*Questões Americanas*, e *L'Oyapok et l'Amasone*. Naquelle, diz elle proprio:—«Emprehendo apurar varios pontos que Alex. Humboldt deixou indecisos no seu *Exame Critico* da historia da geographia do novo continente». — Apenas pode completar as duas primeiras partes de tão importante obra, pois a cegueira arrancou-lhe a penna da mão. A primeira intitula-se — *Antilia* e a segunda — *O Brasil*, revelando em ambas, como diz Joaquim Manuel de Macedo, «estudo descomunal: tratando da origem do nome *Brasil*, maravilham a paciencia, o criterio, o abysmo de averiguações e, por condigno remate, a estupenda sciencia que elevou á orientalisação, applaudido pelos mais celebres orientalistas da França».

Nos seus admiraveis dois volumes de *L'Oyapok et l'Amasone*, todos os assumptos são desenvolvidos com a maior amplitude, além da mais cerrada documentação. «Esta obra, diz o Dr. Blake, não a escreveria melhor no seu proprio idioma o mais sabio philologo francez». — Diz o Dr. Macedo:—«Como historica, geographica e diplomatica, essa obra bastaria para a gloria do Dr. Joaquim Caetano; mas exalta-se ainda nella o alto merecimento do sabio brasileiro, que a escreveu em francez como se ufanaria de a ter escripto o mais provector literato da França».

Diz Teixeira de Mello:—«Obra que por si só seria sufficiente para decidir em nosso favor a secular ques-

tão de limites do nosso Imperio com a França, pelo lado das Goyanas, si muitas vezes o interesse não obscurecesse a razão e o direito nos mais illustrados governos do mundo, e a força não supplantasse muitas vezes a justiça. Quanto a nós, o Dr. Joaquim Caetano pronunciou a ultima palavra nesta melindrosa controversia internacional, que assoberbara o talento de um dos nossos mais intelligentes homens d'Estado». — Vencemos, finalmente, graças a este sabio riograndense, não ao barão do Rio Branco, que não passou de um simples moço de recados, como tive occasião de dizer-lhe pela imprensa, sendo elle então ministro das Relações Exteriores, o que tambem lhe foi dito, em termos ainda mais asperos, pelo Dr. Pisa, ao demittir-se do cargo de enviado extraordinario em Paris.

Contou-me o Imperador, que, ao remetter a Napoleão III a obra do sabio riograndense, lhe pediu urgencia no que lhe cumpria fazer. Um anno depois, estranhando o Sr. D. Pedro II tão prolongado silencio do governo francez, escreveu de novo, ao seu primo, reclamando uma decisão. O monarcha francez interpellou o seu ministro, que era Guizot, si me não falha a memoria; e este respondeu-lhe: — «Senhor, os animos populares já estão de tal fórma exaltados pela attitudo da Allemanha, que não me parece prudente tratar disto agora: — esse brasileiro, que escreve num francez de Racine, provou, com tamanha sabedoria, o direito do Brasil, que não temos outra coisa a fazer sinão abrir mão desse territorio».

Veio depois a guerra franco-prussiana, a queda de Napoleão III, e um bello dia um dos presidentes da republica franceza lembrou-se de propôr a arbitragem, ao que D. Pedro II respondeu que nunca: — «Só recorre á arbitragem quem não tem a convicção do seu direito; e este direito o Brasil já demonstrou na obra *I'Oyapok et l'Amasone*», foi a digna resposta do nosso grande imperador.

Outro episodio intimo, que demonstra a preoccupação philológica de Caetano da Silva, deu-se na presença do illustre polygrapho Dr. Castro Lopes, seu amigo e companheiro, que o contou ao Imperador. Sua Majestade achou tanta graça naquillo, ao ponto de per-

guntar-lhe, mais de uma vez: — Então, seu Castro Lopes, como foi o caso do Joaquim Caetano com o mestre de obras? — O caso foi este: o sabio riograndense, quando era reitor do Collegio Pedro II, mandou fazer concertos e pinturas no edificio do externato; e como as obras fossem além do praso marcado, o Dr. Joaquim Caetano perguntou ao portuguez que as contractara: — Então, isto não se acaba mais? — Falta apenas *dar mais uma de mão aos dorados*... — Dorado parece você, querendo dizer *dourado*, ou *doirado*; mas olhe que o correcto é *doiradura*, que assim é que se diz, desde que se refere á dissolução das folhas de oiro que vai assentar sobre as cimalthas. — Perdão, Sr. Dr., mas é que lá na minha terra se costuma dizer *dorado*... — E aqui tambem, mas é noutro sentido. Fique sabendo que *dorado*, tanto lá como cá, só se applica ao doente, que tem dôr. E' o substantivo *dôr* seguido da desinencia *ado*, entendeu? — Homem, Sr. Dr., a falar a verdade, digo a V. Ex. que eu cada vez entendo menos... «Tem razão; eu é que estou a perder o meu latim com o Sr., e o meu tempo com essa doiradura, que devia estar feita a muito tempo».

Isto, com um homem rude, naturalmente analphabeto. Imaginem como não ficava elle irritado, quando algum typo de outra esphera incorria em faltas identicas. Conversando um dia com um medico e professor, disse-lhe este: — Eu *de quando em vez*, abordo essas questões...

— Alto lá, não vá com tanta sêde ao pote das asneiras, basta de dizer tolices e gallicismos! Pois o Sr. não sabe que esse idiotismo, do *quando em vez*, de fórma alguma pode ser applicado, quando temos o *de vez em quando*, ou o *de quando em quando*? E o tal gallicismo de *abordar coisas ou pessoas*... já se viu maior ignorancia?!... Pois o senhor, um homem formado, e ainda por cima professor, ignora que *abordar* é o acto de chegar a bordo de alguma embarcação, acommettel-a, assaltal-a ou abalroal-a? Em linguagem figurada, pode-se chegar até á beira do rio ou á borda do mar, sempre que se choque um barco com outro, mas nunca sahindo da praia. Como é que o Sr. tem a cachimonia de dizer que já *abordou* pontos discutiveis, controversias e disputas? Sim! porque o substantivo *questão*, do latim *questio, ones*, não

tem outra significação. — E deu-lhe as costas, a gesticular, falando entre os dentes, como quem resmunga, ralhando com impertinencia.

Fóra disso, era a alma mais ingenua e carinhosa deste mundo. Tratava a todos com delicadesa, muito attento com as senhoras e tão carinhoso com as crianças, que até chegava a apostar carreiras com ellas, em casa, já se vê; pois no Collegio Pedro II era outro homem, de uma circumspecção prudente e cautelosa, nmiamente discreto, como convinha ao cabal desempenho do seu operoso cargo de reitor. Ah! mas não lhe chegassem a mostarda ao nariz, com gallicismos, anglicismos, anachronismos, parachronismos ou idiotismos!

CONSELHEIRO CÂNDIDO BAPTISTA

CÂNDIDO BAPTISTA DE OLIVEIRA nasceu em Porto Alegre a 15 de Fevereiro de 1801 e falleceu a 26 de Maio de 1865, a bordo do paquete *Péluse*, em que embarcara no Rio de Janeiro, indo á Europa em procura de remedio para a molestia de que soffria, sendo o seu corpo enterrado na Bahia.

Seus pais queriam que seguisse a carreira clerical, sendo internado no Seminario de S. José do Rio de Janeiro, onde fez o curso de humanidades. Seguindo para a universidade de Coimbra, nella fez o curso de philosophia e mathematica, «sendo classificado de *sabio* pela congregação, que propôz ao governo que, como premio, se mandasse graduar gratuitamente o estudante brasileiro».

Bacharelado em 1824, seguiu para Paris, onde frequentou a Escola Polytechnica, merecendo a estima do grande astronomo Arago, que faz delle as mais honrosas referencias em uma de suas obras de chimica. Regressando á patria, em 1827, foi nomeado lente substituto da Academia Militar, passando logo a lente cathedratico de mechanica, em que veio a jubilar-se. Foi inspector do Thesouro Nacional, desde a abdicação de D. Pedro I até 1834, e de 1837 a 1838, sendo esta interrupção de-

vida á sua nomeação de ministro residente em Turim. Era membro do Conselho de Estado, conselheiro de S. M. o Imperador, veador da Casa Imperial, commendador das ordens de Christo e da Rosa, grã-cruz da de Santo Estanisláu, da Russia, e membro do Instituto Historico. Foi deputado á Assembléa Geral pela nossa provincia e senador do Imperio pelo Ceará; ministro da Fazenda, dos Estrangeiros e da Marinha, director do Jardim Botânico e presidente do Banco do Brasil.

Deixou trabalhos de real merecimento, como sejam: — *Compendio de Arithmetica*, para uso das escolas do Brasil, 1832; — *Relatorio* sobre o melhoramento do systema de pesos e medidas, e o monetario, 1834; — *A escravatura no Brasil*, e a epoca provavel de sua extincção (S. Petersburgo) 1842; — *Systema Financial do Brasil* (S. Petersburgo) 1842; — *A questão do oiro* (S. Petersburgo) 1842; — *Reconhecimento Topographico* da fronteira do Imperio do Brasil na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul na parte confinante com o Estado Oriental do Uruguay (Rio), 1850; — *Apontamentos* sobre alguns factos importantes da conquista do Rio da Prata pelos hespanhões (Rio), 1851.

Escreveu mais, sobre: — *Systema metrico decimal* (Rio), 1865; — *Calculos Astronomicos* (Rio), 1855; — *Memoria* sobre a theoria da orientação do plano oscillatorio do pendulo simples, e sua applicação á determinação aproximada do achatamento espherode terrestre (Rio), 1856; — *Theoria da Linha Recta* (Rio), 1857; — *Memoria* sobre as condições geologicas do porto do Rio de Janeiro, 1858; — *Theoria da Composição* e resolução das operações numericas; — *Estudos* de analyse mathematica; — *Theoria* dos logarithmos tabulares; — *Parecer* sobre a questão de limites entre o Brasil e Uruguay; — *Elogio historico* do primeiro Marquez de Paranaguá, (senador Francisco Villela Barbosa), etc.

Fundou e dirigiu a *Revista Brasileira*, publicação trimestral, de 1857 a 1861, posteriormente colleccionada em tres volumes, com estampas; — collaborou na *Revista Popular*, publicada na côrte, de 1859 a 1862; no *Correio Mercantil*, jornal diario, onde firmou com o pseudonymo *Vadius* notaveis artigos sobre assumptos economicos, 1858-1859; e no hebdomadario *Guanabara*, onde se encontra

o seu romance *Lucia de Miranda*, narrando um tragico acontecimento da conquista do Rio da Prata.

Um das patrióticas preocupações do sabio conselheiro Candido Baptista, nos ultimos annos da sua preciosa existencia, era o recenseamento da nossa população, cuja estatistica ainda hoje não corresponde ao grau do nosso adiantamento moral, de modo tão lamentavel que, contando o Imperio 24 milhões de almas (isto ha mais de trinta annos), os actuaes compendios de geographia accusam o mesmo coefficiente, como si a população de um paiz não progredisse dia a dia. Podemos, sem hypérbole, calcular a nossa população actual, em 30.000.000, assim como em mais de um milhão a da cidade do Rio de Janeiro, que a ignorancia dos encarregados do recenseamento dá como inferior a oitocentos mil habitantes.

O sabio Candido Baptista foi um dos primeiros abolicionistas do Brasil, pois já em 1839, quando ministro, tentou dar um golpe de exterminio na escravidão, sendo um dos poucos que, com França e Leite e Caldre e Fião se batiam pela humanitaria causa, nas celebres reuniões da *Chacara da Floresta*, em 1840.

Teixeira de Mello, prestando o merecido preito a este sabio riograndense, recommenda a sua biographia, que se encontra no *Supplemento do Diccionario* de Innocencio da Silva, no *Anno Biographico* do Dr. J. M. de Macedo e no tomo I da *Galeria dos Brasileiros Illustres*. — Com este glorioso triumvirato: — O Visconde do Rio Grande, o Dr. Joaquim Caetano da Silva e o Conselheiro Candido Baptista de Oliveira, a terra gaúcha ufana-se de ter dado ao respeito da posteridade os tres maiores sabios do Brasil no seculo XIX.

VIII

OS HERÓES

*Heróes ! como o cedro Augusto
Campeia rijo e vetusto
Dos séc'los ao perpassar,
Vós sois os cedros da Historia,
A cuja sombra de gloria
Vai-se o Brasil abrigar.*

(CASTRO ALVES)



OS MENNA BARRETOS

HA familias que, á semelhança das séries de reis de uma mesma raça, formam verdadeiras dynastias pela linha de successão, como a dos Calçaños, em Venezuela, que tem cinco irmãos poetas e prosadores notaveis; a dos Madrazos, na Hespanha, de pintores e musicos; a dos Gusmões e a dos Andradas, em S. Paulo, aquella apresentando á posteridade tres irmãos illustres, dentre os quaes se destacam Alexandre, poeta e diplomata, e Bartholomeu, o *padre voador*, sem esquecer a trindade de estadistas, que revive em tres gerações, sempre com os mesmos nomes: — José Bonifacio, Antonio Carlos e Martim Francisco.

Nenhuma, porém, tão pujante e numerosa como a dos Menna Barretos, no Rio Grande do Sul, entrelaçada aos meus avoengos por vinculos de consanguinidade que chegaram até a mim. O tronco desta arvore, que ainda hoje rebenta em flôres gloriosas, foi o marechal João de Deus Menna Barreto, Visconde de S. Gabriel, cujo primeiro filho casou-se com minha avó materna, que, por sua vez, era filha de outro notavel guerreiro, o marechal Antonio Manuel da Silveira Sampaio. Enviuvando ella ainda na juventude, pois seu marido, o coronel José Luis Menna Barreto morreu heroicamente em combate, quando apenas contava vinte e quatro annos de idade, contrahiu segundas nupcias, com o coronel Victorino José Ribeiro, (*) de cujo consorcio nasceram minha Mãe e

(*) Meu avô era filho de Reginaldo Silvestre Ribeiro de Andrada e Silva, natural de S. Paulo, casado com uma prima, natural de Minas Geraes, de onde fugiu para esca-

meu tio o marechal Frederico Solon de Sampaio Ribeiro, sendo filhos do seu primeiro marido o marechal José Luis Menna Barreto e o coronel João Sabino Menna Barreto.

MENNA BARRETO I

VISCONDE DE S. GABRIEL

O marechal João de Deus Menna Barreto, Visconde de S. Gabriel, nasceu em Porto Alegre a 4 de Novembro de 1774 e falleceu na cidade do Rio Pardo a 27 de Agosto de 1849. Filho de um general portuguez, que veio da metropole encarregado de commandar a capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, muito cedo dedicou-se á carreira das armas, contando praça da epoca da gestação e sendo promovido ao posto de alferes na data do seu nascimento. Estas regalias permaneceram até o tempo em que nasceu o marechal Duque de Caxias, e dellas tambem se aproveitou meu tio o coronel José da Silveira Sampaio, que aos 25 annos de idade se reformou em tão alto posto, indo residir em Paris, onde morreu em 1877.

O marechal Visconde de S. Gabriel foi commandante das armas e vice-presidente da Junta Governativa da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, installada em Porto Alegre a 22 de Fevereiro de 1822, por acclamação do povo e tropa reunidos na praça da Matriz.

No tempo das nossas constantes guerras com as duas visinhas republicas do Rio da Prata, João de Deus Menna Barreto já era brigadeiro, isto é, foi general antes dos 30 annos de idade. Além de seus numerosos feitos de bravura, derrotou o caudilho argentino Andrés Artigas, nas visinhanças de Ynhanduhy e Paipaes, a 19 de Outubro de 1816, sendo notaveis as victorias que alcançou, em S. Borja, a 5 de Outubro daquelle mesmo anno; em

par á devassa por motivos da célebre inconfidencia mineira, indo com a esposa, por terra, até ao Rio Grande do Sul, onde fixou residencia, tendo a cautela de mudar de nome, isto é, não usou mais dos dois ultimos cognomes, Andrada e Silva, pois era primo de José Bonifacio, o patriarca da independencia nacional — M. T.

Chafalote, a 24 de Setembro; e na tomada do forte de Santa Thereza e em *India Morta*, a 19 de Novembro.

Não vem fóra de proposito lembrar aqui o que então se passou nas regiões pampeanas. O regente D. João VI resolvera, segundo os escriptores hespanhóes, conquistar a banda Oriental, e para esse fim mandou para o Rio Grande do Sul uma divisão de 4.800 homens, a que se aggregaram tropas gaúchas. Segundo, porém, os escriptores nacionaes, diz Teixeira de Mello que dera causa a este movimento o receio que tinha o governo pela segurança dos limites meridionaes do Brasil, á vista da vantagem obtida em 1814 pela junta de Buenos Aires, sob cujos esforços succumbira Montevidéo, além da guerra civil que devorava as novas republicas do Rio da Prata.

As nossas forças penetraram resolutamente no territorio Oriental, vencendo a desesperada resistencia que lhes oppunham as guerrilhas de José Artigas. O exercito invasor subia a 10.000 homens, que a revolução argentina não teve recurso para rechaçar. O dictador Juan Puirredón despacha commissarios á Banda Oriental, afim de pôr-se de accôrdo com Artigas para repellir a invasão. Achava-se a esse tempo a Legião de S. Paulo acampada em Catalán, quando foi surprehendida pelos caudillos La Torre, Verdun e Mondragón, a 4 de Janeiro de 1817.

O combate durou desde o amanhecer até ao cahir da noite, sustentado com denodo pelo brigadeiro Oliveira Alvares, até que sobreveio o tenente-coronel José de Abreu, depois general e Barão do Serro Largo, com seu corpo, fazendo os uruguayos retirar-se, *con banderas desplegadas y salvando los heridos*, mas deixando no campo cerca de 1.000 cadaveres. Este brilhante feito abriu-nos o caminho de Montevidéo, onde os brasileiros entraram triumphantes.

MENNA BARRETO II

O marechal Gaspar Francisco Menna Barreto nasceu em Rio Pardo a 24 de Outubro de 1796 e falleceu em Porto Alegre a 13 de Setembro de 1856. Por ser filho do

heroico marechal João de Deus Menna Barreto, Visconde de S. Gabriel, teve o seu assentamento de praça quando apenas contava 4 annos de idade, só se incorporando ao regimento em 1805, e rapidamente galgou os postos de alferes (1809), tenente (1812), capitão (1817), major (1818), tenente-coronel (1822) e coronel (1824), reformando-se nesse mesmo anno com a patente de brigadeiro.

Este general, assim como o seu filho que fecha esta extraordinaria galeria de guerreiros, tres vezes foi reformado e tres vezes reverteu ás fileiras do exercito, sendo a sua promoção ao posto de capitão feita em campo de batalha, no célebre combate de Catalán, em que elle ganhou as suas esporas d'ouro de cavalleiro por direito de nascimento e de conquista, sendo gravemente ferido durante a acção.

A 21 de Janeiro de 1836 foi o general Gaspar Francisco Menna Barreto aclamado chefe do partido legalista (no mais acceso da tremenda revolução dos *Farrapos*, que durou dez annos), e encarregado, pelo sabio naturalista e illustre administrador Visconde do Rio Grande, do commando da villa de S. José do Norte. Nesse mesmo anno, a 7 de Abril, deu combate aos revolucionarios, na cidade de Pelotas, sahindo victorioso.

Assumiu em seguida o commando da esquerda do entrincheiramento da cidade do Rio Grande, sob as ordens de seu illustre pai, que se conservou á frente da direita da cidade sitiada pelos *Farrapos*, dando-lhes combate decisivo no dia 20 de Fevereiro, sahindo novamente victorioso.

Gaspar Francisco era poeta; tinha a lyra no alto da rija panoplia; e como a sua cultura mental não fosse além das primeiras letras, não podendo assim remontar o vôo da inspiração a espheras constelladas, no campo do lyrismo e nos surtos do improviso deixou numerosas composições, que bem mereciam ser reunidas em livro.

Tres herões rio-grandenses foram acariciados pela Musa: este Menna Barreto, Osorio e Solon, como se verá mais adiante. Gaspar Francisco, quando joven, num baile, pediu á sua enamorada que não dançasse com determinado individuo, no que não foi attendido. Finda a valsa, dei-

xando ella o par, para ir sentar-se ao lado do seu ciumento adorador, este disse-lhe:

Si a natureza quizesse
Só peitos duros e broncos,
Teria feito na terra
Tudo pedras, tudo troncos.

De outra feita, estando elle mergulhado em funda meditação, á sombra de uma arvore da sua pequena estancia do Matto-Grosso, nos arrabaldes de Porto Alegre, indo visital-o nesse poetico retiro o presidente da provincia (Visconde do Rio Grande), tão distrahido estava, que nem o viu abrir a porteira, atravessar o vasto terreiro e chegar até elle. O sabio estadista bateu-lhe no hombro, perguntando:—Em que scisma?—ao que respondeu com este improviso:

Estava agora pensando
Quão veloz o tempo passa:
Como é breve uma ventura,
Como é longa uma desgraça!

As suas proclamações e ordens do dia destacavam-se das dos seus pares, pela fôrma litteraria e pessoal, que aos seus companheiros pareciam fóra dos moldes disciplinares. Numa dellas diz elle:—«Não sou vosso camarada? Não sou eu, como vós, um homem? Porque me distinguis, entre vós, nestes comesinhos gosos? Não! na lide somos todos iguaes, porque o perigo não escolhe a victima; e si alguém quer o primeiro posto, deve ir procural-o no fóco das luctas, no centro do fogo».

Seu velho pai quiz mais uma vez associar-se aos riscos que corria o digno herdeiro do seu glorioso nome, e foi assim que dividiu com elle a linha defensora da cidade sitiada. O Visconde do Rio Grande confiou-lhe o commando da guarnição de Porto Alegre, quando as forças de Bento Gonçalves se avizinhavam daquella capital, pois bem sabia que no lugar onde maior era o perigo, ahí é que o heróe se sentia mais á sua vontade.

Mesmo depois de reformado, no posto de marechal, Gaspar Francisco assumiu o commando geral das guarnições do Rio Grande e de S. José do Norte, sendo transferido depois para o commando das tropas que se esten-

diam desde Taquary até ás Torres, tomando parte nos principaes combates que se travaram desde 1836 até 1845.

Na occasião em que elle agonisava, morrendo de asphyxia lenta, (no seu sobrado da rua da Igreja esquina do becco do Meirelles), sua filha, que morava na rua da Ponte, sonhou que elle lhe pedia a netinha, de dois annos de idade, para acompanhal-o em longa viagem., Correu a pobre senhora, ferida por funesto presentimento, que a feria a um tempo nos seus extremos de filha e mãe, para a cabeceira de seu pai moribundo. E no mesmo instante em que o marechal exhalava o ultimo alento, a sua filhinha, que deixara em casa no goso da mais perfeita saude, morria repentinamente.

No dia seguinte assistia a população de Porto Alegre a um espectáculo que vivamente a todos impressionou: o coche funebre que conduzia ao cemiterio o caixão do velho servidor da patria—era seguido por um outro, onde se via um caixãosinho de criança. A neta satisfez o desejo do avô, manifestado no sonho materno e foi dormir com elle na mesma catacumba.

MENNA BARRETO III

José Luis Menna Barreto I, filho do marechal Visconde de S. Gabriel, morreu no posto de coronel de cavallaria, contando apenas 24 annos de idade. Cahiu como um heróe, de espada em punho, a lutar peito a peito, no celebre combate do *Rincão das Gallinhas*, misturando-se com os caboclos de que se compunha o regimento que commandava, quasi todos da tribu guarany.

Antonio Alvares Pereira Coruja, na sua obra *Antiquaihas de Porto Alegre*, quando trata da interessante nomenclatura das ruas, diz:—«O *becco dos Guarany's*. Havia um regimento de caboclos, ou todos da nação guarany, ou a maior parte delles, commandados primeiramente pelo coronel José Luis Menna Barreto (pai do marechal do mesmo nome) o qual lá foi morrer no *Rincão das Gallinhas* no infausto dia 24 de Setembro de 1825. Nesse becco, de que não diz a chronica qual o nome primitivo,

estiveram por alguns annos aquartellados os guaranys, os quaes em dia de Santa Barbara, sua padroeira, divertiam a população com danças de cavallinhos de madeira pintada e revestidos a caracter com colchas e saiotes, no terreno fronteiro que estava devoluto. Assim, pois, o povo começou e continuou a chamar *becco dos Guaranys*.

Mais tarde a edilidade ou quem quer que seja lhe deu o nome de rua da *Guarda Principal*, como si a guarda principal não devesse ser a do palacio do governo. Hoje tem a placa do *General Vasco Alves*; mas o povo (sempre o povo) que em pontos de historia muitas vezes sabe dar quináus á edilidade, ainda hoje não esqueceu o nome desses defensores da patria que deram por ella a vida ».

Este joven guerreiro deixou os seguintes filhos, todos na mais tenra idade: João Sabino, que morreu no Paraguay, como commandante do 5.º regimento de cavallaria; Antonio Victor, coronel da Guarda Nacional e abastado estancieiro no municipio de Taquary, fallecido em Porto Alegre, em 1876; José Luis, que morreu em Porto Alegre, em 1879, no posto de marechal e no exercicio do cargo de commandante das armas da provincia; e Maria Camilla, esposa do coronel d'engenheiros Pedro Alvares Cabral da Silveira Cunha Godolphim, e mãe do marechal Manuel Joaquim Godolphim, meu primo-irmão.

MENNA BARRETO IV

BARÃO DE S. GABRIEL

O marechal João Propicio Menna Barreto, Barão de S. Gabriel, filho do marechal João de Deus, nasceu em Rio Pardo a 5 de Agosto de 1808 e falleceu na cidade de S. Gabriel, a 9 de Fevereiro de 1867. Verificou praça como 1.º cadete, no regimento dos Dragões, a 27 de Julho de 1820, quando apenas contava 12 annos incompletos de idade, e principiou a servir nas fileiras e a contar antiguidade de praça a 1 de Julho de 1822.

Em 1828 tomou parte no ataque das Canhitas, que teve logar a 15 de Abril, continuando na mesma cam-

panha até a declaração da paz, em Outubro desse anno, recolhendo-se ao quartel do seu regimento, em Bagé.

«Tendo sido transferido para o 2.º corpo de cavallaria, ahi se conservou até o anno de 1832, em que delle foi excluido a 1.º de Maio, por haver sido demittido do serviço do exercito, por decreto de 20 de Março do mesmo anno, conforme solicitara, contra a opinião de seus superiores, que «viam nelle um official de muito prestimo, cuja perda se tornou mui sensivel no seu corpo».

Recolhendo-se ao seio de sua família, estabeleceu-se no districto de S. Gabriel, do municipio de Caçapava, onde, procurando povoar um campo que ahi possuia, conseguiu em poucos annos auferir delle vantajosos rendimentos, com os quaes podia subsistir decentemente. Rebutando, porém, a revolução de 20 de Setembro de 1835, na capital da provincia, fazendo della evadir-se o respectivo presidente, levado pelo seu espirito guerreiro e respeitando as tradições dos seus maiores, «não vacillando sobre o partido a que a honra, o dever, a sua fidelidade e o seu patriotismo o chamavam, voôu ás fileiras da legalidade, tanto que se empenharam as armas leaes, e immediatamente foi encarregado de commissões importantes, assás perigosas, sendo-lhe mistér por varias vezes atravessar a *campanha* infestada de anarchistas».

Entrou em fogo contra os revolucionarios na guerrilha de Capané, em 2 de Março de 1836, e nos ataques do Passo do Rosario, em 17 do mesmo mez, e no do arroio dos Cachorros a 31 de Maio do mesmo anno, «tendo assim demonstrado o interesse que tinha em debellar os inimigos da ordem e tranquillidade publica da sua terra natal».

Em principio de Junho, sendo então promovido a commandante da guarda nacional, incumbiu-o o commandante das armas, de reunir gente nos districtos de S. Gabriel e Santa Maria, e operar por aquella parte contra os grupos e reuniões dos rebeldes, commissão esta que desempenhou com tanto anhelo que conseguiu reunir mais de quinhentos homens, aos quaes disciplinou e adestrou nas evoluções de maior urgencia, não se poupando a sacrificios para os armar convenientemente.

Tendo se passado para os revoltosos o brigadeiro Bento Manuel Ribeiro, commandante das armas, e licen-

ciada a tropa sob seu commando, por não o ter querido acompanhar, teve o capitão João Propicio de sofrer cruel perseguição, sendo preso e privado pelo espaço de quasi seis mezes de prestar serviços á legalidade como era de seu desejo, e apesar das seducções a que se seguiram ameaças, arrostou corajosamente todos os sacrificios, e abandonando a sua não pequena fortuna, que deixou á descripção dos rebeldes, escapando com alguns homens, foi incorporar-se ao major Roberto Antonio de Sousa, em Setembro, para juntos operarem como fosse mais conveniente á causa legal.

Fazendo parte da divisão da direita em operações, portou-se com denodo em todos os encontros com os rebeldes, mormente na guerrilha que lhes fez aquem da capella do Viamão, cobrindo a retirada da divisão. Os factos acima transcriptos foram completados á vista de um attestado passado em Porto Alegre, no dia 24 de Julho de 1839, pelo brigadeiro reformado José Maria da Gama Lobo Coelho d'Eça, depois Barão de Saycan, que assim termina:

«Observei em toda a marcha, e mesmo na retirada e guerrilha aquem da Capella do Viamão, a prestesa, actividade e valor deste official, pois que, nascido de pais guerreiros, quer com seus feitos eternisar o nome d'aquelles, e chegando aqui, foi mandado para a picada commandar uma força das tres armas que ali se estacionou, cuja commissão desempenhou como se esperava. Eu, faltaria á verdade, si não elogiasse um official tão benemerito e que tanto conceito me merece».

Por decreto de 2 de Dezembro de 1841, foi nomeado official da ordem da Rosa, pelos serviços até então prestados contra a rebellião, e, por outro, de 25 de Março do anno seguinte, teve o habito de cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro. Tomou parte na acção do Poncho Verde, pelejada a 26 de Maio de 1843, e foi elevado a coronel chefe de legião da guarda nacional, commandou a 3.^a e a 7.^a brigadas e a guarnição da villa de S. Gabriel. Por decreto de 23 de Julho foi nomeado commendador da ordem da Rosa. Na noite de 4 de Novembro marchou á frente de 600 homens para bater os rebeldes no campo de Alexandre Ribeiro, conseguindo, no dia seguinte, acossal-os debaixo de vivo

fogo, obrigando-os a refugiar-se no Estado Oriental; a 14 do mesmo mez, tornou da mesma fórma a perseguil-os nas pontas do Iguapitangui, obrigando-os, pela segunda vez, a transpôr a linha divisoria, sendo por este feito d'armas elogiado pelas ordens do dia 20 do mesmo mez e de 4 de Dezembro, tudo de 1844.

Por decreto de 25 de Março de 1845 foi nomeado coronel honorario do exercito pelos serviços prestados na então extincta revolução, pugnando pela causa da legalidade em amparo do throno do imperador D. Pedro II. Sendo promovido á effectividade do posto de coronel para o exercito de 1.^a linha, com exercicio de commandante do 4.^o regimento de cavallaria ligeira, por decreto de 30 de Setembro de 1846, deixou o commando da 4.^a brigada e fronteira de Alegrete, que exercia desde coronel honorario.

A 2 de Abril de 1849, passou a commandar a 3.^a brigada, de cujo commando foi transferido para o da 6.^a e fronteira de Jaguarão e Bagé; passando depois a commandar tambem as fronteiras de Quarahim e Missões, e a dita brigada com a denominação de *terceira*. Por occasião dos disturbios occorridos nas fronteiras do Quarahim e Bagé, prestou serviços taes, que foram mandados considerar extraordinarios em tempo de paz, desde 1.^o de Janeiro até 16 de Maio. Deixou o commando da fronteira de Missões a 28 de Outubro, tudo do alludido anno de 1850.

Em 1851 foi-lhe confiado o commando de uma nova brigada com a mesma numeração, e com ella marchou para o Estado Oriental do Uruguay, onde fez toda a campanha, concluida a 4 de Janeiro de 1852. Assumiu depois o commando da fronteira de Bagé, recebendo ahi a medalha de ouro concedida aos que fizeram a reterida campanha do Uruguay.

Nomeado official da ordem do Cruzeiro, em remuneração dos serviços prestados na campanha do Uruguay, sendo elogiado pela presidencia da provincia, pela maneira satisfactoria com que exercia o commando, de que foi exonerado em 1854, marchou para Montevidéo commandando a 1.^a brigada da Divisão Imperial Auxiliadora,

a 25 de Março do mesmo anno, de onde regressou no anno seguinte, assumindo o commando da 4.^a brigada e guarnição da villa de S. Gabriel.

Foi, então, graduado em brigadeiro, deixando a 27 de Julho os alludidos commandos, que desempenhou como sempre a contento das autoridades superiores. Organizada em 1856 a Divisão de Observação, passou a commandar a 5.^a brigada da mesma e guarnição de S. Gabriel, onde recebeu a patente de brigadeiro effectivo.

Por outro decreto, de 3 de Outubro de 1857, foi nomeado commandante da 1.^a divisão do corpo de exercito de observação, na provincia do Rio Grande do Sul. Por carta imperial de 1858 foi nomeado 1.^o vice-presidente do Rio Grande do Sul, e agraciado com a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro.

Em 1869 foi nomeado commendador da ordem da Rosa, elevado a marechal de campo e nomeado commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul, assumindo o exercicio em S. Gabriel, onde se achava; e o deixou logo depois por ter sido designado, por despacho imperial de 22 de Setembro, para commandante em chefe do exercito do Rio Grande do Sul, que organisou no municipio de Bagé, acampando no Pirahy-Grande.

Desde o principio de Janeiro desse anno lavrava a guerra civil no Estado Oriental, e o governo brasileiro, justamente indignado pelos actos da mais inqualificavel barbaria, exercida contra os nossos compatriotas residentes em diversas localidades dessa republica, havia sido forçado a intervir no conflicto, originando-se d'ahi a campanha Oriental, que terminou em Fevereiro de 1865, quando já empenhados nos achavamos com a do Paraguay.

Assim que rompeu a guerra do Paraguay, o marechal João Propicio organisou o seu corpo de exercito em duas divisões, commandadas, a 1.^a, pelo brigadeiro Manuel Luis Osorio, e a 2.^a, por seu sobrinho, o tambem brigadeiro José Luis Menna Barreto. Cada divisão se compunha de tres brigadas, fazendo parte da 1.^a a do coronel Candido Brandão, formada com regimentos de cavallaria; a do coronel Carlos Resin, com os batalhões de infantaria e a do brigadeiro honorario Andrade Neves, depois Barão

do Triunpho, com os corpos provisórios de cavallaria da guarda nacional. (*)

A 1.º de Dezembro de 1865 marchou deste acampamento com todo o seu exercito o general João Propicio, deixando guarnecidas as fronteiras de Quarahim a S. Borja pelas forças do brigadeiro David Canabarro. A sua acção durante esta campanha encheu-o de novos e mais brilhantes louros, até que finalmente, tolhido pela tuberculose pulmonar de que veio a fallecer, se viu forçado a solicitar do governo da cõrte que lhe mandasse um substituto. Mas logo, a 20 de Fevereiro do anno seguinte, foi celebrado o convenio da capitulação com a convenção de paz, ao qual assistiram o marechal João Propicio e o immortal almirante gaúcho Marquez de Tamandaré.

Chegando da capital do imperio o aviso de 18 de Fevereiro, que designava o brigadeiro Manuel Luis Osorio, para substituir no commando em chefe do exercito brasileiro o marechal João Propicio, pelos motivos acima, passou-lhe este o mesmo commando no dia 1.º do seguinte mez de Março, tendo tambem recebido o decreto da mesma data, que o condecorou com o titulo de Barão de S. Gabriel.

Recolhendo-se ao Brasil, passou a residir na cidade de S. Gabriel, sendo definitivamente exonerado do commando em chefe do exercito em operações no Estado Oriental, por decreto de 19 de Maio de 1865, por se terem aggravado os seus padecimentos, dos quaes veio a fallecer a 9 de Fevereiro de 1867, naquella cidade.

MENNA BARRETO V

O marechal José Luis Menna Barreto II, filho do bravo coronel do mesmo nome, nasceu em Porto Alegre a 24 de Outubro de 1817 e falleceu na mesma cidade a

(*) O marechal João Propicio, depois Barão de S. Gabriel, poz-se á frente do exercito com um cáustico aberto que lhe tomava todo o peito, devido á tuberculose que já lhe devorava os pulmões, matando-o lentamente. — M. T.

10 de Outubro de 1879. Foi de todos os representantes desta heroica dynastia o que mais se elevou por seu proprio valor pessoal, pois, ficando orphão na mais tenra idade, luctando com a pobreza desde que sahio do berço, conquistou palmo a palmo o terreno que percorreu, á custa dos maiores sacrificios, sem nunca desanimar.

Conheci-o de perto; além dos laços de parentesco, fui seu amanuense na inspeccão dos corpos estacionados em nossa provincia, em 1875. (*) O marechal José Luis era alto e magro, como seu tio o marechal Barão de S. Gabriel. Depois do grave ferimento que recebeu na batalha de *Tuyu-Cué*, (uma bala atravessou-lhe o rosto, arrancando-lhe parte do maxillar superior e desenhando-lhe em ambas as faces as repuxadas suturas causadas pela entrada e a sahida do projectil). Isso dava-lhe uma serena expressão de attrahente fealdade, que contrastava com o seu olhar meigo e vivo, parecendo assim sorrir constantemente, como o heróe do romance de Victor Hugo — *L'Homme qui rit*.

Era um typo leonino com ternuras columbinas. Severo á primeira vista, era meigo no trato familiar e intimo. Nenhum outro chefe militar, entre nós, sabia manter a rigidez da disciplina de modo a não ferir os melindres de susceptibilidade de seus commandados. Assentando praça aos 18 annos de idade, concluiu os seus primeiros estudos nas aulas regimentaes, interrompendo-os numerosas vezes para tomar parte nas marchas forçadas pelas exigencias da guerra, estreando a sua bravura logo nos primeiros combates da revolução dos *Farrapos*, defendendo a causa legal.

Salientou-se, ainda cadete do 2.º regimento de cavallaria, nos renhidos combates de 20 de Setembro de 1835, nos arredores de Porto Alegre, e de 26 do mesmo mez, no cerco e tomada da Capella Grande. A 10 de Janeiro do anno seguinte, em Rio Pardo, tomou parte na batalha ali travada. Só em 1838 foi promovido a alferes, quando já contava na sua brilhante fé de offi-

(*) Fui cadete de primeira classe, do 5.º regimento de cavallaria ligeira, que fôra commandado na guerra do Paraguay por meu tio João Sabino Menna Barreto, de 1873 a 1876.

cio numerosos feitos de extraordinaria bravura. Tomou parte na campanha de 1842, commandando o piquete do general em chefe José Maria da Silva Bittencourt, sendo então promovido a tenente e elevado ao posto de capitão graduado.

Em 1847, já capitão effectivo desde 1843, foi promovido a major, indo fiscalisar o 4.º regimento de cavallaria, fazendo neste posto a campanha de 1851, sendo nomeado official da ordem da Rosa, promovido a tenente-coronel, assumindo o commando do 1.º regimento, estacionado na cõrte do Imperio, em 1855. Recebeu então do imperador D. Pedro II as mais vivas demonstrações de particular estima pelo seu comprovado valor. Só então poude descançar da vida errante dos acampamentos, resolvendo completar o curso das tres armas.

A sua solicitação, porém, nesse sentido, não poude ser attendida, como se vê do seguinte despacho do ministro da guerra:—«O supplicante, pelo seu posto superior, não está no caso de se matricular; e, si tem vontade de estudar, o poderá fazer particularmente, obtendo depois licença para fazer exame das materias que se ensinam na Escola Militar.—Em 14 de Fevereiro de 1856». Promovido a coronel nesse mesmo anno, regressou ao Rio Grande do Sul afim de assumir o commando do 4.º regimento de cavallaria, assumindo em seguida o commando da 2.ª brigada do corpo de exercito de observação e commandante da fronteira e guarnição de S. Borja, recebendo então a commenda da Rosa.

Commandou posteriormente a 3.ª brigada e guarnição de Jaguarão, desde 1860 até 1862; sendo em 1864 promovido a brigadeiro e nomeado commandante da 2.ª divisão do exercito em operações no Sul, sob o commando geral de seu tio o marechal João Propicio Menna Barreto, com quem marchou contra Montevideó, distinguindo-se tanto o tio como o sobrinho em todos os combates, até a tomada de Paysandú, que durou tres dias de renhidos combates. José Luis foi então galardoado com a dignitaria da ordem de que já era commendador.

A sua personalidade guerreira manifestou-se na plenitude do valor durante quasi todos os combates da prolongada guerra do Paraguay, desde a rendição de Uruguayana, a 18 de Setembro de 1865, até á tomada

da praça de Peribebuy, a 12 de Agosto de 1869, deixando de tomar parte nos combates que se seguiram áquelle em que foi ferido, pela gravidade em que permaneceu durante quasi seis mezes, no fim dos quaes voltou aos campos de batalha, no desempenho do cargo de deputado do ajudante-general junto ao commandante em chefe marechal e principe Conde d'Eu, que na sua ordem do dia de 14 de Novembro de 1869, diz:

«O brigadeiro José Luis Menna Barreto, no ataque e tomada da praça de Peribebuy, a 12 de Agosto ultimo, deu mais uma prova de seu conhecido valor: em 16 foi nomeado para commandar interinamente o 1.º corpo de exercito, e nesse commando, na batalha de *Nhuguassú* ou *Campo-Grande*, conquistou, palmo a palmo, o terreno immediato ao arroio *Juquery* e conseguindo transpô-lo obrigou o inimigo a deixar em nosso poder as 7 bocas de fogo que o protegiam.

Não posso sem injustiça deixar de expressar que as honras da victoria alcançada pelo 1.º corpo de exercito, são devidas ao dedicado commandante interino o imperterrito brigadeiro José Luis Menna Barreto, cujas acertadas ordens e disposições são as que mais concorreram para o brilhante e completo resultado obtido, ao passo que seu já muitas vezes comprovado valor e imperturbavel calma servia como de ponto de apoio e de centro ao valor não inferior de seus subordinados.

A's 3 horas da tarde o resto dos inimigos espavoridos e dispersos tinham desaparecido na extrema matta que nos separava de *Caraguatahy*; o campo de batalha, juncado de dois mil cadaveres inimigos, nos apresentou com trophéus de tão bella jornada não menos de 23 bocas de fogo; prisioneiros feitos, entre os quaes varios officiaes da confiança de López, sobem a 1.300, e dos inimigos dispersos e separados dos seus chefes mais de mil posteriormente se apresentaram ao nosso exercito; grande numero de carretas com munições. Cumpro um dever fazendo novamente especial menção do brigadeiro José Luis que como commandante do corpo de exercito, pelo seu valor, actividade e pericia mais poderosamente concorreu para os resultados conquistados».

Terminada a grande guerra, voltou este heróe ao Rio Grande do Sul, onde assumiu o commando da guarnição e fronteira de Missões, já no posto de marechal de campo. Em 1872 foi nomeado inspector dos corpos de artilharia e cavallaria e em 1878 commandante das armas da mesma provincia, no exercicio de cujo cargo veio a fallecer, victimado por uma congestão cerebral, a 10 de Outubro de 1879, seis dias depois de ter fallecido o seu grande amigo e companheiro de armas general Osorio, o legendario Marquez do Herval.

MENNA BARRETO VI

O coronel João Sabino de Sampaio Menna Barreto, filho do bravo coronel José Luis Menna Barreto, nasceu em Porto Alegre a 4 de Julho de 1824 e morreu em 1872, na capital do Paraguay, onde commandava as nossas forças ali conservadas para garantir a reorganisação do paiz vencido. Si o governo imperial não tomasse essa cautelosa e humanitaria medida, a Argentina teria fatalmente absorvido absorvido aquella heroica e anarchisada nação, victimada á insaciavel ambição do seu cruel dictador Solano López.

A esposa deste heroico riograndense, D. Carlota de Avila Menna Barreto, virtuosissima senhora, digna de figurar na galeria das nossas mulheres celebres, acompanhou o marido na guerra, tomando parte a seu lado em numerosos combates e prestando serviços nos hospitaes de sangue aos nossos soldados feridos nas batalhas. E o seu inclyto esposo, que tanto se distinguiu em numerosos combates, sem nunca ser ferido, veio a morrer em plena paz e longe da patria, repentinamente fulminado em syncope cardiaca, no palacio do governo, onde residia, e no qual tambem fallecera, um anno antes, o bravo Andrade Neves, Barão do Triumpho, victima de uma febre proveniente de ferimento de bala.

Morto seu esposo, D. Carlota conservou-se em Asumpção, indo diariamente chorar e resar sobre a sua sepultura no *Cementerio de los Brasileños*, até que esses

amados despojos pudessem ser trasladados para a terra natal. Regressou ella, então, a Porto Alegre, com as cinzas do marido, acompanhada por seu sobrinho o marechal Sebastião Bandeira, que era ainda alferes de cavallaria. De chegada a Porto Alegre hospedou-se ella em nossa casa, onde a urna funeraria foi conservada durante uma semana na sala de visitas transformada em camara ardente, para a visitaçãõ publica, que foi enorme.

Realisou-se o sahimento, com as maiores pompas officiaes, indo eu á frente do prestito representando a familia, e em seguida ao meu carro o do presidente da provincia, conselheiro Azevedo Castro, seguindo-se os do commandante das armas, deputaçãõ provincial, vereadores, officialidade da guarniçãõ e alto funcçionalismo, sendo enorme a multidãõ agglomerada nas ruas. As continencias e salvas marciaes foram-lhe prestadas em frente á nossa casa e ao chegarmos ao cemiterio, falando dois oradores junto á sepultura (José Bernardino dos Santos e o general Maciel Sobrinho, então tenente) e recitando eu os versos que transcrevo do volume das minhas *Violetas*:

JOÃO SABINO MENNA BARRETO

Sabeis quem era o bravo, que hoje vemos
Neste fúnebre esquife amortalhado?
Era o filho de um inclyto soldado,
Neto de heróes, de heróes tambem irmão!
No seu peito ostentava sobranceiro
Nobresa, cicatrizes e medalhas;
E contando os seus annos por batalhas,
Contava uma victoria em cada acçãõ.

Criança ainda, abandonou os lares
E foi, nas longes plagas estrangeiras,
Ao rugir dos canhões, nossas bandeiras
Ao vento da victoria desfaldar:
Mostrando que o valor dos brasileiros
Se ostenta desde o berço á sêpultura,
E que a espada que teve na cintura
Merece ser guardada num altar.

Este, era tão valente e generoso
Como aquelles guerreiros espartanos
Que no peito ou na frente dos tyrannos
Enfiavam a lança triumphal!
E longe dos seus lares, entre estranhos,
A' frente das phalanges mais galhardas,
Adormecia ao ronco das bombardas...
E despertava ao hymno nacional!

Si o visseis no mais forte dos combates,
 Rasgando pelotões assoberbados,
 Avançando na frente dos soldados,
 Attônitos de ver tanto valor;
 E sumindo-se em nuvens de fumaça,
 De novo apparecer, ébrio de gloria,
 Como si fosse o genio da victoria
 Na transfiguração de outro Thabor!

Si o visseis, delirante de bravura,
 Surdo talvez ao sibillar das balas,
 De espada em punho, destroçando as alas
 De innúmeros contrarios batalhões;
 Dirieis que o seu braço era de ferro,
 A espada um raio, o peito uma muralha,
 Resistindo ao diluvio da metralha,
 Ao som de gritos, ais, e maldições!...

E jamais se cobrira de couraças,
 Resguardado em escudo, na estacada:
 Numa das mãos a rédea, na outra a espada,
 Exposto o peito ás balas e aos punhaes!
 E si inda assim fez tanto como aquelles
 Priscos heróes de fabulosa idade,
 E' que lutava em prol da liberdade,
 Seguindo o nobre exemplo de seus pais!

Por isso, foi valente e generoso
 Como aquelles guerreiros espartanos
 Que no peito ou na frente dos tyrannos
 Os alfanges timbravam de afiar.
 E mostrou que o valor dos brasileiros
 Na savana gaúcha mais fulgura;
 E que a espada que tiram da cintura
 Merece ser guardada num altar.

Estes versos, que escrevi quando apenas contava 17
 annos de idade, não mereceriam a honra da transcrição
 si o meu intuito não fosse tributar mais um preito de admiração
 á memoria do heróe. Trinta e quatro annos depois, na viagem
 que fiz ao Paraguay, em 1909, desembarquei em Humaytá, e em
 Villeta, para pisar o terreno que meus tios e primos regaram
 com o seu sangue derramado na guerra. Fui a cavallo de Villeta
 a Assumpção, tendo por *vaqueana* uma linda joven paraguaya,
 que me repetia risonha:—*El camino és lindo y la ciudad es cerca...*
 Tomei o caminho historico e no dia seguinte estava no palacio
del Gobierno, meditando no vasto aposento onde morreu meu
 tio João Sabino.

O illustre Dr. Decou, então presidente da republica eleito, mas ainda não empossado, lembrando-se dos tempos em que conviviamos na maior intimidade na côrte, quando era elle ali o ministro plenipotenciario do seu paiz, offereceu-me um almoço no Hotel Palma, e levou-me em seguida ao *Cemeterio de los Brasileños*, onde dobrei o joelho ante o tumulo de Andrade Neves e vi o logar onde fôra enterrado João Sabino, cujo cadaver a familia piedosamente transportou para a terra natal, ao passo que até hoje o daquelle repousa tão longe da patria. E repeti, então, ao meu amigo as palavras de Horacio:—*Non est hic locus...*

MENNA BARRETO VII

O general João Manuel Menna Barreto nasceu em Porto Alegre a 7 de Julho de 1827 e morreu na guerra do Paraguay, ferido no assalto e tomada de Pirybebuy, a 12 de Agosto de 1869. Foi um dos generaes mais moços da sua geração, ora conquistando os postos por merecimento, ora por actos de bravura. Diz delle o escriptor patricio Achilles Porto Alegre: — «Tem-se dito e repetido que escrever sobre a familia Menna Barreto é traçar o historico da vida militar do Rio Grande do Sul e do Imperio.

Realmente. O Brasil encerra em seus gloriosos fastos muitos nomes de soldados que se tem transmittido de geração em geração, sendo que os Menna Barretos são desses nomes os que mais se têm reproduzido em feitos de valor. Já em 1867, ao traçar a biographia do brigadeiro João Manuel Menna Barreto, era isso notado por Eudoro Berlink. Soldado valente, de uma disciplina inflexivel, João Manuel fez uma carreira rapida e conquistou todos os seus postos por merecimento e bravura.

Era no tempo em que o Imperio atravessava um periodo agitado com os nossos visinhos da fronteira. A campanha do Paraguay estava prestes a desabar sobre nós, e em cada soldado brasileiro havia um actor em preparo para entrar nas scenas que se iam representar no

palco estrangeiro. De facto, quando a guerra rompeu, com a invasão perversa do inimigo, João Manuel empunhou a espada e marchou para a lucta. Já era um guerreiro experimentado. Tinha feito as campanhas do Uruguay e fôra promovido a coronel por actos de bravura no ataque de Paysandú.

D. Pedro II conhecia-o de perto, pois João Manuel commandara na côrte o 1.º regimento de cavallaria, guarda do Imperador. Isto mais o estimulava. A caminho do Paraguay, no primeiro semestre de 1865, como commandante do 1.º batalhão de Voluntarios da Patria, o coronel João Manuel Menna Barreto foi informado da invasão, quando estava nas proximidades de S. Borja. — «Na sua marcha (diz Eudoro Berlink) scenas de desolação desenhavam o horror da invasão; o terror dominava as familias, que fugiam do inimigo.

No meio de toda essa scena de lagrimas, diante do forte exercito inimigo, de 6.000 homens, diante do roubo, da violencia, do incendio e da morte, *só setenta* bravas lanças riograndenses e um batalhão de paizanos! Bater o inimigo seria loucura pensar: era, porém, preciso salvar a honra da patria e a vida das familias de S. Borja, nova Thermopilas». — A despeito de sua pertinacia e valor, nada conseguiu contra o inimigo poderoso o nosso pequeno trôço de soldados, mas ainda assim fez uma retirada honrosa. Depois disso, o general João Manuel reuniu-se ao grosso do exercito, assistiu á tomada de Uruguayana e foi assumir o commando de uma brigada que estacionava em S. Gabriel».

Ainda a guerra ia accesa, quando o bravo coronel foi chamado á côrte, e reassumiu o commando do 1.º regimento. Não era este, porém, o logar que lhe convinha. A guerra proseguia e João Manuel era attrahido para ella. Voltou, pois, á campanha, sendo-lhe confiado pelo Marquez de Caxias um posto de destaque. A 1.º de Junho de 1867 recebia os bordados de brigadeiro, e pouco depois figurava salientemente nos combates de Outubro e Novembro desse anno. No anno seguinte distinguuiu-se nas batalhas de Avahy e Lomas Valentinas.

Distinguido pelo príncipe e marechal Conde d'Eu, foi-lhe confiado o commando da 1.ª divisão de cavallaria, tendo sido continua e incansavel a sua assistencia

contra o inimigo. Recebeu, então, a medalha de merito militar. Infelizmente o denodado general gaúcho foi mortalmente ferido por bala, que lhe varou o craneo, no celebre assalto e tomada de Piribebuy, dirigido pelo glorioso principe Conde d'Eu. A existencia de João Manuel Menna Barreto foi uma série de alevantados serviços á patria, não só nos campos de batalha como no commando geral das fronteiras de Sant'Anna do Livramento, Uruguayana e Missões, e ainda como commandante das armas da provincia. Seu nome vive na historia como um dos mais nobres e valentes soldados do Rio Grande do Sul.

OS TRES MARQUES DE SOUSA

Os tres generaes deste nome — Manuel Marques de Sousa, formam mais uma brilhante dynastia guerreira de riograndenses. Avô, pai e filho, todos desempenharam galhardamente os respectivos papeis no theatro da guerra e no scenario da paz.

O primeiro nasceu na villa de Jesus Maria José, hoje a cidade do Rio Grande, em 1760, e falleceu na côrte do Imperio a 22 de Abril de 1822, pouco antes de ser proclamada a independencia do Brasil, que era o seu sonho doirado, segundo me disse seu digno neto, o illustre marechal Conde de Porto Alegre.

Morreu o primeiro Manuel Marques de Sousa no posto de brigadeiro; e era ainda coronel de cavallaria montada, quando atacou e apossou-se do forte de Serro Largo, derrotando as forças hespanholas nelle entrincheiradas, a 27 de Fevereiro de 1801.

Ainda neste mesmo anno inflingiu mais uma derrota áquellas tropas, no renhido combate de 30 de Outubro, que decidiu do destino das constantes guerrilhas com os nossos trêfegos visinhos do Rio da Prata, que tanto deram que fazer ás inclytas espadas dos Menna Barretos, Marques de Sousa, Rafael Pinto Bandeira, José Ignacio da Silva e José de Abreu, Barão do Serro Largo.

MARQUES DE SOUSA II

O segundo Manuel Marques de Sousa, que antes de completar quarenta annos de idade já ostentava as brilhantes dragonas de general, nasceu em Porto Alegre, a 24 de Outubro de 1780, e morreu, envenenado, em Montevidéo, a 21 de Novembro de 1824.

Digno herdeiro e continuador do nome paterno, cujas tradições conservou na mesma esphera de patriotismo e bravura, demonstrou que as esporas d'ouro dos mais insignes cavalleiros não precisam ser herdadas para conduzir o seu corcel á victoria, distinguindo-se tanto na paz como na guerra, por feitos do mais alto valor pessoal.

A 24 de Setembro de 1816 o segundo Marques de Sousa derrotou, no passo de Chafalote, as forças de Fructuoso Rivera, a quem inflingiu nova derrota, no celebre combate da *India Morta*, a 19 de Novembro daquelle mesmo anno (1816). — De seu digno filho, o immortal Conde de Porto Alegre, falarei em seguida, embora altere assim a ordem chronologica rigorosamente observada neste livro.

CONDE DE PORTO ALEGRE

(MARQUES DE SOUSA III)

O terceiro Marques de Sousa, filho do precedente, chegou ao posto de tenente-general, foi grande do Imperio, Barão e Conde de Porto Alegre. Nasceu na cidade do Rio Grande a 13 de Junho de 1804, vindo a fallecer, a 18 de Julho de 1875, na cidade do Rio de Janeiro, onde representava a nossa provincia natal na Assemblêa Geral Legislativa.

Assentou praça quando contava apenas 13 annos de idade, no 1.º regimento de cavallaria ligeira da Divisão de Voluntarios Reaes, que se achava de guarnição em Montevidéo, capital da nossa provincia Cisplatina; e logo em seguida teve o seu baptismo de fogo, batalhando ao

lado de seu heroico pai, em todos os combates feridos de 1818 a 1822.

Promovido a alferes em 1818, quando apenas contava 14 annos, tomou parte nos combates do *Pando* (a 30 de Março) e de *Manga* (a 1 de Abril). Ainda nesse posto, coube-lhe a honra de ir á côrte do Rio de Janeiro para, representando o exercito, cumprimentar o Imperador D. Pedro I pela sua elevação ao throno. Regressando ao Sul, salientou-se no combate de *Las Piedras*, sob o commando de seu pai, sendo então promovido ao posto de tenente por actos de bravura. Em 1823 voltou ao Rio de Janeiro, onde se matriculou na Academia Militar.

Declarada a revolução dos *trinta y tres* a 19 de Abril de 1825, entre as medidas tomadas para debellal-a, figurou a suspensão das matriculas dos militares que pertenciam aos corpos do Sul, pelo que, bem a seu pesar, teve o tenente Marques de Sousa de interromper os estudos iniciados, seguindo a apresentar-se ao tenente-general Visconde da Laguna, em Montevidéo.

Organizado o exercito que devia enfrentar-se com o de Alvear, passou a servir sob as ordens do brigadeiro commandante da 1.^a divisão, Sebastião Barreto, a que primeiro investiu contra o inimigo na celebre batalha de Ituzaingó.

Foi então promovido a capitão, passando a servir na divisão de observações estacionada em Montevidéo, sendo graduado no posto de major, em attenção aos serviços que continuou a prestar, e transferido para o 4.^o regimento de cavallaria, de que haviam sido commandantes seu pai e seu avô.

Rebentou a revolução dos *Farrapos*, na qual tanto se distinguiu em defesa da legalidade. A 7 de Abril de 1836, fazendo parte da guarnição de Pelotas, que se compunha de 80 praças sob o commando do coronel Albano Bueno, cahiu prisioneiro do general Sousa Netto, que com 600 homens destroçou a pequena força legal. Pode-se calcular quanto soffreu, como prisioneiro, durante a penosa marcha que fez até Porto Alegre, pelo triste fim que teve seu leal companheiro de infortunios o coronel Albano, que durante ella foi fuzilado. Lançado no porão do *presiganga* ao chegar a Porto Alegre, esteve

sujeito a todos os horrores de uma prisão tão immunda e perigosa, onde era ameaçado a cada passo de ter igual sorte á daquelle seu companheiro, se pretendesse subtrahir-se a tamanha penuria.

No entretanto tentavam alguns legalistas o restabelecimento da lei, e conhecendo elles os sentimentos e a coragem do major Marques, não hesitaram em consultal-o, iniciando-o em seus projectos. Por mais de uma vez, por carencia absoluta de meios, abortaram esses planos, tendo portanto ameaçada a vida por igual numero de vezes, e o barbaro assassinato do coronel Vicente Freire, por tal motivo, não o fez no emtanto fraquear.

Arrostando os innumerados perigos a que se achava exposto, continuou do fundo de tão infecta prisão a trabalhar com os seus denodados companheiros, dando tudo como resultado a contra revolução de 15 de Junho de 1836, em Porto Alegre, em que os legalistas cantaram victoria.

Mas não estava tudo feito; era preciso que a causa que defendiam fosse sustentada a todo transe. Com o governo legal estavam somente a cidade do Rio Grande e S. José do Norte, porém sitiadas, e o coronel Bento Manuel, que a ninguem inspirava confiança, por viver a bandear-se de um para outro arraial, então commandante das armas, achava-se na campanha, sem destino certo, cercado apenas de diminuta força.

Em Porto Alegre contavam os legalistas cerca de 400 homens, mal armados e pouco adestrados em trabalhos de guerra, pelo que os revolucionarios, em numero cinco vezes maior, não hesitaram em dar successivos assaltos a essa importante posição, que não souberam conservar. A defesa, porém, tornou-se heroica. Esses poucos bravos, guiados por velhos e aguerridos chefes, praticaram actos da mais destemida bravura e sangue frio, como poucos se têm dado, tornando para sempre memoraveis os dias 18 e 30 de Junho e 20 de Julho de 1836.

E quem commandou essa praça de guerra por determinação dos referidos chefes, nesses difficeis dias, foi o major Manuel Marques de Sousa, fazendo os serviços que competia a todas as graduações e empregos militares precisos em um ponto sitiado, e disso deram os

melhores attestados os legendarios generaes João de Deus Menna Barreto, (*) Chagas Santos, e outros que ahi se achavam. Por decreto de 18 de Fevereiro do anno seguinte, teve Marques de Sousa a effectividade do posto de major, e a cidade de Porto Alegre o titulo de *Leal e Valorosa*.

Depois de serviços tão relevantes, e tendo em muito alterada a sua saude pelas privações que soffrera como prisioneiro, em Outubro desse anno requereu e obteve seis mezes de licença para tratar-se na côrte, onde se apresentou em Novembro; esgotada a licença sem nenhum resultado, por conselho de seu medico solicitou outra de igual tempo para ir á Europa com o mesmo fim, a qual lhe foi concedida a 20 de Junho de 1837.

Regressando da Europa, por decreto de 20 de Agosto de 1838 teve a graduação de tenente-coronel, mas, não de todo restabelecido de seus incommodos, conservou-se com parte de doente na cidade do Rio Grande, só assumindo o commando do 2.º regimento de cavallaria, já na effectividade do posto, por decreto de 2 de Dezembro do anno anterior.

Promovido a coronel para o mesmo regimento, a 27 de Março de 1842, no anno seguinte, pela ordem do dia do general Conde de Caxias, de 11 de Junho, foi louvado «pelo bem com que se houve no commando da expedição que seguiu á margem direita do rio S. Gonçalo». O coronel Marques de Sousa, na sua marcha, aproveita o ensejo de achar-se perto da villa do Piratiny, capital da republica, nella consegue entrar, batendo a força que encontrara, fazendo elevada presa de armas, munições, etc.; depois percorre todo o territorio entre a Lagôa-Mirim e o oceano, até o arroio Chuy, regressando ao quartel-general do commando em chefe com cerca de 4.000 cavallos.

(*) Mais tarde Visconde de S. Gabriel, a quem muitos confundem nesse feito, com seu filho, brigadeiro reformado Gaspar Francisco Menna Barreto, que, collocando-se tambem ao lado dos legalistas, muito os auxiliou, pelo que, por decreto de 20 de Agosto de 1838, foi melhorada a sua reforma no posto de marechal de campo, «em attenção aos relevantes serviços que prestou em defesa da ordem publica e integridade do imperio».

O general em chefe, firme no proposito de não dar descanso aos revolucionarios, ao encetar as operações em 1844, designou o coronel Marques de Sousa para guardar a importante villa de S. Gabriel, com forças sufficientes para repellir quaesquer tentativas dos revolucionarios. — Terminada a lucta, conforme a proclamaram os chefes revolucionario e imperialista a 28 de Fevereiro e 1.º de Março de 1845, ao coronel Marques de Sousa coube a honrosa missão de embarcar para o Rio de Janeiro conduzindo a bôa nova ao governo imperial, por escolha do seu chefe o marechal Conde de Caxias.

Dois annos depois, por decreto de 14 de Março, o governo, em attenção aos seus importantes serviços, lhe concedia a graduação de brigadeiro e dava-lhe o commando da 2.ª brigada de cavallaria, no qual conservou-se até Abril de 1848, por ter sido estãõ designado para desempenhar outra commissão na côrte.

A 3 de Fevereiro de 1852, em *Monte Caseros*, se cobriu de gloria o exercito nacional, dando ganho de causa á liberdade de ha muito perdida pelos nossos irmãos do Rio da Prata, e, conforme se vê do boletim do exercito alliado dando conta dessa batalha: «O Sr. brigadeiro Marques de Sousa, chefe do centro e das forças brasileiras, deu mais um dia de gloria á patria, accrescentando novos louros á sua frente e grangeando o respeito e gratidão dos seus alliados».

O general em chefe do exercito brasileiro, em sua participação ao governo, de 12 de Fevereiro, referindo-se á batalha, disse: — «O brigadeiro Manuel Marques de Sousa, commandante della, mostrou no dia dessa memoravel batalha muito tino e valor, dirigindo o combate do centro da linha inimiga, sem duvida o ponto mais forte della, prevenindo mesmo o ataque quando viu que a occasião era opportuna. Nossos batalhões manobravam como se estivessem em parada, e isso aterrou consideravelmente o inimigo.

Eu recommendo a S. M. o Imperador este official general, que faz honra ao exercito brasileiro. Na inclusa referida parte que elle me dirigiu se relatam todos os pormenores da acção e a ella me refiro em tudo. Ao proprio general Urquiza ouvi fazer-lhe os maiores elogios; e tal foi a confiança que elle lhe soube ins-

pirar, que aquelle general lhe confiou o commando do centro do seu exercito; e addicionando á divisão brasileira que commandava mais tres batalhões de argentinos e uma forte bateria de artilharia, o encarregou de tomar o ponto sem duvida o mais forte da linha inimiga».

A 1.º de Março retirou-se para Montevideo a 1.ª divisão do commando do brigadeiro Marques de Sousa que se reuniu ao grosso do exercito imperial, tendo sido elogiado em ordem do dia de 5 do mez anterior pela coragem e sangue frio com que se houve na referida batalha de Moron. Do governo imperial recebeu o brigadeiro Marques de Sousa, pela sua invejavel conducta o significativo titulo de Barão de Porto Alegre, com honras de grandeza e bem assim a promoção a marechal de campo, e a medalha de oiro concedida aos officiaes generaes que fizeram as campanhas do Uruguay e Argentina.

A 26 de Junho assumiu em Jaguarão o commando interino do exercito do Sul, do qual foi dispensado a 24 de Setembro para assumir o das armas da provincia do Rio Grande do Sul. No anno seguinte recebeu mais a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro, tendo deixado o commando das armas do Rio Grande do Sul a 5 de Março, conforme havia solicitado, continuando a residir em Porto Alegre.

A 20 de Fevereiro de 1856, levado pelos soffrimentos physicos de character chronico, que os reputava adquiridos na sua laboriosa vida militar, solicitou reforma, a qual só lhe foi concedida a 7 de Julho, sendo-lhe passada a patente de tenente-general a que por lei fizera jus. Deixando assim a actividade militar, entregou-se no entretanto o Barão de Porto Alegre á não menos agitada carreira politica, conseguindo em 1858 entrar na lista triplíce para senador, sendo porém escolhido um dos seus competidores. Em 1861, eleito deputado á Assembléa Geral, a 24 de Maio de 1862 occupou a pasta da guerra no ministerio Zacarias.

Com a declaração de guerra ao Brasil pelo dictador do Paraguay e consequentes invasões de Matto-Grosso a 26 de Dezembro de 1864 e do Rio Grande do Sul a 10 de Junho de 1865, no Barão de Porto Alegre reavivaram-se os antigos ardores de guerreiro e patriota exal-

tado, pondo-se logo á disposição do governo, que o nomeou commandante em chefe do exercito em operações no Rio Grande do Sul.

Seguindo para a campanha, a 21 de Agosto, publicava a sua primeira ordem do dia, em que, declarando assumir o mencionado commando, esperava que a briosa força que ia commandar lhe facilitaria o desempenho de sua obrigação, tendo, cada um dos que a compunham o unico pensamento de debellar o inimigo commum e salvar a honra e dignidade nacional.

No dia 23 do mesmo mez organisava o seu exercito com quatro divisões, sendo: a 1.^a que já existia, ao mando do brigadeiro honorario David Canabarro; a 2.^a sob o commando do coronel Barão de Jacuhy; a 3.^a do brigadeiro Gomes Portinho e a 4.^a commandada pelo coronel Gonçalves Fontes. A artilharia ficou sob as immediatas ordens do capitão Gama Lobo d'Eça (duas baterias) e organisou-se uma secção de transporte, com um capitão, dois subalternos e 62 praças. (*)

O invasor Antonio Estigarribia achava-se sitiado na villa de Uruguayana e já a sua guarnição soffria os horrores da fome. Recebera varias intimações para se render, dos diversos chefes alliados, repellindo-as com certa arrogancia; sabendo, porém, da chegada do presidente da republica argentina D. Bartholomeu Mitre, a elle se dirigiu no dia 13 de Setembro, *convidando-o a que lhe dirigisse proposições para evitar o derramamento de sangue*. Não teve a honra de receber resposta do mencionado presidente.

Já então havia chegado ao acampamento dos exercitos alliados o Sr. D. Pedro II com a sua comitiva, o que de certo amenisou a investidura do cargo para que fôra nomeado o Barão de Porto Alegre, pois sabe-se que não correram com a desejada placidez as primeiras conferencias dos generaes em chefe dos exercitos alliados no territorio brasileiro, onde o do argentino pretendeu até assumir o commando em chefe de todas as forças sitiantes, não o tendo feito pela attitude anergica dos

(*) Ao começar a guerra do Paraguay, essa nação tinha um exército de 80.000 homens, ao passo que o Brasil só tinha 15.000 homens em armas.

dois chefes brasileiros, Porto Alegre e Tamandaré, sendo que este o trouxera da *Concordia* pelos desejos que mostrara de ver o Imperador e com elle conferenciar sobre o proseguimento das operações dos exercitos alliados.

Pela manhã do dia 18 de Setembro estes tomaram posição em frente ás trincheiras dos sitiados. Achavam-se em linha de batalha: 12.393 brasileiros com vinte e duas bocas de fogo; 3.802 argentinos com vinte e quatro e 1.200 orientaes com oito. Antes dessa tão solemne formatura o commandante em chefe das forças brasileiras fez distribuir a seguinte proclamação:

«Camaradas! Aproxima-se o momento em que os vandalos, que têm levado o incendio e a desolação aos habitantes inermes de uma e outra margem do Uruguay, deverão expiar seus nefandos crimes. Ahi os tendes á nossa frente entrincheirados no ambito que offerece o recinto da villa de Uruguayana, que com barbaro prazer têm quasi de todo arruinado. O nosso adorado monarcha nos honra com sua augusta presença em companhia dos augustos principes seus genros, e do ministro da guerra.

Tendes por companheiros nesta lucta de honra os valorosos soldados das nações alliadas, e para *testemunhas de vossos jeitos os chefes das mesmas nações* que commigo vos guiarão na marcha gloriosa que vamos empregar. Camaradas! Demos ao nosso inimigo uma lição, tanto de valor como de civilisação e humanidade. Offereçamos-lhe ainda uma vez, antes de principiar o combate, algumas horas para reflectirem, e ao mundo inteiro uma prova de que no nosso justo resentimento nos quitamos de suas atrocidades por actos dignos de um povo livre.—Viva S. M. o Imperador! Viva a Nação Brasileira! Vivam as nações alliadas! — *Barão de Porto Alegre*».

O Imperador, seu genro marechal Conde d'Eu, o ministro da guerra — e mais comitiva imperial occupavam o centro das columnas e o almirante Tamandaré com o Duque de Saxe, outro genro do Imperador, se recolheram aos navios da esquadilha.

Ao meio dia tudo se achava prompto para dar o assalto ás fortificações, depois que a nossa artilharia houvesse cumprido o seu dever. Os generaes alliados com os seus estados-maiores se dirigiram então ao monarcha brasileiro, para cumprimental-o, e as ultimas ordens imperiaes foram transmittidas ao general Porto Alegre, que fez com que o seu ajudante de ordens apresentasse ao commandante dos sitiados a seguinte intimação:

«Em nome do Imperador e dos chefes alliados.—A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o commando de V. S. deverá por certo tel-o convencido de que sentimentos meramente humanitarios retêm os exercitos alliados em operações nesta provincia ante o ponto do territorio que V. S. occupa. Estes sentimentos, que nos animam e que sempre nos dominarão, qualquer que seja o resultado da guerra, me obrigam a ponderar a V. S. que semelhante posição e estado de coisas deve ter um paradeiro, e, em nome do Imperador e dos chefes alliados, annuncio a V. S. que dentro do praso de duas horas nossas operações vão começar. Toda a proposição que V. S. fizer, que não seja a de renderem-se as forças do seu commando sem condições, não será acceita, visto que V. S. repelliu as mais honrosas que lhe foram pelas forças alliadas offerecidas. Qualquer que seja, pois, a sua resolução, deve V. S. esperar da nossa generosidade o tratamento consentaneo com as regras admittidas pelas nações civilisadas.—Deus guarde a V. S.—Acampamento junto aos muros da Uruguayana, 18 de Setembro de 1865.—*Barão de Porto Alegre*, tenente-general—Ao Sr. coronel Antonio Estigarribia, commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, sitiada em Uruguayana».

Apresentada a resposta do chefe inimigo ao nosso Imperador, S. M., de accôrdo com os generaes do exercito alliado, deliberou accetal-a, não admittindo, porém, que os officiaes sahisses da praça com as armas nem que voltar pudessem ao territorio paraguay emquanto durasse a campanha. Redigiu tal contestação, o ministro da guerra Angelo Muniz da Silva Ferraz, firmando-a, em nome dos chefes alliados, e seguiu, acompanhado pelo

chefe do estado-maior brasileiro e mais dois officiaes afim de entregal-a ao commandante da praça sitiada.

Este accitou as restricções impostas e deu a seguinte resposta:— «Commando da divisão paraguayana sitiada em Uruguayana, 18 de Setembro de 1865,—O abaixo assignado accita as proposições de S. Ex. o Snr. Ministro da Guerra, e deseja unicamente que S. M. o Imperador do Brasil seja o melhor garante deste ajuste. A elle e a V. Ex., me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, submittendo-me ás condições prescriptas por V. Ex. O abaixo assignado espera que V. Ex. procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e a entrega da guarnição.—
Antonio Estigarribia».

A's 14 horas da tarde deu principio o desfilamento das tropas paraguayanas e entregaram as armas 50 officiaes, e 5.131, praças, e foram recolhidas 7 bandeiras, armamento, munições, equipamento e 6 peças de artilharia. Os prisioneiros foram distribuidos pelos alliados, e o chefe Estigarribia, depois de ter sido levado á presença do Imperador pelo ministro da guerra, foi recolhido preso á barraca do coronel Barão de Jacuhy.

Só num livro especial poderiam ser narrados todos os gloriosos feitos do bravo Conde de Porto Alegre, durante o largo periodo dessa guerra. Destacarei apenas a batalha de Curupaity, desde que sobre ella correm versões que se não coadunam com a verdade. Fale, pois, o proprio heróe, que em carta que dirigiu a um amigo (publicada na *Reforma*, de Porto Alegre, de 2 de Fevereiro de 1885), diz o seguinte:

«Logo depois da tomada desta posição, pedi um auxilio de 4.000 homens de infantaria, para poder proseguir, de accordo com a esquadra, na execução do plano que em junta de guerra haviamos combinado, tomando Curupaity e atacando Humaytá, que estava muito mal guarnecido de tropa. Não sendo desgraçadamente satisfeito aquelle meu pedido, só em 12 deste mez é que o general Mitre aqui chegou com o seu exercito argentino de 8 a 9.000 homens, e no dia seguinte uma brigada de 2.000 homens de infantaria, que o sr. general Polydoro me mandara. Como, porém, os argentinos não

viesses promptos para realizar-se logo o ataque, tanta demora, como eu previra, dera lugar a que o inimigo dêsse um grande desenvolvimento ao seu entrincheiramento em Curupaity, accumulando ali mais de 50 bocas de fogo, sendo uma grande parte de grosso calibre, 68 e 32, e concentrando naquelle ponto a maior parte da força do seu exercito.

Na presença de meios de resistencia tão poderosos, como eram aquelles a que me refiro, entendi que já não podia ter lugar o premeditado ataque conforme havíamos combinado, devendo soffrer uma modificação nas suas disposições, isto é, que em vez de ser simultaneo o ataque de Curupaity e o das linhas do entrincheiramento inimigo sobre o Tuyuty, onde está o 1.º corpo do exercito, convinha que ao ataque daquelle ponto precedesse o das mencionadas linhas, para que o general Polydoro pudesse vir com o seu exercito, que dista daqui menos de duas leguas, atacar pela retaguarda as fortificações de Curupaity, ao passo que nós lhe fariamos o ataque pela frente, e então seria impossivel ao inimigo resistir, vendo-se nesse caso forçado a abandonar a posição, tendo dois expedientes a tomar: concentrar suas forças em Humaytá, o que não me parece provavel que fizesse, porque teriam ali a sorte das que commandava o Estigarribia em Uruguayana, ou retirar-se, procurando passar o Tebicuary, operação esta que, com os poderosos recursos de que dispomos por agua, poderíamos mallograr, embarcando aqui e fazendo desembarcar acima daquelle rio uma força tal que o impossibilitasse de tentar qualquer resistencia em Assumpção, ou de chegar primeiro do que nós a Villa Rica.

Não julgando, porém, conveniente os meus collegas generaes em chefe semelhante alteração no plano combinado para o referido ataque, forçoso foi submetter-me á opinião da maioria, marcando-se o dia 22 do corrente para o ataque, que deveria ser precedido de um forte bombardeio da nossa esquadra sobre o forte de Curupaity e seus entrincheiramentos. Cinco eram as columnas dispostas para o ataque, tres brasileiras e duas argentinas. A extrema direita do entrincheiramento inimigo, que é o forte de Curupaity, e o centro do mesmo entrincheiramento, deviam ser atacados por duas colum-

nas e apoiadas por outras do meu exercito; e a extrema esquerda, onde haviam construido um reducto abaluartado, seria atacada por uma columna argentina que era apoiada tambem por outra columna.

A's 7 horas da manhã do indicado dia principiou o bombardeio da esquadra, que pelo bem dirigido dos seus fogos quasi fez calar os da artilharia inimiga, prolongando-se até ás 11 1/2 da manhã, quando o bravo vice-almirante Tamandaré veio prevenir-nos que ia fazer os encouraçados *Brasil*, *Barroso* e *Tamandaré* forçarem a estacada que o inimigo havia estabelecido pouco abaixo de Curupaity, e que mandaria cessar o bombardeio, si nós julgássemos chegado o momento de realisar o ataque. De accordo inteiramente com a opinião de Tamandaré, que estava conforme com o que anteriormente haviamos combinado, ordenámos o ataque.

Ao assomarem as testas de nossas columnas, mais de 50 bocas de fogo, sendo muitas de 68 e 32, romperam um bem dirigido e horrivel fogo que lhes abriram claros quando ellas se desenvolviam em linha a passo de carga, dando entusiasticos vivas ao Imperador, á nação brasileira e ao exercito alliado.

O primeiro entrincheiramento inimigo, que consistia num alto de 12 palmos e 10 de fundo, com o seu parapeito guarnecido de algumas peças de artilharia de campanha, que o inimigo retirou precipitadamente, assim como a força que ahí tinha, foi logo transposto. Proseguindo, porém, o ataque á segunda linha da fortificação, que consistia num fosso, com um grande parapeito erigido de artilharia, tendo na sua frente um banhado muito atolador e sobre o qual haviam estabelecido abatizes, impossivel foi realisar o assalto, que ás melhores tropas do mundo seria tambem impossivel levar a effeito.

Mesmo assim, os nossos bravos soldados permaneceram até ás duas horas da tarde naquellas posições, fazendo um vivissimo fogo sobre o inimigo que ousava assomar-se e debaixo do mais vivo fogo de metralha da artilharia inimiga; até que a essa hora, dizendo-me o general Mitre que era impossivel fazer avançar mais a sua columna de ataque, e considerando-a compromettida na posição em que se achava, pedia a minha opinião acerca do que devia fazer.

Respondendo-lhe que, desde que não tinham podido as nossas columnas abordar a segunda linha da fortificação inimiga, pelos embaraços insuperáveis que haviam encontrado, permanecer ali seria augmentar inutilmente o já consideravel numero de nossas baixas.

Em consequencia, ordenámos a retirada, que que só ás 3 1/2, se pôde verificar; porque, além de eu mandar conduzir todos os feridos, como mortos, que se encontraram sobre o campo, custou e muito a fazer retirar os nossos soldados que estavam fazendo fogo, dizendo elles que não sabiam retirar. Para provar a ordem em que se operou tão difficil operação, bastará dizer que do inimigo não ousou um só sahir de suas trincheiras para vir fazer-nos fogo. — *Conde de Porto Alegre*.

No dia 22 de Setembro de 1866, o exercito alliado teve um prejuizo de 4.061 homens, sendo 2.082 argentinos, e a esquadra perdeu 35 praças; no entretanto, como bem disse o general Porto Alegre em a sua ordem do dia n. 88 de 10 do mez seguinte: «Em *Curupaity* ficou illesa a honra da Bandeira Brasileira».

Depois deste revéz, o general fez construir em Curuzú uma bateria propria a bater as do inimigo naquella posição e diariamente se ouvia o troar do canhão dessa posição como na do Tuyuty; auxiliavam o exercito nesses duellos de artilharia os fortes canhões da nossa esquadra; e muitas vezes, para não ter *competidores*, os punha em actividade durante a noite, levando o descontentamento aos que se achavam em descanso nos arraiaes inimigos.

Empossado a 18 de Novembro no commando em chefe de todas as forças brasileiras em operações, o marechal Caxias, por doente solicitou-lhe a necessaria licença por tempo indeterminado, para recolher-se ao Brasil o general Porto Alegre, que a 27 do dito mez embarcou com destino ao Rio Grande do Sul.

Tendo, porém, adquirido algumas melhoras, volta ao theatro da guerra; e a 1.º de Março do seguinte anno (1867) reassume o commando do seu 2.º corpo em Curuzú, fazendo publicar no dia seguinte o aviso do ministerio da guerra de 30 de Novembro do anno anterior em que o governo imperial o mandava louvar e a ou-

tros officiaes sob o seu commando pelo acto espontaneo e patriotico que praticaram cedendo, para as urgencias do Estado, as quantias mencionadas em o seu officio de 12 do referido mez.

Deu-se nesse mez (22) a marcha de flanco, cuja vanguarda tocou ao 3.º corpo, do general Osorio, ficando ao de Porto Alegre o alto encargo de velar pela segurança da importante base de operações dos exercitos alliados.

Occupando o Tuyú-cué com o grosso do exercito, tratou o commandante em chefe de estabelecer a communicação directa dahi para Tuyuty, abrindo-se então uma estrada de cerca de trinta kilometros de extensão, que devia servir ao transito dos comboios de aprovisionamento que de Tuyuty seguiriam até meio caminho protegidos por forças do 2.º corpo de exercito e d'ahi por diante pelas dos que se achavam em Tuyú-Cué.

Depois desta acção, dita do *Umbú*, seguiram-se a dos *Palmares* a 3; a de *Tatayibá* a 21; o combate de *Potrero Ovella* a 29, tudo de Outubro, e finalmente a tomada a viva força das fortificações do *Tayí*, a 2 de Novembro. Com a occupação desta ultima posição, conseguiu este preclaro chefe a realisação de seus desejos:—encerrar as linhas do inimigo de modo a interceptar-lhe as communicações com o interior do paiz, ficando-lhe apenas acampamentos da direita, investindo ousadamente em direcção ao reducto central.

«O bravo Porto Alegre (diz o general Bormann), comprehendeu logo o que se passava, e fez voltar a bateria do 2.º corpo de artilharia, colloca-se á frente do 42.º e de algumas praças do 41.º, do 36.º e do 3.º de artilharia, aquelles de voluntarios da patria, este de linha, e avança com esse punhado de bravos ao encontro do inimigo. Elle expede um ajudante com ordens para tudo estar prompto no *reducto* afim de repellir os numerosos inimigos.

O bravo, com as cargas que manda dar nas testas das columnas, vai demorando a marcha dos barbaros que procuram repellil-o com incessantes descargas de fuzilaria e tiros de canhão. Ahi a lucta é na relação de 1 para 20. Por entre o fumo que se desprende das armas, os paraguayos reconhecem o general brasileiro, o que

não era difficil, porque elle não abandona o seu grande uniforme; apontam-lhe as espingardas, e, por duas vezes, matam-lhe os cavallos».

Assim, por duas vezes achou-se o bravo Porto Alegre a pé, mas sempre combatendo. A infantaria não era arma para elle desconhecida, mas é que assim deixava a sua homérica figura de ser vista pelos nossos bravos soldados. — Cahiu o general! — disseram elles.

O grito de furor que soltaram os nossos bravos ainda deve impressionar aquellas regiões tão celebres na sempre memoravel guerra do Paraguay. Impellidos por uma mola, todos os officiaes e soldados agruparam-se, cercaram o general, dispostos a vender caro, muito caro, a vida, em sua defesa. O inimigo acreditou que a victoria se inclinava para o seu lado, e, vendo cair o general, suppôz tel-o morto. Num arranco desesperado, esforçou-se para romper a nossa linha, ou antes a nossa muralha, para se apossar do seu cadaver. O grande poder de Deus, que se manifesta nos lances supremos, inflammando o valor e o patriotismo dos nossos bravos, deteve-lhe o impeto e mudou a perspectiva do quadro. Rapido, o general çavalgou outro animal em substituição do que o inimigo matara. Accendeu-se o enthusiasmo nas nossas fileiras. O inimigo, ou admirado de tanta audacia, ou para recompôr as suas fileiras, recuou. Porto Alegre mandou carregar á bayoneta. Obedecendo á bravura, os nossos soldados arrojaram-se como leões. Toda a linha inimiga cedeu, como cede o arco quando sobre o seu centro se actúa. As suas extremidades, porém, como as syrtes de um dilemma, queriam prender o punhado de herões que lhe disputaram a victoria».

Recollendo-se ao *reducto-central* acompanhado dos valorosos voluntarios da patria e da bateria do 2.º corpo de artilharia, promptamente foram executadas as ordens do general-heróe para a sua defesa, embora 1.800 brasileiros tivessem de resistir ao assalto simultaneo de triplicado numero de paraguayos reconhecidamente bravos e audaciosos. Já então attrahidos pelo forte canho-neio haviam contramarchado as forças que acompanhavam o comboio e que chegam á nossa direita quando o inimigo já estava de posse dos *reductos* argentinos.

O general José Luis Menna Barreto, que as commandava, pretendeu tomar esses reductos á bayoneta, mas á vista da superioridade em numero do inimigo, teve que recuar, sendo gravemente ferido na boca. Assume então o seu commando o coronel Paranhos, que manda dar o toque de retirar, mas sempre batendo-se até o Estero-Bellaco, onde faz frente e resiste, esperando novo reforço, enquanto um piquete da nossa cavallaria vai entretendo o inimigo, já convencido da impossibilidade de apossar-se á viva força do reducto central onde se acha e sempre visível de todos—o bravo Porto Alegre.

A 16 de Janeiro do seguinte anno (1868), allegando achar-se privado, por motivo de molestia, de continuar a exercer convenientemente o commando do 2.º corpo de exercito, pediu Porto Alegre ao general em chefe para mandar substituil-o no dito commando, afim de retirar-se para o Brasil, pelo que lhe foi concedida a exoneração, agradecendo-lhe o Marquez de Caxias a efficaç coadjuvação que prestou ao desenvolvimento e bom exito das operações de guerra, e louvando-o pelo zelo, intelligencia e valor com que sempre se houve no desempenho das funções a seu cargo. Recolhendo-se á côrte, recebeu o titulo de Conde de Porto Alegre, em remuneração da victoria que alcançou a 3 de Novembro, e bem assim a medalha de merito militar.

Como se vê, a sua biographia é a historia militar do Rio Grande do Sul durante mais de meio seculo, em que essa personalidade transpôz os limites regionaes, estendendo-se por todo o Brasil. Desembainhou a espada na idade em que os outros ainda se entretêm nos brincos infantis, e proseguiu, de combate em combate, até chegar ás culminancias da grandeza marcial.

Desde a campanha cisplatina até a guerra dos *Farrapos*, em que o menino guiado pelos exemplos paternos se transformou no director da reacção legal em Porto Alegre; de Monte Ceseros (1852) até Curuzú (1866), em que a sua serena bravura salvou a base de operações do nosso exercito no Paraguay, partilhando dos riscos que corriam os seus commandados, a sua figura destacou-se sempre com o maior relevo, tanto pelo valor moral como pelo prisma da esthetica, pois nunca entrou em combate sem ostentar, no primeiro uniforme, todas as

grã-cruzes e dignitárias que lhe constellavam o peito da farda.

Assim que começou o combate de Tuyuty, ao amanhecer, como a sua barraca fosse a mais alvejada pelos tiros do inimigo, o ajudante de ordens correu a dizer-lhe que o seu cavallo já estava ensilhado, respondendo-lhe o Conde, de chapéu-armado na cabeça e espada á cinta, que ainda não tinha abotoado as luvas, o que fez vagarosamente, sob uma torrencial chuva de balas. Nessa batalha, que durou o dia inteiro, perdeu dois cavallos; e ao tombar o segundo, varado por balas, como também tombasse o cavalleiro, ergueu-se rapido, tirou o chapéu-armado e disse, ajoelhando-se no campo coberto de cadaveres:—«Meu Deus! só para mim não ha uma bala!»...

Conheci-o de perto, na minha infancia; era amigo de meu Pai, seu companheiro de armas e correligionario politico. Despediu-se de nós, na vespera da sua ultima viagem á côrte, dizendo que tinha o presentimento de ir morrer longe da familia... e assim aconteceu. Uma nota característica do homem na intimidade: comparecia diariamente á Assembléa Geral rigorosamente de casaca e luvas; e a um deputado de uma das pequenas provincias do Norte, que ousou perguntar-lhe porque se apresentava assim, em traje tão ceremonioso, respondeu:—«Porque tenho a honra de representar o Rio Grande do Sul».

Falleceu na côrte do Imperio, em um modesto quarto de hotel, quando tinha em Porto Alegre um sumptuoso palacio, na praça das Dôres esquina da rua da Ponte, hoje de Riachuelo, expirando na manhã de 18 de Julho de 1875. Nesse mesmo dia o seu cadaver foi embalsamado e pelo primeiro vapor foi transportado, com todas as honras militares, para a cidade de Porto Alegre, onde jaz em pomposo mausoléu encimado pela sua estatua em bronze. Tem na principal praça da mesma capital outra estatua, de marmore, que é um primor de esculptura e de parecença. Não ha na galeria dos nossos heróes uma figura tão bella, de tão suggestiva altivez e da mais severa elegancia. (*)

(*) Ao partir para a guerra do Paraguay, o governo mandou entregar-lhe a quantia de vinte contos de réis para as suas despesas particulares; e assim que chegou a Porto Alegre restituiu a quantia integral, dizendo que o seu sôldo fôra sufficiente.

Prestei-lhe a derradeira homenagem da minha estima e admiração, na poesia que se lê no meu volume de *Violetas*, e que recitei no cemiterio quando o seu sarcophago foi depositado no pantheon, e que aqui reproduzo:

AO CONDE DE PORTO ALEGRE

Sonhava nesta geração bastarda
Glorias e liberdade!...

(ALVARES DE AZEVEDO)

Qual o cedro das altas serranias
Que, sem tremer ás rijas ventanias,
Cai ao raio do ceu,
Assim, do bravo a fronte laureada,
Ao tufão dos destinos inclinada,
Tombou no mausoléu.

Pudesse eu ver, no derradeiro instante,
Desprender-se esse espirito gigante
Da cadeia carnal!
Pudesse eu ver-lhe os olhos moribundos,
Ainda fagulhantes como os mundos
Em noite tropical!

Quando ess'alma voava á immensidade,
O seu nome subia á eternidade,
Abandonando o pó:
Todos choram a morte do guerreiro:
Como é bello, meu Deus, um povo inteiro
Chorando um homem só!...

Quem foi que, em Tuyuty, surprehendido
Por hostes paraguayas, destemido,
Dominou o escarcéu?..
Quem, sinão tu, mostrou que os brasileiros
Vão, depois de vencer Monte Caseros,
Vencer Montevideú?!...

Quem foi, immortal Conde, que á vanguarda
Dos bravos, que zombavam da bombardra
De innúmeros canhões,
Com a espada doirada ao sol da gloria,
Burlava os poemas da victoria,
Por longínquas regiões?!...

Tu, que agitavas do corcel as crinas
Nessas priscas campanhas cisplatinas,
Ao lado de meu Pai;
E depois de um diluvio de pelouros;
Velho e cançado, foste inda mais louros
Colher, no Paraguay;

Tu, que vendo morrer os teus soldados
Por espadas e lanças traspassados,

Pedias a tua vez... (*)

Quando, no mais renhido das batalhas,
A orchestra atroadora das metralhas

Retumbava a teus pés;

Tu, que colheste impereciveis glorias;

E contavas teus dias por victorias,

Aos hymnos triumphaes;

Quando, em nuvens de fumo de bombardas,

Fulgiam as dragonas de tua farda,

Honra dos marechaes;

Tu não morreste, não, illustre Conde!

Como, quando p'ra nós o sol se esconde

Na banda occidental,

Surge na parte opposta deste mundo,

Assim, o teu espirito profundo

Revive, — és immortal!

Heróe, talhado ao molde dos colossos,

Déste apenas ao pó os frios ossos

Que estamos a carpir.

Armas em funeral!... Neste ataúde

Repousa a gloria ao lado da virtude,

E inclina-se o porvir.

Silêncio... dentro deste esquife augusto

As grandezas resumem-se num busto,

Num átomo de pó...

Pranteia, ó Patria, a morte do guerreiro:

Como é bello e sublime um povo inteiro

Chorar um homem só!...

PINTO BANDEIRA

O GENERAL RAFAEL PINTO BANDEIRA nasceu na capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul a 16 de Dezembro de 1738, e segundo diz um dos seus biographos

(*) Na batalha de Tuyuti, que durou desde a madrugada até ao cahir da noite de 3 de Novembro de 1867, o Conde de Porto Alegre teve de apelar-se tres vezes, por lhe cahirem varados pelas balas do inimigo os cavallos que montava; ao apelar-se pela terceira vez, ajoelhou na cochilha, tirou o seu chapeu-armado, e de olhos erguidos para o ceu, disse: — «O' Deus! só para mim não ha uma bala!

«vamos encontral-o desde os mais verdes annos levando vida de aventuras bellicas e revelando innata tendencia para o exercicio das armas. Affeito á vida dos acampamentos, onde tudo respira força e desprendimento, adquiriu ahi a rigidez physica, o animo intrepido e a audacia viril que o faziam desprezar a morte e caminhar para os combates com a confiança no coração e a alegria nos olhos.

A acção combativa de Pinto Bandeira era prompta, tumultuaria e desnorteante. Melhor que ninguem conhecia o territorio do Rio Grande do Sul, e saltava por cima de todos os empecilhos, fazendo delles muitas vezes offensiva ou defensiva, porque é bem verdade que, como diz Lewis, na *Vida de Goethe*, «o pedaço de granito que era um obstaculo para o fraco, torna-se um degrau por onde o forte sobe». Era no tempo em que andava accesa e fragorosa a rivalidade dos portuguezes com os hespanhóes do Prata. Pinto Bandeira, moço, ardoroso, de animo cavalleiroso, e official de Dragões, não podia conservar-se alheio ao succeder dos acontecimentos.

Na guerra originada pelo celebre *Pacto de Familia*, Portugal havia levado á Hespanha, já vencida pelos tratados de paz, a clausula de serem restituídos á corôa portugueza os territorios conquistados na America. Os hespanhóes, porém, restituíram apenas a colonia do Sacramento, retendo em seu poder as ilhas de S. Gabriel, Martim Garcia e Duas Irmãs, o Rio Grande de S. Pedro com o seu territorio e outros. Além disso, D. Pedro Ceballos, governador de Buenos Aires, era ferrenho inimigo dos portuguezes e brasileiros, não perdendo occasião de hostilisar os povos do Brasil Meridional; e como odio velho não cança, tomou um dia á falsa fé a Colonia do Sacramento, depois de invadir o Rio Grande do Sul.

Era a vez de Rafael Pinto Bandeira entrar na liça e desenvolver a sua vigorosa e continua acção. Vendo pisado o sólo gaúcho pelas patas do barbaro invasor, os riograndenses levantaram-se em massa para expulsal-o e a este heróe coube o maior quinhão de glorias em tão patriótica empresa. O guerreiro riograndense era dotado

de raros e estupendos predicados militares. A sua temeraria bravura andava unida com calculado tino de cautelosa astúcia. Assim, quando o inimigo menos pensava, elle o colhia de chôfre e destroçava-o. A jornada de 2 de Janeiro de 1774 foi assim.

Nesse dia, tendo Pinto Bandeira á frente dos seus legionarios vadeado o arroio Santa Barbara, cahiu de surpresa sobre o acampamento inimigo, pôl-o em confusão e desbaratou-o, sem lhe dar tempo de entrar em linha de acção. No anno posterior já o heróe se havia distinguido no combate de Tabatatingahy; e em 1776, assombrando as phalanges contrarias, o temerario gaúcho realisava a conquista do forte de Santa Tecla, atacando no anno seguinte a guarnição de S. Martinho, em que alcançou sensacional victoria.

Não eram os continentinos meridionaes que saqueavam e destruíam os bens alheios, e sim as hordas dos barbaros do Prata. Para proval-o, ahí estão a conquista da ilha de Santa Catharina, a tomada da Colonia do Sacramento, a posse da villa do Rio Grande de S. Pedro e de outros territorios nossos. A força que armou o braço riograndense e o conduziu á lucta, foi um profundo sentimento de *révanche*, o patriótico intento de expulsar da terra natal o invasor sanguinario, o intruso cruel, o visinho desleal que nos queria fazer presa de suas descommedidas e insaciaveis cubiças.

Pedro Ceballos, o duro perseguidor dos continentinos de S. Pedro, encontrou por fim quem lhe fizesse baixar o topete, o mesmo acontecendo com o façanhudo Vertiz e Salcedo. E o heróe que os venceu foi Rafael Pinto Bandeira. Foi elle quem inflingiu constantes derrotas ao invasor platino, e «braço ás armas feito», elevou até ás estrellas a fama da impavida bravura riograndense. Os seus altos feitos eram conhecidos em Portugal e na Hespanha: e o seu nome figura na soberba galeria dos varões illustres do Rio Grande do Sul, como um vivo exemplo de coragem, de lealdade e de singular ardor civico».

IGNACIO DA SILVA

O MARECHAL JOSE IGNACIO DA SILVA nasceu no Rio Grande do Sul em 1756. Com 15 annos de idade assentou praça no regimento dos Dragões, distinguindo-se não só pelas demonstradas aptidões para a carreira das armas como tambem por uma intelligencia natural, que obtinha pela intuição o que outros só conseguem pela deducção, orientados pelo estudo.

Foi por isso que, reunida a commissão demarcadora dos limites entre o Brasil e as colonias hespanholas, no Chuy, a 5 de Fevereiro de 1784, Ignacio da Silva foi escolhido para o exercicio do cargo de secretario; sendo de então por diante retirado das fileiras do exercito para ser o seu talento aproveitado no campo administrativo.

Tomou parte na campanha de 1811 a 1812, tanto se distinguindo nos combates, que foi graduado no posto de coronei, por actos de bravura. Já havia anteriormente se distinguido como guerreiro, tendo sido em 1801 promovido a tenente-coronel por serviços de guerra, passando então a exercer o cargo de secretario do governo da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Em 1814, sendo governador da mesma capitania o Marquez de Alegrete (Luis Telles da Silva), confiou ao brigadeiro Ignacio da Silva os cargos de intendente da marinha e deputado da Junta da Fazenda Nacional, sendo em seguida nomeado secretario dos negocios da guerra, e membro da Junta Governativa do Rio Grande, estabelecida em Porto Alegre a 22 de Fevereiro de 1822.

A 12 de Novembro do anno seguinte, já então no posto de marechal, substituiu o glorioso marechal João de Deus Menna Barreto, Visconde de S. Gabriel, na presidencia da Junta Governativa, em cujo cargo se conservou até 1825, sendo então substituido pelo Visconde de S. Leopoldo, que nessa mesma data assumiu a presidencia da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

BARÃO DO SERRO LARGO

O GENERAL JOSE' DE ABREU bravo Barão do Serro Largo, nasceu no municipio de Pelotas a 7 de Julho de 1765 e falleceu, em campo de batalha, a 20 de Fevereiro de 1827. Diz Achylles Porto Alegre: — «Foi talvez o typo mais completo do gaúcho guerrilheiro, que tivemos naquelles tempos em que os nossos homens abriam caminho com a ponta da espada. Concluindo os estudos primarios, quiz José de Abreu seguir a carreira das armas, e seus pais não o contrariaram, apesar de ser ainda criança e não ter a necessaria robustez para a vida tormentosa dos acampamentos».

Assentou praça no regimento de Dragões e fez quasi todas as campanhas de 1801 a 1827, distinguindo-se sempre pela maior intrepidez: Nunca escolheu posição para atacar os inimigos, e nem buscava conhecer-lhes o numero: bastava vê-los, para ir-lhes ao encontro, e destroçal-os, como fez com as forças de Sotel, no passo de Japejú, ou á margem do Ibicuihy, ou em Ituparahy, ou em S. Borja, onde desbaratou o exercito do caudilho Andrés Artigas, cujo nome foi dado á povoação uruguaya fronteira á nossa cidade de Jaguarão.

Foi tremenda e memoravel a derrota que inflingiu mais trade, ás numerosas forças de La Torre, apesar da inferioridade da posição que occupava e pequeno numero de seus bravos commandados. Neste encarniçado combate, que durou quasi o dia inteiro, a victoria conservou-se indecisa durante as primeiras cargas de cavallaria, até que finalmente se voltou para os nossos, quando o cansaço e a mortandade já começavam a desalentar-os. A acção até esse momento era dirigida pelo illustre Marquez de Alegrete, quando de subito appareceu José de Abreu, que mudou a face das coisas.

O intrepido Barão do Serro Largo, ainda simples coronel, á frente da sua invencível cavallaria, foi de chegada espalhando a confusão, o terror e a morte entre os inimigos, que tropeçavam em montões de cadaveres dos seus compatriotas. Esta derrota desorientou completamente o caudilho uruguayo, cuja fama rolou por terra ás

patas dos nossos cavallos, o que causou a indignação e desprezo de seus compatriotas, o que o fez abandonar o Prata e ir refugiar-se no Paraguay, onde morreu no esquecimento.

Em 1822, sendo proclamada a independencia do Brasil, o general José de Abreu foi nomeado governador das armas do Rio Grande do Sul, em cujo cargo prestou relevantes serviços administrativos e militares, enviando reforços ao Visconde da Laguna, que sitiava Montevidéo. Em 1825 José de Abreu cobre-se de novos louros durante todos os combates da campanha Cisplatina, finda a qual, reformou-se, resolvido a recolher-se de vez á vida intima.

Diante, porém, do insuccesso das nossas armas, José de Abreu, em repetidos encontros com os uruguayos, organisou em S. Gabriel um corpo de voluntarios e marcha para de novo desbaratar o inimigo. Infelizmente, no combate de Ituzaingo, a 27 de Fevereiro de 1827, o heroico Barão do Serro Largo pagou com a vida a sua bravura, e, o que é mais para se lamentar, *atravessado por balas arrojadas pelo exercito da patria*, (diz J. J. de Macedo); pois aquelles bravos voluntarios, que chegavam inesperadamente, foram julgados como um reforço do inimigo, cujo engano nos foi fatal.

SEBASTIÃO BARRETO

O GENERAL SEBASTIÃO BARRETO PEREIRA PINTO nasceu em Porto Alegre a 7 de Abril de 1775 e falleceu na mesma cidade a 22 de Dezembro de 1841. Assentou praça aos 16 annos de idade, com destino ao regimento de Dragões do Rio Pardo, fazendo o seu baptismo de fogo na campanha de 1801, na qual conquistou as suas esporas de cavalleiro talhado para grandes feitos. Tambem tomou parte nas guerras de 1811 e 1812, denotando calma e bravura no combate de Itapebuhy.

Na campanha de 1816, servindo ás ordens do Marquez de Alegrete, era por este incumbido das mais ariscadas commissões, sahindo-se sempre dellas com a

maior gallardia. Entrou á frente do seu regimento nas batalhas campaes de Carumbé e Catalão, «sendo este o primeiro corpo que, em ambas as acções, rompeu a linha do inimigo, o que muito cooperou para tão assignalada victoria».

«Em 1818 (diz Achylles), Sebastião Barreto invadiu o Estado Oriental do Uruguay, assistindo aos combates de Chapecuhy, Rabão e Sancluo, á frente do seu regimento. Foi promovido a coronel logo depois do desbarato das forças do caudilho Artigas; e em 1823 reuniu-se ás forças que sitiavam Montevidéo, onde o general D. Alvaro da Costa se batia contra a independencia do Brasil.

Assumindo mais tarde o Marquez de Barbacena o commando geral das forças que operavam no Rio Grande do Sul, foi dado o commando da primeira divisão ao brigadeiro Sebastião Barreto, com a qual tomou parte na memoravel batalha de Ituzaingo, onde morreu varado de numerosas balas o inlyto Barão do Serro Largo; e por decreto de 4 de Novembro de 1830 foi nomeado commandante das armas do Rio Grande do Sul, tendo servido nessa commissão até 11 de Janeiro de 1831.

A 20 de Setembro de 1835, quando rebentou a revolução dos *Farrapos*, achava-se o general Sebastião Barreto em Porto Alegre, assumindo de novo o commando das armas, a convite do presidente da provincia Dr. Marciano Pereira Ribeiro, mas começou então a empallidecer a brilhante estrella de Sebastião Barreto, que se viu abandonado pela maior parte dos seus officiaes, adherindo todos á revolução».

Voltando mais tarde a Montevidéo, onde assumiu o commando das forças legaes, foi de um caiporismo sem nome, sendo batido nos campos de Athanagildo e no combate de Rio Pardo, a 30 de Abril de 1838, seguindo, então, desgostoso, para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado presidente da provincia de Minas Geraes, em cuja administração revelou capacidade até então nunca manifestada. Regressando á terra do seu nascimento, ahi morreu, na sua residencia á rua da Igreja esquina da rua de Bragança.

HENRIQUE MARQUES

HENRIQUE MARQUES DE OLIVEIRA LISBOA, tenente-general e digno irmão do immortal almirante Marquez de Tamandaré, nasceu em Porto Alegre a 2 de Dezembro de 1799 e falleceu na côrte do Imperio a 31 de Outubro de 1869. Assentou praça em 1813 e foi reconhecido cadete de 1.^o classe, matriculando-se na Real Academia Militar, onde tirou os dois primeiros annos do curso, interrompendo-o para tomar parte na campanha contra o dictador Artigas, em 1816.

Distinguiu-se por actos de bravura nas batalhas de Carumbé e Catalão, sendo promovido ao posto de 2.^o tenente em 1818 e poucos mezes depois ao posto de 1.^o tenente; capitão em 1822, com a nomeação de cavalleiro da Ordem de Christo, matriculou-se de novo na academia militar, concluindo então os seus estudos. Em 1824 foi promovido a major e nomeado lente do batalhão de infantaria e inspêctor das obras da fortaleza da barra e de todas as fortificações do porto de Santos.

Tenente-coronel em 1828, foi elevado de cavalleiro a commendador da ordem de Christo, sendo eleito membro da primeira Assembléa Provincial de Santa Catharina, em 1835; mas, rebentando poucos mezes depois a revolução dos *Farrapos*, seguiu para o Rio Grande do Sul, commandando o 3.^o corpo de artilharia de posição. De chegada á provincia natal, foi-lhe dirigida a seguinte carta do illustre Visconde do Rio Grande, que é documento digno de figurar neste livro:

« Illmo. Snr. Henrique Marques Lisbôa. — Uma facção republicana que existe na capital de Porto-Alegre, e que presentemente dispõe a seu arbitrio dos actos do governo desta provincia, aproveitando-se da revolução que aqui se operou, a quer encaminhar para seus funestos fins, e cobrir a nossa provincia de opprobio e de miseria. Ella fez com que se me negasse até a posse de presidente, e entre os gigantescos planos que tem concebido, existe o de anarchisar ou conquistar a provincia de Santa Catharina, para cooperar tambem para a realisação de seus projectos.

Eu officio nesta data ao seu presidente para fazer seguir dahi para as Torres ou suas visinhanças a gente de que puder dispôr com brevidade e lhe peço que haja de encarregar a V. S. do commando dessa gente, por ser natural desta provincia, e pelo subido conceito que todos os bons rio-grandenses fazem dos seus merecimentos. O que posso assegurar a V. S., é que os nossos patricios reprovam e detestam os principios republicanos, e que se toda a provincia não está já levantada contra a facção que a domina, é pelo modo manhoso e encoberto porque ella caminha.

Operou-se aqui a revolução de que V. S. ha de ter noticia, e se operou contra os mal aconselhados impostos que a Assembléa Provincial aqui lançou no povo e tambem contra as suas duas primeiras autoridades que não eram populares; e agora aproveitando-se os republicanos da agitação em que se acham os espiritos, querem fazer passar os seus malevolos projectos a coberto da revolução.

O governo geral já mandou sua proclamação prometendo amnistia para esse primeiro acto de insubordinação, e já por isso se lançou de certo modo um veu sobre o passado; trata-se agora de estigmatizar o republicanismo, e para esse fim eu conto com a generalidade de nossos patricios.—Ponha-se quanto antes em movimento, e dê-me noticias suas por via de portador seguro.—Tenho a honra de confessar-me.—De V. S. patricio, amigo e criado—*José de Araujo Ribeiro*.—Norte, 24 de Dezembro de 1835».

A carta acima transcripta, foi uma das muitas que fôram escriptas peio presidente Araujo Ribeiro a bordo do brique-barca em que deixara a cidade de Porto-Alegre, por lhe ter sido negada a posse da presidencia da provincia do Rio Grande do Sul, fundeando junto á villa de São José do Norte. Com taes cartas «agitou perfeitamente a opinião, e colheu o resultado do seu trabalho. Ao findar o anno de 1835, contava com o apoio de muitas camaras municipaes da provincia, de muitas autoridades civis, de varios militares de prestigio, e de innumerados cidadãos influentes.

O serviço que á causa da legalidade prestou o tenente-coronel Henrique Marques, e bem assim os pro-

fundos dissabores que soffreu durante sua permanencia nesse periodo revolucionario da provincia que o viu nascer, dil-o-á melhor o seguinte documento:

«O presidente e mais vereadores da camara municipal desta cidade.—Attestam que o Snr. tenente-coronel Henrique Marques de Oliveira Lisbôa, commandante do 2.º corpo de artilharia de posição de 1.ª linha do exercito, veio com o mesmo corpo para esta provincia em soccorro da legalidade em occasião que com mais urgencia se precisava de tropa; tanto assim, que desembarcando o supplicante nesta cidade a 9 de Maio de 1836, logo no dia 2 de Junho passou o inimigo para este lado do S. Gonçalo, e veio pôr esta cidade em um rigoroso assedio: o supplicante concorreu activa e vigorosamente para a defesa da mesma, sendo o official que muito promoveu a factura das trincheiras, e que depois concorreu para o seu melhoramento: commandou as baterias em geral, e neste emprego ainda se acha, merecendo de seus concidadãos tanta confiança, que ouvindo-se dizer ha pouco tempo, que este official de tanto character e firmeza se pretendia retirar para a provincia de São Paulo, foi geral o descontentamento.

O supplicante marchou com o coronel Barnabé para a ilha do Machado e commandou a infantaria e artilharia nessa expedição, que tanto concorreu para levantar-se o primeiro sitio desta cidade. Foi depois com o seu corpo para a cidade de Pelotas, tornando para esta a defendel-a de um segundo sitio; esteve encarregado do commando interino da guarnição desta cidade deste 4 até 12 de Fevereiro do corrente anno em razão de estar enfermo o coronel Prates; tem conservado sempre o seu corpo em disciplina e fiel á causa da legalidade. A sua conducta civil é exemplar, sendo bom pai de familia, bom cidadão, e sempre respeitador da lei.

Tambem é de publica notoriedade o grande prejuizo que teve o supplicante no naufragio do brigue *Balão* a 10 de Maio de 1836, no qual, além da lamentavel perda de sete filhos, perdeu tambem quatro escravos, dinheiro, mobilia, prata e joias, o que tudo subiu a 5:000\$000. Por este facto, que de por si só se tornou digno de toda a attenção, e dos relevantes serviços em resumo descriptos,

prestados a prol do governo legal, consideram os abaixo assignados merecedor o supplicante de uma recompensa do mesmo governo a quem dignamente tem servido e por quem tudo tem sacrificado. E por ser verdade quanto vai expellido e esta nos ser pedida, a mandamos passar, indo por nós assignada e sellada com as armas imperiaes.

Dada e passada nesta cidade do Rio Grande em Camara, aos 10 de Outubro de 1837.—Eu Raymundo Rodrigues Vasques, secretario interino que a escrevi.—*José dos Santos Magno.* — *Manuel de Sousa e Azevedo.* — *Manuel Antonio Pereira da Silva.* — *Ismael Soares de Lima.* — *José Gonçalves Ferreira.* — *José Antonio Gonçalves Cardoso.* — *Antonio Corrêa de Mello.* — *Manuel da Costa Bezerra.* — *José de Sousa Gomes.* »

Em 1838 foi Henrique Marques elevado ao posto de coronel, continuando no commando do mesmo corpo de artilharia, passando depois a fazer parte da brigada provisoria organizada em Porto Alegre, de onde requereu ser reformado a 24 de Janeiro de 1840, por se julgar preterido pela promoção geral do dia 2 de Dezembro do anno anterior.

Não tendo sido attendido no pedido de reforma, regressou para a provincia de Santa Catharina, onde, ao apresentar-se a 23 de Agosto, foi nomeado para organizar e commandar a 1.^a brigada, destinada á defesa da mesma provincia, sendo então louvado pelos serviços que havia prestado na do Rio Grande do Sul. Em 1844 foi transferido para o estado-maior de 1.^a classe e nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco, para onde seguiu.

Exonerado do commando das armas de Pernambuco, foi nomeado commandante das forças em operações e vice-presidente da provincia das Alagôas, de cujos cargos tomou posse e prestou o devido juramento a 11, sendo, por despacho de 25, tudo de Março de 1845, graduado no posto de brigadeiro.

Nos primeiros dias do mez de Outubro de 1844 rebentara na provincia das Alagôas um movimento revolucionario, conseguindo os rebeldes se apoderar da capital e de todo o armamento que nella existia, vendo-se obrigado o presidente Bernardo de Sousa Franco a reco-

lher-se á bordo do navio de guerra *Caçador*, que se achava no porto de Maceió; esta revolução foi debellada pelo general Corrêa Seara, a 4 de Novembro, depois de um renhido combate de quatro horas junto á villa da Atalaia, achando-se completamente pacificada a provincia a 9 do seguinte mez, quando della tomou posse como presidente o senador Lopes Gama que, por sua vez, a entregou no mesmo estado ao general Henrique Marques no dia 18 de Março de 1845.

Por carta imperial de 25 de Junho do mesmo anno foi nomeado o brigadeiro Henrique Marques presidente da mesma provincia, sendo exonerado deste cargo a 25 de Setembro seguinte. Tomou assento como deputado pela mesma provincia á Assembléa Geral legislativa em 1846, anno em que tambem foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro. Em 1847 tornou a tomar assento na referida camara, ainda como deputado pela provincia das Alagôas. Em 1850 foi nomeado commandante das armas da provincia do Pará, para onde seguiu e tomou posse a 13 de Setembro do mesmo anno; sendo exonerado a 6 de Agosto de 1851, recolheu-se á côrte do Rio de Janeiro, assumindo o commando da fortaleza de Santa Cruz a 18 de Janeiro de 1852.

Em 1854 foi nomeado presidente da commissão de exames da arma de artilharia, e director do hospital militar. Seguiu a 14 de Setembro de 1856 para a provincia do Rio Grande do Sul, para ser convenientemente empregado. Chegando ao Rio Grande do Sul a 8, em virtude da ordem do dia do presidente e commandante das armas de 9, tudo de Outubro do mesmo anno, foi nomeado commandante da guarnição da cidade do Rio Grande, onde recebeu a sua patente de marechal de campo a que fôra promovido por decreto de 2 de Dezembro do dito anno de 1856.

Exonerado em 1858, do commando da guarnição e fronteira da cidade do Rio Grande, apresentou-se ao quartel-general do exercito na côrte a 3 de Abril, tomou posse do cargo de presidente do conselho administrativo do arsenal de guerra, foi nomeado commandante do corpo do estado-maior de 1.^a classe, e condecorado com a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Nomeado commandante militar da cidade de Santos, assumiu o da referida cidade a 28, tudo do anno de 1863. Graduado no posto de tenente-general, reassumiu o commando do corpo do estado-maior de 1.^a classe, na côrte do Imperio, onde veio a morrer, na data já mencionada.

SANTOS PEDROSO

MANUEL DOS SANTOS PEDROSO nasceu em Porto Alegre em 1776, filho de uma das nobres familias açorianas que vieram povoar o Rio Grande do Sul, e falleceu na mesma cidade a 5 de Abril de 1816. O autor da obra intitulada *Homens illustres do Rio Grande do Sul* diz que poucos o conhecem, quando todos deviam conhecê-lo; e que nada ha que fale do seu nome, que illuminaria uma das paginas mais refulgentes da nossa historia. Ouçamol-o:

«Portugal e Hespanha disputavam com vivo empenho a posse das missões orientaes, occupadas desde longos annos pelos jesuitas. Era uma larga zona, de asombrosa fertilidade, com risonhas paizagens sobredoidadas por um clima delicioso, dando idéa nitida de um recanto encantado. Razão de sobra tinham os jesuitas para se oppôrem á entrega do trecho de terra, onde estavam estabelecidos desde remotas epochas, havendo transformado aquella solidão em povoados cheios de vida.

Assim, apesar das determinações das chancellarias ibericas, não quizeram elles abrir mão dessas terras, e resistiram de armas na mão, com admiravel coragem aos que tentaram desalojal-os dali; e exercendo extraordinaria influencia sobre os selvagens que povoavam as Missões, os jesuitas os atiraram contra as forças regulares.

O cacique Sepé, chefe indigena, batendo-se como um heróe, pagou com a vida a sua dedicação pelos jesuitas, que não queriam abandonar as terras que Deus lhes havia dado neste recanto da America. E como o seu chefe,

legiões de selvicolas aguerridos acabaram os seus dias de armas na mão. (*)

Em 1801 o capitão de Dragões Sebastião Barreto commandava uma guarda avançada, entre o Ibicuy-mirim e Toropy, quando se lhe apresentou Manuel Pedroso, á frente de vinte gaúchos, offerecendo-se para conquistar a região missioneira. O commandante, depois de ouvi-lo, fitando-o de alto a baixo, só teve palavras de louvor para aquelle ousado guerrilheiro, que lhe apparecia inesperadamente como um caudilho capaz dos mais bellos lances de heroismo.

E partiu o bando aventureiro, em direcção a S. Martinho, onde estava uma divisão castelhana. Manuel Pedroso, á frente dos seus companheiros resolutos, avança contra a guarda e desbarata-a sem piedade. A noticia dessa victoria espalhou-se, levando o susto e o pavor aos povoados ribeirinhos do Uruguay. Appareceu em seguida naquellas regiões um outro gaúcho, capitaneando outro bando de guerrilheiros. Era José Borges do Couto, que desertava das nossas tropas no proposito de cahir de surpresa sobre o inimigo, o que veio engrossar as fileiras de Manuel Pedroso.

Pouco depois, no tôpo de uma cochilha surge outro caudilho, á frente de gente bem armada e com os mesmos intuitos: é Gabriel Ribeiro de Almeida, paulista de nascimento e riograndense de coração. E todos, capitaneados por Manuel Pedroso, em pouco tempo fazem heroicamente a conquista da região missioneira, para incorporal-a ao nosso territorio.

A esses tres heróes devemos a posse da zona mais rica que o Rio Grande possui. A maior gloria, porém, cabe a Manuel Pedroso, que tomou a iniciativa dos sete povos das Missões, contando apenas com a sua coragem e o seu valor. E este homem obscuro, que viu a luz num rancho de capim, mostrou que tinha nas veias o nobre sangue dos açorianos que povoaram o Rio Grande do

(*) Estes memoraveis feitos da nossa historia ainda esperam o apparecimento de um poeta que se immortalise celebrando-os numa epopéa, que abra com as Missões e os Bauderantes e feche com os Inconfidentes. — M. T.

Sul, morrendo pobre, depois de lhe passar pelas mãos uma grande fortuna». (*)

O caso foi assim: tendo apparecido, no passo de S. Isidro, seis carretas fugitivas atulhadas com os ornamentos e as ricas alfaias de ouro e prata, daquelles famosos tempos de lendaria opulencia, cego ao brilho dos finos metaes e das pedras preciosas que resplandeciam na frente das imagens sagradas, Manuel Pedroso apprehendeu esse thesouro e em seguida entregou-o aos jesuitas.

BARÃO DE TRAMANDAHY

ANTERO JOSÉ FERREIRA DE BRITO, Barão de Tramandahy, nasceu na villa do Rio Grande a 11 de Janeiro de 1787 e falleceu na côrte do Imperio a 5 de Fevereiro de 1856. Assentou praça nas milicias de sua terra natal, e nas campanhas de 1811 e 1812, servindo sob o commando do general Manuel Marques de Sousa (I) invadiu o Estado Oriental, com uma bateria volante de quatro bocas de fogo.

Em 1818, commandando a guarnição de Castilhos, surprehendeu as forças de La Torre e Pancho, que debandaram, fazendo esses dois caudilhos seus prisioneiros. Em 1823, achando-se a bordo da nau *Pedro I*, tomou parte no combate naval entre as esquadras brasileira e portugueza, em aguas da provincia da Bahia.

Em 1824 seguiu para Pernambuco, onde deu combate e venceu os revolucionarios que haviam proclamado a *Conjederção do Equador*, de curta existencia (proclamada, ou antes, iniciada, a 21 de Fevereiro de 1824, foi abafada a 17 de Setembro do mesmo anno).

O Barão de Tramandahy, além de guerreiro valente foi tambem notavel administrador e estadista. Depois de ter exercido os cargos de commandante das armas de

(*) Ha nesta transcripção ligeiras alterações, para manter a uniformidade do meu estylo. — M. T.

Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, foi presidente da provincia do Rio Grande do Sul, durante o segundo anno da revolução dos *Farrapos*, e ministro da guerra e da marinha.

Na administração da sua provincia natal, quando mais accessa ia a revolução, assumiu o governo, a 5 de Fevereiro de 1837, em Porto Alegre, seguindo immediatamente ao encontro das forças revolucionarias, afim de dar-lhes combate. Trahido vilmente pelo brigadeiro Bento Manuel Ribeiro, (*) que era então o commandante das armas da provincia, e que se passou com armas e munições para os arraiaes dos *Farrapos*, Antero de Brito foi preso, na noite de 23 de Março, na passagem do arroio Itapevy.

A 5 de Janeiro de 1838 conseguiu a sua liberdade, em troca da do tenente-coronel Xavier do Amaral, recolhendo-se ao Rio de Janeiro, onde o governo imperial lhe confiou diversas commissões na altura do seu merecimento, agraciando-o com o titulo de Barão de Tramandahy, por decreto de 13 de Julho de 1852.

Era vereador da Casa Imperial, membro do conselho de S. M. o Imperador, conselheiro de guerra, grã-cruz da ordem de S. Bento de Aviz, dignitario das do Cruzeiro e da Rosa, condecorado com as medalhas das campanhas de Montevideo, de 1811, 1812, 1815 e 1820 e das batalhas pela independencia, em Pirajá e S. Salvador da Bahia, com a insignia de oiro por distincção em combate; e escreveu os seguintes trabalhos: -- *Carta ao coronel Saldanha de Oliveira*; -- *Exortação Patriótica*, dirigida ás autoridades do Rio Grande do Sul, sua patria; -- *Memoria descriptiva* das nossas fortificações; e *Quadro* da divisão civil, judiciaria e *Estatística* da provincia de Santa Catharina.

(*) Durante os 10 annos da guerra federalista, Bento Manuel se bandeou quatro vezes, ora para as forças legaes, ora para o lado dos *Farrapos*, não figurando por isso nesta galeria de heróes. — M. T.

GENERAL BENTO CAMARA

BENTO CORREA DA CAMARA nasceu em Rio Pardo a 26 de Julho de 1786 e falleceu na côrte do Imperio a 13 de Abril de 1851. Assentou praça no regimento dos Dragões com 15 annos de idade, e nesse mesmo anno (1801), foi promovido a tenente, por actos de bravura nos combates pela conquista do territorio das Missões; capitão em 1808, sargento-mór em 1812, por serviços de guerra, marchou em 1816 para a fronteira do Rio Grande, ao encontro das forças de Artigas.

A sua fé de officio é esmaltada pelo seguinte topico do que a seu respeito escreveu o Marquez de Alegreté: — «O coronel aggregado ao regimento de milicias de Porto Alegre e commandante de dois esquadrões deste corpo, Bento Camara, ferido gravemente, continuou a acção, só se retirando depois de lhe haverem ferido o cavallo, mas para voltar em seguida, em outro corcel, entrando novamente em combate».

Distinguiu-se em numerosos combates, entre os quaes basta citar os de Santa Maria, de Arahicuá, Catalã, Tapevy, Cunhaperú, Palomas, Ibicuhy, passo de S. Borja, Itaquatiá, Sant'Anna e Taquarembó. No ataque de Catalã foi que recebeu o ferimento a que já fiz referencia.

Mas Bento Camara não era só um intrepido guerreiro. Foi tambem um grande patriota. Dispondo de fortuna material, mais de uma vez offereceu a cavallhada de suas *estancias* para a remonta do exercito, sem retribuição alguma, contribuindo tambem com valioso donativo para a compra de navios para a nossa esquadra.

Diz um dos seus biographos: — «Para dar uma idéa exacta do character deste illustre varão, basta este facto: quando os *Farrapos* sitiaram Porto Alegre, o heróe de Taquarembó, já velho e recolhido ao lar, apresentou-se de espingarda ao hombro, para guardar as trincheiras, dando assim um bello exemplo á mocidade».

O mesmo acaba de fazer, em Paris, o glorioso principe e ex-marechal brasileiro Conde d'Eu, que tão assinalados serviços nos prestou na guerra do Paraguay; quando os formidaveis exercitos allemães se aproxima-

ram de Paris, em 1914, Sua Alteza trocou o seu fardão bordado por uma blusa de soldado raso, e de espingarda, em vez de espada, correu para o meio dos que defendiam a cidade ameaçada de invasão.

BENTO GONÇALVES

BENTO GONÇALVES DA SILVA nasceu na villa do Triumpho, a 23 de Setembro de 1788 e falleceu no seu retiro das Pedras Brancas, á entrada de Porto Alegre, no dia 17 de Julho de 1847. A biographia deste heróe exige uma recapitulação dos memoraveis feitos que lhe deram tamanha saliencia entre os mais famosos guerreiros gaúchos. E' o que passo a fazer.

O povo rio-grandense havia evoluído tanto, nos cem primeiros annos da sua existencia autonoma, que, ao tomar armas contra a nação inteira, poude conservar-se em guerra durante quasi um decennio, desde 20 de Setembro de 1835 até 1 de Março de 1845.

E' que com o trabalho o gaúcho havia adquirido a riqueza, com a riqueza a importancia, e com a importancia o poder e a força. E os ricos, os importantes e os fortes não se deixam impunemente ferir no mais delicado que Deus concede ao homem,--a sua honra, que é a galhardia da alma e a luz da intelligência.

O gaúcho já tinha os seus municipios e tinha tambem a sua liberdade de acção; não ligava grande importancia á liberdade politica, mas fazia questão capital da autonomia municipal, porque a primeira reveste-se só de palavras, é mais espectacular que verdadeira, presta-se ás ambições subalternas e com europeis e artificios converte os povos em patrimonio dos mais audazes, divide-os em castas, chegando mesmo a inflamar o facho das guerras intestinas, armando irmãos contra irmãos.

A classe média já tinha sahido, á força de perseverança e de trabalho, do estado embryonario em que nos primeiros annos a tinha encontrado a prepotencia dos presidentes da provincia, mandados quasi sempre da politicagem dos chefetes e mandões do Norte. As escolas,

abrindo a pobres e ricos as suas portas luminosas, tinham semeado idéas e plantado convicções no terreno uberrimo das aspirações populares; o commercio tinha por sua vez estreitado o laço da solidariedade humana; a industria já despertava; as artes mecanicas, sahindo da usança primitiva, já se expandiam; as sciencias, enobrecendo o homem, restituíam-lhe a dignidade de que gosara nos tempos de heróes e deuses. E era preciso, para encontrar escravos, ir procural-os entre os servos da gleba.

O objectivo explicado por Bento Gonçalves no seu manifesto de 25 de Setembro de 1835 (diz Fernando Osorio), « não foi destruir, como annunciavam seus adversarios, mas consolidar a Constituição; não queria vingar ultrajes, que diariamente faziam aos seus compatriotas os corypheus do partido anti-nacional, mas garantir as liberdades patrias.

Foi sustentar em sua pureza os principios políticos que conduziram a nação ao memoravel 7 de Abril (1831), considerado o dia da regeneração e total independencia do Brasil; restaurar o imperio da lei, afastando do Rio Grande do Sul a inconveniente administração, mas sustentando o throno do joven monarcha e a integridade do Imperio. Não foi portanto um movimento separatista nem republicano».

O gaúcho queria justiça e administração; sentia-se apto para poder governar-se por si, mandassem-lhe governantes sahidos do seu proprio seio, ou concedessem-lhe o direito de elegend-os. Sentia-se humilhado com a zutela da centralisação, e roubado pela crescente taxa dos impostos. E assim, como nada disso lhe fosse concedido, o recurso foi recorrer aos processos violentos da revolução.

E o que até então era condescendencia, passou a ser exigencia; as forças esgotadas readquiriram novas energias; o que parecia humildade, revelou-se arrogancia, com todo o seu cortejo de expansão e vitalidade.

A prova de que podia lutar, é que lutou mais de nove annos; e si não venceu, não foi porque lhe faltasse força para isso: mas porque a proposta de paz, da maneira mais honrosa para ambos os belligerantes,

satisfazia a todos, e mesmo porque a peor das épocas normaes não causa tantos males como a melhor das revoluções.

As revoluções personificam-se. A idéa se faz homem. Um só é o que assume a culpa de todos; um só é que se torna o alvo de todos os rancores, o que resume todos os odios, a victima propiciatoria, que precisa ser sacrificada! Desta vez, porém, não havia o homem, que a opinião publica pudesse apontar, perseguir, repetir-lhe o nome na praça publica, num côro de maldições, porque o inimigo impalpavel era a lei despotica que vigorava, imposta pelo regimen adoptado, porque, si o infantil Imperador era justo e liberal, já não se podia dizer o mesmo dos seus ministros, que exploravam a menoridade.

Mas havia um homem, do outro lado, que se impunha á confiança dos seus conterraneos, e a este foi confiado o bastão do commando:--era Bento Gonçalves, que não encheu os carcereos como Danton e Robespierre, mas desembainhou a espada ao sol, como Napoleão e Bolívar!

Era um homem simples e valente. Nas paredes da sua modesta habitação não havia espelhos doirados nem retratos de antepassados illustres. Era de origem obscura, começando na sua individualidade o tronco da sua arvore genealogica. Não se sentava numa curul de espaldar, junto da mesa coberta de papeis e livros. Abancado num tôsko tronco, ou num banco de pau, saboreava o seu *matte chimarrão*, quando correram a pedir-lhe que montasse a cavallo e fosse batalhar.

Montou; proclamou a revolução; e, durante um decennio só dormia sob a lona da barraca, nos acampamentos, montando no seu corcel de guerra ao amanhecer, para só se apeiar ao pôr do sol. O seu traje guardava perfeita harmonia com os seus habitos. A sua superioridade moral reflectia-se na sua energia physica. E durante os onze mezes em que cahiu prisioneiro, os bahianos deram-lhe a comer o pão que o diabo amassou.

Não ha caracter proprio nas raças humanas. As suas condições moraes, physicas e intellectuaes, formam-se ao influxo dos costumes; e como cada uma dellas tem os seus habitos especiaes, provenientes de circumstancias locais, esses habitos confundem-se, modificam-se, e am-

pliam-se até chegar a constituir uma civilização especial.

Uma vez em contacto duas civilizações rudimentares, duas populações visinhas, forma-se uma civilização mais perfeita. Os phenomenos moraes e intellectuaes no homem são resultantes de forças desconhecidas que actúam na sua vitalidade; é falso, pois, que os impulsos inherentes á materia cerebral se manifestem apesar da educação, e que permaneçam atravez dos cruzamentos.

A influencia de um homem superior pode ser mais efficaz que a propria acção climatologica. E' fóra de duvida que o clima influe de modo positivo sobre certa ordem de costumes. Os que se relacionam com o vestuario e a habitação, devem necessariamente adaptar-se ás condições do calor ou do frio. Mas, só porque a atmosphera enrubece ao fogo do sol dos tropicos ou o ambiente pallideja á evaporação da neve dos Alpes, modificam-se os nossos sentimentos?!...

E' mais agradavel trabalhar quando faz frio do que durante os rigores caniculares; mas quem se habituou ao trabalho, exerce-o do mesmo modo, tanto no inverno da Scythia fria como no verão da Libya ardente. Assim, trabalhando-se menos na zona torrida, pode-se no fim do anno ter-se trabalhado muito mais do que nos climas temperados ou frios, e por consequente ser assim muito maior a producção. Além disso, não havendo tamanha necessidade de roupas nem de fogo, só isto representa um lucro nos climas quentes.

Outra questão é o dilemma da felicidade e da prosperidade publica. A felicidade e a prosperidade de uma população provêm das circumstancias topographicas especiaes, dos productos naturaes e de energias de ordem moral, factores imprescindiveis para o completo desenvolvimento da povoação, do commercio e da industria.

Por isso são opulentas as cidades de Berlim, Nova-York, Londres e Paris. Um valle que só tenha agua potavel para o abastecimento de cem mil habitantes, não pode aspirar a ter quinhentas mil pessoas em condições de prosperidade; mas social e politicamente pode ser tão feliz como Berlim ou Nova-York.

Num meio social pequeno e pobre pode haver felicidade publica, uma vez que os seus habitantes sejam honrados e laboriosos, e principalmente presididos por

um governo rigoroso no cumprimento da lei. Sentir-se-á ahí a falta do luxo, mas o luxo não constitue a felicidade. Na Suissa ha felicidade publica; na Russia não ha. Em Petrogrado ha opulencia publica, mas não ha felicidade. A historia está cheia de exemplos que demonstram como os povos modificam a sua civilização ao serem dominados ou conquistados por outros povos. Isto mesmo verifica-se entre ás tribus selvagens; e mais ainda, basta ás vezes o simples apparecimento de um homem de talento, ou de audacia, favorecido por circumstancias especiaes, para esse homem transformar os costumes e com elles os caracteres.—Foi o que se deu com Bento Gonçalves.

A revolução por elle proclamada, produziu tão singulares façanhas de bravura, que o seu nome e os seus feitos chegaram a nós como que enluardos num nevoeiro de lenda; ao passo que a revolução *Federalista*, como não tinha um homem da sua estatura moral a dirigil-a, vendo-se de parte a parte caudilhos degolladores, só produziu horrores e vilezas. Basta dizer que na guerra dos *Farrapos* um prisioneiro foi restituído á liberdade só porque tinha moedas de ouro comsigo, para que não dissessem que fôra passado pelas armas com o intuito do roubo; enquanto que na guerra *Federalista*, meio seculo depois, o roubo e as maiores atrocidades eram praticados em ambos os arraiaes.

Bento Gonçalves, antes de proclamar a revolução, já era um guerrilheiro famoso. A 24 de Maio de 1827, sendo coronel da segunda linha do exercito, á frente de 22 homens, no passo de S. Diogo, cahiu sobre o grosso do exercito argentino, que ficou completamente destroçado, perdendo todos os cavallo ensilhados que montava e mais 500 que havia tomado das *estancias* visinhas. Os poucos que escaparam tiveram que atravessar a nado o rio Jaguarão.

No dia 2 de Junho do mesmo anno, indo em perseguição do general argentino Lavalle, derrotou completamente outra partida inimiga, que encontrou junto á *Estancia do Cego*.

O seu primeiro *Manifesto* revolucionario é datado de 25 de Setembro de 1835, sendo então presidente da provincia o senador Antonio Rodrigues Fernandes Chaves,

que se viu obrigado a retirar-se de Porto Alegre para a cidade do Rio Grande e dahi para o Rio de Janeiro, levando consigo os cofres publicos e o que poude salvar da capital, deixando os revoltosos senhores de todos os pontos principaes da provincia.

A 2 de Outubro do anno seguinte (1836) cahiu Bento Gonçalves prisioneiro, no celebre combate do *Fanja*, sendo mandado preso para a fortaleza Forte do Mar, na Bahia, de onde conseguiu evadir-se, na noite de 11 de Setembro de 1837.

Voltou para o Rio Grande, onde reassumiu as suas funcções de presidente da republica, dando com a sua presença novo impulso á revolução. Diz um chronista gaúcho o seguinte sobre a sua fuga:—«O patacho *Estrella do Sul* despachou na Bahia e sahiu com destino a Montevidéo. Sahiu da barra com vento de feição, mas pôz-se a velejar e bordejar fóra da barra, sem se afastar della, até que anoiteceu. Protegida pela noite e quando ella já ia alta, aproximou-se e atracou ao patacho uma pequena canôa, na qual vinha o general Bento Gonçalves, que foi recebido a bordo. Feito o embarque do general, o patacho singrou immediatamente com destino a Montevidéo.

Quando se achava na altura da ilha de Santa Catharina, mudou-se de rumo. O general resolvera desembarcar ali, occultamente; á noite o navio aproximou-se da Barra do Norte, fundeou e o general desembarcou, seguindo sem demora na direcção das Torres, aonde chegou a 3 de Novembro. — Continuou o heróe no seu campo de acção, até que foi assignada a paz, no acampamento de Poncho Verde, oito annos depois. Retirou-se, então, o batalhador, para o seu poetico retiro das Pedras Brancas, e ahi morreu a 18 de Julho de 1847.—Os poetas do Rio Grande do Sul deviam celebrar-lhe os feitos, como o fiz, em mais de um dos meus livros, principalmente no das *Sombras e Clarões*, em que o faço dizer:

— Eu fui guerreiro, e meus feitos
 Engrandecem meu paiz:
 Fui o sonho dos valentes,
 E o pesadelo dos vis!
 Garibaldi, o meu soldado, (*)

(*) O general Garibaldi serviu ás ordens de Bento Gonçalves, com a graduação de tenente. — M. T.

Quando eu passava, abumbrado
Se descobria, cortez;
E os homens de toda parte
Chamavam-me o Bonaparte
Do mundo do genovez!

DAVID CANABARRO

DAVID CANABARRO (*) nasceu na villa de Taquary a 8 de Fevereiro de 1793 e falleceu na sua *estancia* (municipio de Sant'Anna do Livramento) a 12 de Abril de 1867.

A historia, na phrase carlyneana, é o fundo do quadro em que se destacam as biographias dos heróes. Neste momento historico da patria gaúcha, as figuras que mais se salientam ao lado de Bento Gonçalves são — David Canabarro, Netto e Côrte-Real, tendo sempre pela frente um Menna Barreto, um Chico Pedro, um Onofre, um Osorio, um Andrade Neves e um Conde de Porto Alegre.

David Canabarro, ignorante e rude, era só bravura e lealdade. Sem intelligencia nem estudos, era impellido por instinctos generosos e nobres, conseguindo assim impôr-se á estima e consideração de todos os seus companheiros e commandados. A sua intrepidez ultrapassava as raias da bravura, do que dá testemunho Garibaldi, quando diz, nas suas *Memorias*:

«O Rio Grande do Sul é a mocidade da natureza, é a manhiã da humanidade!» e cita em seguida estes heróes pampeanos, dizendo que um era o cavalleiro errante do cyclo de Carlos Magno, vigoroso, agil e leal; outro, um verdadeiro centauro, manejando um cavallo *como eu nunca vi manejar* (diz elle); e com referencia a Netto, diz que é «o mais completo modelo do cavalleiro que observei em toda minha vida».

(*) Seu verdadeiro nome era José Martins; tomou o pseudonymo de David Canabarro em 1825. — M. T.

David Canabarro assentou praça em 1809, manifestando desde logo a sua vivacidade e intrepidez. Nas campanhas de 1811 e 1812, ainda simples cabo, soube recommendar-se á estima e confiança dos officiaes, dellas voltando com os galões de tenente. Era ainda alferes quando, por sua temeridade, alcançou a gloria de salvar a nossa bandeira, no tremendo ataque do *Rincão das Galinhas*, assim que a soldadesca debandou ao vêr cair morto o bravo coronel José Luis Menna Barreto.

De então por diante o nome de David Canabarro ligou-se a todos os feitos gloriosos da historia militar do Rio Grande do Sul, servindo no exercito até 1825, anno em que se retirou das fileiras para dedicar-se á vida pastoril, como Cincinnato, na antiiguidade, trocando a espada pelo arado. Em 1835, instado pelos seus velhos camaradas para tomar parte na revolução dos *Farrapos*, não quiz acompanhal-os na temeraria aventura sem que o convencessem da justiça da causa que defendiam.

E só em 1836 foi que resolveu acompanhal-os, tomando logo um dos papeis mais salientes, pelos seus repetidos rasgos de bravura. No combate de 30 de Abril de 1838, com os seus bravos companheiros Netto e João Antonio, bateu as forças legaes commandadas pelo intrepido general Sebastião Barreto, não contando as numerosas pelepas de que sahiu sempre victorioso, até chegar o momento de sitiár a villa da Laguna, na provincia de Santa Catharina, de que se apossou a 23 de Julho de 1839; e o celebre combate da villa de S. José do Norte, a 16 de Julho de 1840.

Velho e alquebrado, contando já 70 annos de idade, assim que rompeu a guerra do Paraguay, David Canabarro desembainhou de novo a sua gloriosa espada e correu a offerel-a para defender a nossa patria. Fez toda essa campanha, que durou desde 12 de Novembro de 1864 até 1 de Março de 1870, e nessa idade avançada ainda pelejava com o mesmo ardor com que o fizera na juventude.

São caracteristicos alguns episodios da sua intrepidez e simplicidade, sendo o seu nome mais temido pelos paraguayos do que uma carga das nossas cavallarias. Elle tinha consciencia disso; tanto, que de uma feita, dizendo-lhe o seu ajudante de ordens que o dictador

López acabava de acampar no outro lado do rio, apenas perguntou-lhe, como unica resposta:

—De que lado está soprando o vento?

—De cá para lá.

—Então, tranquillise-se; assim que elle sentir a *mi-nha catinga*, ha de logo levantar acampamento.

Indo á côrte do Imperio, a convite do Duque de Caxias, que era então ministro da guerra, feita a apresentação official no gabinete do ministro, foi por elle convidado para jantar naquelle dia em sua residencia. Ao entrar, porém, no vasto salão do palacio ducal, começou a olhar para todos os lados, com ar de quem procura alguma coisa, e inquerido pelo seu camarada, respondeu:

— Estou *campeando* uma *forquilha* para pendurar o meu *bonete*...

E assim que appareceu a Duqueza, feitas as apresentações, voltou-se para o Duque e disse-lhe:

—Sim senhor, vejo que está *bem montado*!...

Era rude assim, mas valente e generoso como um leão.

Quando rechaçava o bravo imperialista Calderon, da brigada de Medeiros, no passo do Salso, em Jaguarão, uma bala de fuzil arrancou-lhe o salto da bota. Sorriu, sacudindo a perna, e disse:—Antes o salto que o calcanhar; vão-se os aneis e fiquem os dedos...

Pois bem, com toda esta rudez e selvageria, deve-se a David Canabarro a pacificação da provincia do Rio Grande do Sul. Os seus companheiros não queriam accital-a, dispostos a lutar até morrerem todos. Mas este chefe, vendo que era inutil prolongar a guerra, e que a proposta apresentada pelo Barão, depois Duque de Caxias, era honrosa para ambos os belligerantes, reuniu a officialidade do seu exercito, em Poncho Verde, declarando estar resolvido a aceitar a amnistia nas condições do decreto de 18 de Dezembro de 1844.

Os officiaes concordaram e o exercito revolucionario dissolveu-se. Caxias, que era o presidente da provincia e commandante das armas do Rio Grande do Sul, desde 28 de Setembro, mas só empossado a 9 de Novembro de 1842, proclamou a pacificação a 1 de Março de 1845, em nome de S. M. o Imperador, no alto da cochilha de Santa Maria, á frente das forças legaes.

O GENERAL NETTO

ANTONIO DE SOUSA NETTO nasceu em Porto Alegre a 17 de Fevereiro de 1795 e falleceu no Estado Oriental a 7 de Julho de 1868, nunca mais voltando ao Brasil depois da pacificação da guerra dos *Farrapos*, que queria a todo transe levar por diante. Este nome completa o triumvirato a que se ligam os de Bento Gonçalves e David Canabarro, estando tão intimamente ligados durante o decennio revolucionario, que o historiador não pode referir-se a um delles sem se referir aos outros.

Valente e corajoso como os seus dois consocios de lutas e glorias, era o mais intelligente e instruido dos tres, o que justifica a sua ascendencia em determinados momentos, *sinão* sempre. Austero, de maneiras distinctas, um tanto reservado diante das tropas, mas communicativo na intimidade, o general Netto dava com tal proceder um certo realce á sua bravura calma e prudente, examinando o terreno que tinha de pisar, estrategico como nenhum dos outros.

Penso ás vezes que o bravo Conde de Porto Alegre o tomou por modelo, naturalmente devido á forte impressão gravada no seu espirito juvenil pelas qualidades *innatas* deste *farropilha*, que em nada era inferior aos grandes generaes dos mais cultos paizes. E' attribuida ao general Netto a elaboração da mensagem de Bento Gonçalves ao proclamar a revolução, onde ha topicos deste brilho literario: — «O Deus que nos deu a vida, deu-nos ao mesmo tempo a liberdade; a tyrannia pode destruil-as, mas jamais conseguirá desunil-as».

Bento Gonçalves e David Canabarro eram os braços fortes desse corpo gigantesco que tinha por cabeça pensante e deliberativa o general Netto. Nenhum delles, porém, era republicano, nem separatista, como geralmente se pensa. Além do que já ficou demonstrado no perfil de Bento Gonçalves, ha mais uma prova desta verdade no seguinte topico do officio que Netto dirigiu de Bagé ao presidente e vereadores da camara municipal de Pelotas, datado de 29 de Dezembro de 1835:

«Eu, identificado com os principios que animam todos os verdadeiros autores da gloriosa data de 20 de Setembro, posso assegurar a V. S. que não é possível levantar o collo a esse *demérito partido republicano*, que appareceu em Porto Alegre, com o intento de nos separar da associação brasileira». — Isto é bastante para a confirmação da verdade.

Em 10 de Setembro de 1836 obteve Netto um memoravel triumpho no campo de Seival, contra Silva Tavares. Disse elle, então, á frente da sua tropa: — «Camaradas! não quero ouvir um tiro, seja a carga á espada e á lança!» — E atiraram-se aos inimigos: Tavares esperou-os, á frente dos seus commandados, recebendo-os com uma descarga de clavineiros, que derrubou alguns. Começou, então, o combate á arma branca, peito a peito, ficando derrotado o valente chefe legalista, que correu risco de cahir prisioneiro.

A 8 de Abril desse mesmo anno havia Netto derrotado Albano Bueno, em Pelotas; e a 4 de Janeiro de 1837 foi memoravel a victoria que alcançou no combate de Candiota. Foi Netto quem deu o primeiro combate contra as forças legaes. Bento Gonçalves, que estava em Viamão, marchou logo para Jaguarão, mas os seus movimentos foram percebidos, e quando atravessava o passo da ilha do Fanfa, as forças navaes de Greenfell o derrotaram, a 4 de Outubro, obrigando-o a capitular. Foi enviado, preso, para Porto Alegre, e dahi para o Rio de Janeiro, onde foi encerrado na fortaleza de Santa Cruz, sendo mais tarde removido para o Forte do Mar, na Bahia.

O desastre do Fanfa, a prisão do chefe da revolução, nada desanimava o general Netto, que convocou a reunião de todos os chefes políticos para o Congresso de Piratinim, e ahi, em ordem do dia ao seu exercito, escreveu, em 30 de Outubro: — «O revez que soffremos é grande, mas é um só no circulo de tantos triumphos. Redobrai vosso valor, e venceremos». — E continuou a lutar e a vencer, até que se fez a pacificação, que muito o contrariou, ao ponto de exilar-se voluntariamente, comprando uma *estancia* no Estado Oriental, onde se recolheu á vida privada.

Mas assim que o dictador Rosas (*) se atreveu a querer profanar a nossa bandeira, em 1851, Netto desembainhou de novo a sua inclyta espada e correu para a frente das nossas forças em guerra. Nova lição de patriotismo deu, em 1864, quando o dictador do Paraguay imitou a insolencia do seu collega argentino. E assim, depois de tantos annos de ausencia, ainda vieram a encontrar-se em campo de batalha os heroicos chefes gaúchos—Netto e Canabarro.

Durante os cinco annos desta cruenta guerra, os nomes de ambos eram como hymnos triumphaes, arrebatando as hostes brasileiras de victoria em victoria. Appareceram, então, novos guerreiros de notavel bravura, na segunda geração dos Menna Barretos, no Conde de Porto Alegre, em Osorio e Andrade Neves, mas nenhum contando maior colheita de louros do que aquelles dois velhos batalhadores pampeanos.

O marechal Leite de Castro, no seu livro sobre *Anita Garibaldi*, diz:—«Não pode haver patriota que lendo as *Memorias* de Garibaldi, sobre os valentes combatentes rio-grandenses, não sinta a alma encher-se de nobre enthusiasmo. E, facto notavel, alguns tinham attingido a idade avançada, a mais de sessenta annos; mas, mesmo assim, rivalisavam nas refregas, corpo a corpo, com os mais jovens, sendo verdade que alguns destes se mostraram menos valentes.

Os generaes Netto e Canabarro, tantas vezes citados por Garibaldi como *os primeiros cavalleiros do mundo*, combatendo com a mesma idade de Osorio (64 annos), perseguindo o inimigo por toda parte, fazendo das espadas e lanças arietes destruidores e invenciveis, seriam na epoca actual compulsados como incapazes de prestar serviços á patria, quando no emtanto as agruras da vida da campanha eram muito mais penosas do que as notadas nas campanhas modernas».

Asa-se a oportunidade de transcrever os seguintes versos que escrevi, quando contava 20 annos de idade,

(*) Vide o bello romance *Amalia*, do grande poeta argentino José Marmol, onde está perfeitamente retratado este tyranno. — M. T.

e que reuni ás *Flôres do Pampa*, no livro dos meus *Novos Ideaes*:

Montados em *pingos* fogosos, ligeiros,
 Outr'ora os *Farrapos* aqui pelejavam;
 Mais bravos e fortes que os rijos pampeiros,
 Sem soldo e sem farda, valentes lutavam
 Montados em *pingos* fogosos, ligeiros.

De Bento Gonçalves e Netto aos conselhos.
 Puzeram em pratica os sonhos de Dante;
 Com facas de ponta, trabucos e rêlhos,
 Os régios soldados tocavam por diante,
 De Bento Gonçalves e Netto aos conselhos.

Lutarem dez annos! Sedentos, com fome,
 Descalços, despídos, por longe dos lares,
 Sem beijos de amante, sem gloria e sem nome,
 Expostos ao tempo por invios logares,
 Lutaram dez annos, sedentos, com fome!...

Qual fera que morre no fundo de um ermo,
 Sem prantos, sem resas, sem cova, sem nada;
 De tantas façanhas heroicas ao termo,
 Nem tu, Cruz do Christo, lhes dêste pousada,
 Qual fera que morre no fundo de um ermo!

Assim como Ovidio chorava exilado,
 O' fortes Gaúchos, vaientes e guapos!
 Sosinho vagueio no Pampa isolado,
 Carpindo o destino dos bravos *Farrapos*,
 Assim como Ovidio chorava exilado,

São tambem meus os seguintes versos:

Radiante de heroismo, illuminado
 Por um halão da auréola triumphal,
 Ias no teu ginete arrebatado,
 Como Netto nos campos de Seival.

CORTE - REAL

AFFONSO JOSE' DE ALMEIDA CORTE-REAL nasceu em Porto Alegre a 29 de Novembro de 1799 e morreu, heroicamente combatendo, na batalha de *Canapé*, a 2 de Março de 1836, contando apenas trinta e seis annos de

idade, já no posto de tenente-coronel. Era um bello cavalleiro gaúcho, que se apresentava em combate sempre em garboso corcel ajaesado de scintillante prataria. Nada mais posso dizer delle, sinão que, ao ser aprisionado pelo famoso Chico Pedro, depois Barão de Jacuhy, pagou com a vida a sua temeridade.

Côrte-Real, ambicioso de glorias, não quíz esperar em Bagé a chegada de Bento Gonçalves e Netto, precipitando a batalha, que com o auxilio daquelles seria mais um triumpho dos *Farrapos*. E deu combate ao inimigo, que tinha á sua frente o mais sagaz de todos os chefes da *Legalidade*.—Chico Pedro! Depois de uma hora da mais encarniçada luta, em que de parte a parte se reproduziam rasgos de inescedivel heroismo, cahiu prisioneiro das forças legaes, não porque não preferisse morrer lutando, mas porque entendeu dever dar ouvidos ás vozes de um amigo de infancia e companheiro da mocidade, aquelle que ia ser mais tarde o legendario Marquez do Herval.

Quando, rodeado por numeroso grupo de inimigos, combatia de espada em punho, disposto a continuar matando, até que por fim o matassem, bradou-lhe o tenente Osorio:—Renda-se, patricio, entregue-me a espada, que eu lhe garanto a vida!—Comprehendendo o generoso intuito do amigo, rendeu-se. Um soldado, pouco depois, apeando-se e sorrateiramente avançando para o commandante prisioneiro e desarmado, que se mantinha ainda no seu luzido corcel, querendo cortar-lhe um dos lóros para roubar o precioso estribo de prata, tirando para esse fim a faca da bainha, Côrte-Real, que o presentira, deu-lhe tão fortemente com a ponta da bota, no queixo, que o atirou longe.

O soldado foi immediatamente preso e conduzido á ambulancia, para ser medicado, á vista do lastimavel estado em que ficara, no chão, sem sentidos. Pouco depois, o bravo e romantico cavalleiro pampeano habilmente reconquistava a posse da sua liberdade, escapando-se uma noite, talvez auxiliado por aquelle amigo... Mas provocando um novo encontro com Chico Pedro, com quem parecia disposto a medir forças, cahiu morto, no passo do Rosario, entre os 150 cadaveres de seus bravos commandados e invenciveis adversarios, depois de uma

tremenda luta á arma branca, peito a peito e braço a braço, em que officiaes e soldados se misturavam numa promiscuidade delirante e feroz, na qual tanto se via Chico Pedro como Côrte-Real, que pareciam figuras fantásticas numa orgia de sangue e morte!...

Sinto nada mais poder deixar aqui dos seus numerosos feitos identicos, ora combatendo os caudilhos estrangeiros Artigas, La Torre e Calderón, ora se distinguindo nos combates de Vaccacahy, onde venceu José Cypriano, do arroio Sarandy, da Tapera, do Serro dos Porongos, do Pau Fincado, de Inhantium e S. Lucas.

Sinto tambem nada poder narrar de outros heróes rio-grandenses, todos com direito a figurar numa galeria como esta, onde deixam de ser contemplados por ausencia absoluta de dados indispensaveis.

TOBIAS DA SILVA

TOBIAS DA SILVA nasceu na ilha S. José do Norte, a poucos kilometros da cidade do Rio Grande, em 1802 e falleceu tragicamente nas aguas que banham o seu berço natal, em 1837. E' um dos muitos heróes rio-grandenses de quem está por ser escripta a gloriosa biographia; por isso, resta-me apenas o recurso de transcrever aqui o que a seu respeito escreveu no *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre, o meu velho amigo Achylles Porto Alegre, que diz o seguinte:

«O Rio Grande, com uma existencia de pouco mais de um seculo, não inveja os rasgos de estoicismo e bravura dos heróes antigos. E' exacto que alguns dos nossos vivem completamente esquecidos pela fria indifferença do presente, mas ha de chegar o dia da rehabilitação de todos elles. Occorre-me, agora, um episodio que é preciso fique em destaque nas paginas da nossa epóea guerreira.

Uma tarde, ao pôr do sol, na altura das Pedras Brancas e a barra do Ribeiro, cruzava serenamente ao longo da costa um lanchão, com a vela enfunada, levando no mastaréu o pavilhão dos *Farrapos*. Subito, em direcção

opposta, apparece uma escuna de guerra com as suas bôcas de fogo escancaradas. Era um navio da esquadriha do almirante Greenfell. A escuna procura dar caça ao barco *Jarroupilha*, apenas tripulado por meia duzia de bravos e uma heroína, a esposa de Tobias da Silva.

O navio legal, favorecido pelo vento de feição, avança sobre o rebelde e intima-o a render-se. Uma descarga de fuzilaria responde á intimação. Nesse transe doloroso para os revolucionarios, que eram poucos, só havia dois alvitres: depôr as armas ou morrer com ellas na mão. E a escuna cada vez mais se aproximava dos rebeldes, segura da victoria...

De repente, Tobias abraça e beija a esposa querida, que o acompanhava em todos os perigos, vai ao fogão de bordo e volta com um facho em punho. Estreita mais uma vez ao peito a heroína, e aproxima-se do paiol da polvora, encarando com soberano desprezo o inimigo, que está prestes a dar abordagem.

Um instante depois... ouviu-se um enorme estampido, mais forte que o ribombar de um trovão! e o fragil batel daquelles poucos herões e de uma bella heroína, desapareceu num turbilhão de fogo e fumo... O sol, quasi a apagar-se, ainda illuminou com seus ultimos raios a apothese de Tobias, que sepultou no fundo das aguas os herões de um dos mais bellos feitos do estoicismo gaúcho».

Apollinario Porto Alegre, no seu livro de poesias intitulado *Bromelias*, celebra este episodio, num poemeto em versos soltos—*Tobias*, que deixo de transcrever por ser extenso, não podendo nem devendo deixar de chamar para elle a attenção dos meus leitores.

SILVA TAVARES I

VISCONDE DO SERRO ALEGRE

JOAO DA SILVA TAVARES, Visconde do Serro Alegre, nasceu em Bagé no anno de 1791 e falleceu em Sant'Anna do Livramento em 1866. Assentou praça com 15 annos de idade, servindo como praça de pret num corpo da

segunda linha de que era commandante o coronel Lecor, mais tarde general e Visconde da Laguna. Lê-se no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 4 de Janeiro de 1837:

«Por sua coragem e merecimento, Silva Tavares subiu ao posto de capitão, passando pelo de furriel, sargento, alferes e tenente, em todos cumprindo valorosamente o seu dever; serviu sem manchas, e bem antes, com louvor de seus superiores e admiração dos seus camaradas. Foi commandante de companhia e do districto militar do Herval, em cujo cargo prestou durante quatro annos relevantes serviços.

Perseguiu os facinoras e salteadores, que infestavam os arredores daquelle ponto da campanha rio-grandense (todos orientaes e argentinos); e mantendo o socego e harmonia entre os seus concidadãos, estes, gratos a tão relevantes serviços, patentearam o seu reconhecimento elegendo-o seu representante municipal e conferiram-lhe as honras de major e tenente-coronel da Guarda Nacional».

Foi mais tarde eleito deputado provincial e nomeado commandante da fronteira de Jaguarão, substituindo nesse cargo o coronel Bento Gonçalves, que já andava conspirando, pelo que foi destituído daquella commissão; e que, nas vespéras de rebentar a guerra civil, foi procural-o para confiar-lhe o plano revolucionario e convidal-o a tomar parte na mesma conspiração.

Silva Tavares, porém, não só se negou a acompanhal-o nessa temeraria aventura, como até quiz dissuadil-o de semelhante proposito, declarando-lhe que saberia ser leal a tão indiscreta revelação, mas que uma vez declarada a guerra, seria um dos primeiros a combatel-a.

E assim fez. Bastante nobre, para não se tornar delator, uma vez desencadeada a tempestade moral que sacudiu toda a provincia, desembainhou a sua leal espada na defesa das instituições. A revolta rebentou a 20 de Setembro, e a 13 de Outubro (1835) Silva Tavares, reunindo as suas forças ás do coronel Marques de Sousa III, depois general e Conde de Porto Alegre, derrotou numa das margens do Arroio Grande os revolucionarios commandados pelo bravo capitão Manuel Antunes.

Leal e bravo, a sua estrella empallideceu logo depois dessa victoria. No combate de Seival, a 10 de Setembro de 1836, Silva Tavares foi derrotado pelo general Netto, e logo depois, a 17 de Dezembro, apahado de surpresa nas proximidades do Herval, foi novamente derrotado, pelo general David Canabarro.

Nesse terrivel combate cahiu prisioneiro, com seu filho João Nunes da Silva Tavares, depois general e Barão de Itaqui, o qual conseguiu libertar-se, ficando, porém, o velho guerrilheiro soffrendo as maiores torturas durante o tempo em que o conservaram preso, de sentinella á vista, tal o conceito em que tinham o seu valor e ali sabendo que era grande o numero de officiaes que exigiam a sua cabeça, ao que sempre se oppôz David Canabarro.

Passou o prisioneiro para o bando capitaneado pelo feroz degollador conhecido pela alcunha de *Menino Diabo*, naturalmente com o intuito de realisar-se a vontade feroz da maioria de seus adversarios; mas Silva Tavares, que ali já não contava com o auxilio de um heróe, comprehendendo o risco que corria, peitou o commandante da guarda, conseguindo fugir do maldito acampamento na noite de 5 de Fevereiro de 1837.

Ainda serviu na guerra do Paraguay, quando já contava mais de setenta annos de trabalhosa e util existencia, tendo prestado á patria os mais relevantes serviços e legando-lhe uma descendencia digna do seu honrado nome.

CHICO PEDRO

BARÃO DE JACUHY

FRANCISCO PEDRO DE ABREU, Barão de Jacuhy, nasceu na villa de N. S. da Conceição do Arroio, a 7 de Junho de 1802 e falleceu em Porto Alegre em 1892. Era primo do legendario general Osorio, a quem deu lições de heroismo, batalhando juntos na revolução dos *Farrapos*, ambos nos arraiaes da Legalidade, e mais tarde ainda se

encontraram de armas na mão nas guerras do Uruguay, Argentina e Paraguay.

No Paraguay Chico Pedro não se sentiu satisfeito com a direcção dada pelo Duque de Caxias ás operações militares, do que me falou mais de uma vez, chegando mesmo a dizer-me, sem reservas, que o heróe da ponte de Itororó deixara o López escapar-se mais de uma vez... E que, desgostoso com aquillo, resolveu retirar-se da guerra.

Estas graves accusações do Barão de Jacuhy ao Duque de Caxias, chegaram mais tarde ao parlamento; e ao ser o illustre chefe do nosso exercito interpellado, em pleno Senado do Imperio, onde se chegou a dizer que a sua protecção dispensada ao tyranno do Paraguay lhe fôra imposta pela Maçonaria, elle, sem se dignar de dar explicações satisfactorias, apenas disse, em aparte, que era o general em chefe, não *um capitão do matto*...

Chico Pedro, tambem cognominado *O Moringue*, já era coronel de linha quando Osorio era apenas tenente. Chamavam-lhe de *Moringue* por ser este o appellido paterno, acreditando outros que lhe fosse dada essa alcunha devido á melindrosa operação que soffrera no craneo, em consequencia dos gravissimos ferimentos que recebeu em combate, ficando com a parte superior do frontal partida, de modo que foi preciso substituir o pedaço ósseo arrancado, por um tampo de prata, até que se operasse tardiamente a junctura, operação que só poderia ser feita por habillissimo cirurgião, e que foi praticada pelo notavel operador conselheiro Dr. Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, com razão considerado *O Velpeau Brasileiro*.

Era o unico chefe das tropas legaes que trazia os mais destemidos *Farrapos* em constante sobresalto. Bento Gonçalves, Netto e Canabarro reconheciam-lhe o valor, e viam-se tontos para desenhencillar-se das constantes sortidas do intrepido e sagaz Chico Pedro. Por taes façanhas e os altos feitos de heroismo nas guerras do Rio da Prata, o governo imperial deu-lhe o titulo de Barão de Jacuhy, com grandeza, condecorando-o com a dignitaria da ordem do Cruzeiro, raramente concedida, e fazendo-lhe doação de terras em Cima da Serra. E o

valente gaúcho, apesar de tantas honras conquistadas pelo proprio merito, nunca assignou seu nome com o titulo honorifico.

Garibaldi, a quem Chico Pedro derrotou mais de uma vez, aprisionando-lhe a valorosa esposa, que confiou ao coronel Albuquerque, para que a restituísse ao marido; não poudé deixar de fazer-lhe justiça, apesar de Chico Pedro nunca ter admittido a sua intervenção na luta de brasileiros contra brasileiros, pelo facto de ser elle estrangeiro, o *intruso*, como lhe chamava, que não podia nem devia se metter com elles, numa intervenção indebita; que aquillo não passava de sordida exploração. Dahi a sua tenacidade em querer aprisionar e fazer passar pelas armas o aventureiro genovez, o que teria conseguido no encontro de Camaquam, si não fosse ferido á traição.

«Ferido á traição (diz Pedro Brusque), porque o ferimento por elle recebido, no braço direito, foi constatado por varios medicos e cirurgiões, como Christovam José Vieira e Moraes, como sendo produzido por tiro desfechado pelas costas; e essa constatação medica exclue de todo a possibilidade de ter sido tal ferimento produzido por alguma das balas que partiam da casa onde se refugiaram Garibaldi e os seus companheiros, estando como esteve Chico Pedro sempre de frente para a dita casa até ser ferido». E o autor de tão *brilhante Jeito* (acrescenta Brusque), talvez fosse o mesmo que, dias antes, emboscado no matto, alvejara, tambem pelas costas, a Chico Pedro, quando este passava por uma picada (nas proximidades de Camaquam), sendo esse facto presenciado pelos companheiros do heróe, entre os quaes se achavam o major Fidelis Paes da Silva, capitão Isaias e o alferes Gaudencio Baptista».

Pois bem, referindo-se mais tarde ao seu nobre contendor, Garibaldi assim se expressou em suas *Memorias*: — «*Moringue* toi o melhor chefe de expedições arriscadas que tiveram os *legalistas* ou imperiaes. Era apto para toda a sorte de surpresas e devo dizer que elle desempenhou perfeitamente sua missão. Nascido numa parte do paiz de que tinha pleno conhecimento, dotado de uma astucia e de uma intrepidez a toda prova, elle causou

muito mal aos revolucionarios, e o Imperio do Brasil lhe deve, sem nenhuma duvida, a melhor parte na completa submissão desta corajosa provincia».

Foi elle quem aprisionou o bravo e bello cavalleiro gaúcho commandante Affonso Côrte Real, quando, ambicioso de mais glorias, não quiz esperar em Bagé a chegada de Bento Gonçalves e Netto, precipitando o ataque. Ainda foi elle quem, enquanto no passo dos Negros as tropas do seu collega coronel Albano de Oliveira Bueno eram derrotadas pelas do general Netto, surprehendia a guarnição das Torres, aprisionando-a toda, e sem disparar um tiro apossou-se do armamento e munições da praça.

Foi elle quem, quando Bento Manuel se bandeou pela terceira vez, prendendo traiçoeiramente no arroio Itapevy o presidente Antero, em horas mortas da noite; Chico Pedro, sempre leal ás suas convicções, mereceu do presidente Alvares Machado estas referencias, em officio dirigido ao ministro da Justiça:—«Francisco Pedro de Abreu é major honorario, mas tem prestado serviços que merecem ser recompensados com o posto de tenente-coronel e a condecoração do Cruzeiro. Este official tem desenvolvido grandes qualidades na presente luta, e dá esperanças de poder ser encarregado do commando de nossas forças».

Promovido a tenente-coronel, Chico Pedro encetou a marcha victoriosa de Pelotas á séde do governo da Republica Rio Grandense, em Piratinim, como se vê da seguinte *ordem do dia* do Barão de Caxias:—«O Sr. tenente-coronel Abreu encetou a sua marcha acobertado pelas trevas da noite, emboscou-se junto á estancia de Antonio Bica, sem ser presentido pelos anarchistas. Falta-lhe vencer tres leguas para se occultar nas immediações da chacara do velho Netto; porém, nesta posição, foi quando dois *ginetes* (*) montados em cavallos arraçados, lobrigaram a cilada que estava prestes a descarregar

(*) Ginete, em bom portuguez, é o cavallo de casta fina, ligeiro, vivo. Mas o gaúcho emprega este substantivo no sentido figurado de cavalleiro (o que tambem faziam os clássicos, com referencia aos *cavalleiros que montavam á gineta*, ou aos soldados da antiga cavallaria ligeira). — M. T.

o golpe fatal que os ameaçava tão de perto, e com a velocidade do raio, inda que perseguidos, sendo um delles cutilado na fuga, conseguiram escapar-se levando a noticia aos seus caudilhos, que espavoridos abandonando a guarida que buscaram para repousar, não fizeram alto sinão pelo Jaguarão».

A 16 de Março de 1844, (diz Fernando Osorio): «Amaral derrotou junto ao arroio Candiota, o celebre e astuto chefe imperialista coronel Francisco Pedro de Abreu, official de toda a confiança do Barão de Caxias, causando-lhe grande estrago, do qual resultou ficar a linha do rio S. Gonçalo e as cavahadas imperiaes expostas no Rincão dos Touros, a qualquer ataque dos revolucionarios. A' vista de tal noticia, Bento Gonçalves emprehen-deu um ataque sobre o Rincão, porém Caxias correu áquelle ponto e chegou a tempo de frustar o plano do inimigo».

Seguiu Chico Pedro, com 700 homens ao encontro do general Netto, que contava estar em Camaquam, e Caxias moveu-se em perseguição de Canabarro. Começou, então, a guerra de recursos. Em vão nos ultimos mezes de 1844 os *Farrapos* operaram prodigios de heroismo. Enquanto o caudilho Juca Custodio cahia morto aos golpes de espada do legalista Victorino José Ribeiro, e o republicano Claro de Campos com os seus cahia prisioneiro do imperialista coronel Fernandes Lima,—Chico Pedro aprisionava o caudilho Joaquim Pedro e o coronel José Mariano de Mattos, vice-presidente da republica, que fugia pelas mattas de Piratinim, depois de ter derrotado o proprio David Canabarro, perto do serro dos Porongos.

Conheci este glorioso guerreiro, já nos seus ultimos annos. Fôra amigo de meu Avô e de meu Pai, de quem me falava com saudade e carinhosas referencias, com o que captou o meu reconhecimento, além da admiração a que se impunha a todos. Era um meigo velhinho, de pequena estatura, e tão franzino, que não posso comprehender como fôra tão forte nas guerras e de que filtro magico se servira para poder chegar a tamanha longevidade, e isso depois dos graves ferimentos que por mais de uma vez o deixaram nas cochilhas como morto, a esvair-se em sangue.

Tambem nunca vi mais despretenciosa modestia, nem mais fina delicadeza para com todos. A sua figura passa-me pelas recordações como uma visão de força e de bondade.

E o heroe que conquistou todos os postos, condecorações e o titulo de Barão com grandeza, á custa do seu sangue, tantas vezes derramado nas guerras civis e internacionaes, ao morrer, disse:—«Morro tranquillo, porque, graças a Deus, as minhas mãos e as minhas armas estão virgens de sangue, pois nunca por ellas foi derramado o sangue de meus semelhantes».

ONOFRE

ONOFRE PIRES era o nome deste obscuro heróe, de quem nada mais sei, sinão que nasceu e morreu no Rio Grande do Sul, tendo praticado acções do mais alto valor, mas nenhuma como aquella em que procurou a morte, varado o seu nobre peito pela pontaguda lamina da espada de Bento Gonçalves, em singular duello, que devia servir de lição aos futuros guerreiros, e que symbolisa a grandesa moral dos heróes gaúchos.

Cumprê dizer que Onofre, além da sua bravura pessoal, era o chefe imperialista que fazia questão de ter sob o seu commando só gaúchos destemidos, que ao conhecimento dos logares que percorriam juntassem a temeridade que os caracteriza. E era tal essa gente, que, no combate de Mostardas, a 22 de Abril de 1836, um dos soldados de Onofre apeou-se, correu na direcção de uma peça de artilharia, matou os dois soldados que a defendiam, e montando nella, deu vivas á *Legalidade!*

Nesse combate, que foi encarniçado, Onofre operou verdadeiros prodigios de heroismo; mas conspurcou os louros da victoria, mandando fuzilar todos os prisioneiros, entre os quaes se achava o mallogrado Pinto Bandeira, que allucinado, movido pelo instincto de conservação, ou quem sabe si pelas esperanças de um futuro de glorias, cahiu aos pés do vencedor, supplican-

do-lhe que lhe poupasse a vida. Onofre apenas disse-lhe:—*Não seja covarde, morra ao menos como um brasileiro!* — E mandou fuzilal-o.

Vejo-me constrangido, ao descrever a morte de Onofre, por não poder celebrar-lhe a vida, na carencia absoluta dos imprescindiveis dados biographicos. E é imperdoavel o silencio dos historiadores e chronistas indigenas diante deste vulto notabillissimo, que com o seu inedito estoicismo deu um exemplo como não ha outro na Historia Universal, nem mesmo naquelles tres irmãos Horacios, romanos, que, no tempo de Tulio Hostilio, (66 annos antes de Christo) combateram a favor da patria, contra os tres Curiacios, campeões da cidade de Alba, em presença de seus respectivos exercitos, para decidirem qual daquelles dois povos dominaria o outro. Nem este exemplo, repito, porque elles eram seis, e na savana gaúcha apenas dois decidiram do destino de uma batalha campal.

Estavam as forças de Bento Gonçalves acampadas numa das cochilhas de *Poncho Verde*, quando, ao pôr sol, na cochilha fronteira appareceu a força legal commandada por Onofre. Assim que amanheceu, Onofre enviou um piquete parlamentar, com bandeira branca, aos arraiaes contrarios, propondo um combate singular entre os dois chefes, com o humanitario proposito de poupar a vida de tantos homens, muitos dos quaes nem sabiam a causa porque se iam bater.

Bento Gonçalves, perfilhando tão generoso sentimento, acceitou o nobre desafio e communicou á sua gente o facto, que a todos encheu de surpresa e admiração. E na hora em que os clarins tocaram avançada, em vez de travar-se mais uma renhida batalha, assistiram aquelles dois exercitos a um duello épico, entre os seus heroicos e abnegados chefes.

Feitas as continencias do estylo aos generaes, estes montaram a cavallo, sem ajudantes d'ordens, e foram ao encontro um do outro. Ao chegarem ao valle, sombreado pelas duas cochilhas, trocaram cumprimentos de espada, militarmente cortejando-se, apearam-se, e começaram a luta..

Como eram ambos destros e aguerridos, o duello prolongou-se, triscando-se aquellas duas espadas gloriosas

ao brilho do sol nascente. Era bello de vêr-se a agilidade e destresa com que trocavam os golpes, cada um mais firme no ataque e na defesa. Pareciam dois cyclopes, não os gigantes filhos do Ceu e da Terra que tinham um só olho no meio da testa, mas apenas dois homens como todos os simples mortaes, cuja bravura os transfigurava em semideuses.

Depois de uma luta de gigantes, em que não se podia prevêr qual delles venceria, já os dois exhaustos de tanto batalhar, Onofre cai, varado pela espada de Bento Gonçalves. Este, arrancando do pescoço o lenço de sêda incarnada, que servia de gravata, com elle ligou o ferimento daquelle, de onde jorrava o sangue arterial. Rapida foi a agonia do heróe.

Os dois exercitos, então, baixaram das cochilhas, fazendo alto, de um e outro lado, diante do cadaver do chefe vencido, ao qual ambos prestaram as honras militares a que tinha direito.

Não houve necessidade de se fazer o sahimento funebre: ali mesmo foi aberta a cova, e Bento Gonçalves, com lagrimas nos olhos, ajudou a enterrar o corpo de Onofre. Não houve toque de victoria, mas as bandas de musica dos dois exercitos executaram simultaneamente uma commovedora marcha funeral, seguindo cada um para o seu lado.

Quando tive a honra de representar o Brasil no character de consul-geral em Venezuela, narrando este duello aos meus amigos daquelle glorioso paiz, instaram comigo para que perpetuasse em versos tão singular episodio. Fiz-lhes a vontade, como se vai vêr, preferindo para isso a lingua de Castella, ainda no intuito patriotico de tornal-o mais conhecido fóra da minha patria, que tanto se devia ufanar de ter esta pagina nos seus annaes. Eis os meus versos:

DUELO ÉPICO

(Episodio de la Revolución de Rio Grande del Sur)

I

Yo soy de aquella tierra de guerreros,
Donde nacen las niñas mas hermosas;
Columpiaron mi cuna los pamperos,
Desojando en mi hogar lirios y rosas.

Sin rival en el mundo, una laguna
Siempre azul como el cielo allá se ostenta,
Donde es más melancólica la luna
Cuando flota en el aire blanca y lenta.

Por sus llanos sin término, vestidos
Perennemente de soberbias plantas,
Los ramos avestruces van perdidos
Vagando entre los potros y las antas.

Brama la fiera horrenda junto al nido,
Mientras gimen las tórtolas amantes...
! Ay! tan lejos de tí, mi hogar querido,
Corren por tí mis lágrimas constantes!

... Además de las íclitas hazañas
De mis viejos paizanos en la guerra,
Puede servir de ejemplo en las campañas
Esta leyenda heroica de mi tierra:

II

En medio de las planicies
De las brasileñas pampas,
Entre dos altas colinas
Dos ejércitos acampan.
En una están los *Harapos*
Con tres mil hombres en armas,
En la otra los *Legales*,
Que en defensa de la patria
Dos mil y pico de bravos
En línea extienden,

Llegada

La hora más oportuna
Para empezar la batalla,
El jefe republicano
(Cuando todos aguardaban
Oír sus voces de mando:
!Muchachos! pronto, á la carga!)
Desprende entonces un piquete
Parlamentario en demanda
Del ejército enemigo,
Llevando bandera blanca,
Mientras airosas flamean
En las puntas de sus lanzas,
Como enseñas gloriosas,
Banderolas coloradas.

El grupo parlamentario,
 Cuyo pabellón flotaba
 Como las alas abiertas
 De un águila enorme y alba,
 Iba en nombre de su jefe
 — Onofre así se llamba —
 A decir al jefe opuesto
 Que su ejército aguardaba
 Tan solo la voz vibrante
 Del clarín, para en las ancas
 De sus caballos briosos,
 Que parecen tener alas,
 Volar de pronto á su encuentro...
 Y en pelea encarnizada
 Buscar la muerte gloriosa,
 O la vida — conquistada
 En pro de la independencia,
 Bajo lluvia de metrallas!...

Pero que el jefe, pensando
 Que en el suelo de la patria
 Iba á derramar la sangre
 De bravas huestes hermanas,
 En tanto que aquellos héroes,
 Que soberbios se ostentaban
 Tanto en la línea enemiga
 Como entre sus camaradas,
 Muchos de ellos ni sabían
 La verdadera importancia
 De la causa por la que ellos
 La vida sacrificaban;
 Así, pues, él proponía
 Que la tremenda batalla
 Fuese dada *simplemente*
Entre dos hombres...

Y estaba
 Pronto á batirse él, el jefe,
 Con el jefe de la causa
 Enemiga, *en duelo á muerte*,
 Pues tienen los dos espada,
 ¡Y son ambos generales
 Y tienen la misma patria!

Los dos ejércitos, firmes,
 Con las banderas alzadas,
 Y con las armas en puño,
 Sin uso hacer de las armas,
 — Sevirían de testigos,

En aquella escena estraña,
Y ya terminado el duelo,
Que tantas vidas salvaba,
Uno á otro los ejércitos
Presentarían las armas,
!Y tocarían los himnos,
!Con sus banderas alzadas!

El general victorioso
Seguiría en retirada,
Con su ejército pujante,
Lleno de gloria y de palmas,
En honra al contrario muerto
Tocando fúnebre marcha,
Dando al otro el campo libre
Para rendir, entre salvas,
A su general vencido
Las ceremonias sagradas.

Luego por Bento Gonçalves
Fué la propuesta aceptada;
Y al darse los dos ejércitos
La señal de la batalla,
— Bajaron los generales
Del punto donde acampaban...

Y en medio del *Poncho Verde*,
Al cruzarse sus espadas,
Dieron al mundo un ejemplo
Sin igual en las hazañas
Que refieren otros pueblos.

!Y la mayor, la más alta
Epopéya de las guerras
Escrita fué con las armas
De esos dos valientes hijos
De la brasileña pampa!

El jefe imperialista
Murió al filo de la espada,
Dando su nombre á la historia
Y mayor brillo á la patria.

El jefe de los *Harapos*
Venció; y el jefe imperialista,
De los héroes en la lista,
Se ostenta entre los más guapos!

O MARECHAL CHICO FELIX

FRANCISCO FELIX DA FONSECA PEREIRA PINTO nasceu em Porto Alegre a 21 de Setembro de 1805 e falleceu na côrte do Imperio a 28 de Novembro de 1861, no exercicio do cargo de ajudante-general do exercito (hoje chefe do estado-maior).

Assentou praça em 1817 e foi reconhecido cadete de primeira classe, por ser filho do general Joaquim Felix da Fonseca, sendo tres annos depois promovido a alferes, e a tenente em 1823. Nomeado ajudante de ordens do commando da 1.^a divisão do exercito em operações de guerra no Rio Grande do Sul, em 1826, foi elevado ao posto de capitão por actos de bravura na celebre batalha do *Ituzaingo*, na guerra Cisplatina.

Rebentando a revolução dos *Farrapos*, conservou-se fiel ao governo imperial; reorganizou o 8.^o batalhão de caçadores e começou em 1837 a tomar parte em quasi todos os combates feridos até 1845. Em 1838 foi promovido a major, sendo mais de uma vez louvado em ordens do dia pela bravura que manifestou nos combates do Triunpho, a 23 de Junho de 1839, de Morretes, a 12 de Outubro, e da Azenha, a 3 de Agosto de 1840, fazendo frente a uma força reconhecidamente maior e composta das tres armas.

Em 1852, combatendo contra o dictador Rosas, muito se distinguiu na passagem do *Tonelero*, e na batalha de *Caceros*, já então coronel commandante da 1.^a brigada. No anno seguinte, promovido a brigadeiro, Chico Felix assumiu o commando da divisão que se achava de observação e á frente della penetrou no territorio do Estado Oriental, recebendo do nosso ministro plenipotenciario conselheiro José Maria do Amaral a seguinte saudação:

«Bravas e fieis legiões imperiaes. O ministro do Imperador vos saúda com respeito, e vos abraça com fraternidade na pessoa do vosso general.—Salve! Guerreiros do Imperio!

Vós vindes com as armas da guerra perfazer a obra da paz. Essas machinas de morte e destruição vão tornar-se em vossas mãos instrumentos de vida e organização.

Soldados de Pedro II!: O monarcha vos dá honrosa parte na sua politica internacional. Vós e os bravos da Armada vindes ser cooperadores da diplomacia imperial.

Companheiros no serviço do Imperador! O nosso dever está definido nos tratados. O Soberano do Brasil prometteu fortificar a nacionalidade Oriental, por meio da paz interior e dos habitos constitucionaes. A execução dessa promessa augusta, confiou-a elle ao seu exercito, á sua armada e á sua diplomacia.

Amigos de Pedro II! Juremos que o primeiro dos brasileiros não dá em vão a sua augusta palavra.—Guerreiros! Deveis a vossa dedicação e benevolencia a todos os habitantes do Estado Oriental, sem excepção. Os filhos do Uruguay são nossos irmãos, os estrangeiros que com elles vivem são nossos amigos, porque uns e outros vos invocaram com fé, vos esperaram com ancia e vos saudaram com enthusiasmo. Sejamos gratos a cada um, sendo uteis a todos.

Amigos e compatriotas! Abracemo-nos e brademos com enthusiasmo: Viva o Imperador! Em qualquer canto do mundo onde se achem brasileiros, este brado santo e nacional é um juramento de que cada um vai cumprir o seu dever.—Montevidéo, 2 de Maio de 1854»

No dia seguinte a divisão de Chico Felix fez a sua entrada solemne na cidade de Montevidéo, onde o chefe da nação oriental, general D. Venancio Flores, mandou distribuir esta proclamação:—«Brasileiros! O presidente da republica compraz-se em saudar-vos, ao sentir que pisaes com vistas pacificas a patria dos orientaes. Compraz-se em saudar-vos, pelas provas que já désfes de vossa disciplina, de vossa moralidade, e de vossa sympathia pelos principios eternos de liberdade e de heroismo; assim como pelo nobre sentimento que vos levou a compartilhar de nossos trabalhos na lucta contra a tyrannia, e pelo que o paiz tem a esperar de vós.

Brasileiros! O magistrado que vos fala, combateu ao vosso lado e conhece o vosso denodo; por isso, reclamou o vosso apoio ao augusto e desinteressado alliado da republica, na confiança de que cooperareis para garantir a paz e a estabilidade emquanto os filhos da terra oriental,

dando tréguas ás suas fadigas, se desforram de suas desgraças, e podem aproveitar sua dedicação em pacíficos trabalhos.

Filhos do Brasil! Digna e generosa é a missão que vindes desempenhar na patria dos orientaes. Que a fraternidade igual a disciplina e ao valor, e os fins humanitarios da intervenção corresponderão a tão alta missão. Assim conseguireis os applausos e benções de todos os governos e povos que a contemplam, e assim o espera o vosso alliado e amigo—*Venancio Flores*.

Em Montevidéo recebeu o brigadeiro Francisco Felix a carta imperial de dignitario da ordem da Rosa, e no anno seguinte ahi permaneceu até que ordens lhe foram dadas para se recolher á provincia do Rio Grande do Sul, onde acampou a 19 de Dezembro nas margens do Pirahy-Grande, retomando então as forças do seu commando o titulo de Divisão de Observação. Esta divisão foi logo depois dissolvida, mas distribuidas as suas forças em cinco brigadas, das quaes lhe coube o commando da primeira, que seguiu para a fronteira de Jaguarão, acampando no *Telho*, e as demais em Bagé, Quarahim e Alegrete, São Borja e Missões, e São Gabriel, ficando interinamente no commando de todas ellas o mesmo brigadeiro Francisco Felix.

Por aviso do ministerio da guerra de 7 de Janeiro de 1856 houve por bem o imperador D. Pedro II mandar louval-o em seu nome pelos bons serviços que prestou na republica do Uruguay, em prol da honra, dignidade e interesses nacionaes, e por decreto de 2 de Dezembro do mesmo anno o promoveu a marechal de campo.

Em 1857, tendo sido resolvida pelo governo, a organização de um corpo de exercito de observações na provincia do Rio Grande do Sul, foi nomeado seu commandante em chefe o marechal de campo Francisco Felix que o organisou, junto ao Ibicuihy, do seguinte modo: —1.^a, brigadeiro João Propicio Menna Barreto; 2.^a, brigadeiro Visconde de Camamú; 3.^a, coronel honorario David Canabarro.

A 1.^a divisão compunha-se de duas brigadas, commandadas pelo brigadeiro Manuel Luis Osorio a primeira, e coronel José Luis Menna Barreto a segunda. A 2.^a divisão era tambem formada de duas brigadas, comman-

dadas pelos coroneis Tamarindo e Victor de Mello. A 3.^a divisão, de guardas nacionaes destacadas, compunha-se das brigadas dos coroneis Andrade Neves e Gomes Portinho, que tão brilhantemente combateram annos depois nos campos do Paraguay.

Em 1858 Chico Felix recebeu a grã-dignitaria da ordem da Rosa e foi nomeado commandante das armas da provincia da Bahia, de onde passou para o mesmo cargo no Rio Grande do Sul, em 1859. Nomeado no anno seguinte ajudante-general do exercito, seguiu immediatamente para a côrte do Imperio, onde falleceu dois annos depois, no exercicio de tão elevado cargo.

O GENERAL PORTINHO

BARÃO DA CRUZ ALTA

JOSE' GOMES PORTINHO... Ignoro as datas do nascimento e fallecimento deste general, que apenas sei ter nascido e fallecido na campanha do Rio Grande do Sul. Era um desses muitos grandes homens de origem obscura que se elevam pelo valor pessoal.

Pobre e simples tropeiro, quando rebentou a revolução dos *Farrapos*, alistou-se nas fileiras revolucionarias e tanto se salientou pela bravura e abnegação, que rapidamente foi subindo de postos, até chegar ao generalato.

Transcrevo os seguintes topicos de um jornal de Porto Alegre:—«Era um official cauteloso, que não se expunha aos riscos de uma surpresa do inimigo, nem conduzia os seus soldados a aventuras duvidosas, embora estas se apresentassem muitas vezes sob aspectos seductores. A prudencia era a sua força, e esta nunca fraquejou, nem mesmo na presença dos maiores perigos, que enfrentou com calma inexcedivel.

Espirito rustico, oriundo de uma raça *paciente* e *sofredora* (era mulato) Gomes Portinho tinha ainda assim a mais nitida comprehensão da liberdade e da independencia, por isso foi um republicano instinctivo, si assim se pode dizer. Não havia no seu republicanismo nenhum vestigio de calculo, nem de interesse, de *snobismo*, coisa

esta que naquelle tempo ninguem sabia o que era. Foi republicano por que isso o encantava e estava na massa do seu sangue, sem que pudesse explicar porque o era nem porque não podia deixar de ser-o.

O facto é que era intransigente; e quando o general Andréa, então presidente da provincia, foi offerecer-lhe pessoalmente, em 1848, a nomeação de coronel commandante superior da guarda nacional das comarcas de Cachoeira, Caçapava e Santa Maria, Portinho recusou ardentemente, allegando não estar no seu feitio commandar homens armados em tempo de paz. Só accedeu, quando Andréa, pegando-lhe na palavra, lhe observou que era esse justamente o caso: estavam sob a ameaça da espada e dos soldados do dictador Rosas.

O mesmo aconteceu quando na campanha do Paraguay, em que tambem serviu com bravura e desprendimento. O desprendimento de Portinho ficou assignalado indelevelmente em a nossa historia militar, infelizmente tão raro em certos nomens, em tempo de guerra. Assim se exprime a esse respeito um dos seus mais competentes biographos:

—«Quando estacionava com a sua divisão no Aguapehy, durante a campanha do Paraguay, foi encarregado pelo governo da compra de muitos milhares de cavallos; mais tarde, na Villa Rica, teve identica incumbencia em consideraveis compras de gado, serviço em que muita gente enriqueceu. Pois bem, tanto de uma como de outra vez, Portinho chamou concurrentes e obteve o gado e a cavallada por preços muito inferiores aos estipulados. Levou ainda o seu escrupulo mais longe, fazendo os fornecedores receberem os pagamentos directamente do governo».

Nunca accitou do governo recompensa alguma pelos seus serviços. Aos mil offercimentos que lhe foram feitos, oppôz immediata e formal recusa. No Paraguay, o conselheiro Silva Paranhos lhe offereceu o titulo de barão de Villa Rica, sem conseguir fazel-o aceitar. Mais tarde, porém, não podendo deixar mal o ministro da guerra que lhe enviara o titulo de Barão da Cruz Alta, já firmado pelo Imperador, resignou-se a accital-o, embora nunca deixasse de assignar simplesmente o seu nome em documentos dados á publicidade.

Falleceu aos 72 annos de idade, já então abastado estancieiro no lugar do seu nascimento, de onde apenas se afastava durante as legislaturas da Assembléa Provincial, onde tratava de preferencia do desenvolvimento da agricultura e da pecuaria, apresentando projectos que concediam premios aos agricultores e criadores que mais se distinguissem.

ANDRADE NEVES

BARÃO DO TRIUMPHO

JOSE' JOAQUIM DE ANDRADE NEVES, brigadeiro honorario do exercito e Barão do Triumpho, nasceu na villa do Rio Pardo a 22 de Janeiro de 1807 e falleceu na cidade de Assumpção, capital do Paraguay, a 5 de Janeiro de 1869. A lança deste famoso cavalleiro dos Pampas, que deu tamanho brilho ás fileiras da Guarda Nacional, pode se ostentar na mesma panoplia onde fulguram as mais inclytas espadas do exercito nacional. O seu corcel de guerra tinha os impetos do pampeiro, e a sua indomita bravura attingiu as culminancias do heroismo.

Assentou praça no 5.º regimento de cavallaria, em 1826, mas no anno seguinte trocou as suas estrellas de 1.º cadete pelos galões de tenente da milicia em que tanto se distinguiu, afastando-se da carreira das armas durante oito annos.

Em 1835, porém, rebentando na provincia a revolução dos *Farrapos*, apresentou-se para defender a causa da legalidade, tornando-se notavel nos campos de batalha pela intrepidez com que se envolvia no mais emaranhado das refregas, conquistando o posto de capitão por actos de bravura, depois dos combates de *Capané*, *passo do Rosario*, *arroio dos Cachorros*, e da *Capella Grande*. E no sanguinolento combate do *Fanja*, em que o general Bento Gonçalves foi derrotado e cahiu prisioneiro, Andrade Neves foi promovido no proprio campo de batalha ao posto de major da Guarda Nacional.

Diz o meu velho e presado amigo Barão Homem de Mello que «em 1839 o tenente-general Manuel Jorge

Rodrigues, commandante em chefe das forças em operações no Rio Grande, convidou Andrade Neves a entrar para o quadro do exercito no posto de alferes; e que, já sendo elle major commandante de corpo, regeitou o offerecimento. Em 1840 foi-lhe conferido o posto de major honorario do exercito; e tomando parte nos combates: de 29 de Janeiro, desse anno, nas immediações de Porto Alegre, e de Taquary, a 3 de Maio, neste recebeu dois ferimentos graves, dizendo então o general em chefe:—«E' digno de louvor e do premio que S. M. o Imperador julgar justo, o tenente-coronel José Joaquim de Andrade Neves, commandante do esquadrão ligeiro de guardas nacionaes, que, depois de não poder trabalhar com seu corpo, ficou unido aos caçadores, onde recebeu duas feridas, e tambem não quiz retirar-se sem acabar o combate».

Em 1841 foi nomeado tenente-coronel honorario do exercito e tres annos depois ainda se salientou nos combates do *passo do Rosario, de Poncho-Verde* e *D. Marcos*. Terminada a guerra civil em 1845, diz ainda o Barão Homem de Mello:—«o illustre guerreiro, tão altivo nos combates como estremecido pela união de seus compatriotas, recolheu-se cheio de jubilo ao lar domestico, trazendo a sua fé de officio escripta nas honrosas cicatrizes de seu corpo. Desde simples praça de pret, servira até ao posto superior de tenente-coronel honorario do exercito; e cada posto elle o conquistara no campo de batalha por actos de bravura. Em 1847 foi nomeado coronel da Guarda Nacional e em 1850 commandante superior dessa milicia nos municipios de Rio Pardo e Encruzilhada».

Abrindo-se a campanha contra Rosas, em 1851, Andrade Neves organisou um corpo de voluntarios e engajados, á cuja frente marchou, indo reunir-se ao exercito em operações. Foi nomeado commandante da 7.^a brigada, que fazia parte da 2.^a divisão, ao mando do illustre general João Frederico Caldwell, recolhendo-se á provincia em Agosto de 1852. Pelos longos serviços prestados no espaço de 23 annos, em 1858 foram-lhe conferidas as honras de brigadeiro honorario do exercito.

Diz ainda o seu citado biographo:—«Em 1864 Andrade Neves recebeu ordem do presidente da provincia para formar uma brigada, composta de guardas nacionaes de seu commando, que se encorporou, no Pirahy-Grande, ao exercito, que devia operar no territorio da republica Oriental, sob o commando em chefe do marechal João Propicio Menna Barreto, depois Barão de S. Gabriel, que penetrou naquelle territorio a 1 de Dezembro desse mesmo anno, pela *isla de San Luis, arroyo Hospital y Cerros Blancos*, por onde se dera a invasão argentina no Rio Grande, em 1825, indo Andrade Neves com as forças brasileiras e orientaes sitiar a fortaleza do *Cerro*, que se rendeu.

Rompendo a guerra do Paraguay, López fez rapidamente penetrar suas forças invasoras em duas provincias do nosso Imperio (Rio Grande e Matto Grosso), mal podendo reunir ás pressas alguns batalhões, a flôr de sua mocidade, para resistir a essa horda de barbaros. Em Março de 1865 começaram as operações, que só terminaram em Janeiro de 1869, com a posse de Assumpção. Andrade Neves, tocando já á idade de 60 annos, fez toda essa marcha á frente da divisão aguerrida, que formara á sua margem, communicando-lhe o seu impeto e ardor, partilhando dia por dia de seus soffrimentos e de suas glórias.

Desde que começaram os primeiros reconhecimentos dos terrenos adjacentes a Humaytá, as qualidades que Andrade Neves desenvolvera sempre em frente do inimigo, apontaram-no para o serviço da vanguarda, sendo ao mesmo tempo incumbido das mais arriscadas operações. Era elle dos mais aproveitados discipulos da grande escola militar que reconhece e admira como chefe o general Osorio. Ninguem reunia em mais alto grau a intrepidez, a vigilancia, a preocupação vivissima de sua responsabilidade, e um zelo extremecido pela honra de seu nome.

Não ha obstaculos que possam conter os impetos da cavallaria rio-grandense!... Ella transpõe a nado os rios mais caudalosos, e surge na margem opposta, apparecendo o cavalleiro montado sobre o seu animal, manejaudo as

suas armas, e prompto para pelejar, (*) Na tomada da villa do Pilar, revelou-se brilhantemente essa superioridade da nossa cavallaria; e Andrade Neves, mostrando-se o primeiro soldado entre os bravos que commandava, adquiriu o prestigio de um chefe tão prudente no conselho quanto impetuoso diante do inimigo. Em recompensa dos serviços prestados nesta guerra, foi-lhe conferido o titulo de Barão do Triumpho, a que se accrescentou mais tarde as honras de grandeza.

O nome de Andrade Neves era um terror para os paraguayos. A sua divisão levou o inimigo até o portão de Humaytá. Com esta acção desappareceram os ultimos restos da cavallaria inimiga. O general Andrade Neves dera-lhes golpes mortaes. A' sua divisão chamavam os paraguayos — *caballeria de cuentas*. — Seguiram-se as batalhas de *Potrero Obella*, do *Establecimiento*, em que, já com 62 annos de idade, saltou do cavallo e assaltou a trincheira á frente dos seus commandados, recebendo, então, uma contusão no quadril por taco de peça e perdeu o cavallo, ferido por tres balas de metralha no peito (**). No fim da peleja, extenuado, mandou dar parte ao general em chefe do feliz exito da acção, pedindo

(*) Na tomada da villa do Pilar, deu-se o curioso espectáculo do aprisionamento de uma chata inimiga, a qual foi laçada por soldados da cavallaria rio-grandense com mais de 30 paraguayos dentro. A passagem a nado dos arroios ou rios caudalosos, constitue uma originalidade característica da cavallaria do Rio Grande.

O cavalleiro apoia-se na crina do animal, procurando deixar-lhe livre o movimento de natação. Ha quasi sempre victimas em tão arriscada operação. Foi assim que morreu afogado, ao passar o rio Ibicuihy, no *passo da Catharina*, a 12 de Dezembro de 1866, o bravo coronel Manuel Ferreira Vargas, que defendera com denodo a cidade de Jaguarão, invadida em Janeiro de 1865.

(**) Sabe-se a importancia que tem para o cavalleiro e sobretudo para o general, o cavallo de campanha, afeito ao fogo dos combates. Ao Barão do Triumpho pareceu com a perda desse animal, em combate, faltar-lhe um dos elementos da sua força. — «Foi, escrevia-me elle, em 23 de Fevereiro, uma perda sensivel. E' custoso achar outro igual. Tinha todos os combates desta guerra, e nelle havia eu sahido de minha casa».

e obtendo licença para ir tratar-se no seu acampamento, em S. Solano, para onde se retirou logo. (*)

Em *Palunas* começou o Barão do Triumpho a soffrer mais gravemente em sua saúde, tornando-se necessario submeter-se a um tratamento regular para recuperar as forças abatidas em tanto trabalho. A historia hade admirar os exemplos de devoção que offerece o proceder dos nossos generaes nesta guerra. Elles vencem o inimigo no campo de batalha, e, mais do que isto, subjugam as enfermidades do corpo, fazendo do dever militar uma religião, e do amor da patria um sacrificio sublime. O Barão do Triumpho continuou ao lado de seus companheiros de armas, apesar dos signaes funestos que vinham já annunciar o termo de sua gloriosa carreira».

Quando o nosso exercito se moveu, em Villeta, a 21 de Dezembro de 1868, na direcção da capital do Paraguay, ao fazer alto diante de Lomas, Andrade Neves foi ferido por uma bala, que lhe quebrou a parte anterior do pé. Apareceu logo a febre, que tomou o character de pernicioso. «Em seu leito de dôr (diz Homem de Mello), *o bravo dos bravos do exercito brasileiro* (**) ouvia o fogo das linhas, que vinha ecoar-lhe na alma como um dobre de finados. Mal podiam seu filho Carlos (***) e os medicos, que o tratavam, contel-o em seus impetos de voltar ao combate, no delirio da febre que o consumia. O termo de sua gloriosa carreira, Deus o marcara ali.

No dia 27 Lomas cahiu em nosso poder, por uma brilhante manobra de artilharia executada pelo coronel

(*) Desde o principio de Março de 1868 começara o Barão do Triumpho a soffrer de febres intermitentes, repetindo-se os seus incômodos ainda no mez seguinte. Mas nem por um dia deixou o commando da sua divisão. Em Novembro de 1866 seus padecimentos o haviam obrigado a ir ao Rio Grande tratar de sua saúde, com tres mezes de licença; mas no fim de quinze dias, sentindo-se melhor, apresentou-se ao presidente da provincia e seguiu para a guerra. Desde 1861 foi esse o único tempo que passou fóra da campanha.

(**) Assim foi nomeado na ordem do dia de 14 de Janeiro de 1869 e em outras.

(***) O tenente Carlos Luis de Andrade Neves, que morreu general.

Mallet, (*) transformando-se o desastre de 21 em uma entrada triumphal no seio do reducto inimigo.

Tres generaes brasileiros, gravemente feridos, recebia a capital inimiga em seu seio: Osorio, Argolo e o Barão do Triumpho. Este ultimo foi alojado no pavimento terreo do palacio de López. Defronte, na espaçosa e sombria casa terrea que servira de habitação do dictador Francia, foi residir o general Osorio, o qual todos os dias, com uma anciedade angustiosa, inquiria e se informava dos progressos da enfermidade de seu velho amigo e companheiro de armas. No dia 6 de Janeiro de 1869, pelas 11 horas da noite, o Barão do Triumpho entregou sua alma ao Creador. Na tarde de 7 foi o seu corpo dado á sepultura no cemiterio dessa capital, onde jaz ainda, até que a patria cumpra o dever de guardar em seu seio esses restos venerandos».

Quarenta annos depois, na viagem que fiz ao Paraguay, em Julho de 1909, desembarquei em Humaytá e em Villeta, para pisar o terreno que meus tios e primos haviam regado com o seu sangue, nos combates em que tanto se distinguiram. Em Villeta preveni ao commandante do vapor que só voltaria para bordo em Assumpção, e segui por terra e a cavallo, tomando por *vaqueano* uma linda paraguaya, que me repetia: — *El camino es lindo y la capital es cerca...*

Segui o caminho historico, e cinco horas depois estava no palacio *del Gobierno*, no mesmo aposento onde expirara o grande Andrade Neves.

Meu velho amigo Dr. Decou, que fôra ministro do Paraguay no Rio de Janeiro, no tempo do Imperio, era então o presidente eleito daquella Republica. Obsequiou-me o estadista paraguayo com um almoço, no Hotel Palmas, de onde sahimos juntos, e com quem percorri a cidade indo até ao *Cementerio de los Brasileños*; ahi dobrei o joelho ante o tumulo do Barão do Triumpho, sendo-me mostrada a sepultura onde fôra enterrado meu tio João Sabino Menna Barreto, cujo cadaver foi em 1875 recolhido ao cemiterio de Porto Alegre, como se vê na biogra-

(*) Emilio Luis Mallet, depois general e Barão de Tappey, pai do marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, que figura mais adiante.

phia desse heróe, que ainda estaria ao lado de Andrade Neves, si a familia não fizesse o que cumpria á patria fazer. E sahi, repetindo commigo as palavras de Horacio: *Non est hic locus...*

MARQUEZ DE TAMANDARÉ

JOAQUIM MARQUES LISBOA, o almirante, mais conhecido pelo seu titulo de Marquez de Tamandaré, nasceu na villa de S. José do Norte (fronteira á cidade do Rio Grande), a 13 de Dezembro de 1807 e falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 20 de Março de 1897.

Logo no começo de tão longa e gloriosa carreira militar, o seu nome ultrapassou as linhas divisorias da patria e ecoou victorioso em paizes estrangeiros, tornando-se popular em todo o continente americano, mas isso só depois de ser conhecido na Europa.

Diz o meu velho amigo Achylles Porto Alegre:— «Nascido ali, entre as dunas movediças e as vagas do oceano, na convivencia de marujos e pescadores, ouvindo contar episodios tragicos desenrolados no seio das ondas, só a vida do mar lhe sorria com todos os seus encantos e desencantos. Desde pequeno, empunhando o remo, com o arrojio de um velho lobo do mar, em sua fragil canôa, cruzava o canal para ir ao povoado fronteiro.

O mar, com todos os seus perigos, não o atemorizava; pelo contrario, parecia attrahil-o como uma tentação irresistivel. Aos 13 annos, assentou praça de voluntario na marinha, indo servir na fragata *Nictheroy*. Desde logo revelou as suas aptidões para a vida do mar, que fôra sempre o seu sonho doirado.

A 7 de Março de 1827, na guerra que sustentávamos com os argentinos, cahiu prisioneiro na Patagonia, conseguindo, todavia, dahi escapar por um rasgo de inconcebivel temeridade. Dessa epoca em diante, começa a pôr-se em destaque o vulto homérico do ousado marinheiro, que durante mais de meio seculo encheu a historia de sua patria de feitos de valor e de coragem inexcediveis. Em sua vida ha episodios tão impressio-

nantes, tão commovedores, tão tragicos, que a memoria popular os retém ainda, com todas as suas minucias tocantes, como si houvessem sido desenrolados agora, diante dos nossos olhos.

Em 1848, deixava o porto de Liverpool, o vapor *D. Affonso*, sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisbôa. Vinham como passageiros o principe Joinville, sua esposa D. Francisca, os Duques de Aumale e o chefe de esquadra Greenfeldt. Momentos depois de terem deixado o mar da Mancha, um espectáculo horroroso se apresentava diante dos olhos dos passageiros e tripulantes do vaso de guerra.

Um incendio medonho lavrava a bordo da galera ingleza *Ocean Monarch*. Sem medir a imminencia do perigo, Joaquim Marques manda dar toda a força á machina, e acode em soccorro do navio que ardia, conseguindo salvar cento e tantos infelizes que teriam perecido fatalmente, si não fosse a temeridade do bravo marujo.

A 6 de Março de 1850, o morro do Castello communicava que fóra da barra estava um navio em perigo.

Era a nau portugueza *Vasco da Gama*, que corrida por medonho temporal, ali se achava completamente desarvorada. Joaquim Marques, a bordo do vapor *D. Affonso*, immediatamente transpõe a barra, voltando horas depois, trazendo a reboque o navio salvado do grande perigo.

Em 1851, por occasião da guerra contra o dictador Rosas, que opprimia a republica Argentina, o bravo marinheiro deu as mais bellas provas de sua coragem, na passagem do *Tonelero*, ponto de difficil accesso pelos accidentes da natureza e suas valiosas obras d'arte. Mais tarde, em 1864, no sitio do Salto em poder dos *blancos*, o Marquez de Tamandaré, colheu novos louros para juntar ás suas glórias impereciveis.

Quando o exercito, que pôz cerco a Montevidéo, levantou acampamento, tomando o rumo do Paraguay, os doentes e feridos no ataque de Paysandú foram transportados para Buenos Aires. Nessa occasião, o nosso almirante revelou o mais vivo interesse pelos nossos soldados, procurando suavisar a sorte delles. Escolheu para alojal-os o Hospital Italiano, que acabava de ser construido num bello sitio da cidade. E nesse imponente edificio, de aspecto encantador, nada faltava para tornar

menos penoso o soffrimento dos nossos patricios. E não era só isto: a miude visitava as enfermarias, ouvia os doentes, e animava-os com tocante carinho paternal. Nada, absolutamente nada faltava para o conforto dos enfermos.

Em 1890, assim que foi proclamada a republica, o Marquez de Tamandaré foi reformado, tendo prestado ao paiz e á humanidade serviços de tal natureza, que jamais poderão ser esquecidos».

Tive a ventura de conhecer de perto os maiores homens do meu paiz, desde o sabio imperador D. Pedro II e seus dedicados servidores, em cujo numero se destacava o glorioso Marquez de Tamandaré, até meus parentes, que occupam o maior espaço desta galeria de heróes, sem esquecer meu padrinho de baptismo, o illustre Visconde de Sinimbú, de quem me occupo demoradamente na minha obra intitulada — *Homens do meu tempo*.

Assim que transferi a residencia para a côrte do Imperio, as minhas visitas mais assiduas eram feitas aos meus comprovincianos que nella já se achavam, em cujo numero figuravam o sabio Visconde do Rio Grande, o inclyto Marquez do Herval, o erudito professor Coruja, o ironico conselheiro Ferreira Vianna, o illustre medico Rego Cesar (que entra na segunda série dos *Perjís Gaúchos*), o extraordinario bohemio Arthur de Oliveira e o immortal almirante Marquez de Tamandaré.

Este rude e meigo homem do mar foi um incorrigivel rebellado contra os habitos convencionaes: dormia num catre, de duas tábuas assentadas sobre cavalletes, tendo por travesseiro um duro tijolo enfronhado numa toalha de linho; só calçava os sapatos para sahir de casa, não em obediencia ao conselho hygienico do systematico padre Kneipp, mas para maior commodidade dos pés.

Camarista da Casa Imperial, quando *fazia semana* no palacio, corria a procurar as botinas sempre que o *reposteiro* ia dizer-lhe que o Imperador mandava chamal-o... Nunca se fardava de almirante, praguejando ao entrar de semana no paço, só porque tinha de trocar o seu casaco de alpaca pela *libré verde*, como elle dizia. Fumava cachimbo e tomava rapé. Resava assim que começava a trovejar, não perdia a missa dominical, e narrava os episodios do seu longo passado com enthusiasmos de verdadeiro moço, isto já quasi aos noventa annos.

O GENERAL OSORIO

MARQUEZ DO HERVAL

MANUEL LUIS OSORIO, marechal de exercito e Marquez do Herval, nasceu na villa de N. S. da Conceição do Arroio (a 22 léguas da cidade de Porto Alegre), em 10 de Maio de 1808 e falleceu na côrte do Imperio, a 4 de Outubro de 1879.

Estudou as primeiras letras na unica escola que então havia no logarejo do seu nascimento e que era dirigida por um sapateiro, completando mais tarde os estudos primarios com seu padrinho.

A 1 de Maio de 1823 assentou praça numa Legião de cavallaria, sendo logo, no anno seguinte, promovido a alferes, tendo em 1825 o seu baptismo de fogo. De então por diante foi subindo de postos até chegar á mais alta patente do exercito, tornando-se por sua bravura e tactica militar o legendario de que tanto se orgulham as armas nacionaes.

Guerreiro insigne, perstigioso chefe politico e estadista eminente, foi deputado, senador do Imperio, ministro da guerra, membro do conselho do Imperador D. Pedro II, que o agraciou com o titulo de Marquez do Herval.

Osorio era tambem poeta, que o foi, inspirado e musical. Diz seu digno filho e biographo, o Dr. Fernando Osorio, na *Historia do General Osorio*: — «Ouvindo canções populares, presenciando os improvisos dos trovadores, começou a trovar e a improvisar tambem. E depois, obediente á sua natural tendencia, teve innumerables occasiões de exercitar essa mysteriosa faculdade, essa parte melodiosa do pensamento, a poesia, como lhe chamava Lamartine. E exercitando-se, creou fama de poeta repentista, *glosando* com a maxima promptidão os *motes* que lhe davam.

Osorio affrontava essa difficuldade, sem que houvesse recebido as lições dos mestres, sem que soubesse a arte da metrificacão, unicamente por natural engenho. Nestas condições foi-lhe vedado ultrapassar os limites da poesia lyrica. Temendo que o amor filial me ce-

gasse ao ponto de considerar dignas de publicidade as poesias de meu Pai, consultei muito de industria dois poetas contemporaneos: o venerando Dr. Castro Lopes e o meu amigo Mucio Teixeira, aquelle, representante da escola em que Osorio se inspirou; este, poeta genial e fecundo, que acompanha a evoluçãõ da poesia moderna.

Do juizo delles, que anteriormente se vê, tirei a conclusãõ de que não me assistia o direito de eliminal-as desta obra». — Diz o Dr. Castro Lopes: — «E' preciso remontar ao seu tempo, ao tempo em que o filho do Rio Grande do Sul, mal adquiria o vigor da mocidade, era logo reclamado para as armas e tomava a espada para ir combater pela Patria; e porque não se podia, nem havia como, não se tratava da sua instrucçãõ na litteratura ou na sciencia.

Para apreciar-o como poeta, são ainda precisas uma penetraçãõ e comprehensãõ perfeitas do estado do seu espirito, governado no scenario de suas primeiras expansões por um coração juvenil, e sem o preparo dos livros e dos mestres; finalmente é necessario não esquecer que a poesia lyrica, popular, simples, da fórma porque elle a fazia, era então a preferida pelos trovadores da época».

Disse eu, prefaciando a *Historia do General Osorio*: — «Cabe-me a melindrosa e honrosissima tarefa de apresentar Osorio, não como o tradicional guerreiro cujo corcel tremia ao peso da bravura, nem por nenhuma das multiplas faces da sua entidade moral e social, mas simplesmente por um aspecto inteiramente novo, e ainda assim radioso,— como poeta, o que vai ser para a maioria dos seus admiradores uma verdadeira surpresa.

Osorio foi poeta por organisaçãõ, e as Musas abraçaram-lhe a fronte juvenil com o beijo de fogo da inspiraçãõ, mas uma inspiraçãõ espontanea como a sua coragem, simples como os seus costumes pampeanos, arrebata da como as suas façanhas no campo das batalhas, e ingenua como a simplicidade dessa alma quasi infantil, de tão pura que era, e que até parecia feita do filtro magico que ora encrespa a juba dos leões, symbolisando a força, ora agita a pennugem alva e macia das pombas, desenhando a caricia.

Ha quem tenha mais espirito do que Voltaire, disse um escriptos francez,—é o povo.—Inquestionavelmente, a poesia popular de qualquer nação encerra mais bellas que muitas das poesias dos seus eruditos. A poesia de Osorio é singela e harmoniosa, verdadeira e humana». —Vejam:

QUADRINHAS

Só vivo quando te vejo,
Dia e noite penso em ti;
Si nasceste para amar-me,
Eu para te amar nasci.

Ausente dos teus encantos,
Sem teus lindos olhos ver,
Tudo me causa desgosto,
Nada me causa prazer.

O Tempo curar não pode
As chagas que Amor abriu;
Separar só pode a Morte
Corações que Amor uniu.

Pavorosas, negras sombras
Escondem o meu penar;
Em silencio a dor me oprime,
Meu alivio é suspirar.

MOTE

Nada vejo do que quero.

GLOSA

Mostrou-me a Fortuna abertas
As portas dos seus thesouros,
Mostrou-me palmas e louros,
Fez-me mil milhões de ofertas:
—«Fortuna, tu não acertas!
(Respondo-lhe em tom severo)
«Os dons, que do ceu espero,
«Tu nunca me podes dar;
«Torna as portas a fechar,
«Nada do que vejo quero».

O ABYSMO DA DOR

Os prazeres mais puros da vida,
Que gosamos com ancia e fervor,
Degeneram no mal que mais tarde
Nos arroja no abysmo da dor.

Insensato é o homem que pensa
Ter venturas sem ter dissabor;
O praser, a que amor nos convida,
Nos arroja no abysmo da dor.

Da mulher um carinho, um sorriso
Nos eleva nas azas do amor;
Da mulher um olhar de desprezo
Nos arroja no abysmo da dor.

Si os carinhos do bem que adoramos
Um instante nos dão de favor,
Noutro instante o ciume do inferno
Nos arroja no abysmo da dor!

Já notavel pela bravura indomita de que dera numerosas demonstrações na guerra dos *Farrapos*, nos campos do Paraguay foi que a sua figura homérica se destacou de maneira inexcédível. Para demonstral-o bastam factos como estes:

A cavallaria inimiga levava na garupa os soldados de infantaria; e estes, lançando-se sobre as nossas baterias, matando e desbaratando de supresa os artilheiros, já começavam a arrastar os nossos canhões, quando o general Osorio appareceu á frente do seu corpo de exercito (no dia 2 de Maio de 1866); a confusão foi horrivel, a derrota completa, como se vê na ordem do dia do combate de *Estero Bellaco*.

Vinte e dois dias depois, na celebre batalha de 24 de Maio, a mais renhida e mortifera peleja que jamais se havia travado no continente americano, e indubitavelmente uma das mais gloriosas para o Brasil, o vulto mais saliente dessa memoravel acção é Osorio, que se acha em todos os pontos onde mais imminente é o perigo, animando os combatentes com a sua presença tranquilla e sobranceira, e dirigindo a peleja com a calma dos verdadeiros heróes. Nessa batalha cahiu do cavallo, com um grave ferimeneto de bala no rosto, que lhe arrancou parte do maxilar superior.

Finda a guerra, quando o glorioso soldado chegou á côrte do Imperio, para tomar assento no Senado, em 1877, foi recebido no meio das maiores demonstrações de regosijo pela população da grande cidade do Rio de Janeiro, que lhe preparara uma ovação como a ninguem mais fôra feita até hoje.

Poesias recitadas pelos mais brilhantes poetas do tempo, discursos dos mais illustres oradores, corôas de louros offerecidas pelas senhoras da mais alta sociedade; toda a cidade embandeirada e á noite profusamente illuminada; assim que o heróe entrou na carruagem que devia conduzi-lo á sua residencia, o povo tirou os cavallos della e puxou-a á mão até ao seu destino.

Osorio na intimidade era de uma encantadora modestia; pedi-lhe mais de uma vez que me dêsse a sua impressão pessoal de algumas das suas mais assignaladas batalhas, e elle, descrevendo tudo minuciosamente, só não falava da sua pessoa. Si eu insistia, para que dissesse a posição que occupava durante os combates, limitava-se a dizer:—«Eu andava por ali»...

Uma tarde, estando Osorio á frente da sua barraca, de poncho e chapéu de feltro, uns recrutas perguntaram-lhe para que lado estava o seu batalhão, pois entre milhares de tendas alinhadas pela planicie a fóra, não era facil distinguir os corpos ali acampados. Osorio observou-lhes que fossem apressados, pois não tardava a tocar a revista, e mandou a sua ordenança guial-os. Elles, agradecidos, disseram-lhe os respectivos nomes, e um delles, mais pernostico, quiz saber como se chamava o velho bonachão.

—Chamo-me *Manuel Luis*.

—Pois *seu Manuel Luis*, muito obrigado e até outra vista.

As festas e homenagens por occasião da sua chegada á côrte, em 1877, continuaram por mais de uma semana. E num *pique-nique*, que lhe offereceram no Corcovado, assisti aos seguintes factos. Instando uma moça para que o general dansasse com ella, disse-lhe:—Que vergonha! soube vencer tantas batalhas e não sabe dansar uma quadrilha...

—Que nome tem essa quadrilha?

—Os lanceiros...

—Como não sei, si fui commandante delles...

A outra, que lhe perguntou no que consistia o segredo da sua bravura, respondeu:—Eu fui valente por medo...

—Medo?!

— Sim, tinha medo de que as minhas patricias bonitas não me recebessem bem, si eu me portasse mal nas batalhas.

Conta o Visconde de Ouro Preto que, na occasião em que ao exercito argentino faltou o gado, o general Mitre, que particularmente se correspondia com o Marquez do Herval, em tom familiar e gracejador, lhe escreveu um bilhete nestes termos:

— « Meu caro general e amigo, empreste-me *tantos* bois, sinão vou tomal-os á viva força, tanta é a necessidade ».

A resposta de Osorio foi esta:

— « Querido general e amigo, para poupar-me ao pesar de destroçal-o, mandar-lhe-ei os bois de que precisa ».

Nas solemnidades, algumas vezes fastidiosas, a que eramos obrigados a assistir por dever do cargo, o general distrahia-se e amenisava o tédio aos collegas, improvisando quadrinhas, cuja metrificacão não garanto fosse correcta, mas chistosissimas. O Imperador conhecia-lhe a *verve* e, ás vezes, como que propositalmente, o provocava, para apreciar-o. Referirei dois incidentes que, entre outros, romperam a monótona gravidade dos despachos em S. Chirstovam.

Tratava-se da escolha entre dois officiaes do exercito para uma commissão. Sua Majestade, que perfeitamente conhecia a fé de officio de todos e até dos sargentos (tive occasião de verificall-o em promoções para alferes no tempo da guerra) propendia para um delles, cujos serviços e méritos enumerava.

— « Tem Vossa Majestade toda a razão, observou o ministro da guerra: é official de muito merecimento; só lhe conheço um defeito...

— Qual é?

— Costuma *empinar o cotovello*...

— Como?

O general com toda a seriedade, sem proferir palavra, fez o gesto de quem leva á boca uma botija e a despeja.

O Imperador riu-se e assignou o decreto de nomeação do concurrente, que o ministro levava prompto e lhe apresentou.

Doutra feita, o collega que se sentava á esquerda do general, á mesa do despacho, suppondo servir-se do arceiro, derramou sobre os papeis grande porção de tinta, que inutilisou alguns do ministerio da guerra, ali ao lado:

—«Caramba, camarada! não se pode acampar junto de si».

Osorio era de estatura pouco acima da mediana; hombros largos, garboso o porte, tumido o peito. Pisava firme; caminhava a passos largos e cadenciados, de frente erguida, olhando de frente, com olhar vivo e penetrante, o ouvido atilado e percrustador. Mesmo depois dos setenta annos, os seus cabellos não estavam de todo embranquecidos. O rosto sem rugas, a cutis alva e rosada. Olhos castanho-escuros, labios polposos, denotando sensualidade; o nariz grosso, representando a força do character energico e prudente; o queixo angular dos homens sensatos, firmes e bons.

Considero estas minucias da maior importancia, para o conhecimento perfeito dos *documentos humanos*. Os musculos faciaes dependem do cerebro e obedecem ás imposições do character individual. As paixões revelam-se nos mais ligeiros gestos, que são como que a *physionomia activa* do corpo e da alma. Lavater remontou-se dos effeitos ás causas; Gall desceu das causas aos effeitos; mas ambos chegaram á conclusão de que a *physionomia* não é mais do que o reflexo da alma.

A *physionomia* aberta, desanuveada e serena deste heróe, inspirava confiança. A barba, que era espessa, escañoada nas faces, desbatada aos lados, e nos ultimos annos mais prolongada no queixo, mal encobria neste duas cicatrizes que lhe ficaram dos graves ferimentos que recebeu na batalha, tendo a bala atravessado o rosto, penetrando no maxillar inferior e sahindo na altura do labio, onde deixou ligeira depressão.

Pela debilidade do orgão attingido, ficou impossibilitado de mastigar, não podendo mais comer sinão iguarias brandas. Comtudo, alimentava-se fartamente, salgando e apimentando a comida. Admirado da quantidade de pimentas que Osorio mastigava, perguntou-lhe um comensal si era bahiano.—«Sou do Rio Grande do Sul, mas amo a Bahia pelos seus soldados da infantaria, os seus poetas e estadistas, a gratidão que lhe devo e... até

pelas suas pimentas». E derramou mais algumas no prato. Bebia agua ás refeições, só tomando um cálice de vinho do Porto á sobremesa.

O *matte-chimarrão* (*) era a sua bebida predilecta. Fumava dia e noite, e só fumava charutos, desde major. Jogou muito, na mocidade, mas depois de general só se entretinha com o *voltarette*. Vestia-se sempre á paizana, rigorosamente de preto. Em casa usava roupas de brim pardo. A sua modestia reflectia-se em tudo: a cama estreita, ao fundo do quarto, tinha á cabeceira o bidé carregado de jornaes; a um lado o lavatorio, e dois cabides na parede, pendurando num as roupas e no outro as suas armas de guerra e de caça, menos a lança, que permanecia encostada a um canto, por traz de um cavallete de madeira, que sustentava os arreios de montaria.

A' cabeceira da cama um crucifixo, ladeado por duas imagens sagradas. Do outro lado do quarto duas canastras de campanha, algumas cadeiras e uma mesa tôska, na qual havia livros de arte militar, de literatura e de historia, os utensilios para escrever, e um retrato de sua fallecida esposa. Nem quadros com ricas molduras nas paredes, nem reposteiros, nem mesmo um leve cortinado sobre o leito. Este era o aposento onde dormia, meditava, lia e recebia os intimos o maior guerreiro dos ultimos annos da Monarchia.

Convidado por Sinimbu para ser o ministro da guerra do gabinete de 5 de Janeiro de 1878, Osorio respondeu que só accitaria essa pasta, si a da Fazenda fosse confiada ao seu patricio Gaspar Martins. O presidente do conselho, que queria dar um digno successor ao Duque de Caxias, que tanto nobilitara aquella pasta, não teve remedio sinão em fazer-lhe a vontade, embora contrariado, pois queria, um governo *sólido e solidario*, e conhecia bem o character impulsivo do fogaoso tribuno gaúcho, que mais dia ou menos dia era capaz de romper a precisa solidariedade, como aconteceu, mais cedo do que se pensava.

(*) Possúo a *cuia* e a *bomba* de Osorio, que me foram dadas pelo dr. Fernando Osorio. — M. T.

Sinimbú (que era meu padrinho de baptismo) escreveu ao general Osorio, pedindo que me trouxesse consigo para a côrte. Vim. Tomámos passagem a bordo do vapor *Canova*, que chegou ao Rio de Janeiro na manhã de 13 de Fevereiro de 1878, vindo tambem connosco o futuro ministro da Fazenda com sua familia. Essa viagem foi uma verdadeira marcha triumphal. O commandante do navio, trazendo dois ministros a bordo, deu ordem ao commissario no sentido de serem as refeições uns sumptuosos banquetes.

Em cada porto intermediario, os politicos mais eminentes da localidade appareciam á frente de grande massa popular, e pomposas festas eram offerecidas a tão illustres passageiros. Osorio deu-me um logar á sua mesa, a bordo; e nos banquetes, em terra, mandava-me falar, respondendo aos oradores que o saudavam. Objectando-lhe que era mais proprio confiar essa honrosa incumbencia a seu filho, respondeu:—«O Fernando é deputado, pode falar na Assembléa Geral Legislativa; o meu proposito é tornar-te conhecido fóra da nossa terra; quero que vejam que és poeta e orador».

Gaspar dignava-se de conversar commigo, uma vez ou outra, mas sem aquellas expansões com que se communicava com os outros. Presentimentos, talvez... A antiguidade fez do presentimento uma especie de mysterio divino, que em nossos dias passou a ser admittido como phenomeno telepathico. O presentimento é o conhecimento vago e instinctivo daquillo que vai acontecer. É uma *mediumnidade*, si assim se pode dizer, que ultrapassa os limites do tempo e do espaço.

Além disso, naturalmente, Gaspar ainda se lembrava de um facto, que ferira a sua nimia susceptibilidade: eu havia entrado, uma vez, na redacção da *Reforma* de Porto Alegre, onde elle palestrava na occasião com Florencio de Abreu e Eleutherio de Camargo. Gaspar pediu-me versos para uma edição especial daquella folha consagrada ao Visconde de Pelotas, que elles queriam a todo transe metamorphosear em heróe... Respondi-lhe que não sabia fazer versos de encomenda.

Os três politicos retrucaram-me simultaneamente que «um poeta de tão espontanea inspiração só não fazia versos quando não queria»; e Gaspar perguntou-me em

alto diapasão si eu não me enthusiasmava com as glorias dos nossos patricios?!... Respondi que sim, que a minha musa já se tinha voltado para os heróes de 35, os Menna Barretos, Osorio e o Conde de Porto Alegre.

Assim que chegámos a Santos, Gaspar, querendo medir a sua popularidade com a de Osorio, telegraphou para a côrte, dizendo que elle desembarcaria no caes da Imperatriz e Osorio no largo do Paço. O resultado, porém, foi o ministro da Fazenda apenas encontrar meia duzia de amigos á sua espera, com uma banda de musica da força policial; sendo o ministro da Guerra aclamado por uma multidão de mais de dez mil pessoas, recebido pelo presidente do conselho de ministros, todos os membros do governo, senadores, deputados, altas corporações civis e militares, atravessando por entre alas de toda a força da guarnição militar, formada em primeiro uniforme.

Ministro da guerra do gabinete presidido pelo conselheiro Visconde de Sinimbu, a morte arrebatou o general Osorio, quasi repentinamente, cabendo-me a honra de me serem dirigidas as suas ultimas palavras. Seu filho Fernando, caçado de passar cinco noites em claro, adormecera, reclinado aos pés da cama do enfermo, que apresentara sensiveis melhoras nesse dia, o que permittiu conservar-se a familia no interior da casa.

Meia hora antes (ás 5 da tarde) um dos seus companheiros de governo offerecera-lhe um charuto, de que apenas tirou duas fumaças, atirando-o fóra, mas com tal força, que foi cair a uns quatro metros de distancia. Entrando o poeta Rosendo Muniz, que conhecia desde a ultima guerra, disse-lhe, sorrindo:

--Você escapou das balas do Paraguay, mas quasi morreu de frio por lá, *seu bahiano*...

Retiraram-se todos do aposento, por ter o enfermo manifestado vontade de dormir, ficando apenas Fernando e eu. Meia hora depois de uma ligeira modorra, abriu os olhos e disse:--«Mucio, chama a Manuela». --Fui chama-la, voltando em seguida com sua filha D. Maria Manuela Osorio Mascarenhas.

O pai, vendo entrar a filha, sentiu tão forte commoção, que perdeu a lucidez mantida até esse momento, fa-

zendo gestos incompreensíveis e começando a dizer palavras sem nexo, que foram estas: — *Patria... sacrificio... ultimo...* E expirou.

Tres horas depois, quando começaram os medicos a embalsamar o corpo do heróe, fui para o seu gabinete, no fundo da habitação, e quiz repousar um poucó; Fernando, que ali se achava, pediu-me que escrevesse uns versos a seu pai; respondi-lhe que naquelle momento eu não podia ligar idéas, de tão suffocado que estava por não poder chorar. Instou para que tirasse partido de tamanha commoção. Abraçou-me, soluçando, o que me fez chorar tambem, graças á acção suggestiva das lagrimas. Respirando, então, alliviado, escrevi estes versos:

O LEGENDARIO

Na morte do General Osorio

Eu vi o nosso heróe nos transes derradeiros
Do derradeiro instante:
Forte como um leão, grande como um gigante,
Parecia passar no campo das batalhas,
A' frente dos guerreiros,
Por entre um temporal desfeito de metralhas!

Não é mais bello o sol, como um Titão sangrento,
No occaso avermelhado;
Eu vi (sonho ou visão? — febril deslumbramento!)
Nos seus olhos profundos,
Com tristezas de morte e audacias de soldado,
— Vivas radiações
De esplendurosos mundos
No sombrio estendal das amplas vastidões.

Ha não sei quê de forte
Na maneira de olhar dos velhos legendarios:
Parece até que a Morte,
Varrida pelo espaço
Na eterna repulsão dos vultos planetarios,
Já talvez na suprema angustia da impotencia,
Ao ceu levanta o braço,
Feito de músculos d'aço
Na forja sideral do azul dos arrebóes,
Bradando: — O' Providencia!
O' Deus das tradições
Da Tragedia Sagrada!
Dá-me ímpetos de mar e furias de tufões
Para eu poder lançar á solidão do nada,
No poente da morte, o vivo sol dos sóes! —

E eu vi que o Legendario
 Era de certo assim: bello, sereno e forte
 Nas horas em que a morte
 O deixava, a scismar, soberbo e solitario,
 Na sombria extensão dos campos de batalha...

Quanta vez, encostado a uns restos de muralha,
 Não pensava na patria o campeador valente!
 Dante! as tuas visões passavam-lhe na mente,
 Envoltas em trophéus e envoltas em mortalha!...

Depois, quando soavam
 Clangorosos clarins metálicos, vibrantes,
 Ao rufo atroador de innúmeros tambores,
 E as bandeiras ao sol, como azas de condores
 Nos ares fluctuavam,
 E longe, muito ao longe,
 Extensas legiões,
 Escuras como a cor do hábito de um monge,
 Tomavam posições,
 Enquanto mil espadas
 Scintillavam ao sol, vivas, desembainhadas...

Como que se operava a transfiguração
 Dos cimos do Thabor:
 Osorio, aureolado em ondas de um clarão,
 Era o genio da guerra, o assombro do valor!

No confuso vaivem
 Dos inquietos corceis das bravas cav'larías (*),
 Que mascavam o freio em coleras sombrias,
 Varados pelas balas
 Que voavam d'além...

Abriam-se de chôfre os pelotões em alas
 Para passar alguêm:
 Então, nesse momento,
 No dorso de um corcel de crina sôlta ao vento,
 Num galope febril, fantástico, infernal,
 Forte como o exemplo eterno do Calvario,
 Passava o General...
 O General Osorio, — o nosso Legendario!

la colher mais louros,
 Si mais louros houvesse ainda por colher;
 Bradava então a Morte: — Eu posso te suster
 Com meus pulsos fataes! —
 Respondia o heróe: — Eu vou para os vindouros, —
 E galopava mais!

(*) O gaúcho pronuncia *cav'laría*, em vez de cavallaria.
 Assim Osorio dizia e assim digo eu. — M. T.

E galopava mais! e mais... e tanto, tanto,
Que os primeiros heróes o perdiam de vista:
Viam somente, ao longe, attônitos de espanto,
Um vulto indefinido... o Anjo da Conquista!

Procuravam em vão seguir de Osorio os rastros
Os velhos marechaes;
Assim tambem na esphera espléndida dos astros,
Estão longe do sol — planetas immortaes!

Foi assim que o heróe, nos campos de batalha,
Glorificou a vida — exposto sempre á morte:
Como é que vem a sorte
Envolver seus trophéus nas dobras da mortalha?!...

Povo! não vês que chora «uma nação inteira
Aos pés de um homem só»? (*)
O presente não sonha, em mystica cegueira,
A escada de Jacob...
E' mister levantar um monumento a Osorio,
O maior general dos nossos generaes!
Um monumento enorme, assim como o zimbório
Das amplas cathedraes:
Bem o podes talhar ao molde do seu nome,
Que o tempo não consome.

E si faltar material bastante
Para nas praças erigir-lhe estatuas,
Si essas vaidades transitorias, fatuas,
Perdem-se á sombra desse heróe gigante;
Não vás grinaldas enastrar de flores,
Nem ás estrellas mendigar fulgores;
Temos na terra o que não ha no ceu:
Apanha as armas que a seus pés cahiram,
E ajunta as balas que os canhões cuspiram
Lá na provincia onde este heróe nasceu!

Curva-te, ó patria, sobre o chão do Pampa,
Recolhe os ossos dos Titães soldados,
E então de sabres e canhões e balas,
Lanças partidas, pavilhões rasgados,
Levanta o alto pedestal da estatua
Que irá nas brumas se perder do espaço...
E assim aos astros erguerás seu craneo,
E ao mundo inteiro estenderás seu braço!

Publiquei esta poesia com uma epigraphie de versos
meus ao Conde de Porto Alegre, em que digo:

Todos choram a morte do guerreiro:
Como é bello, meu Deus, um povo inteiro
Chorando um homem só!

(*) Versos da Mucio Teixeira ao Conde de Porto Alegre.

SILVA TAVARES II

BARÃO DE ITAQUY

JOÃO NUNES DA SILVA TAVARES, Barão de Itaquy, nasceu na villa do Herval a 24 de Maio de 1818 e falleceu em Bagé a 8 de Janeiro de 1906. Era filho do general Visconde do Serro Alegre e irmão do Dr. João da Silva Tavares, que tambem figuram neste livro. Diz a seu respeito o autor da obra intitulada *Homens illustres do Rio Grande do Sul*:

«Contava apenas 17 annos de idade, mas fervia-lhe nas veias o sangue bellicoso de seu bravo genitor. Envergara a farda, que tanto honrou, em pleno periodo revolucionario, e havendo o velho general seu pai se posto ao lado da legalidade, o filho o acompanhou, e tres dias depois recebia o baptismo de fogo, nas pontas do arroio Telho, com as forças revolucionarias de Gervasio Verdum. Em seguida, em marcha para Pelotas e Arroio Grande, assistiu, nas proximidades de S. Lourenço, ao combate de 19 de Outubro contra as forças do coronel Antonio Gonçalves da Silva. Havendo emigrado para o Estado Oriental, voltou em 1836, tomando logo parte no combate do Rosario, em que ficou prisioneiro o coronel Côte Real, chefe das forças inimigas.

A despeito de seus verdes annos, a assistencia de Silva Tavares na revolução foi activissima, e reveladora de incorruptivel lealdade á causa imperial, que havia abraçado. Prova-o a sua attitude, quando foi ferido e feito prisioneiro no combate do Seival, resistindo aos insistentes convites dos chefes republicanos para militar com elles pela causa da revolução. Repelliu nobremente todas as propostas. Seu pai pelejava nas hostes imperiaes, esse era, pois, o seu logar. Intimaram-no, então, á neutralidade; Silva Tavares resistiu ainda, «porque (dizia) importava isso no sacrificio de seus brios e de seus sentimentos». A' vista dessa pertinacia, foi resolvida a sua detenção, sendo, entretanto, posto em liberdade, graças á intervenção do chefe oriental Calengo.

Após um curto descanso na estancia de Taquary, onde se achava a sua familia, o joven Silva Tavares voltou ao

serviço em companhia de seu pai. Atacado e sitiado este nas pontas do Arroio Grande pelas forças de David Canabarro, em numero superior ás suas, capitulou e ficou prisioneiro. Conseguindo, pouco depois, o velho Tavares fugir da prisão, organisou nova brigada, sendo então nomeado este seu filho, alferes-ajudante de campo.

Tomou parte activa nas operações de 1837, e nas do anno seguinte. Em 1840 entrou no combate contra o coronel Florentino Manteiga, em 1841, como commandante da guerrilha, assistiu á derrota do major Felix Vieira; e em seguida, sob o commando do tenente-coronel Serafim Ignacio dos Anjos, á das forças do major Quero-Quero. Serviu mais tarde no exercito do general João Paulo, e em seguida nas forças do coronel Manuel dos Santos Moreira. Encarregado de tomar conta da cidade de Pelotas, ahi aguardou a chegada do então Barão de Caxias, nomeado presidente da Provincia e commandante das armas.

Ao terminar o glorioso decennio de luctas, Silva Tavares foi promovido a major, tendo conquistado todos os postos subalternos por actos de bravura. Estava então com 27 annos de idade, e dez de serviços militares na guerra.

Quando, em 1864, o Brasil rompeu violentamente com o Estado Oriental, o nosso bravo patricio offereceu seus serviços ao general João Propicio Menna Barreto e seguiu com o exercito deste, tomando parte no assalto e na tomada de Paysandú. No anno seguinte, invadido o Brasil pelos paraguayos, o já então coronel Silva Tavares, organisou um corpo de voluntarios e seguiu para Uruguayana. Depois da rendição dos paraguayos em Uruguayana, recebeu ordem de voltar para Bagé, em cuja fronteira exerceu o commando de uma brigada, incorporando-se, depois, ao 3.º corpo do exercito commandado pelo general Osorio, com o qual marchou para o Paraguay.

Ahi o seu raio de acção se expandiu e a sua promoção a coronel, fê-la o Duque de Caxias, por actos de heroismo, em pleno campo de batalha. Silva Tavares assistiu aos reconhecimentos, á viva força, no Passo-Pecú, Espinillo e trincheira de Humaytá. Em 1868 entrou em Palmas com o exercito, tomou parte saliente no combate

de 11 de Dezembro e portou-se por forma tal que recebeu a medalha de merito militar. Em 21 do mesmo mez, combateu em Lomas-Valentinas, na linha Paquecery, empenhando-se com a sua brigada no cerco da Angostura, até á rendição do forte.

Em 1869 seguiu para Assumpção, onde aguardou a chegada do Conde d'Eu, novo general em chefe. Proseguindo com successo sua tenaz acção guerreira em Peribebuy, em Campo Grande, na Picada de Caraguatahy, etc., pouco depois bateu em Itopitanguá as forças do coronel Caneto, e venceu em Loma-Uruquá as do coronel Chénez. No ultimo periodo da cruenta guerra, Silva Tavares era o homem de maior confiança do general João Manuel Menna Barreto.

Foi numa dessas occasiões que Silva Tavares, transpondo o arroio Negla, ao chegar ás pontas guias, aprisionou o coronel Salinas, e por elle soube estar López na margem esquerda do arroio Aquidaban. Das forças da vanguarda fazia parte o 9.º batalhão de infantaria, commandado pelo então major Floriano Peixoto. Aprisionado Salnasi, Silva Tavares fel-o conduzir á sua presença, e proseguiu rumo, a duas marchas, afim de impedir que López ganhasse o caminho da Bolivia.

A 27 de Fevereiro de 1870, foi alcançado pelo general Camara, e a 28 mandou o tenente-coronel Francisco Antonio Martins com os atiradores e o major Floriano Peixoto com uma ala do 9.º batalhão tomar a artilharia inimiga que, no passo Taquara, servia de vanguarda ás forças de López. Ao amanhecer de 1.º de Março, ahí chegou Silva Tavares, que atacou immediatamente o passo de Aquidaban.

Após rapidas peripecias, Silva Tavares desbaratou o acampamento de López. Este já fugia, perseguido pelo major Joaquim Nunes Garcia, mas, ferido, internou-se no matto, cahindo junto ao arroio. E assim morreu, como un bandido, o torvo tyranno que sonhara fundar um imperio.

Terminada a guerra, o governo imperial, que em actos deste jaez era prompto e de uma nobreza olympica, querendo premiar seus excelsos serviços á Patria, elevou, por decreto de 11 de Maio de 1870, Silva Tavares ao posto de brigadeiro honorario e agraciou-o com o titulo de

Barão do Itaquy, já o tendo feito com o officialato do Cruzeiro. Em 1871, foi nomeado commandante superior da Guarda Nacional de Bagé, tendo tambem servido como commandante da guarnição e fronteira de 1874 a 1878. Em Maio de 1886 voltou de novo ao commando, delle solicitando exoneração, que foi concedida em Julho de 1889. Proclamada a Republica, foi Silva Tavares, no dia 16, empossado do commando da guarnição e fronteira de Bagé, cargo de que foi exonerado a 18 de Janeiro de 1892. Chefiou a revolução federalista de 1893, até a conclusão da paz, assignada por elle e pelo general Innocencio Galvão, na cidade de Pelotas.

MARECHAL ISIDORO

ISIDORO FERNANDES, marechal de exercito, nasceu em Sant'Anna do Livramento a 29 de Novembro de 1822 e falleceu na mesma cidade em 1901. Na carencia absoluta de dados biographicos deste bravo gaúcho, que tanto se distinguiu nas revoluções e nas guerras, apenas digo que sahiu da maior obscuridade até chegar ao mais alto posto militar, por actos de uma bravura inexcedivel e de uma lealdade mais de uma vez demonstrada.

Era de pequena estatura, como Napoleão e Bolívar, e franzino como o immortal Libertador de cinco nações continentaes. A sua audacia não conhecia limites, ultrapassando muitas vezes a linha divisoria traçada pelos preceitos da arte militar, que desconhecia inteiramente. Era só bravura, como David Canabarro, que fazia lembrar em certos lances, mas menos rude, embora não tivesse o mais rudimentar cultivo mental.

Era calmo diante do perigo, transfigurando-se logo que se envolvia na acção, praticando loucuras de temeridade. No trato intimo era modesto e timido, generoso e bom, como tive occasião de observar, nos ultimos tempos da guerra *federalista*, que passou em Porto Alegre, em obediencia ao compromisso tomado quando cahiu prisioneiro de Joca Tavares, no tremendo combate do Rio Negro, em que o heróe de Aquidaban manchou os louros

collidos no Paraguay, mandando degollar mais de 300 prisioneiros, só escapando os poucos officiaes do exercito que lutavam entre os castilhistas.

O marechal Isidoro, com quem convivi na mais carinhosa intimidade durante a minha ultima estada em Porto Alegre, contou-me, com todas as minudencias, o horrendo cannibalismo dos crimes praticados á margem do Rio Negro. Silva Tavares, querendo pagar dente por dente e olho por olho o que os degolladores de Castilhos faziam aos seus commandados que lhes cahiam nas garras, entregou mais de trezentos prisioneiros ao *caxerengue* (*) do perverso negro Adão, cuja fama de degollador disputava primazia á ferocidade do coronel João Francisco e do major Xaxá Pereira.

Entre esses prisioneiros estava o celebre caudilho Manduca Pedroso, bello typo de homem, no vigor da mocidade, que conheci poucos mezes antes de ser degollado, cujas façanhas o pintavam como uma visão satanica, o que contrastava com a sua sympathica figura, de maneiras delicadas, sorriso meigo, gestos comedidos e a voz de um timbre musical e sonoro. Manduca Pedroso contava 30 annos de idade, era rico, bem educado, servia como coronel num batalhão castilhista e era noivo.

Quando chegou a sua vez... o negro Adão, chamando-lhe *collega*, com sarcastica arrogancia, disse-lhe que, tomando em conta a sua pericia na maneira de atar a *gravata encarnada*, lhe concedia a graça de escolher a posição em que preferisse morrer: de pé, ajoelhado ou deitado... Pedroso, voltando-se para o official que presidia ao supplicio, entregou-lhe uma alliança e um anel de brilhante, que tirou dos dedos, dizendo:—Faço-lhe presente deste anel e peço-lhe que faça chegar a alliança á minha noiva, dizendo-lhe que o meu ultimo pensamento foi della.

O official atirou a alliança, que desapareceu na maça, e deu o precioso anel ao negro Adão, respondendo que não recebia nada de bandidos da sua ordem. O negro, mettendo o anel no bolso, puxou a victima pelos

(*) Faca de ponta.

cabellos e degollou-o de pé. O marechal Isidoro assistiu áquelle horror, esperando que chegasse a sua vez, quando Silva Tavares mandou retirar-o do meio dos que iam ter o mesmo fim de Manduca Pedroso...

GUMERCINDO SARAIVA

Este *renombrado* caudilho gaúcho nasceu na campanha rio-grandense, em 1837, mas foi desde pequeno para o Estado Oriental do Uruguay, onde sempre viveu, só permanecendo no Brasil durante os tres annos da revolução *federalista*, por elle capitaneada. E' uma das personalidades lendarias que ha de fatalmente figurar na gloriosa galeria dos heróes do Pampa.

Para que se possa avaliar a sua individualidade, é mister conhecer a vida aventureira desses campeadores, num meio physico em que a industria das revoluções é talvez a mais prospera e lucrativa, desde os tempos ensanguentados do perverso Rosas na Argentina até o lubrico e ambicioso general Santos, no Uruguay, sem esquecer os tyrannos do Paraguay. (*)

Parece á primeira vista um absurdo a comparação do gaúcho com o grande poeta inglez, que Castelar disse ser «um Satan illuminado pelo genio». Mas Goyena tem razão, quando os compara. Byron diz que a vida é um pouco de amor, um pouco de vinho e muito tédio, reflectindo nesta phase a sua propria existencia: pois, tendo nascido bello, rico e intelligente, o vulgo acreditava naturalmente que a sua existencia devia ser uma festa encantadora e ruidosa. Correu atraz dos seus sonhos, perdeu-se no turbilhão dos amores e só encontrou o tédio.

Pois bem, a verdade é esta, embora pareça paradoxal a observação do critico: — «Esses typos de dôr, de desespero, de uma actividade extraviada do seu verdadeiro caminho, dão a idéa exacta do gaúcho, cuja psychologia apresenta muitos traços de semelhança com a alma do poeta errante».

O gaúcho, reunindo na sua personalidade toda a tristeza e independencia da savana patricia, é a mais per-

(*) O general Santos, que foi presidente da república Oriental, era rio-grandense.

feita manifestação da vida nômade e aventureira. Nasceu e vive como o personagem que se prende ao scenario amplo e aberto onde se desenrola o drama da sua acção pessoal, que em outro qualquer logar seria fatalmente desvirtuada. Precisa, para viver livremente, domar os potros, que obedecem á sua vontade sobranceira, e matar os touros, que lhe dão o *churrasco* para a sua nutrição, só assim podendo supportar os raios do sol ao *parar o rodeio*, desafiando as chuvas e os ventos, sadio e robusto, para manter acima de tudo a sua coragem, a sua independencia, o seu valor.

Ao lento e merencorio pôr do sol, quando as sombras crepusculares envolvem no mysterio da noite o grande silencio que abarca as vastidões do pampa, onde dispara o avestruz ao grasnar metalico dos gaturamos (que lá se chamam *ferreiros*, pelo ranger estridente dos seus pios), sobre aquelle adormecido *oceanos de esmeralda*, aos rumores do folhedeo e ao brilho ardente das estrellas, ha uma vaga tristesa, que se entorna pelas almas enamoradas, que só os seus lyricos e eloquentes improvisos ao som da viola conseguem traduzir. Por isso, a alma do gaúcho tem aquella funda tristesa da alma byroniana.

E tem razão o já citado Goyena, quando diz: — «Si a alma humana, mesmo nas melhores condições da existencia, sente vibrar as fibras feridas pela dor, experimentando essa constante inquietação dos que procuram o que não se encontra na terra, offerecendo inesgotavel fonte de inspiração ao poeta, ao musico e ao pintor, que torrentes de amarguras anonymas, que selvagens dramas de harmonias ineditas não encerra a alma gaúcha na solidão pampeana!».

Gumercindo foi o braço de ferro da tremenda revolução *Federalista*, de que Gaspar era o cerebro illuminado pelos clarões do odio e da vingança. Valente, conhecendo palmo a palmo o encochilhado daquellas planuras, nenhum outro guerrilheiro se lhe pode antepôr, pela astucia e intrepidez, sinão o famoso Chico Pedro, da guerra dos *Farrapos*.

Acclamado general em chefe dos revolucionarios, este paizano teve sob o seu commando todos os generaes do exercito que se alistaram nas fileiras federalistas, entre os quaes se destacavam o velho Silva Tavares II, Luis

Salgado, Sebastião Bandeira, Piragibe, além dos almirantes Saldanha da Gama e Custodio José de Mello, não falando nos generaes honorarios Rafael Cabeda, Juca Tigre, e Manuel Lavrador.

Foi notavel a sua marcha pelos tres Estados do Sul (Rio Grande, Santa Catharina e Paraná), seguido sempre pelas forças de Pinheiro Machado, e do general Lima, que conseguiram finalmente matal-o, já de novo na nossa provincia. E teria penetrado victorioso em S. Paulo, si não fosse a heroica resistencia que encontrou no prolongado cerco da Lapa, onde a figura épica do valoroso coronel Gomes Carneiro o fez retroceder.

Gumercindo era tão atilado e conhecia tão familiarmente os segredos da arte da guerra, que chegou a resolver um problema que Napoleão considerava insolúvel. Diz o grande capitão dos tempos modernos, que não ha meio da cavallaria romper um quadrado de infantaria, desde que os infantes se conservem firmes de bayoneta calada. Pois Gumercindo resolveu da maneira mais simples este secular problema, como passo a demonstrar:

Mandava os dois cavalleiros das estremidades da fileira da frente avançar uns dois ou tres metros da linha da vanguarda, assim que se aproximavam do quadrado, mantendo aquelles o laço estendido, a meio metro do chão, esticando-o no momento do encontro: o laço pegava a um tempo todos os soldados da frente do quadrado, na altura da cintura ou pouco acima, levando-os impetuosamente de vencida, rasgando-se assim o quadrado. Os cavalleiros apeavam-se, então, precipitadamente, cahindo de espada sobre o inimigo, que na confusão era fatalmente desbaratado.

Ouçam agora o que disse José do Patrocínio:—«Destacar a personalidade de Gumercindo é glorificar aos adversarios, que souberam crear a resistencia que pôz em relevo a coragem inexcedivel do heróe dos Pampas e dar ensanchas a que elle demonstrasse uma dessas vocações militares que honram os povos dentre os quaes irrompem.

O odio deformou a individualidade do formidavel caudilho; pintou-o como um desses sêres feios e sanguinarios, que se impõem pelo terror, imposto pela crueldade impassivel.

O federalismo, porém, descreve Gumercindo como a personificação da alma brasileira, inexcedível no arrostar o perigo fulminante, como o raio no combate, mas generoso e caritativo depois da lucta.

Contam-se delle varios episodios. Um dia, durante a famosa marcha que deu em resultado a occupação do Paraná, a infantaria revolucionaria, pés inchados, faminta e exhausta, começava a desfallecer.

Gumercindo enche de pinhões os canos das botas, e passando pelos soldados acampados distribue punhados do fructo silvestre e, como si ministrasse uma communhão sagrada, reanima a tropa, assegurando-lhe que não havia melhor alimento, e que elle não faltaria mais até que chegassem a conquistar os direitos, pelos quaes combatiam.

Em Tijucas, cahira mal ferida grande parte dos moços que, sahindo da Escola Militar de Porto Alegre, se alistaram sob a bandeira do federalismo. O espectáculo era indescritivel. Nunca a morte deu maior solemnidade á agonia que lhe serve de prologo.

Gumercindo vem ao campo visitar os feridos, trocar com elles o seu ultimo adeus, consolal-os da perda da familia e da patria, com a recordação da causa que defendiam. E os moribundos, recolhendo num brado o ultimo esforço, — synthetizando toda a dôr e toda a fé numa saudação, clamaram num unisono que nenhum dos ouvintes esqueceu jamais: — *Viva Gumercindo!*

Ninguem inspirou maior confiança; ninguem foi mais estimado pelos seus partidarios. E como morreu o heróe, que as balas pareciam respeitar? No dia 10 de Agosto de 94, depois de duas cargas de lança dadas com bom exito, Gumercindo deu ordem ao seu exercito para marchar, atravessar o Camacuam, afim de offerecer combate no dia seguinte.

As cargas haviam dado em resultado o aprisionamento de munições e dois caixões de Manlicher; e Aparicio Saraiva, que devia fazer a vanguarda, lembrou-se de dar mais uma carga, forçando seu irmão a permittir-lhe essa temeridade.

Foi essa carga a que devia ser fatal a Gumercindo. Uma bala veio feril-o em cheio no peito, depois de ter abatido o seu cavallo. Conduzido para o centro do seu

estado-maior, disse desde logo: -- *Estou prompto.* Os medicos que o examinaram reconheceram que elle estava mortalmente ferido.

Transportado numa cadeirinha feita pelos braços do coronel Lavrador e do capitão Garrett, para uma carreta, e posto em marcha o exercito federalista, para acompanhal-o, o ferido começou a sentir dores insupportaveis, pelo que o puzeram numa cama de vento, sobre a carreta.

Antes de morrer, o seu grande amor fraternal exigiu a presença de Aparicio, e só socegou quando viu ao seu lado o irmão. A agonia não foi longa. Para não desanimar o exercito, espalhou-se que o general havia sido narcotizado para não soffrer muito em consequencia do ferimento.

A cova em que o enterraram foi aberta no cemiterio de Carovy, num espaço entre duas catacumbas. Para que mais tarde se reconhecesse o cadaver, enterraram com elle a espada do heróe. Dissimularam a sepultura com folhas sêccas e paus; mas infelizmente esqueceram no cemiterio o machado e a pá com que foi aberta a cova.

Sabe-se o que se seguiu com relação ao cadaver, cujos ultimos destroços foram de novo inhumados pelas forças de Prestes Guimarães». — Patrocínio allude á deshumanidade dos castilhistas ao desenterrar o cadaver de Gumercindo, que foi profanado, sendo o queixo cortado, com o labio superior, por um official do exercito, que levou a Julio de Castilhos esse macabro presente, que ao destinatario causou repugnancia e horror.

Eu estava no palacio presidencial de Porto Alegre, a palestrar com Julio e o ministro da guerra, general Moura, quando chegou o major de artilharia Timotheo de Faria Corrêa, com aquella infernal incumbencia. Desenrolou aos nossos olhos um embrulho de jornal, dentro do qual havia um pequeno sacco de algodão, que des-coseu, tirando de dentro os pedaços de carne com o bigode e parte da barba de Gumercindo.

Julio recusou-se a receber aquillo; e o general Moura, reprehendendo severamente o feroz official, ordenou-lhe que se recolhesse preso ao estado-maior. O major quiz explicar a sua intenção, mas o ministro da guerra mandou-o retirar-se immediatamente, sahindo de nossa presença o emissario infernal, mas ficando a atmospheria da

sala impregnada do mau cheiro, que tanto exhalava aquelle fragmento do cadaver como o character do seu dono...

Quando Gumercindo abandonou a campanha no rumo de Cima da Serra, com direcção a Lages, correu em Porto Alegre o boato de que elle entraria na capital, o que apavorou a população. Fiz, então, a seguinte poesia, que publiquei numa das folhas diarias, com o intuito de tranquilisar o espirito publico, pois não iria eu expor-me espontaneamente ao furor do caudilho, si acreditasse que ousaria penetrar na principal arteria do Estado:

A GUMERCINDO SARAIVA

Aonde vais, bandoleiro? que procuras
Fugindo espavorido das cidades?
Num cavallo de crinas tão escuras
Pareces a visão das tempestades!...
Aonde vais, bandoleiro? que procuras?

Os ventos da procella te acompanham,
Ladrando como lobos famulentos;
Teus irmãos, os Remorsos, já te estranham;
E si o teu halito envenena os ventos,
Os ventos da procella te acompanham.

A espada que te pende da cintura
E' menos que um pnnhal, desde que ousaste
Com ella trespassar a virgem pura
Em cujo sangue límpido ensopaste
A espada que te pende da cintura.

Nunca amaste, cruel! nem foste amado;
D'ahi, bem sei, tamanha atrocidade:
Nunca beijaste um labio immaculado,
Nunca ouviste a canção da mocidade,
Nunca amaste, cruel! nem foste amado.

Ave agoureira numa ogiva antiga,
Tua alma nunca entrou num templo aberto;
Por isso foste duro como a urtiga,
E triste como as feras no deserto,
Ave agoureira numa ogiva antiga.

Os sêres que rastejam como os vermes
Odeiam os que vôam como as aves;
Ha de ser funda a inveja dos inermes
Ante os Sansões que desmironam naves!
Tremem de ti até os proprios vermes!...

Cantem outros teus feitos bellicosos,
Si encontrarem poesia em taes façanhas;
Eu deixo-te no rol dos criminosos,
Que erram pelas macegas e montanhas
Nesses inglorios rasgos bellicosos.

MARECHAL JOSÉ SIMEÃO

JOSE' SIMEAO DE OLIVEIRA nasceu em Porto Alegre a 7 de Junho de 1838 e falleceu em New York a 20 de Junho de 1893, quando desempenhava na America do Norte uma missão especial, no character de presidente da Commissão Brasileira na Exposição Colombiana em Chicago.

Era bacharel em mathematicas e sciencias physicas pela Escola Militar do Rio de Janeiro. Assentou praça aos 17 annos de idade, e, completando o curso em 1858, foi promovido a alferes-alumno. No posto de tenente seguiu para as guerras do Uruguay e Paraguay, conquistando nos campos de batalha os galões de capitão e major, por assignalados feitos de bravura, alcançando todas as outras promoções por merecimento; general em 1888, morreu marechal.

Na guerra do Paraguay tambem prestou relevantes serviços de engenharia militar, dirigindo o trabalho das improvisadas pontes e dos *mangrulhos* de observação, como consta das ordens do dia do exercito. Foi elle quem reconheceu o tyranno da nação inimiga, designando-o e seguindo-o até deixal-o morto no barranco do Aquidaban, trazendo a sua espada, que offereceu ao Imperador, que por sua vez a offereceu ao Museu.

Nomeado governador de Pernambuco, assim que se proclamou o actual regimen, foi membro do Congresso Constituinte e em seguida eleito senador federal, pelo Rio Grande do Sul. Conheci-o desde major, quando commandava a fabrica de polvora em Porto Alegre. Nessa occasião praticou um acto violento, que embaciou o brilho dos seus gloriosos feitos no Paraguay.

O jornalista Miguel Werna fez-lhe umas injuriosas allusões pelo seu hebdomadario *O Seculo*, e José Simeão mandou um soldado espancal-o á porta da sua habitação, no bairro do Menino Deus. Lembro-me bem deste facto, porque, si não fosse a descripção do meu amigo Dr. Sabino, medico militar, eu teria fatalmente de ser envolvido naquillo, como vou explicar:

Aquelle amigo e eu, iamos habitualmente tomar banho no rio Guahyba, ao escurecer, na praia que enfrentava a casa do jornalista em questão; e um dia, ao regressarmos, ouvimos gritos de socorro e vimos o vulto de um fugitivo na direcção do estabelecimento militar dirigido por José Simeão.

Voltei-me para o Dr. Sabino e disse-lhe: — E' com certeza o Werna, que está sendo assassinado por algum soldado... — Corremos na direcção de onde partiam os gritos, a encontrámos o jornalista cahido, sem sentidos, numa poça de sangue, que jorrava dos ferimentos na cabeça. A pobre esposa e a filhinha do homem, que parecia morto, lamentavam-se e pediam que prendessem o assassino.

Os ferimentos eram da maior gravidade, mas a victima não succumbiu. A policia iniciou o processo, chegado a verificar a verdade, mas, como o mandante era um militar tão illustre, e o mandatario um irresponsavel, botou-se pedra em cima de tão repugnante crime, não se atrevendo a imprensa a tratar do assumpto, receiosa de uma segunda edição, que poderia ser correcta e augmentada...

Encontrando-me, muitos annos depois, com José Simeão no palacio de Itamaraty, elle se entretinha com o general Deodoro a lembrar episodios da guerra do Paraguay, trocando de vez em quando pilherias, que não eram das mais lisongeiras. Dizendo-lhe o dictador: — Tu naquelle tempo ainda não eras *estátua de jardim*, — José Simeão retrucou-lhe: — Nem tu eras ainda *jigura de prôa de navio*... A intimidade dos dois velhos camaradas justificava o apimentado das comparações, que na verdade tinham graça e precisão.

Dizem os psychologistas que os heróes são taciturnos, e que só os poltrões é que são palradores; mas, pelo que tenho observado, todos os heróes que conheci de perto eram expansivos, só não fazendo alarde do que tinham feito nos seus mais gloriosos feitos, conscientes de que não havia de faltar quem se encarregasse disso na occasião opportuna. Assim eram os Menna Barretos e Osorio, assim tambem era José Simeão.

MARECHAL CANTUARIA

JOÃO THOMAZ DE CANTUARIA nasceu em Porto Alegre a 13 de Setembro de 1839 e falleceu no Rio de Janeiro a 22 de Março de 1908. De obscuro nascimento, fez-se pelo proprio esforço, chegando ao mais alto posto militar sem nunca ter gosado das regalias concedidas aos cadetes, servindo arregimentado como simples soldado do 1.º regimento de artilharia. Bacharel em mathematicas e sciencias phisicas pela Escola Militar do Rio de Janeiro, de onde sahiu como alferes-alumno, ao ser promovido a 1.º tenente, em 1863, seguiu para a provincia do Matto-Grosso.

Pelos relevantes serviços ali prestados, ao rebentar a guerra do Paraguay, elle, que na campanha do Uruguay alcançara os galões de capitão por actos de bravura, pela heroicidade com que se portou na invasão de Matto-Grosso foi promovido a major e agraciado com o titulo de cavalleiro da ordem do Cruzeiro.

Depois de tanto se ter distinguido na celebre retirada da Laguna, prestou ainda relevantes serviços de engenharia durante a prolongada guerra do Paraguay. Diz um dos seus biographos: — «Ahi (em Matto-Grosso), teve o nosso patricio de enfrentar o temeroso e sanguinario inimigo, sendo um dos herões da famosa *Retirada da Laguna*, que a penna magistral do Visconde de Taunay, que della fez parte, narrou com tanta eloquencia e tão colorido e poderoso estylo, que esse livro é considerado superior á *Retirada dos dez mil* de Xenophonte.

Após a sua transferencia para o corpo do estado-maior de primeira classe, foi nomeado director da Fabrica de Polvora do Rio de Janeiro e promovido por merecimento ao posto de tenente-coronel, passando então a dirigir o Arsenal de Guerra da cõrte do Imperio. Proclamada a Republica, foi promovido a coronel (1890), por serviços relevantes e em 1892 a general de brigada».

General de divisão em 1895, e marechal em 1900, depois de ter exercido varios cargos militares e civis (como

o de chefe de policia da Capital Federal), de commandante da Escola Militar do Rio de Janeiro passou a chefe do estado-maior, ministro da guerra e ministro do Supremo Tribunal Militar. Era o marechal Cantuaria ajudante-general do exercito, em 1902, quando o ministro da guerra marechal Mallet me encarregou de escrever a historia militar do Brasil, desde os tempos coloniaes.

Para o desempenho dessa incumbencia, tive de requerer o auxilio de um conto de réis por mez, devendo esse requerimento ser informado pelo ajudante-general. Eu ainda não tinha escripto uma linha sequer da obra, que intitulei de *Brasil Marcial*, mas comprometti-me a dar ao prelo o primeiro fasciculo dentro de tres dias. Como ser despachado o requerimento que não era acompanhado da obra em questão?

O ministro da guerra mandou chamar o ajudante-general ao seu gabinete, onde me conservei, a palestrar com o general Thaumaturgo, secretario do ministro, enquanto conferenciavam os dois marechaes sobre a incumbencia que ia ser-me confiada. O marechal Cantuaria, depois do que lhe disse o marechal Mallet, pedindo que me aproximasse delles, perguntou-me, com o meu requerimento em punho: — A sua obra é assignada, ou vai ser publicada com algum pseudonymo? — Será publicada sob a responsabilidade ostensiva do meu nome, — respondi-lhe. — E' o bastante, — retorquiu.

Voltou-se para o ministro e disse: — Vou já deferir este requerimento, e congratulo-me com o Sr. ministro da guerra, pela escolha de um nome tão respeitado na nossa literatura para serem as nossas glorias militares perpetuadas numa obra de tamanho valor.

O marechal Cantuaria, como diz o autor d'os *Homens illustres do Rio Grande do Sul*, foi um bravo que honrou a sua terra natal, — a terra lendaria, que o verbo inflamado de Barbosa Lima chamou um dia, num dos seus arroubos tribunicios, com profunda psychologia ethnica e verdade historica — «a Jerusalém dos Eleitos».

MARECHAL BITTENCOURT

CARLOS MACHADO DE BITTENCOURT nasceu em Porto Alegre a 12 de Abril de 1840 e falleceu no Rio de Janeiro, assassinado numa praça de guerra, a 5 de Novembro de 1897. Assentou praça com 17 annos de idade, matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro em 1858 e dois annos depois era promovido a segundo tenente de artilharia, seguindo nesse mesmo posto para as guerras do Uruguay e Paraguay, de onde voltou capitão, por actos de bravura nos combates de Itapirú, Tuyuty, Tuyú-Cué, Chaco, Humaytá, Timbó, Itororó, Avañy, Lomas Valentinas e Angustura.

Diz um dos seus biographos:—«Tomou parte em quasi todos os principaes feitos da guerra do Paraguay, não como figura apagada, mas com o seu nome em destaque. Assistiu ás rendições de Humaytá e Angustura em 1868, e foi ferido no combate de 24 de Maio. Voltou da cruenta campanha, trazendo o posto de capitão, o habito do Cruzeiro e a medalha de merito militar, conquistados por serviços e actos de bravura.

Foi um militar brioso e a sua fé de officio é brilhantissima. Na paz como na guerra, a sua acção era reflectida e, por isso, efficaç. Em 1873, recebeu o habito da ordem de S. Bento e no anno seguinte o grau de cavalleiro da Rosa.

Suas promoções aos postos militares foram rapidas: foi major em 1876, tenente-coronel em 1881, coronel em 1885 e brigadeiro em 1889. A Republica veio encontral-o com a farda bordada, e soldado de tão altos meritos e virtudes não podia ser letra morta no novo regimen. Assim, a 13 de Maio de 1890, vemos o general Carlos Machado de Bittencourt, que era então commandante das armas do Rio Grande do Sul, assumir o governo do Estado, que sahia das mãos do Dr. Francisco da Silva Tavares.

A 24 do mesmo mez, o general Bittencourt passava o governo do Estado ao general Candido Costa, que havia sido, pelo governo provisório,, nomeado governador e commandante das armas do Rio Grande do Sul. Foi pro-

movido a general de divisão em 1892, e a marechal graduado em 12 de Julho de 1895.

Foi nomeado commandante do 4.º districto militar em 1891, commandante superior da guarda nacional em 1894 e ajudante-general, em 1895. Em 17 de Maio de 1897, o presidente da Republica confiou ao marechal Carlos Machado de Bittencourt a pasta da guerra.

Nesse anno a attenção nacional estava vivamente preoccupada com os tenebrosos successos de Canudos, nos sertões da Bahia. Quatro expedições já haviam sido enviadas contra Canudos, com graves perdas para o exercito nacional. O ministro da guerra dispôz-se a partir para o theatro das operações, e de facto, a 3 de Agosto de 1897, o marechal Bittencourt seguiu para Canudos. Sua acção ali foi rapida: a 5 de Outubro terminava a ingrata campanha, com a tomada e arrasamento de Canudos.

Tres mezes depois, em 5 de Novembro, voltava para o Rio o ministro da Guerra, com a consciencia do dever cumprido. O chefe da nação fôra recebê-lo no Arsenal de Guerra. Em dado momento, um anspeçada, Marcelino Bispo, tentou disparar uma garrucha contra o presidente da Republica. O marechal Carlos de Bittencourt acudiu em defesa do chefe do Estado, e, no acto de desarmar o soldado sanguinario, este vibrou-lhe varias punhaladas.

Assim, fazendo do seu corpo uma couraça, na defesa de alheia vida, acabou a vida gloriosa do bravo rio-grandense que tantas vezes, no fragor dos combates e batalhas, passara incolume por entre as lanças, as balas e as metralhas inimigas. Por esse seu nobre feito e fim tragico, Carlos Machado de Bittencourt foi pela admiração dos contemporaneos cognominado o *Marechal de Ouro*.

MARECHAL MALLET

JOAO NEPOMUCENO DE MEDEIROS MALLET nasceu em Porto Alegre a 16 de Março de 1840 e falleceu no Rio de Janeiro a 12 de Dezembro de 1907. Era filho do bravo coronel Emilio Mallet, Barão de Tapevy, comman-

dante de um regimento de artilharia que disparava os seus canhões com tal rapidez e precisão, que se tornou conhecido por *artilharia revólver*.

Assentou praça aos 17 annos de idade, com destino á Escola Central da côrte, onde se bacharelou em mathematicas e sciencias physicas. Em 1864 seguiu para as guerras do Uruguay e Paraguay, onde muito se distinguíu, não só por assignalados feitos de bravura, como por serviços de engenharia militar, além de ser o iniciador do serviço de fundição de granadas para a artilharia raiada do nosso exército, em Buenos Aires, no anno de 1865.

Mallet foi o primeiro official brasileiro que pisou no territorio paraguayoy, a 1.º de Dezembro de 1864; e no dia 6 do mesmo mez entrava victorioso em Paysandú. Este facto é digno de especial menção. Doze mil brasileiros e tres mil homens dos exércitos alliados ao nosso, acampavam de um lado do rio, diante dos trinta mil paraguayos que occupavam a outra margem.

Osorio chamou os commandantes de todos os corpos do exército ali reunidos, na noite de 30 de Novembro de 1864, para ouvir-os sobre a conveniencia de não se perder mais tempo em tão prolongada indecisão (causada pela prudencia de Mitre), ficando resolvida a passagem do rio antes de amanhecer; e á artilharia foi confiada a perigosa incumbencia de avançar na vanguarda, sendo ella commandada pelo intrépido coronel Mallet, sob cujas ordens serviam seus dois filhos, ambos primeiros tenentes.

João Nepomuceno Mallet commandava a primeira ala do regimento e seu irmão era o porta-bandeira. O velho commandante, chamando a officialidade á sua barraca, disse-lhes: — «Meus filhos devem ser os primeiros a atravessar o rio, devido á posição que occupam no regimento; mas estou indeciso, porque, si os mando na frente, poderão dizer que quero encher-os de glorias; e si os retirar para a retaguarda, pensarão talvez que procuro poupar-lhes a vida».

Ora, commandando um a primeira ala do regimento, seria assim o primeiro official brasileiro que pisaria o territorio inimigo; e sendo o outro o porta-bandeira, não podia deixar de seguir tambem, pois os soldados não

marcham para a acção sem o seu estandarte. Concor-daram todos que esses jovens officiaes não podiam ser retirados de seus postos, e assim se effectuou a passagem, perigosissima do rio.

O mais novo dos filhos do velho artilheiro, que conduzia a nossa bandeira, morreu no combate; e João Neponuceno, seguindo de perto os passos de seu glorioso pai, — foi de victoria em victoria, regressando á patria coberto dos mais virentes louros. Determinou o plano de ataque ás trincheiras de Montevideo, tomando parte no sitio e tomada da praça, em 1864; e sob as ordens paternas fez a arriscada expedição de Dayman.

A 31 de Março de 1866 chegou á margem esquerda do rio Paraná, começando logo a determinar as fortificações do acampamento, em frente a Itapirú; ali se conservou até 16 de Abril, marchando para o Passo da Patria, onde chegou victorioso a 24 do mesmo mez. Cobriu-se de novas glorias nas batalhas de Estero-Bellaco e Passo Espinillo, além das expedições de Caraguatay e Iguatemy.

Foi promovido a capitão e major por actos de bravura, no Paraguay; e só depois de terminada a guerra regressou á patria, desempenhando de então por diante as seguintes commissões: lente da Escola Central; official de gabinete do general Osorio, quando este heróe foi ministro da guerra; commandante da Escola Militar do Ceará; commandante das armas da provincia do Pará (durante o Imperio).

Ao ser proclamada a Republica, teve a honra de collocar-se ao lado do Imperador, preso no paço da cidade; e conduziu pelo braço a augusta Princesa Imperial Isabel — a Redemptora, que lhe dizia, ao seguir para bordo do vapor, que conduziu ao desterro a Familia Imperial:

— Que é isto, sr. Mallet? os senhores perderam a cabeça?

— Eu perderia de bom grado a minha, na defesa do throno, do Imperador e de Vossa Alteza; mas infelizmente, minha Senhora, *uma andorinha só não jaz verão...*

Diante do facto consummado, não teve remedio si não continuar a servir á patria, no novo regimen, com a mesma lealdade com que a servira nos tempos do Im-

perio. Foi, então, quartel-mestre e ajudante-general do exercito, ministro da guerra durante o quadriennio de Campos Salles, e ministro do Supremo Tribunal Militar.

A Republica não teve até hoje um ministro da guerra que prestasse tantos e tão assignalados serviços ao paiz, como o marechal Mallet, que reorganizou o exercito, fortificou o litoral do Rio de Janeiro, dando outro aspecto ás fortalezas do Imbuhy, S. João, Lage e Santa Cruz, creou a Intendencia da Guerra, reformou todo o material bellico, reformou o ensino militar, e encarregou o seu conterraneo Mucio Teixeira de escrever a nossa historia militar desde o tempo colonial.

Depois que o marechal Mallet sahio do ministerio, querendo prestar-lhe publicamente a homenagem da minha estima e admiração, dei o seu glorioso nome a uma legião patriótica que organizei no Rio de Janeiro, para auxiliar o bravo Plácido de Castro, que se batia heroicamente com os bolivianos, no Acre, para a manutenção do nosso territorio. O *Jornal do Brasil* de 25 de Janeiro de 1903, diz:

«O marechal Medeiros Mallet, descendo de Petrópolis, para tomar parte nos trabalhos do Supremo Tribunal Militar, foi muito felicitado pela homenagem que lhe prestara seu conterraneo e amigo, coronel Mucio Teixeira, o organisador da *Legião Mallet*, escolhendo o seu glorioso nome para divisa dessa phalange de patriotas.

O major Frederico Severo, veterano da guerra do Paraguay, veio á redacção do *Jornal do Brasil* declarar que offerecia á *Legião Mallet* a bandeira da Escola Honorio Ribeiro, da qual era fundador e director, e que era exclusivamente destinada á aducação dos filhos dos Invalidos da Patria. Essa bandeira tem sido conservada até hoje no mesmo edificio onde esteve 12 annos o cadaver do legendario general Osorio, desde a sua morte até o dia que passou para a crypta da sua estatua.

Sabemos mais, que um grupo de importantes industriaes e negociantes, brasileiros e portuguezes, vai confiar a illustres senhoras brasileiras a confecção do pavilhão de guerra, destinado a servir de bandeira que será offerecida á *Legião Mallet*».

A organização da *Legião Mallet* foi determinada pela gravidade dos acontecimentos dequelle momento histo-

rico, como se vai ver: o governo teve conhecimento de que os acreanos haviam tomado, em Dezembro de 1902, a posição de Costa Rica, occupada pelos bolivianos, e de que o coronel rio-grandense Plácido de Castro começara o cerco de Puerto Alonso. Dera-se, junto ao rio Irenuna, um grande conflicto entre brasileiros e peruanos, e a 29 de Janeiro de 1903 partira de La Paz, com destino ao Acre, a primeira expedição boliviana, commandada pelo coronel Ismael Monte, ministro da guerra, composta de 1.200 homens.

O general Pando, presidente da Bolivia, compromettendo-se a não partir para as fronteiras do Brasil, autorisara por telegramma o seu ministro no Rio de Janeiro a negociar um accordo sobre as bases propostas pelo nosso governo. Propuzemos comprar o territorio do Acre atravessado pelo paralelo de 10 graus e 20 minutos, para nos entendermos com o *Bolivian Syndicate*; propuzemos mais, uma troca de territorios; mas o governo da Bolivia a nada quiz attender; e o presidente Pando, esquecido do compromisso tomado, depois de mandar para ali o ministro da guerra á frente do seu exercito, dispunha-se a marchar, afim de submeter os brasileiros no Acre, como de facto marchou, sendo recebido por Plácido de Castro, que o obrigou a retroceder, depois de derrotado e quasi prisioneiro.

Conferenciei, então, com o ministro da guerra, general Argolo Sobrinho e com o sub-chefe do estado-maior general Luis de Medeiros, meu conterraneo e amigo, sobre a conveniencia da organização urgente de alguns corpos de voluntarios, que seguissem conjuntamente com a força militar. Aquellas autoridades, louvando a minha patriotica idéa, prometteram utilizar-se do meu offerecimento, concedendo-me desde logo todos os elementos indispensaveis. Nessa mesma data (23 de Janeiro) foram afixados numerosos bolhetins nas esquinas de ruas e praças de maior trânsito, convidando a todos os patriotas para se reunirem no dia seguinte, das 9 da manhã ás 5 da tarde, no escriptorio do autor do *Brasil Marcial*, afim de serem organizados tres corpos de voluntarios.

O *Jornal do Brasil*, noticiando a organização dessa força, diz: — «O batalhão que o Sr. Mucio Teixeira vai organizar, terá a denominação de *Legião Mallet*, e será

mobilisado assim que for declarada a guerra. Os seus membros, moços da *élite*, estão cheios do mais ardente entusiasmo patriótico. Esteve também no Cattete uma comissão da Federação dos Estudantes Brasileiros, que entregou ao chefe da nação um memorial pedindo a reorganisação do *Batalhão Acadêmico*.

No dia seguinte fui aclamado coronel commandante da *Legião Millet*. Meus companheiros, sabendo que eu tivera as honras de capitão de mar e guerra por decreto imperial de 18 de Abril de 1888, além de ter sido agraciado com a ordem de Simón Bolívar, em grau que me confere as honras de general de brigada, queriam que eu assumisse o commando geral das forças em organização com o posto de general, Teimei em conservar-me com os galões de coronel, por serem os que, no exército, correspondiam aos que já tinha desde 1888.

Indo o número de voluntarios muito além das quatrocentas praças alistadas no primeiro corpo da *Legião Mallet*, resolvi formar tres corpos, um de artilharia, um de cavallaria e um de infantaria. Essa organização foi feita de conformidade com o systema dos novos regimentos creados pelo marechal Mallet, no seu plano de reorganisação do exército. Nessa mesma data as forças bolivianas no Acre renderam-se ao coronel Plácido de Castro, como se veio a saber mais tarde no Rio de Janeiro.

No dia 26 de Janeiro publiquei pelos principaes jornaes do Rio de Janeiro a minha *proclamação*, que é a seguinte: — «O momento é de reservas absolutas. Nada se deve dizer, em relação ao pouco que se sabe do muito que a todos preoccupa. Qualquer indiscripção poderia embaraçar a marcha dos negocios internacionaes. Resta apenas ao povo confiar na energia e no patriotismo do governo, que este naturalmente saberá resolver o problema, sem o minimo sacrificio dos brios nacionaes.

Mas, assim como ao governo assiste o direito de exigir um prolongado silencio sobre a anormalidade dos factos, ao povo não pode ser tolhida a liberdade de acção na esphera do patriotismo. E tanto o governo reconhece a legitimidade desta soberania popular, que ao povo tem dado a mais ampla liberdade de reunir-se e

preparar-se, com a indispensavel antecedencia, para qualquer eventualidade futura.

A organisação de forças patrióticas não pode de forma alguma embaraçar a marcha das negociações diplomaticas: é uma medida preventiva, que reforça a propria autoridade governamental, demonstrando á espectativa internacional que não somos um paiz de vencidos, mas sim uma nação que saberá fazer respeitar os seus direitos, em qualquer terreno!

Uma nacionalidade que tudo calcula, tudo prevê, tudo previne, tudo procura organizar com a precisa antecedencia, pode em qualquer emergencia contar consigo, sem correr o risco de ser violentamente arrastada na onda dos acontecimentos provaveis. Sócrates, segundo Xenophonte, diz:—«Entre um exército organizado e uma organisação de forças improvisadas, levanta-se uma differença essencial.

Pedras, tijolos, vigas e telhas, recolhidos e amontoados sem ordem, de nada servem; mas si forem dispostos com arte desde o cimento dos alicerces até o levantamento da cumieira, o systema adoptado determinará a firmeza do edificio». O mesmo succede na organisação das forças que devem operar conjuntamente com os exércitos permanentes.

Ha um episodio da *Iliada* que não deve ser esquecido pelos nossos estadistas; é aquelle em que Homero diz: «Viam-se avançar em ordem as numerosas phalanges gregas que marchavam para o combate. Cada uma levava á frente o seu chefe, a quem seguiam respeitosa e em profundo silencio, afim de ouvir distinctamente as ordens, que eram executadas immediatamente. Os troyanos, ao contrario, andavam dispersos pelos campos, á semelhança de rebanhos de ovelhas espalhadas pelas collinas, acordando os écos com os seus balidos».

Montesquieu demonstra que o que salvou Roma foi a força do seu systema de organisação. E o marechal de Saxonia diz que os grandes triumphos que os romanos sempre alcançavam com pequenos exércitos contra enormes multidões de bárbaros, foram todos o resultado lógico da excellente organisação de suas tropas.

A historia ensina que a profissão das armas foi unicamente despresada pelos governos que só se voltam para os lucros commerciaes e industriaes, como servem de exmplo em nossos dias a Inglaterra e a América do Norte. Mas esta forte nação, podendo mobilisar facilmente um formidavel exército, (*) comprehendeu finalmente que não podia prescindir das corporações armadas, e possui uma das mais poderosas esquadras da actualidade.

O general Chanzy aconselha ao governo francez que « não pense que os exércitos improvisados sejam uma garantia sufficiente nas grandes crises nacionaes. Os acontecimentos de 1870 provam de modo irrefutavel que uma nação não tem garantida a sua independencia, nem é realmente forte, sinão quando a sua organização militar é séria, completa e potente ». Si ha quem duvide deste axioma, basta olhar para a Allemanha.

A organização da *Legião Mallet*, obedecendo aos modernos preceitos da guerra, adaptando ás suas fileiras o que se encontra de mais adiantado nos diversos corpos do exército e da guarda-nacional, apenas aguarda o seu reconhecimento official para poder aquartelar e começar os indispensaveis exércicios, afim de poder prestar os mais assignalados serviços á patria.

Não estivesse actualmente encarregado dos nossos negocios exteriores um estadista como o sr. Rio Branco, tenebrosos seriam os nossos horisontes politicos; temos, porém, á frente de tão complicadas negociações o diplomata do Amapá e das Missões, e só isto nos leva á convicção de que o nosso direito permanecerá inviolavel em toda a extensão litigiosa do Acre.

Mas não é só a ambição boliviana que crava os olhos cubiçosos nos thesoiros e opulencia da zona ubérrima, em secular litigio; maior perigo nos ameaça, e perfidas amidades só aguardam o momento opportuno para desfivelar a máscara risonha da hypocrisia, que esconde o rosto carregado da inveja...

(*) Prophecia que fiz em 1903 e que se realisou em 1916, quando a America do Norte entrou com os alliados na guerra do mundo contra a Allemanha.

O illustre Visconde do Rio Branco, quando nosso enviado extraordinario no Rio da Prata (1865), somnou os elementos dispersos, da perfidia e das mallogradas tentativas da ambição argentina; querendo a Providencia, servida por singular coincidência, que a prova real da operação definitiva viesse a ser tirada pelo seu digno filho. O germen da pendencia, que começa agora a fructificar, foi o accordo de 20 de Junho de 1870.

Desencadeou-se, então, uma violenta tempestade de ódios e ameaças dos argentinos contra nós, annullando a acção conciliadora de Mitre, cujos actos o seu governo não quiz sustentar, continuando até hoje essa guerra surda, de propaganda na Europa contra o nosso clima, indubitavelmente superior ao delles, quando até nas proprias épocas epidémicas, em que a febre amarella assolava a população do Rio de Janeiro, ainda assim, a mortandade entre nós nunca foi tão numerosa como em Buenos Aires, submettidas as respectivas estatísticas a um confronto que obedeça á relatividade.

A dura contingencia em que se viram elles, obrigados a reconhecer o nosso direito proclamado pelo arbitramento, mais veio soprar as labaredas da secular fogueira, accesa em 1777, nas immediações da *Peperi-Guaçú*, 25 annos depois de estabelecidas as fronteiras entre as duas colonias ibéricas, a portugueza e a hespanhola, hoje as duas visinhas nações independentes.

Não devemos esquecer, tambem, o nosso conflicto com o Perú, depois da convenção assignada em Lima a 22 de Outubro de 1858, provocado pelos commandantes dos navios daquella republica *Morana* e *Pastaza*, em 1863, nas aguas do nosso majestoso Amazonas.

Isto é o que se pode dizer neste momento, sem prejuizo da marcha das negociações diplomaticas. Agora... *lo que no se puede decir...* é a chave do enigma, cuja unica solução parece que será a guerra, talvez inevitavel e inadiavel, para a qual devemos estar preparados desde já. Basta que os brasileiros saibam que o Brasil não tem contra si, neste momento, apenas a Bolivia...

O nosso governo deve encarar sobranceiro a marcha precipitada dos acontecimentos, que se avolumam, dispondo felizmente de um disciplinado exército de bravos, podendo

facilmente augmentar a nossa gloriosa esquadra, mobilisar a guarda-nacional, e dispor do sagrado patriotismo da maioria de uma população de mais de vinte e cinco milhões de almas.

A rapidez com que consegui organisar a *Legião Mallet*, que vai ser a vanguarda da *Legião da Raça Latina*, (*) que já conta mais de quatro mil voluntarios; o enthusiasmo com que correm a alistar-se os representantes de todas as classes sociaes (médicos, advogados, engenheiros, estudantes, negociantes, officiaes honorarios e reformados do exército, até um coronel, artistas, proprietarios, operarios e lavradores,). Até mulheres, algumas de distinctas familias, se prestam a ir, como enfermeiras, á sombra da humanitaria bandeira da *Cruz Vermelha*.

Dei á minha Legião (permittam-me dizer assim, porque já amo cada um dos bravos que correram ao meu appello, como si formassemos todos uma só familia); dei á minha galharda e bizarra Legião um dos nomes mais gloriosos do exército brasileiro, que é a legenda de um pai perpetuada nos meritos de seu digno filho.

A mesma coincidencia que collocou os dois titulares do Rio Branco nas culminancias da diplomacia, tanto na guerra do Paraguay como na actualidade, parece ter procurado propositalmente o nobre filho do formidavel artilheiro da guerra do Paraguay, para confiar-lhe a obra colossal da reorganisação do nosso exército, que começa a proporcionar ao actual ministro da guerra a maior facilidade em mobilisar as forças.

A *Legião Mallet* é um symbolo e um incentivo. Os que se alistaram nessas fileiras sentem-se orgulhosos de possuir um titulo que os enche de valor; e por isso mesmo estão obrigados a affrontar a morte com a serenidade de quem vai conduzido nos braços da victoria!

A' semelhança das victimas que se adornavam de flores para ser sacrificadas, nós partiremos para a guerra com o nome de marechal Mallet nos labios e a imagem

(*) O dr. Cesar Bierremback, que organisava em S. Paulo a *Legião da Raça Latina*, veio ao Rio del' Janeiro propor ao coronel Mucio Teixeira a junção da mesma com a *Legião Mallet*, sendo a proposta accita, com a condição de caber a vanguarda a esta desde que se dêsse a mobilisação.

da Patria no coração. Si encontrarmos a morte nos campos que temos de percorrer, morreremos pelo Brasil: si voltarmos victoriosos, confiaremos á historia o nome de cada um dos voluntarios da *Legião Mallet*. — Rio, 26 de Janeiro de 1903, — *Mucio Teixeira, coronel comandante* ».

O GENERAL SOLON

FREDERICO SOLON DE SAMPAIO RIBEIRO nasceu em Porto Alegre a 28 de Dezembro de 1842 e falleceu na capital do Pará a 10 de Janeiro de 1900. Asentou praça aos 15 annos de idade e matriculou-se na primitiva Escola Militar de Porto Alegre, da qual foi transferido, em 1859, para a Escola Central da côrte.

Já era 2.^o tenente (1860), quando foi desligado dessa escola e mandado para o Rio Grande do Sul, por ter-se pronunciado francamente republicano, sendo um dos chefes da manifestação de sympathia ao pronunciamento revolucionario de Theophilo Ottonii, na provincia de Minas Geraes.

« Eis ahí o facto (diz um dos seus biógraphos), que maior influencia naturalmente exerceu no ánimo do general Solon, fazendo com que, nem depois de se ter batido no Paraguay, recebendo os maiores elogios de seus superiores, jamais modificasse o seu ideal politico, que sempre e cada vez mais ardente se retemperava, dia a dia, com o enthusiasmo e a fé do fervoroso crente ».

Era alferes de cavallaria quando seguiu para as guerras do Uruguay e Paraguay, nas quaes se distinguiu por assignalados e repetidos actos de bravura, num dos quaes foi preso e na mesma data promovido a capitão, por ter atacado com um piquete de 25 homens uma fortaleza defendida por mais de 200 paraguayos.

O inimigo, não acreditando que aquelles poucos atacantes não dissimulassem a aproximação de numerosa força, abandonou precipitadamente a praça, aproveitando a nossa gente da confusão do momento para batel-o, forçando-o a fugir numa debandada frenetica.

Terminada a guerra do Paraguay, voltou Solon á sua terra natal, matriculando-se então na nova Escola Militar de Porto Alegre, recommecendo os estudos militares, já no posto de capitão, concluindo o curso das tres armas em 1875, anno em que foi promovido a major. As suas tres primeiras promoções foram por actos de bravura, sendo todas as outras por mericimento e serviços revelantes.

Fiscalisava o 1.º regimento de cavallaria, na cõrte do Imperio, quando se reuniu a Bocayuva e Benjamin Constant, na conspiração militar, de que foi o vulto mais saliente, precipitando o movimento (combinado para o dia 17) e pondo a segunda brigada no Campo de Sant' Anna na madrugada de 15 de Novembro de 1889.

Quintino Bocayuva, no artigo intitulado *Na defensiva*, do *Paiz* de 28 de Novembro de 1891, diz: — «Está vivo e são um dos homens para quem posso appellar e que mais influencia exerceu no êxito da revolução de 15 de Novembro, esse homem foi o coronel Frederico Solon de Sampaio Ribeiro. Do meu proprio punho deve elle possuir no seu archivo o testemunho do meu reconhecimento».

Aristides Lobo, em uma das suas *Cartas do Rio*, publicadas no *Diario Popular* de S. Paulo, diz: — «O resultado da eleição á Constituinte foi regularmente satisfatorio para a Republica, mas deu-se uma preterição lamentavel: a exclusão de Solon. Uma eleição que consagra a revolução de 15 de Novembro refutou os seus nobres intuitos recusando no Congresso um logar a um dos vultos mais eminentes no momento revolucionario.

Alem d'isso, Solon foi um dos organisadores da revolução, o braço formidavel que assegurava a victoria e, si juntarmos a tudo isso os seus méritos pessoaes e a grande lucidez do seu espirito apaixonado pelo progresso e dotado de um patriotismo ardente, temos que a ninguem assistia o direito de preteril-o. A Nação e a Republica ficam em grande divida para com um dos seus mais abnegados libertadores. Pelo que me diz respeito, penetra-me esse facto não sei que estranho desánimo»...

Foi o general Solon governador do Estado de Matto Grosso, deputado ao Congresso Federal, Inspector do Arsenal de Guerra de Belém e commandante dos

1.º, 3.º e 7.º districtos militares. Quando deputado, apresentou um projecto, que foi rejeitado, afastando os militares da politica.

Um dos bravos e finos intellectuaes do nosso exercito, o coronel Trajano Cesar, disse: — «Rio-Grandense, nascido de uma familia de nobres servidores da patria Solon encetou a carreira das armas em 1857. Em 1864 fez seu baptismo de fogo na campanha do Estado Oriental. Dahi em diante nenhuma diligencia de guerra lhe foi estranha, a todas assistiu, levando-lhes o tributo de sua bravura e patriotismo.

Como attestados desta vida de sacrificios, ornavam-lhe o peito as medalhas da campanha do Uruguay, do Mérito Militar e da guerra do Paraguay com o passador n. 5, e as medalhas concedidas pelo Estado Oriental e a Republica Argentina. Era um official illustrado, foi poeta na sua juventude, tinha o curso das armas de infantaria, cavallaria e artilharia, e robustecera o seu talento com adiantada educação literaria. Possuia um espirito de criteriosa independencia, que depois das campanhas lhe valeu a constante má vontade dos áulicos, transferencias inesperadas e repetidas preterições».

O illustre official poderia ter accrescentado que a Republica, *que elle fez*, ou da qual foi um dos principaes factores, si assim querem, o encarcerou em uma fortaleza, durante quinze mezes, pelo crime de ter apresentado um projecto de lei, no Congresso, afastando o militarismo da politica. Morreu finalmente o heróe. Pouco direi do poeta. Antes, porém, de o fazer, ouçamos mais uma vez Quintino Bocayuva, que concluiu o seu necrologio com este bello tópico, vibrante de verdadeira justiça:

— «Pode-se dizer do general Solon que as estrellas que scintillavam no punho de sua farda foram arrancadas pelas suas mãos do proprio pavilhão em que elle as engastara com a ponta da sua gloriosa espada e com a intrepidez do seu civismo de brasileiro emérito».

Do poeta pouco se pode dizer, pois nunca colleccionou os seus versos, fazendo-os apenas durante a mocidade, ora para dar expansão aos sentimentos intimos, ora para attender aos pedidos de parentes e amigos. A poesia, no Rio Grande do Sul, como se observa nos versos dos gene-

raes Osorio e Solon, era como que uma obrigação dos espiritos de certa superioridade.

A lei de hereditariedade manifestou-se em Solon, robustecida pela lei atávica: seu pai, e dois dos seus antepassados, José Bonifacio e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva, foram todos poetas; são também poetas seus sobrinhos Mucio Teixeira e Alarico Ribeiro, o primeiro, filho de uma irmã de Solon, e o segundo, filho de um irmão, o engenheiro Cincinnato Herculano de Sampaio Ribeiro.

Na minha obra *Brasil Marcial*, nas paginas 77 e 78, dou as poesias de Solon intituladas *Nocturno*, *A Garrafa* e um soneto ao *Sete de Setembro*. Quando tratei do general Solon, nos fragmentos das minhas *Memorias dignas de Memoria*, publicados no jornal *A Imprensa*, de Alcino Guanabara, em Novembro de 1911, a digna viuva deste general escreveu-me a seguinte carta:

« Mucio. — Saude, paz e fraternidade. — Tenho acompanhado a tua biographia, e muito tenho gostado e applaudido, porque muitos factos que contas eu bem os conhecia, principalmente a descripção que fizeste de tua querida Mãe e minha saudosa mana e amiga; essa descripção é fiel e sublime! e eu posso dizer que é bem verdadeira, pois a conheci de perto e venero a sua memoria.

Fizeste referencias a teu tio e meu saudoso esposo, e dizes que em outros pontos te referirás a elle ainda mais amplamente. Então, me lembrei de contar-te o que se passou no dia em que elle nasceu, pois pode ser que ignores isso, que me parece interessante. A 28 de Dezembro de 1842 nascia elle, na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Ia já bem adiantada a luta revolucionaria dos *Farrapos* (a revolução, como sabes, começou em 1835 e só terminou em 1845), que pretendiam proclamar a *Republica de Piratiny*. Como presagiadora da sua brilhante carreira militar, contou-me tua Mãe e mais algumas pessoas da Familia, que no momento em que elle nascia se ouviu um grande estampido, de bala, que foi cahir muito longe. Assustaram-se todos de casa, e o pai da familia (teu avô), ao tranquilisal-os, disse, sorrindo: — «E' o signal de que nas-

ceu um grande general»; e tanto se preocupou com aquillo, que escolheu para esse filho o nome de Frederico, em homenagem a Frederico, o Grande, da Prussia.

A prophesia de teu avô, como tu sabes, realisou-se: elle foi um grande general, apesar de esquecido actual-mente pela ingratidão dos homens. Na tua narração até o numero 23, que leio com o maior interesse, em mais de um ponto interrompi a leitura para chorar, pois a simplicidade admiravel do teu estylo me commove até ás lagrimas. Si continuares sempre assim, prestarás um grande serviço á nossa patria. Estou anciosa por ver o fim. Não tenho a *Imprensa*, pois a pessoa que todas as manhãs me empresta esse jornal, faz questão de que o devolva, para colleccionar todos os teus artigos. Por que não os publicas quanto antes em livro? — Adeus, como sempre, tua tia e amiga — *Tulia*. Rio, 21 de Novembro de 1911, Campo de S. Christovam, 155 ». (*)

MARCILIO DIAS

O glorioso marinheiro Marcilio Dias nasceu na villa de S. José do Norte, que se orgulha de ter sido o berço do immortal almirante Marquez de Tamandaré, pelos annos de 1843 a 44, e falleceu heroicamente em combate, na memoravel batalha naval de Riachuelo, a 11 de Junho de 1865.

Para que um simples marinheiro chegue a poder figurar numa galeria de heróes, é mister que realmente se tenha destacado por feitos de singular valor, que foi o que aconteceu com este joven gaúcho, que trocou as lides da savana patricia pelas tempestades do oceano, sentindo-se tão bem ao ser embalado pelas ondas como se sentem a seu gosto os seus conterraneos no dorso do mais fozoso corcel.

Esta figura juvenil e heróica destaca-se no scenario guerreiro, com alguma coisa que faz lembrar a linda e virtuosa mameluca paraense Maria Bárbara, celebrada no

(*) *A Imprensa*, de 27 de XI—1915.

magnifico soneto do general Tenreiro Aranha, essa obscura esposa de um simples soldado, que apresenta, nos tempos modernos «um dos mais admiraveis sacrificios da mulher á fidelidade conjugal»: pois, sendo accommettida em logar ermo por um malvado, que á viva força pretendia maculal-a, preferiu a morte á deshonra.

O rude marinheiro Marcilio Dias preferiria de igual modo a morte a ter de render-se ao inimigo; tanto assim que, no terrivel momento em que o nosso vapor de guerra *Jequitinhonha*, depois de encalhado, debaixo do fogo da bateria paraguaya, continuava ainda a combater e a repellir por muitas vezes a abordagem dos tres navios que o cercavam, vendo cahir os officiaes Pedro Affonso e Greenhalgh, lutou braço a braço com quatro paraguayos, dos quaes matou dois, cahindo morto aos golpes dos outros, que por sua vez morreram aos pés da nossa maruja victoriosa.

O commandante, na ordem do dia em que se retere a tão glorioso feito da nossa armada, na parte que diz respeito ao joven Marcilio Dias, diz textualmente que era elle «a praça mais distincta da sua heroica guarnição». — Outros illustres marinheiros, todos, porém, de elevadas patentes, deixam de figurar nesta secção, exclusivamente consagrada aos heróes, por lhes faltar alguma coisa, embora se distinguissem sob outros pontos de vista. São elles os almirantes Abreu, Delamare, J. F. Velho e Rodrigo José da Rocha, que desapareceu tragicamente, na catástrophe do *Aquidaban*, em Jacuacanga.

GENERAL JOÃO TELLES

JOAO BAPTISTA DA SILVA TELLES nasceu em Porto Alegre a 9 de Fevereiro de 1844 e talleceu no Rio de Janeiro a 24 de Dezembro de 1893, mortalmente ferido dez dias antes, na ilha do Governador, victima de uma emboscada, sendo-lhe disparado um tiro do matto que margina a estrada por onde passava a cavallo, á frente dos seus officiaes, em revista militar, durante a revolta da esquadra.

Assentou praça precisamente no dia em que completou 20 annos de idade, e nesse mesmo anno (1864) partiu para as guerras do Uruguay e Paraguay, com seus irmãos Pantaleão, (que morreu em combate, no posto de major) e Carlos Telles, que chegou ao generalato, distinguindo-se todos tres por actos de bravura, sendo João o mais calmo e destemido delles.

João Telles voltou do Paraguay no posto de capitão de cavallaria, tendo obtido todas as promoções em combate, sendo todas as outras por merecimento e serviços relevantes. Na revolução *federalista* desempenhou saliente papel, acabando com os degollamentos que os castilhistas e seus inimigos inflingiam aos prisioneiros, tornando-se por isso respeitado pelos proprios que pelejavam nos arraiaes contrarios.

Indo eu visital-o, assim que chegou a Porto Alegre, em 1893, sua irmã, ao abrir-me a porta, pediu-me que esperasse emquanto ia ver si elle estava em casa... voltou em seguida, sorrindo, e fez-me entrar. João Telles recebeu-me no quarto de dormir, ainda na cama, isso ao meio dia.

-- Estás doente?

— Estou mas é com frio. Desaclimei-me, de fôrma que já não supporto o nosso *minuano*. Confesso que fiquei *abahianado*, meu amigo, e não sei como vou trabalhar. na campanha, que é mais fria ainda que esta cidade, num inverno rigoroso assim.

Poucos dias depois seguia, no cumprimento do dever militar, adaptando-se de novo ás intemperies, do tempo e da guerra. Chamado com urgencia ao Rio de Janeiro, por Floriano Peixoto, seu particular amigo, assim que rebentou a revolta da esquadra, retomou o commando da Brigada Policial, apparecendo em todos os pontos onde era mais nutrido o fogo sobre as duas cidades bombardeadas, a Capital Federal e Nictheroy.

Indo bater os insurgentes na grande ilha da formosa bahia de Guanabara, de lá veio, numa maca de campanha, com um ferimento de bala na perna, quasi no ligamento da rótula, que lhe esphacelou os tecidos e penetrou na tibial pôsterior. Os medicos fizeram o possível para que

não ficasse aleijado; mas, apparecendo a gangrena uns oito dias depois, não houve remedio sinão fazer a amputação. Deu-se, porém, a infecção, e o heróe morreu, accusando insupportaveis dores.

MARECHAL BORMANN

JOSE' BERNARDINO BORMANN nasceu na cidade de Pelotas a 4 de Maio de 1844 e falleceu no Rio de Janeiro a 30 de Maio de 1919. Era bacharel em mathematicas e sciencias physicas, militar distinctissimo e um dos poucos generaes que cultivaram as letras com talento e illustração, deixando obras de incontestavel valor. O que mais o distinguia era a bondade, que o prendia a todos os que privavam na sua intimidade.

Contou-me o marechal Vespasiano, meu companheiro de juventude, que, quando foi ministro da guerra, recebeu meia duzia de cartas do nosso commum amigo Bernardino Bormann, recommendando seis individuos para um só cargo. Querendo o ministro attender ao seu pedido, foi procural-o, perguntando-lhe por qual dos seus recommendados mais se interessava, sendo-lhe respondido da seguinte maneira, que realmente o caracteriza:

— Eu não conheço os officiaes que me pediram aquillo; mas, desde que me honraram com a sua confiança, fazendo-me esse pedido, fiquei na obrigação moral de servil-os. Nem me lembrava que pedi para tantos um logar que só pode ser preenchido por um... Mas, olha, para sermos justos, o melhor é você examinar a fé de officio de todos elles e nomear o que tiver melhores serviços.

Assim que morreu o marechal Bormann, interrompendo os meus trabalhos do dia, dirigi á redacção do *Jornal do Brasil* a seguinte carta:—«Sr. Redactor.—Amigo e patricio do illustre marechal José Bernardino Bormann, que acaba de fallecer, peço-lhe espaço nas suas columnas editoriaes para prestar a tão gloriosa memoria as homenagens da minha sincera estima e profunda consideração.

Este bravo soldado rio-grandense assentou praça em Porto Alegre, aos 15 annos de idade, cursou com o maior brilhantismo a Escola Militar do Rio de Janeiro, de onde sahiu com o diploma de engenheiro e os galões de 2.º tenente de artilharia, em cujo posto seguiu para as guerras do Uruguay e do Paraguay; nesta, serviu como ajudante de ordens do tenente-general Duque de Caxias, entrando em numerosos combates, nos quaes se salientou por actos de bravura, tendo recebido um glorioso e gravissimo ferimento, no ataque de Curupaity.

Voltando da guerra capitão, depois de duas promoções em combate, só em 1885 (quinze annos depois) é que foi promovido a major, por merecimento e rigorosa antiguidade. Além dos seus trabalhos de engenharia na campanha, desempenhou consecutivamente, na paz, commissões que exigiam demonstradas aptidões, das quaes sahiu sempre coberto de louvores.

De tenente-coronel até marechal, conquistou todos os postos por merecimento e serviços relevantes, até que em 1909 foi nomeado ministro da guerra, reformando-se assim que deixou o governo, mas continuando sempre a prestar serviços ao paiz, como vice-presidente do Aero-Club Brasileiro, onde a sua acção pessoal causava admiração em idade já tão avançada.

O marechal Bormann, cujo nome perdura na galeria dos nossos heróes no Paraguay, além de bravo guerreiro, foi tambem um fino intellectual, como se pode ver da sua *Historia da Guerra do Paraguay*, ou na interessante leitura dos *Dias fratricidas*, em que narra minuciosamente a revolução *federalista* nos tres Estados do Sul, o Rio Grande, Santa Catharina e Paraná.

Com Bernardino Bormann desaparece o ultimo general brasileiro que permanecia vivo entre os mortos immortaes, isto é, que conquistou os postos de espada em punho nos campos de batalha. E a patria perde, com a sua morte, um dos mais conscienciosos e fecundos cultores da nossa resumida literatura militar. — Rio, São Clemente, 1 de Junho de 1919. — *Mucio Teixeira* ».

CORONEL THOMAZ FLORES

THOMAZ TOMPSON FLORES nasceu em Porto Alegre a 1 de Janeiro de 1851 e falleceu, em combate, nos sertões da Bahia, em 1897. Era filho do illustre médico e chefe liberal Luis da Silva Flores (que tambem figura neste livro) e irmão do magistrado desembargador Carlos Flores.

Thomaz Flores assentou praça aos 15 annos de idade e seguiu immediatamente para a guerra do Paraguay, como segundo cadete de cavallaria, voltando á patria depois de terminada a campanha, no posto de alferes. Matriculou-se em 1875 na Escola Militar de Porto Alegre, onde completou o curso das tres armas, sendo promovido a tenente, por estudos, em 1878.

Promovido a capitão em 1884, major em 1890, nesse mesmo anno foi elevado ao posto de tenente-coronel por serviços relevantes e em 1891 a coronel por merecimento. Distinguiu-se no Paraguay por actos de bravura, que causavam admiração em tão verdes annos, e nas revoluções *federalista* e de *Canudos* a sua bravura revestiu-se da mais admiravel calma.

Era exigente na manutenção da disciplina, não gosando por isso da sympathia dos seus commandados; mas todos respeitavam-lhe o valor. Ao ser inaugurado o actual regimen, Julio de Castilhos confiou-lhe o commando da força policial de Porto Alegre. Eleito deputado á Constituinte, ainda fez parte do Congresso Federal, na sua primeira legislatura.

Indignado com o acto despótico do dictador que dissolveu o primeiro Congresso, reuniu-se ás forças revolucionarias que no Rio Grande do Sul eram commandadas pelo general Rocha Osorio; mais tarde serviu nas forças legaes que deram combate ao exercito de Gumerindo, portando-se sempre na altura do renome conquistado, e mais ainda pela humanidade com que, tanto elle como João Telles, foram os únicos chefes que poupavam a vida dos prsiioneiros.

Seguindo para a Bahia, em 1897, á frente do 13º batalhão de infantaria, para bater os fanáticos de Antonio

Conselheiro, foi uma das primeiras victimas dessa ingloria lucta fraticida, cahindo do cavallo com o coração varado por uma bala. O fanático Beatinho (que Moreira Cesar mandou degollar), disse, ao vel-o tombar, envergando o dolman branco, que «parecia uma pomba branca, ferida no vôo por uma flexa».

Dizem outros que fôra alvejado por um dos seus proprios commandados... o que aconteceu ao coronel Moreira Cesar, que, ao chegar á terra de Castro Alves, provocou uma prophesia popular, dizendo todos que elle iria pagar no sertão os seus crimes de Santa Catharina, alludindo ao fuzilamento do marechal Barão de Batovy e tantos outros sacrificados á sua crueldade de epyléptico larvado.

Thomaz Flores ficara surdo, no Paraguay, devido ao formidavel e consecutivo ribombo da nossa artilharia; e num dos combates com os *federalistas*, dizendo-lhe o seu ajudante d'ordens, que o inimigo dispunha de força em numero tres vezes superior ás suas, parecendo prudente effectuar uma retirada estratégica, elle, fingindo ter ouvido, respondeu: — «E'; bala muita»! — E continuou, firme no seu posto, determinando taes evoluções, que acabou por vencer o combate.

PLACIDO DE CASTRO

JOSE' PLÁCIDO DE CASTRO nasceu na cidade de S. Gabriel a 9 de Dezembro de 1873 e falleceu no Acre, em 1910, covardemente assassinado (por um miseravel a que protegera), quando se dispunha a regressar á terra do seu nascimento, onde pretendia casar-se e entregar-se á industria pastoril, para a qual tinha feito estudos especiaes.

Ao tratar deste joven guerreiro, que é um dos nossos mais brilhantes heróes, torna-se necessario o conhecimento do meio physico e do momento histórico da sua prodigiosa acção pessoal. Isto se encontra neste mesmo livro, quando falo do marechal Mallet.

Plácido de Castro era de uma intelligencia notavel e de uma coragem extraordinaria. Valente e generoso, insinuava-se de tal maneira no espirito de todos, que a sua intimidade se tornava encantadora. Diz um dos seus biographos que a nenhum brasileiro é dado desconhecer o papel saliente e quasi decisivo do coronel Plácido de Castro nos successos do Acre.

Em 1889 assentou praça no 1º regimento de cavallaria, aquartelado no Rio de Janeiro, matriculando-se dois annos depois na Escola de Sargentos do Realengo, obtendo approvações plenas em todo o curso, passando em 1893 para a Escola Militar, onde se distinguio pelo talento e a applicação, além de exemplar comportamento, o que o tornava estimado pelos lentes e condiscipulos.

Embora não tivesse assignado o manifesto, que fez o ministro da guerra mandar fechar a Escola Militar, como Plácido se negasse a depor contra seus companheiros, tendo a hombridade de dizer, em conselho de investigação, que era solidario com elles, foi preso e mandado classificar no corpo de transporte da guarnição de Bagé, de onde seguiu para as fileiras revolucionarias de Gumercindo.

Tornou-se, logo nos primeiros encontros, notavel pela bravura e calma durante a acção, tomando parte em numerosos combates e fazendo toda a guerra federalista, que durou tres annos. Desliagdo assim do exercito, «uma força mysteriosa e invencivel chamava-o para outro ponto», onde a sua personalidade devia affirmar-se em triumphos ruidosos e surprehendentes.

Seguiu para Manaus em 1899, e a 7 de Novembro desse anno iniciou Plácido de Castro a gloriosa série de suas aventuras guerreiras no Acre, onde logo de chegada praticou um acto que dá idéa da sua imperturbavel presença de espirito e da rapidez das suas resoluções:

Descia elle o Purús, numa lancha que levava a reboque um batelão. De repente, batendo a lancha sobre uns escolhos, sossobrou entre uma cachoeira e a embocadura do Acre. A equipagem do batelão, na imminencia do perigo, alarmou-se, em confusão. Lancha e batelão estavam perdidos. Plácido, porém, puxou da sua

faca (que sempre trazia na cava do collete), num ápice cortou os cabos de reboque, e assim salvou a vida de trinta pessoas.

Naquellas longinquas e abandonadas regiões tão ricas, vendo que o governo brasileiro não providenciava para pôr fim ás constantes invasões de bolivianos no nosso territorio, Plácido mandou buscar na América do Norte armas e munições, tudo á sua custa, organisou um batalhão e um regimento, que elle mesmo exercitou, e offereceu combate aos invasores, que derrotou.

O ex-presidente da república da Bolivia, coronel Monte, que era então ministro da guerra, marchou á frente do seu exército, e Plácido de Castro deu-lhe combate campal, derrotando-o; e já se dispunha a cortar-lhe a retaguarda, para fazel-o seu prisioneiro, o que fatalmente aconteceria, si não chegasse inesperadamente o general Olympio da Silveira, que levava instrucções do nosso governo para a pacificação, que assim foi feita diplomaticamente, nas peores condições para nós, quando pela victoria completa de Plácido de Castro, este saberia, como vencedor, impor as condições ao vencido.

Disse-me um dia o Barão do Rio Branco que sentia por Plácido de Castro grande admiração, não só pela sua bravura pessoal, como pela superioridade moral, de que possuia provas na correspondencia official com elle mantida, e até mesmo pelo primoroso estylo literario das suas patrióticas proclamações e ordens do dia referentes aos 43 combates, de que sahira sempre victorioso.

Quando ia mais accesa a luta das forças voluntarias de Plácido contra o exército da Bolivia, resolvi correr em seu auxilio, organisando para esse fim a *Legião Mallet*, que, de combinação com elle, iria pelo Matto-Grosso, perseguida como já estava na região do nosso extremo norte, dando-se então o encontro das nossas forças, que metteriam assim o inimigo num circulo de fogo.

Além da proclamação, que transorevo mais adiante, os seguintes factos comprovam a importancia desse momento histórico, que é um dos mais bellos da nossa historia, sinão o único verdadeiramente glorioso, depois da proclamação do actual regimen, pois até hoje só temos tido

guerras intestinas, servindo o pavilhão republicano de mortalha aos brasileiros que tombam feridos por brasileiros.

Só no Acre a nossa bandeira tremulou victoriosa.

Transcrevo do *Jornal do Brasil* de 8 de Fevereiro de 1903 as seguintes linhas: — «O sr. senador Lopes Trovão foi hontem á secretaria provisoria do commando da *Legião Mallet*, e ahi, abraçando seu antigo companheiro e aimgo Mucio Teixeira, lhe pede, em eloquente discurso, que transmita o seu abraço a cada um dos patriotas alistados em tão bizarra phalange.

O commandante da Legião respondeu-lhe em nome de seus companheiros, falando novamente o popular tribuno, que foi freneticamente aclamado ao terminar essa eloquente oração, ungida de sagrado patriotismo. Mucio Teixeira suspende em seguida os trabalhos do dia, sahindo de braço dado com o illustre senador, á frente dos 1.200 homens da Legião, percorrendo algumas ruas da cidade entre vivas aclamações».

Camerino Rocha, brilhante chronista da *Athencia* (anno I, n.º de Fevereiro), allude a essa passagem, pela rua do Ouvidor, nos seguintes topicos da sua interessante chronica mensal, intitulada *Vida fluminense*:

«O Acre! o Acre! como tem uma vibração augural este nome, em que parece fulgir toda a tenebrante e crua verberação dos desertos! Como se nos afigura prenunciador de hecatombes! como, mesmo proferido em plena cidade, em meio de civilizados, pelos rugidos das folhas elle fere e maltrata, e parece solidificar-se, apenas articulado, congelar-se no ar apenas enunciado!

Mas ninguem sente actualmente a desolação desse paiz remotissimo e quasi lendario. As imaginações fluminenses, de um meridionalismo impetuoso, abandonam-se deliciosamente a essa violenta emoção de uma guerra próxima, que ao menos vem excitar, convolver com a sua lacuna fulgurante o esmagador tédio do verão.

Jornalistas seguem o enthusiasmo defensor, e reu-nem-se conscriptos; e ainda hontem o poeta Mucio Teixeira invadia a rua do Ouvidor com a sua Legião de Voluntarios da Patria, erguendo altivamente a sua cabeça de mosqueteiro, sob o feltro a Rembrandt, brandindo

marcialmente a bengala, com um sereno sorriso de heróe ».

Publiquei, então, a minha segunda *Proclamação*, em que digo: — «O amor da Patria é o mais intenso de todos os sentimentos; elle amortece todas as outras paixões: arranca o marido aos braços da esposa; arrebatá os pais para longe do berço dos filhinhos; faz o filho obediente abandonar o lar paterno; esvasia as fábricas e as repartições, enchendo as ruas e praças de patriotas, que á frente do inimigo se transfiguram em verdadeiros heróes!

A arte da guerra tem leis que devem ser normalmente cumpridas, enquanto as circumstancias do momento não ultrapassam as raias prescriptas; mas, nas explosões sagradas do patriotismo, quando a suggestão do delirio empolga a alma collectiva das multidões, os tratados são substituidos pelas deliberações decisivas: e é do attrito dessas forças improvisadas que irrompem as labaredas mais vivas dos feitos gloriosos!

Para se organizar um exército permanente, é mister preferir as qualidades precisas e indispensaveis ao guerreiro; mas, para mobilisar repentinamente forças voluntarias, que correm ao reclamo da nação ultrajada, essas condições essenciaes são deixadas de lado, pois o entusiasmo das multidões, sendo criteriosamente dirigido com talento e patriotismo, resolve brilhantemente os mais complicados problemas da guerra.

Diz o capitão Henry, no seu *Ensaio de um compendio de Philosophia da Guerra*, que «se pôde ser poeta, philósofo e estadista, com um corpo debil; lavrador e carpinteiro e ferreiro, com uma alma commum; mas é impossivel ser um completo guerreiro sem ter alma enérgica em um corpo ágil e robusto».

Esta é a lei geral. Mas não ha leis sem excepções. E a excepção, neste caso, impera nos dominios da sensibilidade, ferindo a corda mais vibrante do coração, a fibra do patriotismo. O *mens sana in corpore sano*, que é qualidade essencial nos exércitos permanentes, recua para a retaguarda das expedições voluntarias, sempre que avançam para as fronteiras de um paiz ameaçando os seus defensores leaes, á frente da flor da mocidade, de que geralmente se compõe o grosso dessas phalanges.

Exemplo: — Bolívar, pequeno e franzino, já no segundo periodo da tuberculose pulmonar, trocando os seus titulos de Doutor e Conde pela improvisada patente de coronel, aclamado pelos seus immortaes companheiros, dando combates e mais combates á Hespanha gloriosa, que acabava de vencer as hostes napoleonicas, batalhando durante 15 annos, até libertar a sua patria, constituindo cinco nações no nosso continente, uma das quaes é a que neste momento ousa afrontar o nosso pavilhão!

Os maiores capitães de todos os tempos são unánimes em reconhecer a necessidade prévia dos estudos militares, para bem se poder commandar uma força regular; mas nenhum delles se atreveu a negar que o caráter e o talento de um homem superior, çontendo a cada instante os impetos dos seus commandados, numa permuta constante de esforços communs em prol do mesmo ideal, não cheguem até a substituir o proprio *olhar militar*, faculdade physica que se educa, indo muito além dos resultados práticos, na esphera intellectual.

«Mas como adquirir o desenvolvimento dessas eminentes faculdades (*o juizo e o olhar militar*)? — pergunta o citado escriptor, respondendo elle proprio da seguinte maneira: — «Como descobriste a lei da gravitação?» — perguntaram a Newton. — «Pensando sempre no assumpto», — respondeu o sabio. E' nesse estado de espirito que se deve collocar o que deseja sinceramente chegar a ser um chefe militar: — pensar sempre nisso!»

Filopemen e Mirabeau, este, fogoso tribuno, e aquelle, célebre heróe de Plutarco, ambos sentiam êxtasis no estudo das coisas militares; Montecuculli, só depois de prisioneiro em Hotkirch, foi que se consagrou a estudos de guerra; e tanto este como aquelles, uma vez dedicados a taes leituras, nunca mais arredaram o pé deste terreno, seguindo cada qual a sua diversa profissão.

A arte da guerra amplia diariamente os seus domínios; mas nem por isso o Negus Menelick deixou de vencer as fortes expedições italianas; e é ainda bem recente a formidavel lição de heroismo que os pastores do Transvaal deram aos soldados inglezes, commandados pelos mais illustrados chefes, dispondo das armas mais aperfeiçoadas e de tropas dez vezes mais numerosas.

E' que os inglezes iam friamente, sem ideal, nem outra preocupação além da extorsão das minas de ouro daquellas opulentas regiões, ao passo que cada um dos defensores da integridade do seu territorio, tinha dentro da alma o sonho da independencia da Patria, e na refina a visão dos lares incendiados, de onde fugiam espavoridas as mulheres e as crianças!...

O coronel Rustow, na introdução do seu *Estudo das Sciencias Militares*, reconhece que «a philosophia é a sciencia das sciencias». Todas as outras transmittem a intensidade luminosa que nella se encontra; e ella devolve-lhes, limpidos e brilhantes, os raios multicores que recebe. Os philosophos e os poetas são os batedores do progresso dos povos; e estes, guiados por um ideal sagrado, hão de fatalmente attingir o seu objectivo.

Bluntschli diz que a guerra é o conjunto dos actos pelos quaes um povo ou um Estado faz respeitar os seus direitos, lutando com as armas na mão; mas tambem pode ser, como pondera Rustow, a luta premeditada e methodica dos partidos, que, com o auxilio das forças armadas, tratam apenas de alcançar um fim politico.

O que se dá comnosco, neste momento, não é uma nem outra coisa. O nosso caso é muito differente. Trata-se da sordida ambição pessoal de um caudilho boliviano, que quer entregar a um syndicato poderoso, de estranha raça, um territorio ainda em litigio, que não pode ser abandonado pelo Brasil sinão depois de concluidas as negociações diplomaticas.

A guerra, para ser conduzida ao terreno da victoria, exige neste momento o concurso de todos os patriotas. A nossa actualidade ostenta a Sphinge da Grecia heroica de outr'ora, que só não espanta os OEdipos que collocam a patria na esphera intangivel em que Deus collocou os astros. Ninguem poderá tocar nem mesmo na sua imagem symbolica — a bandeira nacional, esse estandarte auri-verde, que percorreu victorioso as savanas cisplatinas e toda a vastidão territorial do Paraguay.

A Bolivia provocou uma guerra a que somos arrasados; a attitudo insolente da sua imprensa mercenaria, com balcões nas succursaes de *El Diario* e *La Prensa* de Buenos Aires; as suas expedições militares em demanda dos nossos irmãos domiciliados no Acre; o pro-

cedimento enigmático (para não classificar com a precisa adjectivação) desse presidente que manda deportar o seu substituto legal e vai, á frente de 300 *commivoyageurs*, entregar um territorio que lhe não pertence, a um syndicato que o tem na gaveta, — tudo isto nos obriga a lançar mão de medidas enérgicas, pois seria um crime o continuarmos de braços cruzados.

Uma estatística, ultimamente publicada em S. Paulo, dá aos bolivianos o hyperbolico effectivo de 60.000 homens em armas, entre o exercito e a guarda-nacional: parece hespanholada... mas, vá! que assim seja! Nós... seria leviandade censuravel dizer em voz alta de quantos elementos dispomos: todo o sigillo é pouco; e deve partir da imprensa o exemplo da mais absoluta reserva, respeitando em silencio a attitude do governo, que saberá cumprir o seu dever, dispondo, como dispõe, dos recursos precisos para fazer respeitar a dignidade nacional.

Apenas, para que esta guerra imminente não se prolongue como a do Paraguay, é indispensavel mandar nas primeiras expedições um pessoal tão numeroso — que o inimigo seja levado de vencida desde os primeiros encontros. Bem sei que o exército é sufficiente para garantir-nos a victoria; mas para que a victoria não seja tardiamente alcançada, é urgente mobilisar quanto antes a guarda-nacional, sendo simultaneamente aproveitados os corpos de voluntarios que o patriotismo está organisando.

Foi convencido dessa victoria inadiavel que consultei os amigos, sondei o ánimo dos competentes, fiz um appello ao sentimento da maioria dos meus compatriotas (digo maioria, em vez de unanimidade, porque Infelizmente ha sêres tão abominaveis que chegam a zombar dos enthusiasmos mais nobres); e quando vi coroados do mais completo triumpho os meus desejos de patriota, pedi então ao marechal ministro da guerra me permittisse substituir a minha penna de escriptor pela espada do guerreiro, fazendo pelo Brasil o mesmo que Byron fez pela liberdade da Grecia.

O illustre soldado que se acha na suprema direcção militar do paiz, accetando o meu offerecimento, prece-

deu-o das mais judiciosas observações, deixando transparecer na concisão da phrase os escrúpulos do homem de governo que tem de restringir ao circulo das conveniencias politicas o ardor sagrado da bravura militar: o chefe do estado-maior tambem applaudiu a minha deliberação, fazendo votos para o completo desempenho de tão patriótico intuito.

Com a nossa cavallaria «pode-se fazer uma marcha triumphal por todo o mundo», disse o general Garibaldi, que nella serviu como tenente na guerra dos *Farrapos*.

A bravura dos nossos officiaes de artilharia e infantaria, poderosamente auxiliada pela obediencia e resignação dos nossos valentes soldados, que ainda ultimamente deram prova dos maiores sacrificios, no inglorio e tragico morticínio de *Canudos*, tudo nos tranquillisa quanto ao resultado da guerra.

Mas não devemos sacrificar o heroismo em prolongadas provas, quando, si o auxiliarmos com a única coisa que está por fazer (que é engrossar as fileiras expedicionarias), poderemos com a maior prestesa subjugar o inimigo. A organização dos corpos patrióticos é urgente e imprescindível. Só assim teremos quanto antes resolvido o problema do momento. — Venham, pois, os patriotas: e o governo que lhes dê as armas e munições necessarias, permittindo desde já que elles comecem a fazer exercicios militares em alguma praça de guerra, — para partirmos quanto antes.

A *Legião Mallet* está organizada de maneira que pode amanhã, ou hoje mesmo, como tive a honra de dizer ao sr. ministro da guerra, começar os precisos exercicios, disponde desde já de fardamento e banda marcial, sendo tão extraordinario o número de voluntarios alistados em cinco dias, como ainda não se viu exemplo igual em outro paiz. Isto consola. — Viva a Nação Brasileira! — *Mucio Teixeira*.

Si o barão do Rio Branco não preferisse intervir precipitadamente, com as instrucções que deu ao coronel Olympio da Silveira, para pacificar o Acre á custa dos maiores crificios, em vez de sahirem do erario publico os *dois milhões esterlinos*, que elle mandou dar á Bolivia, além do grande trecho do nosso territorio, no Abuman, teriamos

conseguido a mais completa victoria, impondo a connexão da Amazonia com a Bolivia, firmados no direito internacional, no carater de vencedor para vencido.

A nossa chancellaria, porém, interrompendo brusca-mente a acção patriótica e decisiva de Plácido de Castro, que acabava de vencer o exercito boliviano, ameaçando aprisionar o seu general em chefe e o proprio presidente da república; contentou-se com esse platónico tratado de Petrópolis, que apenas favorece a Bolivia, libertando-a da ascendencia Argentina, sem que até hoje tenham sido executadas as clausulas essenciaes, que são: a construcção de uma ponte, ligando a estação terminal da nossa Madeira-Mamoré ao territorio boliviano (que desviaria da Argentina para o Amasonas todo o intercambio desses nossos visinhos do Sul); e a obrigação imposta de ser pela Bolivia executada a linha-férrea do Noroeste do Brasil, que essa nação até hoje não iniciou...

A nossa generosidade não se contentou com o abandono da divida da guerra do Paraguay, com juros accumulados, que nunca foram pagos, desde 1870 até hoje; com o presente, de mão beijada, do condominio das nossas aguas do Uruguay; e finalmente com essa irritante insistencia boliviana, que bem merece a lição de um novo Plácido de Castro.

IX

OS NOTAVEIS

Os homens variam nas suas predilecções e nos seus gostos; mas a historia fornece uma galeria de typos e de variedades sufficientes para satisfazer todas as fôrmas de intelligencia por mais elevadas que sejam.

(S. P. MAHAFFY-A Literatura da Historia)

O PADRE THOMÉ

THOMÉ' LUIS DE SOUSA nasceu na colonia do Sacramento a 21 de Dezembro de 1770 e falleceu em Porto Alegre a 14 de Dezembro de 1858. Fez os seus estudos ecclesiásticos no Seminario da Lapa, do Rio de Janeiro, e logo depois de ser unguido sacerdote regressou a Porto Alegre, de onde nunca mais sahio.

Os homens são geralmente tão vaidosos, que fazem ostentação de serem dominados pela intelligencia, ao passo que ninguém se vangloria de ser dominado pelas emoções. Mas a verdade é que uns e outros são escravos do cerebro e do coração. Mais criteriosos seriam elles, si obedecessem aos dictames do raciocinio e principalmente si prestassem verdadeiro culto ao poder que a todos deveria dirimir — a verdade.

O cérebro e o coração, que tanto nos martyrisam, são meros instrumentos que a natureza nos empresta durante a vida terrena, nesta indecisa trajectoria que vai do berço ao túmulo, em que andamos como que de olhos fechados, sem perceber que tudo que nos cerca é illusão. Mas uma vez que somos os depositarios do cérebro e do coração, temos o dever de dominal-os, como fez este santo varão, encaminhando-os pela estrada do bem e da verdade.

E só assim obedeceremos ás exigencias da lei universal.

Emquanto a alma, que é o *eu real*, permanecer escrava da materia, devemos desmaterialisarmo-nos o mais possivel, ou para melhor dizer, espiritualisarmo-nos, para que possamos ouvir a *voz do silencio*, interpretando assim a linguagem das coisas mudas. Para isso, porém, é mister

dominarmos as nossas próprias paixões, procurando serenamente vencer as mais violentas crises emotivas, pois o coração é a pedra de toque com que devemos determinar as imposições do cerebro, cujas percepções se identificam com as aspirações d'aquelle.

O virtuoso padre Thomé, como o povo continuou a chamar sempre o venerando cônego gaúcho, exerceu o magisterio durante muitos annos, educando e instruindo successivas gerações de moços, que se tornaram dedicados amigos do mestre bondoso e erudito. Meu avô, o coronel Victorino José Ribeiro, que figura mais adiante, foi um dos seus numerosos discipulos, e na sua *estancia* da Estrella o hospedava sempre que apparecia para baptisar-lhe os filhos, cuja cerimonia religiosa era seguida de prolongadas festas, de conformidade com os costumes do tempo.

Quando o Conde de Irajá, bispo do Rio de Janeiro, esteve na provincia do Rio Grande do Sul, que estava então sob a sua diocese, conhecendo de perto as raras virtudes do piedoso padre Thomé, nomeou-o vigario-geral da provincia; e assim que foi creada a diocese da mesma, todas as vistas se voltaram para o meigo prelado, que vivia na maior pobreza e humildade evangélica, privando-se muitas vezes do necessario para accudir com solícitude aos mais necessitados de recursos.

Consultado por um amigo de influencia politica, si aceitaria a investidura de principe da igreja do Rio Grande do Sul, respondeu enternecido e com lágrimas nos olhos: -- «Pelo amor de Deus não se lembre d'isso! estou velho, quero viver esquecido no meu canto, e espera que chegue a minha última hora. O peso da mitra, nesta idade, viria apenas apressar os meus últimos dias de vida. Isto não é falsa modestia, é a minha sincera vontade».

A fama de suas virtudes ultrapassou os limites regionaes; e, tendo sido creada a parochia de Nossa Senhora das Dores, sem que durante muitos annos fosse nomeado o respectivo cura, o Conselho de Estado, a quem fôra affecto esse caso anormal, declarou sem reservas que o preenchimento desse cargo iria reduzir os recursos com que o padre Thomé soccorria a pobreza.

E quando D. Feliciano Prates, que fôra seu discípulo, foi sagrado bispo da diocese do Rio Grande do Sul, no momento do seu solemne desembarque, em Porto Alegre, perante a numerosa multidão reunida, assim que o venerando padre Thomé Ihe quiz beijar o anel, o bispo ajoelhou-se, ao estender-lhe a mão, que o seu velho mestre beijou, também ajoelhado.

VISCONDE DE S. LEOPOLDO

JOSE' FELICIANO FERNANDES PINHEIRO, Visconde de S. Leopoldo, nasceu em Santos a 9 de Maio de 1774 e falleceu em Porto Alegre a 6 de Julho de 1847. Paulista de nascimento, foi um verdadeiro gaúcho pelo entusiasmo com que se dedicou á terra onde constituiu familia e viveu a maior parte de sua longa existencia. Estão no mesmo caso o piauihyense Manuel Lopes Teixeira, o allemão Carlos von Koseritz e o sergipano que fundou em Porto Alegre o *Correio do Povo*.

«Destinado por seus pais á carreira ecclesiástica (diz um dos seus biógraphos), partiu aos 18 annos de idade para Portugal com o fim de completar os seus estudos na Universidade de Coimbra, e ali recebeu em 1798 o grau de bacharel na faculdade de cânones. Em Dezembro de 1801 voltou ao Brasil como juiz das alfândegas do Rio Grande do Sul e Santa Catharina, encarregado de creal-as, desempenhando ali outras commissões de importancia, em que demonstrou a inteireza do seu character, a dedicação e o zelo pela causa pública, que constituem a essencia da sua individualidade, e iniciou-se com proveito na difficil sciencia da administração.

Proclamada em 1821 a constituição no Brasil, escolheram-no a sua provincia natal e o Rio Grande do Sul deputado ás Côrtes Constituintes da metrópole, a cujo mandato obedeceu, partindo para Lisboa, de onde voltou assim que foi proclamada a nossa independência. Eleito deputado á Constituinte Brasileira, em 1823, nos annaes dessa assembléa estão accumulados os seus relevantes serviços de parlamentar e patriota.

Dissolvida essa assembléa, em Novembro de 1823 foi nomeado presidente da provincia do Rio Grande do Sul, cargo que exerceu durante dois annos, sendo elle o primeiro presidente que teve esta provincia. A primeira typographia que ali se inaugurou, a Casa de Caridade e a colonia de S. Leopoldo, hoje próspera cidade, foram creações da sua administração.

Ministro dos negocios do Imperio, desde 1825, referendou em 1827 o decreto que fundava os nossos cursos juridicos; reorganizou a Academia de Bellas Artes; promoveu o desenvolvimento da instrucção pública; melhorou a Escola Médica do Rio de Janeiro. Em 1826 foi escolhido senador do Imperio, nomeado conselheiro de estado e agraciado com o titulo de Visconde de S. Leopoldo.

Em 1838 estabeleceu o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, tendo por poderosos auxiliares, além da bôa vontade e animação do juvenil imperador D. Pedro II, o marechal Raymundo da Cunha Mattos, o cônego Januario da Cunha Barbosa e o general José Machado de Oliveira. Em justa homenagem aos seus incontestaveis merecimentos, o Visconde de S. Leopoldo foi eleito primeiro presidente perpetuo dessa illustre corporação.

«O nome deste distincto literato está inscripto na primeira página do maior monumento literario do Brasil», diz o Barão Homem de Mello na biographia que escreveu do illustre José Feliciano Fernandes Pinheiro. Orna o salão das sessões do Instituto, como honrosa memoria aos seus grandes serviços e reconhecido devotamento á patria e ás letras nacionaes, o seu busto em marmore, feito pelo esculptor J. J. Silva Guimarães.

O Visconde de S. Leopoldo compoz e publicou diversos trabalhos históricos e literarios (alguns traduzidos do allemão e do inglez), dentre os quaes sobresaem os seus *Annaes da Capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul* (1819); *Memoria histórica* sobre os limites naturaes do Imperio do Brasil; *Cultura Americana* (1799); *Historia da América* (1800); *Da vida e feitos* de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão; além das suas *Memorias*.

BISPO D. FELICIANO

FELICIANO JOSE' RODRIGUES PRATES nasceu na Aldeia dos Anjos, perto de Porto Alegre, a 17 de Julho de 1781 e falleceu no seu palacio episcopal, da mesma cidade, a 27 de Maio de 1850. Feitos os primeiros estudos na capital gaúcha, completou o curso ecclesiastico no Seminario da Lapa, do Rio de Janeiro, regressando á terra natal como capellão do exército, em cujo character tomou parte nas guerras que tivemos no Rio da Prata, onde mais de uma vez trocou a cruz do sacerdote pela espada do guerreiro.

Teve rasgos de heroismo, como mais tarde os vemos reproduzidos na Espanha pelo famoso cura Santa Cruz. Havia nelle um mixto de Santo Ignacio de Loyola e do inquisidor Torquemada, sem a severidade e o rigor de ambos, mas tambem sem a modesta humildade do seu mestre e amigo padre Thomé, de piedosa memoria. E foi assim que, na batalha de Catalán, sendo atacado o nosso hospital de sangue, o padre Feliciano Prates, á frente dos enfermeiros, oppoz heroica resistencia aos numerosos aggressores, que foram finalmente vencidos.

Sagrado bispo do Rio Grande do Sul, no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, a 29 de Maio de 1853, voltou immediatamente a Porto Alegre, assumindo o posto a 3 de Julho desse mesmo anno. Fundou na capital gaúcha o Seminario de S. Feliciano, de onde sahio essa brilhante pléiade de sacerdotes patricios que se chamavam Teixeira, Vianna, Brito, Azevedo, e tantos outros notaveis oradores sagrados.

Contam-se do nosso valente bispo-guerreiro algumas historias de aventuras galantes, com umas mulatas chamadas Nicassias, das quaes conheci, na minha infancia, as netas, assim tambem chamadas, e que moravam á rua da Igreja, quasi defronte do palacio episcopal. Isto, porém, não é de estranhar num padre que passou a mocidade entre os soldados. *Abyssus abyssum invocat.*

Nem pode por tão humanos peccados deixar de ser absolvido, uma vez que *accusare nemo se debet nisi coram Deo*. Os que não podem ser castos, que sejam ao menos

cautos, não incorrendo na grave falta do escandaloso frei Bastos, que fazia com ostentação o que um sacerdote não pode nem deve fazer... isto é, poder, pode, mas quanto ao dever, desde que não tenha por hábito pagar as dívidas... *latet anguis in herba*. Não vem fóra de oportunidade esta maliciosa quadrinha do poeta peninsular:

«O nosso bom arcebispo
Perdeu a sobrepelliz
Uma vez em casa de...
São coisas que o povo diz!»

Ha na descendencia deste guerrilheiro mitrado um estadista e um millionario: Julio de Castilhos e o Conde de Prates.

O primeiro degenerou da especie, pelo lado moral, pois fazia garbo do seu atheismo, filiado á religião da humanidade, no seu positivismo orthodoxo; o segundo obedece fielmente ás leis do sangue, conservando-se um cathólico praticante, a quem peço que me perdôe a irreverencia com que trato aqui o seu reverendo avoengo.

PADRE SANTA BARBARA

JOÃO DE SANTA BARBARA nasceu na povoação do Rio Grande, hoje bella cidade, a 17 de Fevereiro de 1800 e falleceu a 5 de Julho de 1868. Feitos os seus estudos preparatorios na cidade de Porto Alegre, seguiu para o Rio de Janeiro, onde completou o curso ecclesiastico no convento da Lapa, regressando em seguida á terra natal, dedicando-se ao serviço da igreja e ao magisterio secundario, leccionando no Seminario da capital da provincia diversas disciplinas, dando preferencia ao ensino da latinidade.

Diz um dos seus biographos que tinha muita facilidade de expressão e que, diante dos discipulos, se possuía de tanto enthusiasmo, que se tornava arrēbatador nos altos vãos da eloquencia. Tinha a seu favor o aspecto physico: «era de elevada estatura, cheio de corpo, rosado, com a curva de uma calva nascente. Andava sempre

aprumado, o passo cadenciado, sabendo com graça e elegancia traçar a capa de sêda preta sobre os largos hombros de granadeiro».

O dom da palavra, como a poesia, é um privilegio divino, e o Padre Santa Barbara não procurou libertar-se dessa especie de secularisação a que estão condemnadas todas as aptidões superiores. Não lhe foi possível abrir mão da generosa dádiva providencial, que se derramou do alto do púlpito até á cathedra, chegando mesmo a espalhar-se pelos salões, em solemnidades profanas, e até nas praças públicas, em comícios populares.

A palavra assim vulgarisada perde um quê da sua auréola sagrada; os auditorios profanos deleitam-se na embriaguez das paixões subalternas, ouvem, applaudem e esquecem; e a eloquencia, descendo do seu throno, converte-se numa sonora fonte de palavras sem a grandeza do ideal. O orador sagrado não deve emprestar o prestigio do seu verbo ao serviço da politica, cujo campo de acção tem mais espinhos do que flores, nivelando-se ali com as entatuadas mediocridades as mais altas aristocracias do talento.

Diz Achylles Porto Alegre: — «Quando o Brasil ainda estava sujeito á metrópole, o Padre Santa Barbara representou o nosso paiz nas Côrtes de Lisboa, fazendo ali uma bonita figura. Mais tarde foi eleito deputado á nossa Camara temporaria, produzindo como estréa um bellissimo discurso contra o celibato dos padres. Essa oração causou ruído de um extremo a outro do paiz, pela fórma brilhante em que foi exposta. Quando elle subia á tribuna, dominava desde logo o auditorio com o encanto de sua mágica palavra, que arrebatava as multidões.

A's vezes dava as suas lições debaixo de tormenta, cahissem raios sobre raios, desabasse o ceu sobre a cidade; e elle, impassivel, indifferente, parecia desafiar a furia dos elementos que se debatiam nas alturas». E' que elle naturalmente pensava como outro sacerdote, o juvenil e inspirado poeta Junqueira Freire, quando nos diz, no prólogo de um dos seus bellos livros de sentidos versos:

«Para mim o pensamento de Deus não está encravado no livro de De Maistre. O orgulho não está lá

em cima; nunca esteve. Eu não posso crer nas tempestades de cólera no seio do Altíssimo. Lucifer é um brinquedo de Milton. A linguagem divina não precisa de hypérbole humana para ser sublime. No meio da sagrada lição, que eu proferia com quanta devoção podia, interrompia-me como por castigo um retintim de trovoadas, mais forte e o clarão do relâmpago, que nos deslumbrava a todos.

Nestas circumstancias, todos rebentavam em gritos, que me ensurdeciam mais que o estrépito do raio... Era uma scena de consternação que me fazia mal. Si eu não estivesse ali... correria á janella para ver o raio, e, quando muito, apertaria os olhos ao seu rápido luzir. Sempre gostei do homem grego de ánimo atrevido, descripto pela mão do poeta Lucrecio. Sempre admirei esse investigador temerario da natureza, o qual não foge aterrado da vista dos phenomenos do espaço, mas como que resiste ás metas inflammadas, conforme sua bella enarcação».

CRUZ JOBIM

JOSE' MARTINS DA CRUZ JOBIM nasceu na villa do Rio Pardo a 2 de Fevereiro de 1802 e falleceu na côrte do Imperio a 25 de Agosto de 1878. Fez os estudos preparatorios no Seminario de S. José, do Rio de Janeiro, e formou-se na Academia de Medicina de Paris, onde conquistou brilhante nomeada pelo seu talento e applicação.

Assim que regressou ao Brasil, o grande José Bonifacio, patriarca da independencia nacional, nomeou-o médico da Casa Imperial, onde serviu dedicadamente aos nossos dois Imperadores. Tirou por concurso a cadeira de lente de medicina legal da Academia do Rio de Janeiro, da qual veio a ser nomeado director, e cujo cargo exerceu durante vinte e um annos. Acompanhou D. Pedro II, como médico da Casa Imperial, na viagem feita ao Rio Grande do Sul, depois da pacificação da provincia.

Jubilou-se em 1848, só então começando a sua tardia mas victoriosa carreira politica. Foi eleito deputado á Assembléa Geral Legislativa pela nossa provincia, e senador do Imperio pela do Espirito-Santo; membro do conselho de Sua Majestade o Imperador, era commendador das ordens de Christo e da Rosa, membro titular da Academia de Medicina, correspondente da Academia de Sciencias de Nápoles e da de Lisbôa, etc.

O doutor Jobim gosou de uma certa reputação européa; e a designação de *hypœmia*, por elle dada á *chloro-anemia*, ou como melhor nome tenha, das regiões intertropicaes, é citada nos tratados de medicina franceza, e ficou consagrada e accéita na sciencia. Escreveu: — *Dissertation sur la vaccine* (these que apresentou á Faculdade de Medicina de Paris); — *These sobre a hydrophobia* (que defendeu em concurso); — *Plano de organização das Escolas de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia*; — *As Hydropsias*; — *As molestias que mais affligem a classe pobre*; — *Relatorios*; — *Conferencias*; — *Discursos e Biographias*.

Convencido da grande verdade de Paracelso, de que «o que uma geração considera como a culminancia do saber, é muitas vezes considerado como absurdo pela geração seguinte; e o que num século passa por superstição, pode formar a base da sciencia do século immediato», conseguiu o Doutor Jobim, por uma série de experiencias, os resultados demonstrativos de que se pode rejuvenescer o organismo humano, pela applicação do método opothérápico.

Mais tarde Metchnikoff veio demonstrar a possibilidade de combater-se a velhice pathológica, e por conseguinte de se poder prolongar a duração da média da nossa vida. Para isso já o médico gaúcho aconselhava o emprego de substancias capazes de reforçar os diversos elementos componentes do organismo humano. Antes, porém, de Metchnikoff, já Brow-Sequard tentara regenerar o organismo utilizando-se de alguns extractos de órgãos de outros animaes, como o coelho.

A theoria do nosso patricio baseava-se em sérios principios de sciencia, que serviriam, uma vez conhecidos e convenientemente applicados, para crear-se a opothérápia,

que ainda actualmente preoccupa os mais illustres physiologistas, que no campo experimental vão accumulando uma extensa série de trabalhos da maior transcendência. O principio deste método é de extrema simplicidade, como passo a demonstrar:

Diversas glândulas representam papel capital no nosso organismo. As minúsculas glândulas superrenaes, por exemplo, elaboram a adrenalina, que determina as contracções cardiacas, e cuja suppressão occasiona a morte quasi immediata. Ora, grande número de molestias é devido ao estado de algumas glândulas, fabricando ou secretando em más condições o elemento especial que ellas devem introduzir no sangue. E como diversos mammiferos apresentam organização semelhante á nossa, naturalmente se pensou retirar delles, em nosso proveito, os succos que nos faltavam.

O método Voronoff, porém, parece ser a última palavra nesse sentido. Como a preparação dos extractos exige cuidadosmeticulosos, parecendo mesmo que a pólpa da glândula retém grande parte dos principios activos, o doutor Voronoff procurou obter melhores resultados enxertando, ao lado da glândula doente, outra, sã, retirada de um animal. E tem assim obtido o mais completo exito, em cento e vinte e tantas experiencias, feitas desde 1814 até este anno (1919).

VICTORINO RIBEIRO

VICTORINO JOSE' RIBEIRO nasceu em Porto Alegre a 24 de Outubro de 1802 e falleceu na mesma cidade a 28 de Setembro de 1862. Seu pai, Reginaldo Ribeiro de Andrada e Silva, paulista, que se achava em Minas Geraes no momento historico da célebre *Inconfidencia*, para escapar ás perseguições de que foram victimas os seus companheiros de cruzada, partiu incógnito para o Rio Grande do Sul, onde constituiu familia e se domiciliou, mudando de nome, ou para melhor dizer, passando a assignar-se Reginaldo Sylvestre Ribeiro, receioso de que o governo da

metrópole, sabendo do seu paradeiro, o mandasse prender como conjurado.

O coronel Victorino José Ribeiro era um dos mais abastados *estancieiros* do Rio Grande do Sul, quando rebentou a revolução dos *Farrapos*, em que se viu forçado a tomar armas, nas fileiras legaes, partindo da sua fazenda da Estrella, no município de Taquary, á frente de 400 colonos e escravos seus, dando logo combate e vencendo a mais de 600 bandidos, capitaneados pelo assassino e ladrão cognominado *O Menino Diabo*, que era o terror d'aquellas regiões.

O coronel Victorino, cuja *estancia* havia sido assaltada por aquelles bandidos durante uma de suas constantes viagens a Porto Alegre, regressou apressadamente, e organisando a força de seu commando, por elle fardada, armada e municada, sem auxilio algum do governo, varreu d'aquellas regiões esses ferozes degolladores, de que se contam numerosas façanhas da mais requintada perversidade.

Vendo-se, porém, o opulento lavrador de outr'ora, depois desse decennio de lutas, reduzido apenas á posse de seus campos, completamente despidos das numerosas cabeças de gado bovino, cavallar e lanigero, transformado em vasia *tapera* o soberbo sobrado da sua antiga residencia; devorada pelo incendio a vasta casaria dos colonos; sepultadas no fundo do rio as máchinas do engenho de serraria; querendo isto dizer que ficara pobre o rico proprietario de tudo aquillo, não desanimou, e, servindo-se do crédito que o seu nome merecia, recomeçou a vida, confiante na sua bôa estrella.

Intelligentissimo, de uma força de vontade notavel, tendo para fortalecer-lhe a acção pessoal o grande número de amigos, que soube fazer, prodigalizando beneficios e auxiliando com a sua bolsa a todos os que lhe batiam á hospitaleira porta durante o largo periodo da sua prosperidade, o coronel Victorino José Ribeiro conseguiu facilmente recuperar a fortuna perdida, de maneira que, dentro de dezeseite annos, ao morrer, além de legar á sua digna viuva a metade dos bens do casal, tocou a cada um de seus seis filhos quantia superior a
75:000\$000 rs. Minha Mãe era a sua primeira filha, e

um de seus filhos mais moços foi o illustre marechal Solon, que figura neste livro.

O coronel Victorino José Ribeiro conservou-se neutro, na primeira phase da revolução dos *Farrapos*, porque a isso o forçavam os dois cargos que então exercia, de chefe da Grande Loja da Maçonaria, e de vice-consul de Portugal, embora fosse elle brasileiro nato e filho de paulista casado com mineira. Resistiu, além disso, ás instancias de seu parente e amigo Araujo Ribeiro, então presidente da nossa provincia, só mais tarde se decidindo, de combinação com outro parente e amigo, o marechal Gaspar Menna Barreto, que tambem se conservara indeciso até então, por conhecerem ambos as perfidias de alguns dos falsos patriotas, que exploravam o momento politico.

Reunida, fardada, armada e municuada a sua força voluntaria, o coronel Victorino poz-se á frente dos seus commandados e apresentou-se ao chefe das forças acampadas na villa do Triumpho, precisamente na occasião em que Crescencio, caudilho da revolução, tentava atravessar o rio para se reunir na margem opposta ao ejército de Bento Gonçalves, chegando o coronel Victorino a tempo de impedir a passagem, auxiliado pelo então major Manuel Marques de Sousa, depois general e Conde de Porto Alegre, a quem se reuniu.

Pacificada a provincia, o coronel Victorino organisou a Guarda Nacional de Taquary e Santo Amaro, creando então o corpo de que foi commandante até morrer, indicando, ao perceber que se aproximavam os seus últimos dias, para substituil-o no commando o seu fiel amigo e tenente-ajudante Albino Pereira. Em 1856 iniciou um systema de lotes coloniaes, ao norte da sua *estancia* e em terras de sua propriedade, fazendo elle proprio a planta da actual cidade da Estrella, de que foi o benemérito fundador.

Como se vê, o coronel Victorino José Ribeiro, era um homem de acção e de intelligencia natural acima do commum dos gaúchos do seu tempo. Tinha tambem tão singular vocação médica, que era extraordinario o número de curas de enfermos confiados á sua capacidade. Até da capital corriam á sua fazenda, mandados pelos mais conceituados clinicos de Porto Alegre, os doentes

que estes não conseguiam salvar de molestias consideradas incuráveis. Tão illimitado e transcendente é este assumpto, que não pode ser aqui tratado de maneira convenientemente complexa.

As escolas de medicina nada produzem de novo, limitando-se ao tráfico das mercadorias em cuja produção não tomaram parte. Lembram a tenda de um revendedor, que apenas conhece os gêneros que tem armazenados. As suas prateleiras estão abarrotadas de theorias vulgares, principios da ultima moda, systemas com patente de invenção, não sendo raro o artigo velho de rótulo novo. O tendeiro com sagacidade vai encarecendo os seus artigos, com o orgulho natural do proprio fabricante, depreciando simultaneamente tudo quanto não possui em casa.

Mas o homem probo, que verdadeiramente amar a verdade, não se contenta com a exploração dos fructos de alheio pomar; recolhe os materiaes que encontra, não para fonte de riqueza pessoal, mas para fazer delles os degraus da escada por onde possa subir no conceito dos contemporaneos. Paracelso distingue *cinco classes de medicos*, e diz que, devido á *unidade mórbida*, qualquer delles pode curar. Não confundam, porém, o médico com o doutor em medicina.

Ha, além disso, tres graus em cada uma dessas classes:— 1) os que possuem os requisitos da sua arte;— 2) os que não passam da mediocridade;— 3) os charlatães e embusteiros, em cujo número estão incluidos certos portadores de diplomas officiaes, que se aproveitam da ignorancia e credulidade do vulgo e servem-se das regalias do grau para matar a torto e a direito. Quanto aos remedios que empregam, pertencem todos aos tres systemas da natureza, o mineral, o vegetal e o animal.

As fontes onde os verdadeiros médicos vão procurar os remedios, são os productos physicos da natureza, os mananciais de forças vivas, espalhadas na atmospherá pela acção dos fluidos astraes, o magnetismo animal, a suggestão, a transmissão do pensamento, levando em si a energia da vontade curadora, os passes, as massagens, as insuflações quentes, as applicações frias dos methodos da hydropathia. E todos estes processos, intelligentemente applicados, obedecem á acção consciente da nossa

vontade, sem precisar-se aprender o que se ensina nas academias.

Ha uma grande differença entre o sc̄ientista e o sabio, porque a sciencia é adquirida pelo homem e a sabedoria vem de Deus. Ha muitas sciencias, mas a sabedoria é uma só. A medicina da Sciencia Occulta obedece aos preceitos da religiãõ, ao passo que a medicina official não reconhece nenhum elemento religioso. E separar a sciencia da religiãõ, é rebaixal-a ao terreno onde permanece o irracional, pois a palavra *religiãõ* quer dizer a relação que tem o homem com a sua origem divina. O médico, antes de analysar as coisas da terra, deve investigar os mysterios do ceu, para poder tornar-se o bemfeitor dos seus semelhantes. Foi o que fez o coronel Victorino José Ribeiro, e é o que faço eu, seu neto, que obedeço assim ao fatalismo da lei atávica.

O PROFESSOR CORUJA

ANTONIO ALVARES PEREIRA CORUJA nasceu em Porto Alegre a 31 de Agosto de 1806 e falleceu no Rio de Janeiro a 4 de Agosto de 1889. Chamava-se Antonio Alves Pereira; mas como, pela fealdade physica, que tanto contrastava com a sua bella alma e formosa intelligencia, lhe puzessem o appellido de *coruja*, longe de molestar-se, adoptou-o por sobrenome, com o que se collocou acima do ridiculo que a outro acabrunharia, mostrando-se com isso tão satisfeito que até chegou a mandar imprimir no frontespicio de seus livros a figura dessa lúgubre ave nocturna.

Conheci-o quando já contava elle mais de setenta annos de idade. Era um velho realmente feio, mas de uma fealdade que desaparecia como por encanto, assim que começava a falar, com uma loquacidade fulgurante ao serviço de uma memoria prodigiosa. Alto, magro, encurvado, com os principaes caracteristicos, no rosto, da ave omônima, na cabeça grande, achatada, de olhos vivos e scintillantes, sombreados por sobrancelhas hirsutas, o na-

riz adunco, a boca rasgada, de rosto sempre escanhado e sem bigodes, este é o seu retrato *currente calamo*.

Desde a mocidade foi o mais popular de todos os professores primarios de Porto Alegre; e desde que transferiu a sua residencia para a Côrte do Imperio, neste vasto scenario illuminado, tambem conquistou a maior popularidade, não só pelo método de ensino que adoptou, com o qual se tornou logo recommendavel o seu collegio; como tambem pelas numerosas e successivas edições de suas obras didácticas, approvadas pela instrução pública e adoptadas em todos os estabelecimentos de instrução primaria.

Começou a sua longa e ascendente carreira social como obscuro sacristão de uma pequena igreja da terra natal, occupando simultaneamente o modesto emprego de caixeiro numa pharmacia, onde se reuniam á noite pessoas de certa ordem, como o vigario da freguezia, o juiz de paz, a cirurgião, o coronel commandante da Guarda Nacional e até mesmo, uma vez ou outra, Sua Excellencia o Sr. Presidente da Provincia.

O virtuoso padre Thomé, prestando attenção á rara intelligencia do caixeirinho, que ao fundo da loja lia attentamente enquanto os mais palestravam, ensinou-lhe o portuguez e o latim, conseguindo fazer com que esse seu estudioso discipulo fosse nomeado para reger uma escola pública, um collegio régio, como se dizia então. Foi mais tarde eleito deputado á Assembléa Provincial.

Com o correr do tempo, o professor Coruja tornou-se um mestre considerado e já não havia em Porto Alegre, quem não o fivesse na conta de notavel latinista. Chegando ao Rio de Janeiro, precedido da nomeada que os seus discipulos espalhavam pelas academias superiores, onde os rio-grandenses educados pelo professor Coruja conjugavam mais desembaraçadamente a *Artinha* do que os que sahiam do collegio dos padres do Caraça, em Minas, então fundou e dirigiu por muitos annos o *Collegio Minerva*, brilhante viveiro de intelligencias que irradiaram mais tarde em todos os departamentos das letras, da politica e da administração.

Esgotavam-se, umas após outras, as grandes edições das suas *Taboadas*, dos seus rudimentares *Livros de Lei-*

tura, do *Manuscripto*, da *Grammática da Lingua Vernacula* e da *Grammática Latina*. Era tal a popularidade do autor desses livros didácticos, que, sempre que alguém claudicava em casos de orthographia ou prosódia, a *una voce* diziam todos: — *Deu uma facada no Coruja...*

Collaborou nos jornaes diários e periódicos de Porto Alegre e Rio de Janeiro, principalmente no *Anuario Rio-Grandense* de Graciano de Asambuja; e além dos já citados livros escolares, publicou dois interessantes volumes: — *Nomenclatura histórica das ruas do Rio de Janeiro* e — *Antigualhas de Porto Alegre*, na primeira metade do século XIX, além de uma *Collecção de Vocábulo usados na provincia do Rio Grande do Sul*.

Frequentei assiduamente a sua casa, á rua Marquez de Abrantes, desde 1877 até 1886. Não havia estudante chegado da nossa terra, que logo não fosse bater á sua hospitaleira habitação, que era denominada *O Consulado Gaúcho*. Nas vezes em que jogava o sólo com elle e seu filho o commendador Coruja Junior, a minha preocupação não era *bolar*, de tão entretido que ficava com as historias que nos contava, todas referentes a episodios da sua longinqua mocidade.

Lembra-me, entre muitas outras, a interminavel serie de diabruras do *Mil Onças*, célebre por capadoçagens hilariantes e mentiras originalissimas como as do Barão de Munckausen; sendo dignas de especial menção as salientes personalidades do *Victorino Rascada* e *Claudio Contador*, que tive a ventura de tambem conhecer, na minha infancia, mas de quem só cheguei a avaliar o mérito depois do que me disse delle o professor Coruja.

Victorino Rascada, (que os presidentes da provincia faziam questão de ouvir tocar viola), ia propositalmente rebentando, uma por uma, as cordas do seu maravilhoso instrumento, até que, só com a última, executava então o Hymno Nacional. O Claudio Contador, que a todos assombrava com o singular dom da sua incomparavel mneumônica pessoal, fazia coisas do *arco da velha*, como se vai ver: — apresentavam-lhe uma espiga de milho, perguntando-lhe si era capaz de dizer o número exacto dos grãos; elle apenas virava-a diante dos olhos e dizia immediatamente, com a maior precisão, sem faltar nem restar um só. Feita a contagem e verificado o acerto, rom-

piam os *ahs!* e os *ohs!* da admiração geral. Si lhe apresentavam um sacco cheio de moedas de cobre, levantava-o, tomando-lhe o peso, e dizia o número exacto das moedas contidas.

Contou-me o professor Coruja que, quando era caixeiro da botica, ali fôra um dia o famoso Claudio Contador, para que lhe aviassem uma receita. Quando ia pagal-a, disse-lhe o boticario que nada lhe custaria si fosse capaz de dizer quantos frascos havia nas prateleiras da armação. — Tem tantos, disse, depois de passar ligeiramente o olhar pelas prateleiras. O patrão e o caixeiro procederam em seguida á demorada contagem, e verificaram com assombro a exactidão do número.

O seguinte factó tambem é autêntico e dou delle o meu testemunho pessoal: o dono de uma tropa de gado, que demandava a capital pela estrada dos Moinhos de Vento, tendo-se adiantado na viagem, apeou-se á nossa porta, pedindo pousada e alimento, enquanto esperava que chegasse a pionada. Claudio, que tinha uma filha casada com um de meus tios, (*) *mateava* o seu *chimarrão*, a conversar connosco, quando o tropeiro, que já o conhecia, ousou desafial-o para uma aposta a valer.

Aceito o desafio, perguntou-lhe o tropeiro quantas cabeças trazia na tropa; o extraordinario homem, indagando apenas a que distancia poderiam vir vindo os animaes, sahiu para o tenreiro, deitou-se no chão, com o ouvido encostado na terra, permanecendo naquella attitude durante uns dez minutos, até que finalmente se levantou, dizendo o número exigido. O tropeiro contestou, radiante de contentamento, por ser o primeiro que conseguia vencel-o.

Claudio tirou da *goiaca* cincoenta onças espanholas, que me entregou, no que foi secundado pelo outro, que fez o mesmo, pois bem sabia que não era aquelle o número dos animaes que trazia. Quando, mais tarde, uma hora seguramente depois, se *parou o rodeio*, o número era exactamente o que fôra designado por Claudio Contador, não o que sabia o tropeiro, pois alguns animaes tinham se desviado no caminho, ficando por isso um dos *pêes* a *campeal-os*.

(*) O capitão José Maria de Sampaio Ribeiro.

Fallecendo seu único filho, em cuja casa o professor Coruja era tratado com o merecido e conveniente agasalho, passou desse lar confortavel e verdadeiramente feliz para o pequeno quarto de uma *república* de estudantes, onde nem todos o tratavam com a devida consideração e estima; e foi isto, naturalmente, o que apressou a sua morte, pouco sobrevivendo ao ente que mais amou na terra durante a sua prolongada e fria viuvez.

GOMES DE FREITAS

MANUEL JOSE' GOMES DE FREITAS nasceu no municipio de Piratiny a 23 de Abril de 1811 e falleceu em sua *estancia* de S. Fructuoso, do mesmo municipio, a 12 de Maio de 1884. Estudou os preparatorios em Porto Alegre, voltando ao lugar do seu nascimento e ahi muito cedo empregou a sua capacidade de trabalho nos labores da lavoura e da criação do gado cavallar e bovino, sendo pelos laços do parentesco arrastado para o campo da politica.

Filiando-se ao partido liberal, tornou-se dentro de poucos annos o chefe politico de maior prestigio local, sendo por isso repetidas vezes eleito deputado á Assembléa Provincial, até que mais tarde foi distinguido com a nomeação de vice-presidente da provincia, sendo então pelo governo imperial agraciado com o officialato da ordem da Rosa.

O estudo das sciencias naturaes exerceu poderosa influencia na formação da sua intelligencia; voltou-se de preferencia para os ensinamentos da historia, compenetrado de que a riqueza material só pode ser alcançada pela acção da vontade na esphera do trabalho individual, quer seja nos dominios da mechânica, quer seja na observancia das leis do progresso, que dispensa os favores do governo para fazer prosperar o meio da sua elaboração.

Não ha adiantamento algum que não seja o patrimonio de todos. O commercio e a industria melhoram as condições dos povos; a rotina tem de recuar ante

as conquistas da intelligencia e da illustração; e assim tudo se transforma, tanto na natureza como na sociedade, surgindo como por encanto novas fontes de producção que se derramam em beneficio da collectividade. O que se torna preciso é ir procurar a acção característica do individuo no meio limitado da sua elaboração e no momento preciso do seu apparecimento e permanencia nelle.

Nenhuma occupação é mais agradável e útil do que a do homem que se consagra de preferencia aos trabalhos do campo, desde que não tenha os olhos fechados para o terreno que pisa, nem para os astros que ardem no firmamento que se arqueia sobre a sua cabeça; assim pensava o clássico hespanhol que disse: — *En el campo han vivido los pocos sabios que en el mundo han sido.* E os poucos, que nesse meio empregam a sua actividade, conscientes do que estão fazendo, esses dividem o tempo de maneira tal, que ainda podem levar mais longe os beneficios da sua actividade, que foi o que aconteceu com o gaúcho Gomes de Freitas.

Além dos serviços que prestou ao seu municipio, graças ao seu prestigio de chefe politico, trabalhos de maior importancia attestam a sua superioridade mental, como sejam: os apontamentos, que publicou, relativos á Hsitoria do Brasil, em ordem chronologica, desde a época colonial até 1867. Deixou tambem outro livro interessante: a nomenclatura de todas as nossas provincias, com a respectiva população em 1858. Escreveu ainda — *Lista das Batalhas* (travadas no mundo, desde 758 annos antes de Christo até 1866).

São ainda de sua lavra mais estes livros: — *Bosquejo* de homens e factos notaveis da nossa historia, em 2 volumes; e *Apontamentos* históricos e geographicos da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Ficando cego, em 1875, recolheu-se á vida intima, continuando a impor-se á estima dos que privavam na sua convivencia e ao respeito e admiração dos proprios adversarios politicos por sua honradez e austeridade.

LOPES TEIXEIRA

MANUEL LOPES TEIXEIRA JUNIOR nasceu no Piauí a 17 de Agosto de 1813 e falleceu em Porto Alegre a 7 de Maio de 1860. O tenente-coronel de engenheiros Manuel Lopes Teixeira Junior era um homem aparentemente severo, mas nimiamente sensível na intimidade. Politico intransigente, era o terror dos adversarios, que fazia debandar ao tiroteio de irônicos apartes nas discussões parlamentares, impondo-se, porém, ao respeito de todos e á estima dos seus correligionarios, pelo talento, a illustração, a eloquencia, a bondade, e a mais calma bravura nos campos de batalha.

Fez os estudos militares e scientificos na antiga Escola Central da Côrte, hoje Escola Polytechnica, e no posto de 1º tenente de artilharia foi nomeado vice-director do Arsenal de Guerra de Porto Alegre, onde fixou residencia e constituiu familia, casando-se, já no posto de major, tomando por patria a terra de sua esposa e filhos, e prestando-lhe tão relevantes serviços, que fez juz a figurar nesta galeria de gaúchos illustres. — *Patria est ubicumque est bene*. E elle soube ser um romano em Roma.

Lopes Teixeira tomou parte na guerra dos *Farrapos*, defendendo o governo legal; cõbateu na revolta dos *Balaíos*, no Maranhão, em 1838; seguiu, como secretario do Barão de Caxias (depois Duque do mesmo titulo), a fim de pacificar essa provincia, e regressou em 1842 ao Rio Grande do Sul, ainda em armas, lutando de novo, até 1845, conquistando os galões de capitão por actos de bravura.

Tomou parte na invasão do Estado Oriental, a 5 de Setembro de 1852; assistiu ao sitio de Montevideo e foi um dos vencedores da célebre batalha de Monte-Caceres, sob o commando do general Barão de Porto Alegre (depois Conde desse titulo), a 3 de Fevereiro de 1853. Gravemente ferido nessa batalha, Lopes Teixeira conservou-se durante seis mezes em um hospital de sangue de Montevideo. Esse ferimento cooperou para abreviar-lhe a vida:

era um golpe de espada na testa, que se estendia da sobrelha direita a perder-se no couro cabelludo.

Foi, então, promovido a major; e d'ahi por diante os governos da Monarchia premiaram-lhe o heroismo com o aproveitamento de suas aptidões mentaes na esphera da administração. Eleito deputado á Assembléa Legislativa do Rio Grande do Sul, continuou a redigir o *Liberal Conciliador*; foi encarregado do expédiente e detalhe do quartel-general de Porto Alegre; director da secretaria do governo da mesma provincia; commandante das armas e presidente das provincias do Maranhão, do Rio Grande do Norte e Santa Catharina; e acabava de ser nomeado presidente de S. Paulo, quando morreu, quasi repentinamente, precisamente no dia em que devia embarcar com aquelle destino.

Diz Achylles Porto Alegre, no volume dos *Homens illustres do Rio Grande do Sul*: — «Durante mais de dez annos Felix da Cunha consagrou-se á grandesa do partido liberal, até ao dia em que rompeu com Lopes Teixeira e travou com este memoravel campanha na tribuna e na imprensa. A victoria coube áquelle, não porque fosse mais intelligente, mas porque era mais pratico, mais cauto, tinha mais manha e não fazia versos.

Dessa luta sahio o partido liberal dividido em dois, os *liberaes históricos* e os *liberaes progressistas*. Ao primeiro bloco pertenceram Felix da Cunha, Osorio, Silveira Martins, Luis Flores, Timótheo da Rosa e outros. Ao segundo, Lopes Teixeira, Conde de Porto Alegre, Dr. Caldre e Fião, Felipe Nery e outros. A luta ia accessa, e em ambos os arraiaes politicos o enthusiasmo campeava». Etc.

Além de jornalista, primoroso no estylo e tremendo no ataque, Lopes Teixeira era tambem notavel orador. A superioridade de Lopes Teixeira estava de harmonia com as suas maneiras distinctas. O gesto largo, o olhar dominador, que ora acariciava com meiguice, ora parecia querer fulminar, com a fulguração em relampagos; a voz harmoniosa e forte, o rosto oval e moreno, de uma suavidade melancolica, emoldurado por finos cabellos escuros, penteados á moda de Bolívar.

Sahia diariamente a cavallo. Não admittia um baralho em casa, condemnando todos os jogos, com excepção do

xadrez, em que ninguem o vencia. Jogava o xadrez pelo correio, com o seu condiscipulo e amigo Visconde do Rio Branco, cujas partidas se prolongavam por mezes e mezes. Era tal a sua memoria, que dava as costas ao taboleiro, mandando outro mover as pedras, sem esquecer um só dos movimentos anteriores, guardando na lembrança todas as posições das pedras do adversario, que era finalmente vencido. Herdei essa memoria, fazendo o mesmo no jogo das damas, onde não achei até hoje quem me vencesse, apenas tendo conseguido empatar, raras vezes, depois de repetidas derrotas, meu cunhado Pinto Peixoto, o pintor Lopes Rodrigues, o caricaturista Angelo Agostini e o literato Machado de Assis.

Lopes Teixeira, de costumes austeros, depois de uma vida exemplar, teve uma morte edificante. Vivera sem um pulmão durante muitos annos, mas nos últimos tempos só manifestava padecimentos cardiacos, não se reproduzindo a molestia pulmonar em seus filhos, nem contagiando a esposa. Conservou-se fóra da cama toda a manhã do dia em que morreu, ás 7 horas da tarde, precisamente quando passava por nossa casa a procissão de *Corpus Christi*. Leu ainda, até meio dia, palestrando com os parentes e amigos, reclinado na sua confortavel poltrona. A's 5 horas chegou o sacerdote (vigario Zefirino Dias Lopes, deputado provincial), que elle mesmo mandara chamar para ouvi-lo em confissão.

Recebeu-o com demonstrações de alegria e foram juntos para o quarto, recolhendo-se então ao leito. Já ia cahindo a noite, a casa illuminou-se. Quando o padre voltou á sala, disse ao coronel Victorino José Ribeiro, meu avô: — «Para a sciencia pode estar perdido; para a religião é mais um justo que se salva». E começou a chorar, soluçando, abraçado com o sogro, que naquelle genro perdia o seu mais querido filho. Assim que a procissão começou a passar por ali, ouvindo aquelle mysterioso rumor de resas em voz alta, lá fóra, e o som cadenciado do desfilar da multidão, a passos lentos, o moribundo quiz ajoelhar-se na cama, mas não poude, faltaram-lhe as forças; tentou persignar-se, mas a mão cahiu da testa ao peito, já sem tacto...

Correram todos para a sua cabeceira; e enquanto a esposa soltava um grito cahindo sem sentidos, o sogro

accendia a vela, que pessoa amiga lhe poz na mão, ajudando-o a segural-a, apertando-lhe os dedos já frios. Elle mal conseguiu balbuciar os nomes de Jesus... Maria... e entregou serenamente o seu espirito ao Creador. Foi rapida a luta da vida com a morte, não se prolongando a agonia. Pudesse eu ter uma morte assim! Sei, porém, que não fiz por merecer essa graça celestial, de tão desviado que tenho andado sempre do caminho por elle trilhado com firmesa. Contudo, si não fiz todo o bem que devia, não pratiquei até hoje todo o mal, que podia. Em tudo mais, sempre que penso em meu Paí, a voz da consciencia me diz que sou seu filho.

As mal apagadas lembranças que guardo de meu Pai, mas que na minha infancia a todos causavam admiração, não sei bem si eram extraordinarias manifestações da memoria precoce, ou inconscientes suggestões das conversas que ouvia em casa durante dia e noite. A minha lembrança tambem era vivamente estimulada por aquella imagem sympathica e veneranda que a todos os instantes eu via, gravada num magnifico retrato a óleo, em tamanho natural, fardado, com as suas dragonas de coronel de engenheiros, medalhas a attestar serviços de guerra, e a commenda de Aviz, que representa mais de vinte annos de serviços militares sem uma nota desfavoravel, scintillando como um sol no centro do seu systema planetario, na altura do coração leal e generoso, que tanto palpitou por mim. De um dos meus primeiros livros transcrevo este soneto:

A MEU PAI!

Eras honesto e bom, justo e valente:
E feliz, — porque amaste e foste amado!
Mas a morte arrancou-te do meu lado,
Deixando-me no berço, inda innocente.

Cobriu-me a alegre infancia inexperiente
Da viuvez maternal o veu sagrado:
E eu só vi que me via tão lesado
Depois que não vi mais o Amado Ausente!...

Nunca mais me embalaste em teus joelhos...
E quando precisei dos teus conselhos,
Para poder vencer, como venceste,

Me achei na arena só, e desarmado:
Pai! si eu tinha de ser tão mal fadado,
Porque é que não morri quando morreste?!

VISCONDE DE MAUÁ

IRINEU EVANGELISTA DE SOUSA, Visconde de Mauá, nasceu em Porto Alegre a 28 de Dezembro de 1813 e falleceu em Petropolis a 21 de Outubro de 1889. E' o primeiro financeiro do Brasil, cuja acção pessoal se manifestou não só em todo o paiz, como até no Estado Oriental do Uruguay, onde fundou o estabelecimento bancario que tinha o seu nome, impondo-se á confiança dos maiores banqueiros da Europa e da América do Norte, pairando até hoje solitario numa esphera onde apenas se destacou um homem capaz de seguir-lhe os passos: — o grande industrial Luis Tarquinio, benemerito fundador da *Villa Operaria*, onde resolveu o problema do trabalho, de maneira a dar ao operariado um relativo conforto, o que me levou a dizer:

«Grande é o número dos estadistas que têm resolvido os mais transcendentes problemas financeiros; nem a humanidade está tão pervertida, que se não encontre mais um exemplo de altruismo no coração dos galar-doados da fortuna. Mas reunir todos os dons que nobilitam o homem, aninhando-os num só coração, este é o singular apanagio de Luis Tarquinio. Temos as mais importantes fábricas industriaes, tanto no Rio Grande do Sul, como em S. Paulo e Rio de Janeiro, quanto ao capital empregado e número de braços em trabalho; mas o que não se vê em nenhuma dellas, nem mesmo nas dos mais adiantados paizes, é o bem-estar do proletariado, cujas habitações chegam até a ser confortaveis, como na *Villa Operaria*, que é a *Cidade do Bem*». (*)

O Visconde de Mauá foi o filho e o pai das suas proprias obras. A sua nobresa nasceu e morreu com elle. A ninguem pēdiu auxilio para poder auxiliar a

(*) *Biographia de Luis Tarquinio* por Mucio Teixeira (1899).

muitos. Nasceu obscuro e pobre, como esses grandes rios que partem de logares solitarios e sombrios, simples veios d'agua, que se vão engrossando e avolumando até se tornarem rios caudalosos, fertilizando as terras por onde passam. Entrou na batalha da vida como voluntario do progresso, contando os combates por victorias, conquistando assim as dragonas de commando e as esporas d'oiro de cavalleiro. *Si vis pacem, para bellum.*

E foi assim que surgiu mais tarde o seu vulto sobranceiro á vanguarda dos primeiros combatentes no campo do commercio e da industria, tornando-se notavel não só pela sua indiscutivel superioridade entre os banqueiros do seu tempo, no meio em que elaborava, como porque foi o único que, além da sua incomparavel capacidade de trabalho, era de uma bondade tal, que das bandeiras que conquistava fazia as ligaduras com que atava os ferimentos dos vencidos; e cansado de ouvir fantarras de triumpho, começou elle proprio a entoar o hosanna, que se transformou no hymno da sua apothese.

Diz um dos seus biógraphos: — «Ainda bem cedo seguiu para o Rio de Janeiro, a fim de dedicar-se á vida commercial. Em 1825 entrou de caixeiro numa loja commercial, conquistando desde logo a sympathia do patrão. Em 1829 já era socio gerente da importante casa commercial de Carruthers, que onze annos depois abria uma filial em Manchester, sob a firma de Carruthers de Castro & C., cuja direcção foi confiada ao joven Irineu Evangelista de Sousa, mais tarde Barão e Visconde de Mauá, o qual, querendo concorrer para o progresso da terra natal, estabeleceu em 1845 uma outra filial dessa casa na cidade do Rio Grande.

Em 1846 fez acquisição, por conta propria, do estabelecimento de fundição e estaleiro na Ponta d'Areia, em Nictheroy, que se achava em completa decadencia, tornando-o em pouco tempo próspero e florescente. Foi ali que poz em evidencia as suas grandes aptidões commerciaes e industriaes. Em 1847 organisou na cidade do Rio Grande a *Companhia Rio Grandense*, de reboques a vapor, para facilitar o serviço da barra da nossa provincia. E em 1851 organisou no Rio de Janeiro o importante *Banco do Brasil*, que tão assignalados serviços presta até hoje ao nosso paiz.

Por sua iniciativa foram creadas as grandes companhias: de illuminação a gaz, da côrte do Imperio e das cidades de Porto Alegre e S. Paulo; da Estrada de Ferro do Rio de Janeiro a Petrópolis (que partia então de Mauá); a de Navegação e Commercio do Amazonas; e a de Diques Fluctuantes das Docas de Pedro II, no Rio de Janeiro. Em 30 de Abril de 1850, por occasião da solemne inauguração da primeira via férrea do Brasil, levada a effeito pela sua iniciativa, o imperador D. Pedro II agraciou-o com o titulo de Barão de Mauá.

Em 1856 estabeleceu em Montevidéo o *Banco Mauá*, com séde no Rio de Janeiro, e uma filial em Porto Alegre, sendo considerado na república do Uruguay como o homem mais activo e comprehendedor do seu tempo. A nossa provincia começou, então, a elegel-o deputado á Assembléa Geral Legislativa do Imperio, até que, em 1877, resolveu abandonar a politica, sentindo-se ferido pelo repto que lhe lançou do parlamento o seu correlligionario Gaspar Martins, por haver o Barão de Mauá prestado serviços a um ministerio conservador. O imperador penalizado por tamanha injustiça, elevou-o a Visconde, com as honras de grandesa.

Fui-lhe apresentado, em 1877, pelo nosso commum amigo conselheiro Azevedo Castro. Trocados os cumprimentos do estylo, dizendo o Visconde que gostava muito das minhas poesias, correspondi a essa amabilidade com uma *gauchada* que o levou a arregafar os olhos, num gesto de natural espanto, pois tive a ousadia de dizer-lhe, sorrindo, que levei quasi um mez a pedir a Deus que elle sahisse quanto antes da nossa terra...

— Como assim?!...

— V. Ex. deve lembrar-se de que, quando foi a Porto Alegre, durante a guerra do Paraguay, esteve hospedado na chácara do commendador Salles, no Caminho Novo.

— Sim, recordo-me bem disso.

— O seu hospedeiro era nosso visinho; e como em nossa terra só havia tres carruagens naquelle tempo (a do bispo D. Sebastião Laranjeira, a do Conde de Porto Alegre e a nossa), foi pedir á minha Mãe que lh'a emprestasse, por uma semana apenas, pois o Sr. Visconde devia chegar no dia seguinte, e elle queria obse-

quial-o de maneira que não fosse a pé diariamente á cidade. O carro no dia seguinte foi-lhe cedido, com o boleiro e os respectivos cavallos, ficando eu durante todo aquelle tempo privado de ir ao collegio tão commodamente.

— E só por isso é que queria ver-me pelas costas?

— E' que a tal semana pro'longou-se durante mais de um mez; e eu, que gostaria de ir para o collegio a cavallo, como passei a ir, adoeci de tanto apanhar chuva durante as idas e voltas, molhado como um pinto, enxugando muitas vezes a roupa no corpo, tossindo e espirrando.

— E' real; choveu muito durante aquelle mez que lá passei.

— E eu, que estava longe de saber quem era o Barão de Mauá, de quem tanto se falava, pedia a Deus que V. Ex. me obsequiasse com a sua ausencia, pois só assim poderia cumprir os meus deveres de collegial sem o risco de apanhar uma tísica galopante... mesmo porque o meu cavallo galopava mais que a parelha do nosso carro.

O Visconde e o conselheiro riram a 'bom fir, e isso despertou a mais viva sympathia do meu illustre patriocio por essa selvagem sinceridade, reclamando a minha presença amiudadamente, levando-me a passar dias no seu confortavel palacio de Petropolis.

Em 1881 fui a Porto Alegre, licenciado no cargo de secretario do governo de uma provincia do norte, disputando uma cadeira na Assembléa Provincial, a instancias de meus amigos Fernando Osorio e Francisco da Silva Tavares, que apresentaram a minha candidatura pelo 4.º circulo eleitoral, o primeiro como chefe da dissidencia liberal, o segundo como chefe do partido conservador. Sob taes auspicios fui eleito, mas o conselheiro Gaspar Martins, no reconhecimento do diploma, deu o meu logar ao dr. Francisco Maciel, de Pelotas.

Não podendo resignar-me com isso, rompi contra o prestigioso chefe gaúcho, a quem desafiei face a face num banquete politico, travando-se então pela imprensa de Porto Alegre uma memoravel polêmica, entre mim e tres adestrados jornalistas: o conselheiro Eleutherio de Camargo, o dr. Antonio Palmeiro e Carlos von Koseritz.

Conhecendo a força dos meus adversarios, puz de lado a minha obscura pessoa, na defesa da memoria gloriosa do General Osorio, com quem Gaspar fôra ingrato; conquistando assim as sympathias públicas e o ganho da causa. O conselheiro Camargo cortou relações commigo, só se dando a reconciliação depois de proclamado o actual regimen; mas a minha intimidade com Koseritz e Palmeiro não foi interrompida, apressando muitas vezes o artigo para tomar cerveja com um, na sua residência, ou ir ceiar com o outro, no Menino Deus.

Assim que voltei á côrte, a primeira visita que recebi foi do Visconde de Mauá, que correu a abraçar-me pela victoria alcançada. Eu tinha lhe enviado um exemplar do poema que escrevi contra Gaspar — *O Tribuno-Rei*; pediu-me o Visconde outros muitos, para distribuir por todo o paiz e nas repúblicas visinhas; e sabendo que a edição fôra rapidamente esgotada, dentro da nossa terra, mandou reimprimil-a. Chegaram em seguida, para felicitar-me com entusiasmo, o diplomata Francisco Cunha (concunhado de Gaspar), acompanhado de seu sobrinho Godofredo Xavier da Cunha, que é hoje ministro do Supremo Tribunal Federal.

O Rio Grande do Sul, nestes últimos annos emaranhado no cipoal da politicagem, esqueceu-se deste seu illustre filho, a quem tanto deve. A cidade do Rio de Janeiro, porém, que não lê pela mesma cartilha, cumpriu o seu dever, erigindo em bronze a estatua que se destaca na praça Visconde de Mauá.

OLIVEIRA BELLO I

LUIS ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO nasceu em Porto Alegre a 21 de Abril de 1817 e falleceu na mesma cidade de 30 de Dezembro de 1865. Era filho do marechal de campo Wenceslau Bello, fez o seu curso de humanidades na terra natal e em 1836 seguiu para S. Paulo, onde se matriculou na Academia de direito, completando o curso em 1841, sendo em se-

guida nomeado promotor público da comarca de Itaborahy, na provincia do Rio de Janeiro, trocando pouco depois a magistratura pela politica.

Inaugurada a Academia de S. Paulo em 1828, Oliveira Bello fez parte da segunda turma bacharelícia, sob a severa direcção do senador Vergueiro, que occupou o cargo desde 8 de Março de 1837 até 4 de Fevereiro de 1842; sendo o terceiro estudante rio-graündense que ali recebeu o grau; o primeiro foi Antonio Vieira Braga e o segundo Ferreira Vianna. Foi feliz em ter concluido o curso em 1841, pois logo no anno seguinte começou a luta dos estudantes com o presidente da provincia, o chefe de policia e as autoridades ecclesiasticas, que não souberam ser os primeiros a manter prudente moderação, com o que só poderiam lucrar, evitando assim os repetidos e ruidosos conflictos que tanto apavoravam a pacata burguezia.

«S. Paulo (diz Alm. Nogueira) era ainda uma pequena cidade, cuja população não excedia de 15.000 almas. Nella, portanto, deveriam avultar consideravelmente as oito ou dez dezenas de academicos que então ali existiam. Si não era avultado este contingente, não deixava ainda assim, de constituir intenso foco de intellectualidade naquelle meio atrasado, e poderoso elemento de acção, de impulso, e de agitação, numa sociedade em que se aproximava dos nove décimos da população o numero dos analphabetos.

Preponderava, por isso, e longos annos continuou a preponderar o movimento intellectual e a influenciar na vida econômica da Paulicéa a mocidade academica. Essa preponderancia e esse influxo foram benéficos á evolução progressiva da cidade; e só de longe em longe trouxeram momentaneas e superficiaes perturbações, que interrompiam a normalidade monotona, com escandalo, segundo o prisma policial, mas de mera diversão para o povo. O governo da provincia viu-se obrigado a investir por muito tempo das funcções de delegado de policia um lente da Academia, o conselheiro Furtado, que, amigo dos rapazes, dispensando-lhes attenções e trato amavel, fechava os olhos ante as venias estronices».

Num desses tumultos, a coisa foi tão séria, que o juiz municipal mandou prender e submetter a processo doze es-

tudantes, entre os quaes havia dois rio-grandenses, (os irmãos Francisco e José de Araujo Brusque) e outros dois tão illustres, que vieram a ser notabilidades politicas (Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Francisco Octaviano de Almeida Rosa). Maiores diabruras foram praticadas nas gerações de Alvares de Azevedo (1848-1852), de Pires de Almeida (1865) e de Castro Alves (1863), perdendo de então para cá, essa turbulenta mocidade acadêmica, aquelle aspecto bohemio que desapareceu de todo numa garôa de aventuras.

Oliveira Bello, formado em 1841, e pouco depois nomeado promotor da comarca de Itaborahy, a terra do Dr. Macedo da *Moreninha* e do *Moço Loiro*, só em 1845 regressou á nossa provincia, já precedido da fama dos seus discursos academicos, que lhe teceram louros tribunicios, e de uma severidade de magistrado, que não era commum em tão verdes annos. Escrevendo na imprensa de Porto Alegre, sobre assumptos politicos, foi eleito deputado provincial, pelo partido conservador, que o elegeu depois seu representante, na Assembléa Geral Legislativa do Imperio. Nomeado juiz de direito da 1.^a vara criminal de Porto Alegre, exerceu esse cargo durante doze annos, aposentando-se em 1858 com as honras de desembargador.

Em Outubro de 1851 substituiu na presidencia da provincia do Rio Grande do Sul o inclito general Marquez de Caxias, exercendo esse alto cargo administrativo até Dezembro de 1852. Em 1861 foi nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro; e durante o anno e meio em que exerceu esse cargo, tornou-se verdadeiramente notavel pela retidão e justiça com que administrou, collocando a administração acima das conveniencias da politica.

Cahindo o partido conservador do poder, em 1863, Oliveira Bello recolheu-se á terra do seu nascimento, que durante seis legislaturas consecutivas representara na Assembléa Geral. Era orador eloquente, sem arredar um pé do terreno das suas convicções; mas, distribuido a justiça tanto pelos correligionarios como pelos que militavam nas fileiras contrárias, era por todos acatado, impondo-se assim á eslima e ao respeito dos contemporaneos.

O desembargador Oliveira Bello era de estatura mediana (diz um dos seus biographos), tez clara, rosto redondo, testa larga e intelligente, com grandes entradas, olhos vi-

vos, physionomia sympáthica e expressiva. Moço bonito, tornou-se um velho distincto, de maneiras nobres. Muito intelligente e estudioso desde a Academia,—já nos tempos de estudante era dado ás diversões da caça, de que veio finalmente a ser victima.

Na vida pública, occupou-se mais da politica e da administração do que do exercicio da advocacia, tendo sido magistrado logo no começo da sua carreira ascendente. Formava com João Jacintho de Mendonça e Borges Fortes o triumvirato que dirigiu o partido conservador depois da morte de Pedro Chaves, o barão de Quarahim. Foi deputado provincial, cuja Assembléa presidiu, e deputado geral durante seis legislaturas consecutivas.

Morreu de desastroso accidente, numa caçada de veados, nas Pedras Brancas, perto de Porto Alegre. Fatigado do exercicio que fizera, aproximou-se de um tronco de árvore e disse ao filho, que o acompanhava: — «Bom logar para guardar as nossas armas!» — Ainda bem não tinha descançado no chão o couce da espingarda, quando esta dispara, cravando toda a carga no cérebro do caçador, que cahiu instantaneamente morto.»

O DR. MENDONÇA

JOÃO JACINTHO DE MENDONÇA nasceu na cidade de Pelotas a 16 de Março de 1815 e falleceu na côrte do Imperio a 3 de Junho de 1869. Fez os estudos preparatorios em Porto Alegre e seguiu para o Rio de Janeiro, onde se doutorou em medicina em 1836. Diz um dos seus biographos que João Jacintho de Mendonça deixou na Escola de Medicina uma bella reputação, não só de bom estudante como de um gentil espirito cavalheiroso. «Voltando á terra natal, filiou-se á politica conservadora, pondo-se desde logo em destaque (*) pelos exceptionaes dotes de orador, que já havia revelado nos bancos acadêmicos.

Era um encanto ouvir-o, nas palestras íntimas ou na tribuna parlamentar. Bonita figura, insinuante, imaginoso,

(*) Eu escreveria *relevo*, ou *saliencia*; mas... fica o gallicismo sob a responsabilidade de quem o perpetrou. — M. T.

com um bello timbre de voz, mal apparecia na tribuna, dominava de prompto o auditorio. E nas discussões mais renhidas, que teve que sustentar com os seus adversarios, como Felix da Cunha, Gaspar Martins e outros, nunca lhe escapou dos labios uma palavra que pudesse melindrar os contrarios. Era de uma delicadesa extrema para com todos.

Nestas condições, em pouco tempo tornou-se a figura mais saliente do partido conservador, que o acatava com a maior justiça. A preocupação politica absorvia-o inteiramente, tanto assim, que foi pouco a pouco deixando de clinicar, só attendendo a um ou outro amigo do peito. Eleito diversas vezes á Assembléa Provincial, e mais tarde á Camara dos Representantes da Nação, só não conseguiu voltar á Assembléa Geral no periodo de 1862 a 1865, quando os liberaes-progressistas sahiram victoriosos das urnas.

Foi nomeado presidente da provincia de S. Paulo, e administrou-a com tal superioridade, tão bem se conduziu nesse posto, que, quando deixou a administração, mereceu os mais francos applausos dos seus proprios adversarios. Falleceu precisamente quando o seu nome occupava o primeiro logar na lista triplice, que ia ser submettida á escolha do imperador». Diz d'elle um outro biographo: — «Firme sempre no seu posto de honra, jamais transigiu com a consciencia».

Não era um homem quando falava, era uma idéa que effervecia; não um sabio, prophetizando os destinos da patria, porém o vulto da eloquencia, sustentando a égide do direito, a balança da justiça. Era um campeão sublime de convicções, arcando com a armadura dos certames politicos. Quando a sua palavra autorisada emmudecia, ficava alguma coisa na lembrança do povo, — o exemplo edificante da probidade, o archetipo do cidadão. — Uma senhora porto-alegrense desvanecia-se de ter no seu *album* umas quadrinhas do Dr. Mendonça, comparando-a a Venus, pela belleza, e collocando-a num altar mais elevado, pela virtude. O pensamento é gentil, mas as estrophes são corriqueiras, o que demonstra a verdade da sentença latina, de que *Nascuntur poetae, oratores fiunt*, porque a eloquencia é filha da Arte, e a poesia é filha da Natureza.

O DR. FLORES

LUIS DA SILVA FLORES nasceu em Porto Alegre a 13 de Agosto de 1820 e falleceu na mesma cidade em 1878. Fez os estudos preparatorios na terra natal, sendo um dos discipulos predilectos do padre Santa Barbara, que se orgulhava de ter-lhe ensinado o latim, doutorando-se em 1842 na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, onde sempre se distinguiu como bom estudante, de vocação médica verdadeiramente notavel, pois a virtude que constitue o verdadeiro médico não se aprende nas academias, é um dom que se recebe no berço, como a poesia; podendo apenas ser aperfeiçoada, nunca imposta nem transmittida pelos compendios.

Ninguem pode dar o que não possui, nem aperfeiçoar-se, sem o auxilio de uma influencia superior, porque o poder exercido por uma forma não é a criação dessa forma, sinão um principio eterno que nella se manifesta de maneira objectiva, impondo-lhe o seu mysterioso poder. *Não se pode fabricar a verdade*, diz Harttmann, como também não se pode fabricar a sabedoria. São coisas estas que existem muito acima de todas as observações e principalmente da lógica.

O dr. Flores nasceu médico, si assim se pode dizer, e teve a alta intuição de estudar medicina, para o mais perfeito desempenho da missão sagrada de que veio incumbido. E assim facilmente se explica a extraordinaria clientella, que dia e noite lhe batia á porta, tornando-se em pouco tempo o médico mais popular de Porto Alegre, depois do doutor Caldre e Fião, cuja popularidade ninguem ousava disputar.

Diz um dos seus biographos: — «Possuidor de um coração excellente, e dotado de um espirito fidalgo, o illustre médico porto-alegrense tinha uma vasta clientella, não só pertencente á alta sociedade como entre as classes menos favorecidas da fortuna. Sua casa abria-se a qualquer hora para attender aos chamados, num tempo em que os médicos eram poucos, mas todos amadurecidos nos seus misteres e no trato continuo dos enfermos, que são os melhores livros de medicina.

Ligado ao partido liberal, de que era um dos chefes no tempo em que o partido liberal era no Rio Grande do Sul uma aggremação respeitavel, não só pelas personalidades de selecção que o constituíam como pelo papel saliente que desempenhavam na politica do Imperio, foi deputado em diversas legislaturas, prestou serviços de relevancia á sua terra e ao seu partido, sem todavia prejudicar os seus deveres de médico e clinico de muita procura.

Espirito cultissimo, o dr. Luis da Silva Flores deu sempre arrhaes de vivissimo interesse pelo progresso intellectual do Rio Grande do Sul, revelando o mais forte amor pela difusão do ensino público; e o fazia sob o ponto de vista mais adiantado, rompendo contra a rotina e firmando altos principios de pedagogia moderna. Na legislatura de 1862, defendendo a creação de escolas nas colonias allemãs, assim dissertava o dr. Luis da Silva Flores :

— Eu creio, sr. presidente, que nem se pode concluir do que nella está escripto, nem estará na mente do autor do projecto, o querer se substituir pela instrucção (permitta-se-me a expressão) allemã nas nossas colonias, a instrucção primaria da lingua do paiz, que é a essencialmente preciosa; mas a experiencia me tem mostrado que é impossivel educar convenientemente as primeiras gerações das colonias sem termos pessoal com as habilitações necessarias para, conhecendo a lingua propria dessas gerações, e ao mesmo tempo a do paiz, poder-lhes communicar esses conhecimentos que constituem a instrucção elementar, que, como acabo de dizer, é essencial ás populações todas da provincia, quer allemãs em sua origem, quer rio-grandenses».

Como é esta uma das questões mais palpitantes da actualidade, mormente depois que a tremenda conflagração européa acaba de revolucionar quasi todas as nações mais adiantadas do velho mundo, isto constitue um programma, que merece ficar consignado nestas paginas, como um brilhante exemplo da elevação mental deste notavel medico e illustre politico rio-grandense, cuja auréola de invejavel popularidade chegou ao ponto de se resumir em um só de seus tres nomes o prestigio da sua inconfundivel personalidade, dizendo-se apenas — *O Doutor Flores*, como tambem se dizia — *O General Osorio*.

FELIPPE NERY

FELIPPE BETBESE' DE OLIVEIRA NERY nasceu em Montevideo (quando seu pai, o brigadeiro Nery, ali se achava em character official) a 3 de Março de 1820 e falleceu na capital do Paraguay a 20 de Fevereiro de 1869.

Diz o autor dos *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*:—Fez os seus estudos preparatorios em Montevideo, e ali empregou-se alguns mezes na vida commercial, que deixou em 1839, vindo então para o Rio Grande do Sul, onde assentou praça no regimento de cavallaria commandado pelo coronel João Propicio Menna Barreto, depois general e Barão de S. Gabriel.

Cedo porém abandonou a carreira das armas, por questões de amor proprio offendido. Dedicou-se então á politica e á vida da imprensa, onde se salientou pelo ardor e pureza das suas convicções liberaes. Dos nossos homens politicos do passado é uma das figuras mais proeminentes e mais sympathicas.

Durante diversas legislaturas fez parte da Assembléa Provincial e mais tarde da Camara dos Deputados. Quando o partido Liberal se dividiu em historicos e progressistas, acompanhou elle o Conde de Porto Alegre, que era o chefe do progressismo rio-grandense. Apesar, porém, do immenso prestigio do glorioso soldado, nada se resolvia no partido sem que fosse ouvido o coronel Felipe Nery, espirito atilado e politico de largas vistas.

Era nessa epoca o chefe que reunia qualidades mais apreciaveis. Além de notavel orador, manejava a penna como nenhum outro dos seus contemporaneos. Dos escriptores do passado deve ser considerado o talento mais ductil e brilhante. Seu estylo primava pela graça e pela vivacidade. Conhecedor profundo da literatura hespanhola, de vez em quando intercalava aos seus artigos uma anecdota que calhava a proposito, e dava aos seus escriptos um relevo encantador.

Até hoje ninguem entre nós o excedeu na imprensa na maneira singela de dizer as coisas, e no subtil veneno em que molhava a penna de oico, que era o terror

dos seus adversarios. No *Correio do Sul* estão archivados os seus scintilantes artigos de polemica partidaria, onde a cada passo se percebe, entre os rendilhados da forma, a fina ironia do escriptor incomparavel.

Por occasião da guerra do Paraguay, seguiu para lá como correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Basta assignalar este facto para dar uma idéa exacta dos seus incontestados meritos de jornalista. Infelizmente, porém, não quiz a sorte que elle volvesse ao seu querido Rio Grande.

ARAUJO BRUSQUE

FRANCISCO CARLOS DE ARAUJO BRUSQUE nasceu na cidade de Pelotas a 24 de Outubro de 1820 e falleceu em Porto Alegre em 1880. Feitos os seus estudos preparatorios na capital gaúcha, seguiu para S. Paulo, onde se bacharelou em direito, depois de um curso brilhante, mas tumultuoso, devido ao seu genio alegre e folgasão, que lhe grangeou a fama de endiabrado, escandaloso mesmo, o que não impediu que se transformasse num dos politicos mais serios do seu tempo, desempenhando com dignidade os mais altos cargos do paiz.

Lê-se no tomo II das *Tradições e Reminiscencias* de A. Nogueira: — «Francisco Carlos de Araujo Brusque, rio-grandense, cunhado do Barão de Jacuhy, o famoso Chico Pedro, ou o *Moringue*, da guerra dos *Farrapos*, era de pequena estatura, magro, moreno, olhos pretos e vivos, cabellos pretos no tempo de estudante, pois encanecou depressa, ao ponto de, aos 40 annos, estar com o tecto coberto de neve. Sympathico, sociavel, brincador, era em S. Paulo a alma de todas as festas.

Refere a tradição que numa feita, provavelmente pelo carnaval, disfarçou-se em mulher e em trages de cigana metteu-se de gorra com os magnatas da capital... deu sorte! No dia seguinte era uma bôa e ingenua velhinha da Cutia ou da Conceição dos Guarulhos, *Nhá Tuca*, que percorria as casas das principaes familias paulistanas, re-

ceitando *mézinhas* engraçadas para molestias e achaques mais engraçados ainda.

Noutra occasião tomou parte numas *cavalhadas*, no campo dos Curros, divertimento commemorativo das guerras peninsulares entre mouros e christãos, e que por muito tempo se celebraram com extraordinario fausto em varias cidades e villas do Brasil. O simulacro das pelepas terminava pela derrota dos mouros, seguindo-se então disputados torneios em que os cavalleiros patenteavam a sua elegancia e destreza, e o adestramento dos seus corceis, executando evoluções difficeis, apanhando, montados e a galope, objectos collocados no chão, dando tiros sobre cabeças de turcos e enfiando argolinhas na ponta da lança.

Tudo isso sob as vistas entusiasticas de um avultado público, e aos olhos enamorados de bellas e romanticas donzellas. O vestuario era de setim azul para os christãos, róseo para os mouros, e todo elle bordado a ouro. D. stro cavalleiro, Brusque fazia prodigios nessas *cavalhadas*. Todo o povo o admirava e applaudia-o; os seus collegas faziam-lhe calorosas ovações, as damas atiravam-lhe flores... Era completo o triumpho.

Tambem a politica já nesse tempo lhe prendia a attenção, inflammando-lhe os sentimentos civicos. Não penssem que tantas diversões desviassem do estudo os academicos daquelle tempo. Elles eram em geral estudiosos, assiduos ás aulas e dominados pelo nobilissimo estimulo de se distinguirem. Francisco Brusque fez bom curso juridico, era tido como estudante talentoso e applicado; mas... (infelizmente ha sempre um *mas*) havia contra elle a prevenção dos lentes *carranças*, que não sympathisavam com a desenvoltura dos seus modos; e a dos politicos adversos, que não levavam a bem o seu exaltamento partidario.

Essa dupla indisposição concorreu para o desastre da defesa de these de Brusque. Concorria, talvez, para aggravar estes motivos outro facto, de natureza mais delicada. Vivia elle conjugalmente, sem a precedencia das bênçãos da igreja, com uma senhorita, filha de conceituada familia paulistana, que por elle se apaixonara, esperando ambos legitimar aquella situação logo que fosse vencida a opposição dos parentes d'elle.

O mais estranhavel em tudo isso, que no estudante era imperdoavel, é que a natural exigencia da moralidade

caipira não se estendesse até ao clero da capital, onde naquella tempo o cônego Muniz vivia ás claras com a sua concubina, passeando com ella e os filhos desse *coito damnado* pelas ruas do triangulo, sem que lhe fossem cassadas as regalias ecclesiasticas. — *Ab uno disce omnes*. Voltemos, porém, á vacca fria, já que não pretendo dar aqui á moralidade paulistana o *churrasco* com couro *de la vache enragé*.

«O idyllio do estudante teve um trágico desenlace. De regresso á terra natal, Brusque, fiel ao compromisso, mandou buscar a sua dilecta Olympia, que partiu contente, com o paraíso na alma, pois ia ser desposada aos olhos de Deus e dos homens. Que mais poderia almejar? Nem mesmo isto, porém, lhe foi concedido: um naufragio mallogrou a doce esperança, e ella pereceu nas costas de Santa Catharina».

Araujo Brusque, assim que chegou á nossa provincia, alistou-se nas fileiras do partido liberal-progressista, que o elegeu logo deputado provincial e fel-o seu representante na Assembléa Geral durante cinco legislaturas seguidas, dando elle então as mais brilhantes provas da sua eloquencia na tribuna parlamentar. Foi presidente das provincias de Santa Catharina (1859) e do Pará (1861), e ministro da guerra no gabinete Zaccharias (1864), tecendo-lhe a imprensa carioca os mais rasgados elogios, ao deixar o governo, em que se inspirara no bem publico.

«Embora liberal de principios e indetectivel partidario (diz o já citado biographo), todavia, desde que começou na politica rio grandense a brilhar a estrella de Gaspar Martins, empallideceu successivamente a do conselheiro Araujo Brusque, até que por fim, em dissidencia, perseguido pelo novo chefe do partido liberal-historico, foi por elle vencido e deixado á margem do caminho». — *Sic transit gloria mundi*.

Conheci-o de perto, desde a minha infancia, pois o conselheiro Brusque foi um dos mais fieis companheiros politicos de meu Pai. A última vez que o vi, em 1877, residia elle na casa onde nasci, á rua do Arvoredo, com fundos para a praia das Bellas. Era de uma fina distincção diplomatica, rigoroso no trajar e insinuante no trato intimo.

Representava idade mais avançada do que a que realmente contava, cooperando para isso os grandes desgostos soffridos nos últimos annos, quando ainda fulgurava a sua penna de jornalista e ecoavam vibrantes as vozes do orador eloquente.

BARÃO DE THERESÓPOLIS

FRANCISCO FERREIRA DE ABREU, Barão de Theresópolis, nasceu em Porto Alegre a 18 de Novembro de 1823 e falleceu em Paris a 14 de Julho de 1885. Feitos os seus estudos preparatorios na terra natal, seguiu para o Rio de Janeiro onde se formou na Escola de Medicina, de que veio a ser director, indo logo depois de doutorar-se praticar nos hospitaes européas, frequentando as aulas da Academia de Paris e exercendo o cargo de preparador no laboratorio de Pelouse durante tres annos (desde 1846 até 1849).

Alcançou no velho mundo, em homenagem ao seu talento e como premio de tão prolongados estudos, a gloria de deixar o seu nome inscripto no *Tableau des Savants Etrangers*, sendo o primeiro brasileiro que mereceu tão alta distincção. Representou mais tarde o nosso paiz em diversos congressos internacionaes, foi-lhe conferida a cruz da Legião de Honra, era médico da Casa Imperial, foi professor de sciencias naturaes das Princesas Isabel e Leopoldina, e director da Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

São notaveis os relatorios que apresentou sobre as commissões scientificas que lhe foram confiadas, principalmente as *Memorias* que escreveu sobre o Congresso de Hygiene, que se reuniu em Napoles em 1883, cuja presidencia lhe foi confiada. Representou ainda o nosso paiz no Congresso de Demographia em Haya e no Congresso Internacional de Londres; e foi o primeiro que generalisou o processo de Duflos e Millon, de modo a ser applicado na pesquisa de todos os venenos metállicos.

Operador notavel e profundo conhecedor das sciencias naturaes, reconheceu e demonstrou que o corpo humano

é um perfeito laboratorio chimico, de que o alambique é a alma e o fogo é a nossa vontade. A vontade, segundo ensinam os tratados de alchimia, depende do conhecimento das coisas que enchem o universo, não esse conhecimento resultante das opiniões formadas por meras especulações intellectuaes. «Para o observador superficial, as operações da Natureza parecem ser resultantes de casualidades, quando em verdade obedecem á lei de causa e effeito».

O Sol brilha para todos, e a chuva cai na terra para beneficiar tanto os bons como os maus; assim tambem as tempestades se desencadeiam e os incendios se inflamam, sem o proposito de destruir a vida nem de arrasar os muros devorados pelas labaredas impetuosas. O interesse individual não pode dominar o destino de tudo. O mais que nos é dado fazer, nesta indifferença do todo pelas partes, é armarmo-nos do maravilhoso poder da vontade, em beneficio do corpo, procurando no seio da Natureza os filtros que suavisem as dores e prolonguem a vida.

Muito antes de Graham Bell, já o Barão de Theresópolis se preocupava com os casos de longevidade observados em todos os tempos e diversas nações. Li não sei onde, que em alguns paizes do velho mundo a árvore genealógica de ricos e pobres é fielmente conservada nas páginas da Biblia. Possuo na minha bibliotheca uns almanachs com páginas em branco para o mesmo fim, alguns até com a árvore desenhada de modo a se escrever nas folhas, de cima para baixo, os nomes de ascendentes e descendentes, com as respectivas datas de nascimento e fallecimento.

E' muito commum ouvirmos dizer: — *Em minha familia se morre na mesma idade*, ou então: — *Em minha familia todas as mulheres ficam viúvas...* ou vice-versa; e no entanto, isto, que parece mera coincidência, é positivamente a observancia rigorosa de uma lei atávica, ou hereditaria, que se ha de cumprir totalmente. Num cathálogo da vida de 846 pessoas descendentes de um individuo que morreu aos 89 annos, e que o Barão de Theresópolis dividiu em 3 grupos, — A), pais que morreram moços; B), pais que chegaram aos 60 annos; C), pois que viveram mais de 80 annos: — o primeiro grupo deu

o resultado de 5, 3 por 100, o segundo 11,8 e o terceiro 25,2, o que demonstra que as pessoas que não descendem de macrobios têm pouca probabilidade de atingir uma idade avançada, e isto me entristece, pois meus avós morreram aos 60 annos e meu Pai e minha Mãe morreram ambas na idade de 47 annos apenas.

Si a Natureza dotou os crystaes e as plantas de forças rejuvenescedoras, não é admissivel que se tenha esquecido do homem, que é Rei da Creação. Nós, por nossas proprias mãos, é que nos privamos dessa força reformadora, já pelos hábitos herdados, ou adquiridos num constante conflicto com as imperiosas exigencias do naturismo, sacrificados pelas imposições sociaes, já pela mais completa ignorancia das causas iniciaes, a que fatalmente obbedecem os effeitos evolutivos e involutosos.

Quanto ao principio mechânico do nosso organismo, essa força de tensão muscular robustecida pelo ar e a luz, e ainda mais pela electricidade pessoal, somos nós os causadores da sua diminuição vital, não só pelo desregramento das paixões como pela pressão continua das substancias materiaes absorvidas numa alimentação viciada, que dia a dia nos vai envenenando.

O cão, neste ponto, é mais intelligente que o homem, pois abstem-se de comer desde que se sente mal, dando tempo ao principio mechânico do seu organismo para comprimir-se internamente, afim de com maior facilidade poder expulsar as materias nocivas, que causaram a enfermidade, cuja cura dispensa qualquer medicação, podendo ser obtida exclusivamente pelo jejum, ou a dieta.

Neste principio estão encerradas as condições indispensaveis, para se poder chegar á mais avançada longevidade, sem dar nem desalentos, e ainda menos os achaques senis. Os animaes selvagens, errantes e livres no seio da Natureza, vivem muito mais que os domesticados por nós e submettidos ás nossas condições. E' raro o homem de cem annos, enquanto que os elephantes, os veados, as aguías, os papagaios, os cysnes, as serpentes e os crocodillos vivem séculos.

Assim como os seres de organismo rudimentar curam e readquirem os membros atrophiados e até mesmo partidos e já separados do corpo, parecendo assim completamente perdidos, tambem o homem, só pela força

natural, pode remoçar, readquirindo a energia perdida, com todos os característicos da juventude longinqua. Ao caranguejo crescem as unhas perdidas nas lutas sangrentas como as dos gallos de cinha. O mesmo se da com o ouriço-caixeiro, cuja armação de puas que tem na pelle é renovada, como as escamas dos cavallos-marinhos. Já um sabio teve a paciencia de reunir os pedaços dispersos de uma lombriga, adaptando-os aos respectivos logares, conseguindo fazel-a continuar a viver durante mais cinco annos.

Segundo o professor Weismann, o sapo dura tres annos; o cão, tres vezes mais que o sapo; o cavallo, tres vezes mais que o cão; o asno, trez vezes mais que o cavallo; o ganso, trez vezes mais que o asno; o veado, tres vezes mais que o ganso; e o corvo, tres vezes mais que o veado. Ha em Ceylão uma figueira que tem 2.200 annos, tendo sido plantada 288 annos antes de Jesus Christo. Ha na Australia árvores de mais de 4.00 annos! E o homem tem uma existencia tão curta... Mas, porque? — porque cada um de nós anda a cavar a sua propria sepultura.

Quaes são as verdadeiras necessidades da vida? A resposta depende do que cada um julga que lhe é necessario. As estradas de ferro, os navios a vapor, as illuminações eléctricas, os submarinos e os aeroplanos, o cinema e o automovel hoje nos são indispensaveis, ou para melhor dizer, necessarios; e, no emtanto, milhões e milhões de pessoas viveram contentes sem nada disso. Para uns, não chegam cinco ou seis palacios; para outros basta uma casa: Diógenes contentava-se com o seu tonel. E todas estas *necessidades* não foram creadas pelo homem?

Antes que me esqueça: disse-me um dia o Imperador, depois de mostrar-me uns desenhos e plantas do herbario da Princesa Isabel, que os dois brasileiros com quem mais gostava de conversar sobre sciencias naturaes eram, por coincidencia, dois *patricios* (*) meus, o Araujo Ribeiro e o Feneira de Abreu (**). E como eu deixasse trans-

(*) Os rio-grandenses chamam de *patricios* aos seus conterraneos ou provincianos, o que D. Pedro II tinha observado na conversação do Marquez de Tamandaré, do conselheiro Ferreira Vianna e commigo mesmo.

(**) Chamava-lhes pelo nome, mesmo depois de ter-lhes dado o titulo, pois um já era Visconde, e Barão o outro.

parecer, no que lhe respondi, uns laivos de bairrismo, accrescentou, sorrindo, com ironia: não fique vaidoso com isso, pois eu tambem tenho um *patricio* muito entendido nesses assumptos, é o Pedreira. (Referia-se ao Visconde do Bom Retiro).

VISCONDE DE PELOTAS

JOSÉ ANTONIO CORREA DA CAMARA, segundo Visconde de Pelotas, nasceu em Porto Alegre a 17 de Fevereiro de 1824 e falleceu na mesma cidade em 1890. Seguiu a carreira das armas, que quiz abandonar no posto de major de cavallaria, para não continuar a servir na guerra do Paraguay, escrevendo uma carta ao vice-consul portuguez em Porto Alegre, João Baptista Taloni, pedindo-lhe que o auxiliasse nesse sentido.

Essa carta foi publicada no *Rio Grandense*, produzindo sensacional escandalo por ter um tópico em que dizia que a sua aspiração era ser nomeado porteiro da Alfandega da cidade do seu nascimento, pois tinha familia numerosa e precisava ganhar mais do que o simples soldo, que mal lhe dava para viver penosamente...

Foi uma figura apagada durante toda a guerra, até que chegou finalmente a hora tão almejada, pois, com a morte do joven general João Manuel Menna Barreto, que commandava as forças em perseguição do tyranno do Paraguay, sendo Camara a mais alta patente, que servia ás ordens do heróe que tombou durante a acção, teve a inesperada ventura de substituil-o, o que o tornou célebre da noite para o dia.

Assumindo o commando das forças perseguidoras, pouco adiante encontrou o chefe inimigo, que fôra reconhecido pelo bravo capitão José Simeão de Oliveira, que veio a morrer no posto de marechal; José Simeão designou o fugitivo López, respondendo-lhe Camara ser isso inadmissivel, desde que passava sem o seu estado-maior, confundindo-se na multidão dos que procuravam salvar-se.

José Simeão dirigiu-se em seguida ao general Silva Tavares, que immediatamente seguiu á frente da sua for-

ga na direcção apontada, onde alcançou pouco adiante o chete inimigo, que foi alvejado pelas nossas balas e cahiu numa barranca do Aquidabán, mortalmente atravessado pela lança do cabo rio-grandense conhecido pelo cognome de Chico Diabo.

Camara, seguindo Silva Tavares, chegou ao Aquidabán depois de López ter expirado, só lhe restando a satisfação de metter a sua espada virgem no peito já frio de um cadaver. Tal façanha, empavonada pela plumagem multicolor da gralha da fábula, proporcionou-lhe honras, dinheiro e glorias.

O governo promoveu-o, deu-lhe o titulo de visconde e uma gratificação de trezentos contos. Voltou assim transfigurado, julgando-se mesmo um heróe de verdade, passando-se com armas e bagagem para o campo da politica, tornando-se um joguete aos caprichos de Gaspar Martins, que precisava de um cabide de farda para facilitar a realisação dos seus mais aerevidos sonhos de poderio.

Gaspar, servindo-se daquelle character maleavel e rasteiro, começou por emprestar-lhe méritos inteiramente inéditos, conseguindo assim elevá-lo ás mais brilhantes posições, só descançando depois de vel-o sentado numa curul senatorial, onde se conservou como os silenciosos da Persia, dando apenas um ou outro *aparte* (soprado ao ouvido pelo seu manhoso chete), além do *apoiado*, ou *não apoiado*, que dava, ao receber de Gaspar o *santo* e a *senha* disciplinar.

Recebeu do Imperio todas as honras e os maiores proventos, que esqueceu num abrir e fechar d'olhos, adherindo immediatamente á proclamação da República e por imposição dos correligionarios da ultima fornada, dando costas ao seu passado inteiro, a começar pela ingratição ao seu protector e amigo de tantos annos, que era preso e seguiu para o exilio precisamente quando elle se apossava do governo da nossa terra.

Na minha obra *A Revolução do Rio Grande do Sul*, eu digo: — «Foi assim que ao sr. Visconde de Pelotas, o decrépito septuagenario que nunca foi joven, pois ha individuos que chegam á velhice sem nunca ter tido juventude, coube a nomeação de governador da provincia do Rio Grande do Sul, tuturo Estado, e investido de

todos os poderes, assumindo o governo logo no dia 16 de Novembro de 1889.

O pseudo governo do sr. Pelotas não foi mais do que um mero pseudonymo de que os chefes republicanos rio-grandenses se serviram, para a organização definitiva do seu partido. Julio de Castilhos era o secretario geral do Estado; e como simples editor responsavel de todos os actos de Julio, o Visconde apenas assignava-os de cruz, na manifesta incompetencia moral e intellectual de reconhecer-lhes sequer o alcance politico.

Não podia, porém, o venturoso titular, que ainda na véspera era um dos grandes do Imperio, vivendo como um esquimau nos gelos do extincto senado vitalicio, sentir-se á vontade no meio daquella mocidade ardente e revolucionaria; faltando-lhe o ar naquella abrasadora atmosphera, cuja temperatura era elevada de mais para as suas dyspnéas de cardiaco, além das sombras crepusculares da velhice achacada, que lhe não deixavam ver distinctamente os irrequietos vultos que a cada instante se moviam diante de si.

Os seus antigos companheiros do tempo da Monarchia, que começaram então a atacal-o sem dó nem piedade pelos editoriaes da *Reforma* (orgão gasparista), prestaram-lhe ainda assim, com intuitos naturalmente diversos, o importante serviço de fazel-o abrir os olhos para a triste realidade da sua insustentavel situação, pintando com as mais vivas cores a sua ridicula attitude no governo do Estado.

Assaltado de chôfre pela cólera explosiva de quem se vê profundamente ferido no amor-proprio, aos olhos da multidão indifferente, o Visconde nem soube manter a precisa calma com que deveria disfarçar a sua tardia indignação, e desbaratou ruidosamente, com rufos de tambores e toques de clarins em horas mortas da noite, rompendo com o grupo que fizera d'elle um simples automático.

Começou por crear os maiores embaraços aos republicanos históricos, expedindo ordem imperativa para que o telégrapho do Estado ficasse trancado aos moços propagandistas do novo regimen não só impedindo assim que estes se communicassem com os seus correligionarios do interior, como até com o Governo Provisorio, não

havendo excepção nem para os funcionarios de immediata confiança do mesmo governo.

Além disso, fez com que o commandante das armas (um general collido pela reforma compulsoria) expedisse telegramma-circular a todas as guarnições do Estado, affirmando que «os redactores da *Federação* moviam impatriótica opposição á sua pessoa, por uma questão de nomeação de empregados da Alfândega (sempre a Alfandega)!

Adduzia o commandante das armas uma formal concitação ás guarnições para que não abandonassem o governador. — Para que se não diga que o autor deste livro ousa avançar proposições que não possa provar, e para que se tenha a idéa exacta do criterio do Visconde de Pelotas, eis um dos muitos disparates por elle dados á publicidade naquella época:

«Constando-me que se haviam passado telegrammas em meu nome, quando fui governador deste Estado, requeri ao ministerio da Agricultura que se me dêsse por certidão o theor dos meus telegrammas, e isto com o fim de proceder na fórma da Lei contra o falsificador». (*)

Julio de Castilhos, no artigo *Por precaução*, publicado na *Federação* do dia seguinte (22 de Maio), diz: — «Apu-rando-se bem a substancia desse phraseado, o residuo é este: houve alguém que abusou fraudulentamente da confiança do sr. Visconde, e esse *alguem* foi naturalmente alguma das pessoas que funcionavam ao seu lado, na maior intimidade, como eu ou algum dos meus companheiros.

Eis claramente o que quíz dizer s. ex. nas entrelinhas do seu periodo reproduzido. Negou que houvesse articulado o meu nome; mas não formulou a negativa sem deixar pairar, posto que furtivamente, alguma suspeita. Desleal ou não, está visivel o intento, que, aliás, não pode lograr effeito, porque não vacillo em rebatel-o.

Assevero terminantemente que nem da minha parte, nem da parte de qualquer dos meus companheiros, foi expedido um só telegramma com a assignatura do Vis-

(*) Tópico de um artigo assignado pelo Visconde de Pelotas, publicado na imprensa de Porto Alegre a 21 de Maio de 1890.

conde de Pelotas sem que esta fosse lançada pelo seu proprio punho».

Em vez de desaparecer para sempre, por entre os bastidores do novo scenário politico, o impertinente titular republicanisado seguiu para o Rio de Janeiro, protestando *mais uma vez* retirar-se para sempre da vida publica, mas indo casar as suas lamentosas súplicas aos écos prolongados que ainda repetiam os victores das acclamações com que o tenente Serzedello promovia generaes e generalissimos nos festivos salões do palacio de Itamaraty (*)

Falo com este desembaraço, mesmo por cima do tumulto deste nobre de fresca data, porque o ataquei de frente durante a sua vida folgada e milagrosa, como se pode ver no meu poema *O Tribuno-Rei* (1881), onde ha estes versos:

Não são só dos primos, e pombos e padres,
Os *pp* perigosos que pôdem peccar:
Os *tt* dos tribunos e os *cc* das comadres
A's vezes nos fazem ás tontas andar...

O *c*, que diz *Camara* e diz *Conselheiro*,
Tambem muitas vezes traduz *cobardia*;
Está neste caso... si está! um luzeiro
Da sua lymphática e chã fidalguia.

Tem titulo e honras, pensão e commendas
Um typo que outr'ora só tinha lesões,
Quando ia queixar-se, na porta das vendas,
De ataques de gota, de mal de sezões...

No emtanto de Netto, dos Menna Barretos,
Dos Marques de Sousa, de Osorio e Caxias
Os nomes legendas são como amuletos,
E os feitos gloriosos inspiram poesias.

Só canto em meus versos os bravos e os genios
Que têm illustrado meu patrio torrão;
Detesto esses magros poetas escravos,
Que comem na Alfandega uns restos de pão. (**)

(Canto III).

(*) Allude ás proclamações do general dictador a generalissimo, do tenente-coronel Benjamin a general, e do commandante Wandenkolk a vice-almirante, que foi uma porta

Falando agora de um assumpto serio:
 O teu fardão parece o cemiterio
 Das glorias marciaes!

(Canto IX).

Esta verdade ecoará nos ares:
 O heróe de Aquidabã? — Silva Tavares.

(Canto X).⁵

PAULA SOARES

FRANCISCO DE PAULA SOARES nasceu em Montevideo (quando seu pai ali se achava em character official), a 7 de Abril de 1825 e falleceu em Porto Alegre a 10 de Janeiro de 1881. Com a idade de 3 annos foi levado pela familia para o Rio Grande do Sul, de onde voltou para a terra natal, conservando-se ali até 1845, anno em que se doutorou em medicina, fixando então a sua residencia na capital rio-grandese. Uma ameaça de tuberculose pulmonar obrigou-o a fazer uma viagem á Europa, de onde regressou, poucos mezes depois, radicalmente curado.

Nunca mais sahio de Porto Alegre, onde constituiu familia; «e achando-se vaga a cadeira de historia e geographia do antigo *Lyceu Dom Affonso*, fez um brilhante concurso e foi nomeado a 1 de Outubro de 1856. Algum tempo depois, extinto o *Lyceu* e creada a Escola Normal, continuou na regencia da mesma cadeira, dando sempre provas de sua incontestada competencia para o ensino das materias que estavam a seu cargo, sendo posteriormente nomeado director do referido estabelecimento de ensino, logar que occupou até ser aposentado.

aberta ás nomeações dos ministros civis a generaes è do chefe de policia da Capital Federal a coronel honorario do exército.

(**) Gaspar prometteu melhorar de emprego a um conferente da Alfandega de Porto Alegre, que fazia versos, com a condição d'elle fazer umas satyras contra mim. O infeliz começou... mas teve que desistir da empresa.

Pertenceu sempre ao partido liberal, e por diversas vezes foi eleito deputado á Assembléa Provincial, occupando em duas legislaturas a presidencia da mesma corporação. Em 1866 foi nomeado inspector-geral da instrucção pública, prestando relevantes serviços á nossa terra, mormente em assumptos de instrucção».

Conheci o dr. Paula Soares desde a minha primeira infancia. Era amigo de mei Pai, e acompanhou-o, quando o partido liberal se dividiu em historicos e progressistas, alistando-se nas fileiras destes, onde se destacavam vultos como o Conde de Porto Alegre, os drs. Caldre e Fião, Flores e Bruce, os coroneis Felipe Nery e Victorino José Ribeiro.

Paula Soares era illustrado, mas de excessiva modestia, que a cada instante era trahida pelos rasgos espontaneos de uma eloquencia fulgurante. Tinha na pronuncia uns leves tons do sotaque castelhano, o que mais realçava a graça da sua maneira de falar. Frequentava assiduamente a nossa casa, ficando a sua esposa com minha Mãi, na sala de jantar, enquanto meu Pai com os amigos discutiam politica e sciencia na sala de visitas ou no gabinete.

Deu-se um facto, nos ultimos dias de vida de Paula Soares, que impressionou vivamente a todos que o conheciam, pois era geralmente sabido que elle, si não era um scéptico, na rigorosa accepção da phrase, passava por livre pensador. Foi um facto tão singular, que só pode ter explicação como phenômeno telepáthico. O de desdobramento da personalidade, com effeitos visuaes e acústicos. No terreno dos phenomenos physicos ha numerosos casos da mesma natureza, quer de manifestações visuaes, quer de effeitos acústicos, que chegam a impressionar aos proprios espiritualistas, quanto mais aos materialistas.

Diz Aksakof que a materialisação das fórmulas humanas vai se dando gradativamente, desde o apparecimento da mão, do rosto, do busto, até chegar ao corpo inteiro. «O facto positivo da producção de taes fórmulas, só manifestadas aos olhos do *medium vidente*, chega mesmo a ser demonstrado pela photographia transcendental, que a todos revella a presença de corpos vaporosos, de diversas fórmulas, tomando pouco a pouco a fórma hu-

mana, o que demonstra que este phenômeno não é o resultado de uma allucinação momentanea».

Paula Soares estava no goso de perfeita saúde, quando foi tomar a chave de uma casa que estava para alugar-se (na ladeira em cuja esquina com a rua Duque de Caxias estava o edificio da Escola Normal). Isto foi pouco depois de meio-dia, á viva luz do meridiano. Entrou... e logo em seguida sahiu, pállido e trémulo, recolhendo-se á sua habitação já ardendo em febre. A familia instou para que se medicasse, teimou em querer chamar um médico, mas elle, apenas dizendo que tudo seria inutil, contou á dedicada esposa o que se finha passado, depois de exigir o mais absoluto silencio sobre aquillo.

Passou mal o resto do dia, mas melhorou durante a noite, amanhecendo apparentemente restabelecido; mas cada vez mais triste, até que no fim de tres dias morreu, repentinamente. E só então se soube do que lhe tinha acontecido naquella casa vasia: entrou ali, na disposição de examinar os compartimentos, e assim que penetrou na sala, recuou de espanto, diante de um cadaver, que jazia estendido no caixão fúnebre á luz de quatro tochas accesas...

O cadaver sentou-se no caixão e disse-lhe que voltasse para o seio da familia, sem perda de tempo, pois os seus dias estavam contados, restando-lhe apenas tres dias de vida. Que guardasse o mais absoluto silencio, só podendo dizer tudo á sua esposa, mas debaixo de juramento, só devendo esta contar o segredo depois d'elle ter exhalado o ultimo suspiro. Uma vez o facto consumado, verificou-se que naquella casa (que nesse mesmo dia fôra examinada por outros pretendentes), nada havia de extraordinario, nem havia nella morrido pessoa alguma naquelles ultimos annos.

Este facto é ainda mais mysterioso que aquelle, que Alvares de Azevedo garante ser *historico*, quando diz: — «Uma noite, encontrei na rua uma vagabunda. A noite era escura. Eu ia pelas ruas á toa... Segui-a. Ella levou-me á sua casa. Era um casebre. A cama era um catre: havia um colchão em cima, mas tão velho, tão batido que parecia estar desteito ao peso dos que ahi se haviam revolvido. Deitei-me com ella. Estive algumas horas.

Essa mulher não era bella: era magra e lívida. Essa alcova era immunda. Eu estava ahi trio: o contacto daquelle corpo amollecido não me excitava sensações; e comtudo eu mentia á minh'alma, dando-lhe beijos.

Sahi d'ali. No outro dia de manhã voltei. A casa estava fechada. Bati. Não me responderam. Entrei: uma mulher velha sahio-me ao encontro. Perguntei-lhe pela outra. — Silencio! — me disse a velha, — está deitada ali no chão... Morreu esta noite... E com um ar cynico accrescentou: — Quereis vel-a? está nua... vão amortalhal-a»...

Camões tinha razão quando mandava os sabios na Escriptura dizer que segredos são estes da Natureza. E Hartmann, que é um dos maiores sabios do presente, responde assim: — «A nossa época de scepticismo presta-se a admirar nestas discripções a *jantasia* do autor, sem suspeitar que a sua intenção foi revelar *uma verdade*. Mas ha muitas testemunhas para declarar, si for necessario, que semelhantes sêres invisiveis, mas substanciaes e de várias fórmias, existem, e que por meio da nossa vontade educada podem fazer-se conscientes, intelligentes, visiveis e uteis».

Esta affirmação está baseada no testemunho que apresentam as escripturas dos Rosa-Cruzes, Kabalistas, Alchimistas e Adeptos, bem como nos antigos livros da Sabedoria do Oriente e até mesmo nas páginas sagradas da Biblia.

DR. PEDERNEIRAS

MANUEL VELLOSO PARANHOS PEDERNEIRAS nasceu em Rio Pardo, em 1826 e falleceu no Rio de Janeiro em 1906. Feitos os estudos primarios em Porto Alegre, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se bacharelou em letras no Imperial Collegio Pedro II, doutorando-se em seguida na Escola de Medicina da mesma cidade.

Em 1864, ao ser creada a Escola Militar de Porto Alegre, o dr. Pederneiras foi nomeado professor da ca-

deira de francez, filiando-se ao partido conservador, logo de chegada á capital da nossa provincia, assumindo a redacção da folha diaria *A Ordem*, que era o orgão official desse partido. Prestou tão relevantes serviços, como jornalista, que os seus correligionarios o elegeram deputado á Assembléa Provincial.

Em 1865, fechando-se a Escola Militar em consequencia da guerra do Uruguay, regressou o dr. Pederneiras ao Rio de Janeiro, de onde seguiu depois para a campanha do Paraguay, no caracter de médico militar, servindo no quartel-general do general Osorio. Terminada a guerra, fixou residencia no Rio de Janeiro, nunca mais voltando ao Rio Grande do Sul.

Entregou-se ao exercicio da clinica durante muitos annos, só em 1883 voltando á imprensa, fazendo parte da redacção do *Jornal do Commercio*, onde se conservou até morrer. Casado com uma de minhas primas, filha do conselheiro França e Leite, isto me permittiu conhecê-lo de perto.

Era um excellente coração; intelligente, trabalhador, mas um *bohémio* incorrigivel. A pretexto de fazer plantões consecutivos no jornal, passava as noites fóra de casa, no grupo das mulheres alegres, principalmente as cantoras e actrizes, com uma das quaes chegou a dar escandalos ruidosos.

A minha pobre prima, que era uma senhora intelligentissima e esmeradamente educada, muitas lágrimas derramou com isso, mas por fim... resignou-se; e até chegava a rir-se quando lhe contavam mais uma das faceis conquistas do velho *Don Juan* de aventuras ligeiras.

Bello typo varonil, os cabellos e as barbas inteiramente brancos desde muito cedo, era tão parecido com o Imperador que, numa das viagens de Sua Majestade, acompanhando a comitiva imperial como representante do jornal, o povo de um logarejo do interior, ao vê-lo, rompeu em aclamações, pensando que era o soberano.

E elle, improvisando um ar de majestosa satisfação, vencendo com difficuldade a vontade de rir, agitava o lenço, acenando a cabeça, a repetir: — *Obrigado, meu povo!* — O Imperador, cujo vagão especial ia abraz do carro destinado aos representantes da imprensa, ao

perceber o engano, retrahiu-se na sua confortavel poltrona, para que a illusão daquella bôa gente não fosse bruscamente interrompida.

O dr. Pederneiras era supersticioso, consultando-me amiudadas vezes sobre os seus presentimentos e sonhos, muitos dos quaes eram realmente propheticos. Seu filho Oscar, que figura neste livro, estava no goso de apparente saúde, quando o pai sonhou que o via morto, o que aconteceu pouco tempo depois, desapparecendo assim do scenario da juventude um poeta de espontanea inspiração e folhetinista de fino espirito, como se verá mais adiante.

Sonhou tambem que ardiãr numerosas fogueiras nas aguas da bahia de Guanabara, cahindo simultaneamente sobre a cidade do Rio de Janeiro uma chuva de sangue... e tres dias depois rebentava a revolta da esquadra, partindo dos navios ancorados o fogo do bombardeio que derramou tanto sangue na capital federal. Ouviu, quando escrevia na sala de redacção, uma voz dizer-lhe distinctamente: — «Corre á casa de tua sogra, que Nicolau está morrendo» — Indagando dos que o cercavam si nenhum lhe dissera aquillo, e sendo-lhe respondido que não, interrompeu o trabalho e sahiu: — ao chegar á casa designada, encontrou morto, fulminado em syncope cardiaca, o dr. Nicolau dos Santos França Leite, que nessa manhã chegara de S. Paulo, sem accusar padecimento algum.

Os sonhos propheticos são de facil explicação: é que, quando dormimos, a consciencia do espirito abandona lentamente o cérebro e mistura-se com a consciencia da alma, realisando-se então outro estado de existencia; e si uma parte da consciencia fica ainda no cérebro, a percepção da consciencia interna pode ir a grandes distancias, tanto no tempo como no espaço.

Quanto aos presentimentos, não foi por mera phantasia poética que os pintores dos primeiros tempos do christianismo collocaram a harpa nas mãosinhas dos anjos, do mesmo modo porque os seus mestres do paganismo pintaram o deus Pan soprando uma flauta de sete tubos. E' que elles já sabiam que do constante movimento dos astros se desprende uma perenne harmonia.

Essa harmonia não chega aos ouvidos do vulgo, ensurdecido pelo rumor das paixões e preso ao poste da sen-

sualidade; mas é sensível á percepção dos que logram espiritalisar-se, numa atmosphera de religiosidade, procurando espalhar as sementes do bem durante a sua trajetoria pelos despenhadeiros da existencia material.

Os astros, no seu vertiginoso movimento, tecem simultaneamente a réde dos fluidos em que cada um domina por sua vez, formando assim as mysteriosas *vozes do silencio* e as cambiantes luminosas que produzem o azul do firmamento e as nuvens que o obscurecem, como tambem as calmarias e as tempestades. E disso é que se desprende a harmonia universal. E — *astra movens homines, sed Deus astra movet.*

O presentimento é uma voz secreta que vibra dentro de nós, diz Plancy; e positivamente é o conhecimento anticipado, vago e instinctivo, daquillo que vai acontecer. É uma *mediumnidade*, si assim se pode dizer, que ultrapassa os limites do tempo e do espaço, em que a vontade e a imaginação parecem ser factores inconscientes, quando não têm a menor interferencia nisso, porque os sentidos physicos nascem da relação que existe entre o objectivo e o subjectivo, e esses sentidos não são apenas cinco, como os limitou a physiologia.

Augusto Comte, sem sahir do seu intolerante positivismo, genialmente foi além das manifestações do ouvido, da vista, do tacto, do olfato e do paladar, accetando da theosophia os sentidos da calorisação, da electrisação e da musculação. E é sob a acção do séptimo sentido (a electrisação) que se manifestam os phenômenos do somnambulismo, da dupla vista e dos presentimentos.

O dr. Pederneiras, nos ultimos annos, foi victima de uma ingratição, que muito o penalizou. Quando o marechal Floriano (de quem era amigo, desde o Paraguay), quiz suspender a publicação do *Jornal do Commercio*, durante a revolta da esquadra, o que seria a morte dessa empresa, o director-proprietario J. Carlos Rodrigues recorreu ao dr. Pederneiras, seu dedicado auxiliar, que conseguiu salva-lo desse perigo imminente. E quando o velho Pederneiras cahiu enfermo, esse grande serviço não foi tomado na devida conta, ficando elle abandonado, sem o menor auxilio pecuniario da poderosa empresa, até que assim morreu.

DR. BITTENCOURT

JOSE' BERNARDINO DA CUNHA BITTENCOURT nasceu em Porto Alegre a 3 de Janeiro de 1827 e falleceu na mesma cidade, (onde era o chefe do partido conservador de mais prestigio) a 25 de Novembro de 1901. Diz um dos seus biographos «que a sua vida encerra um bello exemplo do quanto pode a força da vontade quando conjuagda com uma intelligencia superior.

Filho de pais pobres, sentiu desde a mais verde infancia, pronunciado pendor para o estudo da medicina, e, mau grado as difficuldades de ordem material que se lhe antolhavam, conseguiu matricular-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou em homeopathia, aos 23 annos de idade.

Frequentava o 3.º anno do curso medico, quando teve a infelicidade de perder seu pai, que, pobre, pauperissimo mesmo, concorria com modesta pensão para manter o filho nos estudos. Eis como um admirador do Dr. Bittencourt descreve esse momento triste de sua vida:

«Tendo sciencia o seu correspondente, proprietario da fabrica de tecidos de Santo Aleixo, que seu progenitor havia fallecido, avisou ao Dr. Bittencourt que, daquella data em diante, não podia mais contar com os seus recursos para proseguir os estudos, offerecendo-lhe, na mesma occasião, um logar no seu estabelecimento fabril. O Dr. Bittencourt regeitou a proposta, declarando-lhe que, si queria ser-lhe util e prestar-lhe um favor, continuasse a dar-lhe a mensalidade que seu fallecido pai tinha estipulado, que, depois de formado, lhe pagaria integralmente».

De tacto assim succedeu. Entretanto, o Dr. Bittencourt para melhormente cumprir seus nobres designios e compromissos financeiros, empregou-se como revisor do *Correio Mercantil*, do Rio, de propriedade do Dr. Alves Branco Muniz Barreto. Sendo ainda insufficiente seus recursos, o Dr. Bittencourt apresentou-se candidato ao concurso de um logar de interno do Hospital da Marinha. Obteve o primeiro logar, e foi nomeado.

Em 1852 veio para a sua cidade natal, e, pouco depois, apresentou-se candidato avulso á Assembléa Provincial. Foi eleito por enorme votação. Desse anno em diante teve uma vida politica longa e agitada, sendo um dos mais acatados chefes do partido conservador. Em 1868 foi eleito deputado geral. Seus serviços á terra natal foram muitos e de superior relevo. Entre estes contam-se a creação da Escola Normal de Porto Alegre e o curso das tres armas da Escola Militar da mesma cidade.

O Dr. Bittencourt foi médico da Beneficencia Portuguesa, e pelos serviços prestados nesse posto foi condecorado pelo rei D. Luís I com a commenda de Villa Viçosa. Também, por serviços prestados durante a epidemia do *chólera morbus*, o governo imperial agraciou-o com o hábito da Rosa, recebendo depois a commenda de S. Gregorio, dada pelo papa Pio IX, pelos serviços prestados para a construcção do Seminario Episcopal ».

O PROFESSOR GOMES

FERNANDO FERREIRRA GOMES nasceu em Porto Alegre a 30 de Maio de 1830 e falleceu na mesma cidade a 28 de Dezembro de 1896. Feitos os estudos preparatorios na terra natal, seguiu para o Rio de Janeiro, no propósito de matricular-se na Escola Central, uma vez concluido o curso de humanidades. A falta de recursos, porém, obrigou-o a abandonar os estudos, indo, tres annos depois, para uma das cidades do interior da provincia de Minas, onde começou a leccionar num collegio particular.

Postas logo em evidencia as suas aptidões para esse ramo do magisterio, conseguiu mais tarde regressar á terra do seu nascimento, onde em boa hora fundou o *Collegio Gomes*, de sua direcção e propriedade, que em pouco tempo se tornou o estabelecimento de ensino mais conceituado da capital e de toda a provincia.

A tarefa de educar meninos e instruir rapazes, não é das mais invejaveis, desde as lamentações e súplicas de Tolentino de Almeida até á ferocidade do famoso mestre

porto-alegrense cognominado *O Amansa Burros*, que fez da escola uma jaula, onde as pobres crianças tremiam de medo ante as ameaças constantes de uma palmatoria já gasta ao attrito das mãos inchadas de uma geração de victimas imbelles, que fugiam do professor como o Diabo da cruz.

O professor Gomes, de uma severidade dominada pelos impulsos do seu coração generoso, usou, mas não abusou do manejo da palmatoria, num tempo em que essa vara do magisterio era mantida, na panoplia do ensino primario, sobre a flexibilidade de umas varas de marmello, com que os seus collegas costumavam causticar a parte mais carnosa do corpo dos pobres discipulos, tornando-se por isso o professor Gomes estimado, embora temido, pois o seu aspecto mantinha sempre a maior circumspecção.

Satyrizando o proprio destino, que o forçava a lançar mão de um processo tão contrario ás mãos dos outros, quantas vezes não teria elle dito consigo mesmo que aquillo era uma brutalidade, resignando-se com o exemplo do pedagogo de além-mar, que escreveu isto:

«De meus pesados dias lhe contaste
A lagrimosa historia;
Na esquerda mão um livro me pintaste,
Na outra a palmatoria,
Com carregado e ríspido focinho,
Ditando leis em tribunal de pinho».

Não sei como se pode passar a vida inteira a ouvir crianças e a falar a rapazes, que não sabem o que dizem, nem comprehendem o que escutam. Parece-me que a educação das crianças pertence exclusivamente á competencia materna, pois nada me convence de que o mais ideal dos professores possa ser tão carinhoso e attento como o divino coração das mãis, que ensinam tudo que sentem, e sentem não saber ensinar tudo que é preciso saber-se. E isso entre carinhos e beijos, jamais com ameaças e castigos.

Além destas considerações, que devem ser tomadas em consideração, na infancia é que mais claramente se manifestam ás idyosincrasias, o atavismo e a hereditariedade, que a argucia de um estranho nem percebe, mas

que a voz do sangue explica intuitivamente. E assim não haveria mais o receio de que o innocente amiguinho de hoje se pudesse metamorphosear no vingativo inimigo de amanhã...

O estimavel e estimado professor Gomes, num tempo em que o mestre era o terror dos discipulos, operou o verdadeiro milagre de fazer de cada um dos seus educandos um amigo para o resto da vida. Fui seu discipulo, apenas um anno, mas mesmo assim posso dar nestas linhas a prova do que digo. Gerações e gerações de rio-grandenses toram guiadas pelos seus criteriosos e sabios conselhos, sendo o *Collegio Gomes* um glorioso viveiro de aguias, que levantaram o vôo sobre as culminancias da poesia, da administração, da politica, da diplomacia e todos os outros elevados departamentos da vida pública.

HENRIQUE D'AVILA

HENRIQUE FRANCISCO D'AVILLA nasceu na villa do Herval a 31 de Agosto de 1831 e falleceu em Porto Alegre em 1900: Seu pai, revolucionario dos *Farrapos*, morreu prisioneiro, a bordo do *Presiganga*, legando-lhe os sentimentos de liberdade e devotamento á terra natal. Fez os primeiros estudos em Porto Alegre, bacharelou-se em letras no imperial Collegio Pedro II e em direito na Academia de S. Paulo, em cujo curso se distinguiu pelo talento e applicação.

Conheci-o quando já contava quarenta annos, ou mais, sendo então appellidado *O Tenor*, pela sua bonita figura theatral, um tanto prejudicada pelo avolumado do abdomen num corpo de estatura mediana. Chamavam-lhe tambem *O coronel*, por ser o commandante superior da Guarda Nacional de Jaguarão e gostar de andar fardado com o seu pomposo uniforme, de plumagem auri-verde na barretina encarnada.

Era orador fluente, de reputação feita desde os tempos de estudante, em que exerceu o cargo de official de gabinete do presidente de S. Paulo antes de se formar. Regressando á nossa provincia, fixou a residencia na cidade

de Jaguarão, abrindo banca de advocacia e assumindo logo a chefia do partido liberal no município, sendo diversas vezes eleito á Assembléa Provincial, deputado geral em 1881 e senador do Imperio em 1882.

Foi presidente da provincia do Rio Grande do Sul em 1880, depois de ter exercido o mesmo cargo na do Ceará; e em 1882 foi nomeado ministro da Agricultura, tornando-se célebres os seus despachos, no governo, por sarcásticos e jocosos, embora conceituosos e justos; fazendo lembrar os de um antigo presidente do Rio Grande do Sul, o marechal Andréa, de quem se contam as mais engrasadas anedotas.

A imprensa carioca commentava esses despachos pandegos com estranhesa e azedume, mas aquelle zum-zum entrava-lhe por um ouvido e sahia pelo outro. Tinha sido jornalista nos Pampas, sabia como se faz a cozinha da imprensa em qualquer parte do mundo. Era de natureza alegre e folgasã, sem nunca perder a compostura, pois era até exaggerado no aprumo, nas maneiras finas e elegantes, principalmente no trajar, rigorosamente vestido pelos moldes do ultimo figurino.

Para que se veja como era *o seu feitio*, na intimidade, basta este facto: já era chefe politico e commandante superior da Guarda Nacional (e em terra de cegos quem tem um olho é rei, embora Camões nunca passasse de principe... dos poetas do seu tempo), quando, estando o conselheiro e senador Avila, que nessa occasião era ainda doutor e deputado, a conversar, em sua casa, com o juiz municipal, o promotor público e um dos advogados do logar, foram pedir-lhe o auxilio dos seus creados para levarem ao cemiterio o caixão de um pobre defunto.

Fale agora o senador José Luis:

— "Ora" (disse Henrique d'Avila), nós não temos que fazer, neste momento; vamos praticar essa obra de caridade?

— A saber?...

— Conduzirmos, nós mesmos, á sua derradeira morada esse morto desconhecido.

— Deixe-se disso, Avila, protestaram os amigos.

— Não, não desisto deste bom impulso do coração, assim como não dsipenso o concurso de vocês. Vamos, tenham paciencia, a caminho!

E assim, o desgraçado anônimo logrou a honra póstuma de ser carregado por quatro bachareis, pessoas gradadas do logar».

No ministerio, perguntando-lhe o Imperador, num dia de despacho, qual fôra a nossa immigração no anno anterior, Avila, que de momento não podia responder com precisão, mas que nunca dera parte de traco, mesmo que lhe tremessem as pernas, como tremiam as de Napoleão ao começar o combate, improvisou um ar de consulta tácita consigo mesmo, e disse: — Foi muito diminuta, Senhor: foi apenas de 11.054 immigrantes, á medida que em 1880 subiu a 29.729.

— E da Argentina, pode dizer-me qual foi?

— Pois não, Senhor... a Argentina, o anno passado, recebeu 47.484 immigrantes. (Fosse lá Sua Majestade verificar)..

Em 1888, quando o conselheiro Prado geria a mesma pasta, deu-se no parlamento um serio attrito entre elle e o senador Henrique d'Avila, que o atacou violentamente num discurso parlamentar. Prado, com aquelle exaggerado orgulho de sempre, não sabendo como descalçar aquella bota que tanto lhe apertava o calcanhar de Achilles, disse, em aparte: — O paiz do que precisa é de homens de acção, e não de *doutores de tribuna*...

Avila, voltando-se para o ministro, bradou: — Sempre preferiveis aos *doutores de coudelaria!* (Os senadores desataram a rir, o ministro mudou de cor, de cabeça baixa, sentindo não haver ali um buraco, onde pudesse se metter, e o presidente teve de vibrar a campainha, fazendo ver que as galerias não podiam manifestar-se. Sabia-se que o conselheiro paulista já se interessava naquelle tempo, como ainda hoje, com o fomento das boas raças cavallares.

Henrique d'Avila foi o unico politico do Rio Grande do Sul com quem Gaspar Martins não teve desavenças, depois de uma cartada em que lhe sahiu o trunfo ás avésas... E como *dois bicudos não se beijam*, chegou mesmo a dizer, na Camara dos Deputados, quando Avila era o presidente da sua terra: — «Elle não tem só muito talento, elle representa vinte annos de grandes sacrificios, não só da sua fortuna, que tem despendido, mas da sua vida, que por vezes tem arriscado com a máxima coragem».

Proclamando o actual regimen, Avila, em cujas veias corria sangue de *Farrapo*, fez opposição tenaz a Julio de Castilhos, pelas columnas da *Reforma* de Porto Alegre; retirando-se em seguida do campo encochilhado da politica, onde havia colhido tão virentes palmas, para no fim de sua longa existencia só ter de tropeçar em cardos de folhas rentes e espinhosas, mais duros ainda que os que foram classificados por Linneu.

FELISBERTO PEREIRA

FELISBERTO PEREIRA DA SILVA nasceu em Porto Alegre a 7 de Junho de 1833 e falleceu no Rio de Janeiro em 1902. Conheci-o de perto, havendo relações de amizade entre as nossas familias, instando elle commigo para que abandonasse a carreira das armas, para ir estudar na Academia de S. Paulo, onde podia recommendar-me aos bons amigos que lá contava. Freqüentei mais tarde a sua casa no Rio de Janeiro, quando exercia o cargo de director-general da Instrução Publica da Côrte do Imperio.

Era, como diz um dos seus biógraphos, distincto, alto, magro, moreno, olhos grandes e melancólicos, os cabellos e a barba pretos. Feitos os seus estudos preparatorios em Porto Alegre, matriculou-se na Escola Central do Rio de Janeiro, onde cursou os primeiros quatro annos, por isso se matriculando na Academia de S. Paulo em 1855, bacharelando-se em direito, depois de um curso brilhantissimo.

Lê-se no volume das *Physionomias Academicas*, de Simplicio Salles: — «Felisberto Pereira occupa-se de muitos estudos uteis, conhece a historia até a biographia e tem predilecção pela mathematica. Si for magistrado, será um modelo; si for politico, seguirá a administração antes que o parlamento; si seguir a carreira didáctica, será um perfeito lente. Creio, porém, que elle seguirá a advocacia, e ha de ser um jurisconsulto acabado».

Era modesto e até mesmo acanhado; lamentando este facto e attestando a puresa da alma e a regularidade da vida do seu collega, diz o já citado escriptor: — «Pe-

reira da Silva não apparece na turba dos acadêmicos, e entretanto é uma das cabeças mais instruidas, talvez mesmo a mais instruida que por ahi ha». E assim se conservou durante toda a vida, mesmo sabendo que *audaces fortuna juvat*.

Regressando á terra natal logo depois de formado, abriu em Porto Alegre o seu escriptorio de advocacia, que ora em pouco tempo o de maior e mais escolhida clientella, pois era escrupuloso na escolha das causas de que se incumbia, embora naquella época e naquelle meio ainda não florescesse a lucrativa industria dos advogados de porta de xadrez, que dizem que quanto peor é a causa, tanto melhor é a sua gorgeta.

Alistando-se nas fileiras do partido liberal, foi um dos redactores da *Reforma*, onde revelou dotes de doutrinador, não de polemista, com o que se impoz á estima dos proprios adversarios. Desenvolvendo grande actividade nos trabalhos de commissões da Assembléa Provincial, onde era raro occupar a tribuna, foi distinguido pelos seus pares para presidir os trabalhos dessa corporação desde 1872 até 1875, mantendo-se sempre numa esphera de tamanha imparcialidade, que a opposição era a primeira a prestar-lhe homenagens de consideração pessoal.

Em 1879, foi pelo governo imperial nomeado presidente da provincia do Rio Grande do Sul, mantendo sempre a administração ácima da politica, o que lhe permittiu prestar assignalados serviços durante a sua tão rápida quão fecunda administração. Eleito em seguida deputado á Assembléa Geral Legislativa, nella divergiu da politica de violencias de seu companheiro Gaspar, que queria ser o dono do Rio Grande, e isso foi bastante para que este o perseguisse, exigindo de seus assecclas que lhe negassem pão e agua.

— E' o caixão fúnebre mais pesado que tenho conduzido ao camitório» — disse Gaspar, quando se oppoz á inclusão do nome de Felisberto Pereira numa lista triplice senatorial. E Felisberto, que não era homem de lutas espalhafatosas, limitou-se a dizer: — «Diz que sou um morto, porque não vivo com os mais vivos, nessa vidinha, que considero uma morte moral».

Desgostoso com isso, Felisberto Pereira abandonou para sempre a nossa terra, transferindo a sua residencia

para a cõrte do Imperio, onde lhe foram confiados altos cargos administrativos, até que finalmente, com o desaparecimento da Monarchia, abandonou a politica, voltando-se para outro campo de acção, assumindo a direcção de uma grande empresa industrial, onde começava a fazer fortuna, quando morreu, cercado da estima e do respeito dos que tiveram a ventura de conhecê-lo.

FRANCISCO CUNHA

FRANCISCO XAVIER DA CUNHA nasceu em Porto Alegre a 1 de Janeiro de 1835 e falleceu no Rio de Janeiro a 13 de Dezembro de 1913. Republicano histórico, passou-se para as fileiras do partido liberal, occupando na Monarchia os cargos de director da Hospedaria de Emigrantes da ilha das Flores e em seguida o de consul do Brasil em Montevidéo, tornando-se de novo republicano, assim que se proclamou o actual regimen, sendo então elevado de consul a ministro diplomático.

Em 1872 escrevia elle, em Porto Alegre: — «Ha muita gente que vive sequiosa por achar explicação entre o meu parentesco espirital com o imperador, (seu padrinho de chrisma) e a opposição que lhe movo como republicano». — E explica naturalmente como isso não dependeu da sua vontade, terminando assim: «combato na sua pessoa o monarchismo, como combateria na pessoa de um outro Pedro qualquer. A minha questão não é com o homem, é com a instituição que elle representa, a qual julgo funesta e perniciosa para a minha patria».

Francisco Cunha foi cadete (assentou praça aos 10 annos de idade, mas só aos 18 começou a servir arregimentado); abandonou a carreira militar, para acompanhar seu irmão Felix da Cunha no jornalismo da provincia, como elle proprio explica: — «dado o meu temperamento controversista, a terna e carinhosa amisade que devotava a meu irmão primogênito, não poudesubtrahir-me ao impulso que me impellia para perto dellenos prodromos de uma luta formidavel que se annunciava renhida e intransigente».

Francisco Cunha foi nomeado inspector-geral das cofeiras da provincia do Rio Grande do Sul, em 1867, cujo cargo abandonou para ir servir como secretario do general Osorio na guerra do Paraguay. Regressando a Porto Alegre, em 1870, o antigo jornalista d'*O Mercantil* reapareceu nas columnas d'*A Reforma* essa victoriosa campanha, que deveria sagral-o um dos maiores jornalistas do Brasil. — Ouçam o que diz Felix Bocayuva, prefaciando o livro *Reminiscencias* de Francisco Cunha:

«Fundou, então, *A Democracia*, onde começou o apostolado das idéas republicanas, em rútilos e ponderados artigos de propaganda. Em pouco tempo o nome de Francisco Cunha transpoz as fronteiras provincianas, vindo ecoar na Córte do Imperio, onde, já lançado o manifesto de 70, se organisara o partido republicano, composto de um nucleo vigoroso de intellectuaes e politicos, que fundaram *A Republica*.

Francisco Cunha foi solicitado para assumir a chefia da redacção d'*A Republica*, no Rio de Janeiro. Veiu e assumiu logo o seu posto de combate. Conservou-se na brecha da propaganda até 1874, escrevendo n'*A Republica*, no *Globo* e noutras folhas de acção democrática, ensinando, doutrinando, discutindo, *civilisando*, em polémicas de alto vôo, no tempo em que a penna era uma bella arma de aço incorruptivel, brunida e limpa.

Basta percorrer a mor parte dos escriptos de Francisco Cunha, para ajuisar-se da variedade e importancia dos assumptos luminosamente debatidos, muitos dos quaes de perfeita actualidade, podendo os nossos homens públicos, tão desviados do caminho democrático, encontrar nessas páginas um manacial purissimo e inesgotavel de ensinamentos profundos e preciosas lições vasadas em fórma castiça, de cerrada lógica e intensa claridade.

Proclamada a República, Francisco Cunha foi reclamado para desempenhar uma alta missão diplomatica na Italia, fonte de braços que ameaçava seccar, em virtude de uma lei italiana prohibindo a emigração para o Brasil. Vencendo com o seu tacto difficuldades quasi insuperaveis, conseguiu elle a revogação dessa lei, tendo como premio de tão relevante serviço ao paiz uma injusta e escandalosa remoção.

Espirito fortalecido por uma variada cultura, Francisco Cunha era, além de tudo, um agradável *causeur* e um polyglota, falando com desembaraço algumas linguas latinas e anglo-saxonicas. Era o seu caracter, apesar das lutas em que se envolvera, de uma benevolente tolerancia. Materialista e atheu, não se dedignava de ouvir os seus contraditores em materia politica, philosophica ou reliigosa, salpicando o debate de complacencias e humormismos delicados» .

Removido de Roma para Montevidéo, soube, ao chegar a Paris, que o sabio e magnanimo Imperador D. Pedro II, seu padrinho, se achava enfermo, num quarto de hotel de segunda ordem, onde veio a morrer, poucos dias depois, sempre resignado e superior aos seus immerecidos infortunios. Foi visital-o, em companhia do Barão de Penedo, que ao ser demittido do seu cargo de ministro em Londres, onde prestara tão relevantes serviços ao Brasil, fixara residencia na capital francesa.

Diz Francisco Cunha: — «Depois de ter eu indagado da sua saúde, Sua Majestade começou a falar-me em termos geraes sobre a nossa patria, com referencia aos ultimos acontecimentos politicos, sendo o seu manifesto intento demonstrar-me que nunca tinha contrariado as liberdades consignadas na Constituição, e que o seu constante empenho tinha sido pugnar pela sinceridade das eleições, afim de abrir margem ás orientações da opinião pública.

Accrescentou mais, que, dados os factos já consummados, o seu desejo era (cito as suas proprias palavras) que «os senhores não andem a quebrar as cabeças». — Ouvi o Imperador com todo o acatamento, proferindo algumas palavras que lhe fossem agradaveis e que tambem exprimiam a minha convicção, taes como a justiça, que a nação unânime fazia ao seu accendrado patriotismo, ás suas boas intenções, á sua invulneravel probidade, aos seus salutaes exemplos tanto na vida pública como na sua vida particular.

Retirei-me bastante compungido. Este procedimento do Imperador D. Pedro II, para commigo, veio provar que a opposição por mim feita á instituição monarchica, nunca attingiu a sua personalidade propriamente, como

será facil verificar nas numerosas páginas da minha propaganda reunidas no livro que intitulei *Reminiscencias*.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, foi pelo marechal Floriano incumbido de uma missão diplomática na côrte de Madrid, pois não se comprehende que o removessem de uma legação de 1.^a ordem para outra, de 2.^a, o que o levou a declarar que acceitava, para não levantar questões de preeminencia; só mais tarde foi dirigir a legação do Brasil em Montevidéo, depois de ter tido a honra de representar o Brasil na côrte do rei Leopoldo II, da Bélgica.

«Removido de Montevidéo para o México (diz Felix Bocayuva), o illustre diplomata, sentindo a saúde abalada, pediu a sua aposentação, retirando-se do scenário da vida pública após 20 annos de serviços diplomaticos de alta valia e 20 annos de acção politica irreductivel em prol das idéas estampadas nas páginas sadias do seu livro (*Reminiscencias*), de um convencido, de um sincero, de um forte».

LEITE DE CASTRO

JOÃO VICENTE LEITE DE CASTRO nasceu em Porto Alegre a 24 de Outubro de 1840 e falleceu em Paris em 1913. Assentou praça em 1858, completou o curso da arma de artilharia em que serviu até ao posto de coronel, sendo promovido a general de brigada em 1893, reformando-se no posto de marechal pouco depois de promovido ao de general de divisão.

Seguiu como segundo tenente para as guerras do Uruguay e Paraguay, nas quaes se distinguiu por actos de bravura, voltando ao Rio Grande do Sul com os galões de capitão, sendo em 1875 nomeado instructor da Escola Militar de Porto Alegre, depois de ter servido como secretario do marechal José Luis Menna Barreto na inspectoría dos corpos de cavallaria e infantaria estacionados no Rio Grande do Sul.

Ao ser promovido a general foi nomeado commandante do 2.^o districto militar, sendo em seguida no-

meado commandante superior da guarda nacional. Tinha as medalhas das guerras do Uruguay e do Paraguay, era cavalleiro das ordens de Aviz e do Cruzeiro, official da ordem da Rosa e membro do Instituto Histórico.

Quando o capitão Leite de Castro era secretario do marechal José Luis II, eu, que era então 1.º cadete do 5.º regimento de cavallaria, segui com elles para Jaguarão, como amanuense da inspectoria dos corpos ali estacionados; e naufragámos juntos na lagôa dos Patos, onde estivemos sete dias em imminente perigo.

Descrevo isto, no tomo II das minhas *Memorias dignas de memoria*: — «Tomámos passagem a bordo do vapor *Guahyba*, que partiu de Porto Alegre no dia 7 de Setembro de 1874, e naquella mesma noite naufragámos, em plena lagôa dos Patos. (*) Ficámos até o dia 13 (dia de meus annos) á mercê dos ventos e das ondas, curtindo frio e fome, além de todos os horrores que só podem comprehender os que já passaram por tamanho perigo.

Carlos von Koseritz, que era um dos nossos 120 companheiros de viagem, passeava no tombadilho, de um para o outro lado, sombrio e silencioso, mordendo o charuto, apparentando uma calma que mais parecia de inglez fleugmático do que de allemão naturalisado brasileiro. E só ao lêr o seu artigo, publicado no *Eco do Sul* da cidade do Rio Grande, foi que comprehendi a sua nimia sensibilidade, disfarçada com tamanha indiferença durante a imminencia do perigo.

Durante aquelles sete dias, em que a todo o instante esperávamos ser tragados pelas ondas encapellada, que uivavam e rugiam ao látego dos ventos, deram-se simultaneamente episodios cômicos e trágicos, de que nunca se esquecera o marechal Leite de Castro, que, sempre que nos encontrávamos, me falava naquillo.

Em 1903, quando organizei a *Legião Mallet*, quasi rompi relações com o meu velho amigo, que commandava então a guarda-nacional. O caso foi este: entre os numerosos voluntarios da minha legião estavam alis-

(*) A lagôa dos Patos tem 135 léguas de extensão e mais de 15 de largura.

tados alguns soldados e muitos officiaes daquella milicia, alguns dos quaes não fizeram questão de ir em postos inferiores aos que tinham, por já estarem distribuidas as patentes correspondentes ás suas.

O marechal Leite de Castro mandou ficar sem effeito a inclusão dos seus commandados nos corpos sob o meu commando, reprehendendo em *ordem do dia* os officiaes que num rasgo do mais abnegado patriotismo abriram mão dos seus altos postos na guarda-nacional, para seguirem com patentes inferiores ás que já tinham. Protestei, e o Supremo Tribunal Militar resolveu a questão, prohibindo que os officiaes e praças daquella milicia continuassem a alistar-se nas fileiras da minha legião, mas que nellas se conservassem os que já se tinham alistado.

O marechal Leite de Castro, sentindo-se melindrado com essa determinação, quiz exonerar-se daquelle commando, onde permaneceu a instancias do nosso commum amigo marechal Mallet. A nossa velha amisade estava por um fio, mas felizmente esse ligeiro attrito de atribuições não teve consequencias desagradaveis para ambos, que continuámos a manter a nossa velha amisade.

Leite de Castro collocou a sua penna de literato na mesma altura em que já fulgurava a sua espada de guerreiro. Collaborou em varios jornaes e revistas, era membro do Instituto Histórico e publicou interessantes livros, como o *Diccionario histórico e geographico das campanhas do Uruguay e Paraguay*, o volume das suas *Memorias* e a *Historia da Heroína Brasileira Annita Garibaldi*, que lhe grangeou o titulo de presidente honorario da *União Garilbadina de Nice*.

Nesta obra diz Leite de Castro:—«O estudo da historia, ou da narração de assumptos nacionaes dignos de memoria, deve ser considerado como altamente necessario a todos os que desejam conhecer a evolução humana.

Sendo tambem a sciencia dos factos que se tem desenrolado no perpassar dos tempos, todos devem ter conhecimento della, para melhor conhecer a sua importancia. E' ella que se torna o principal juiz das grandes acções humanas, que illumina os horisontes,

que mostra com fidelidade os factos que decorreram em todos os tempos.

Aggremiar todos os factos, os logares e os tempos em que elles foram praticados, coordenal-os methodicamente e dal-os á luz da publicidade, é missão a que o homem estudioso, amante de sua patria e desejando-lhe o seu progresso, deve dedicar-se e assim a ennobrecerá e fará ser mais considerada.

O livro da historia, é, pois, o transmissôr do ensinamento de tudo quanto possa interessar as nações, sobretudo no tocante á formação do character de seu povo, base de sua felicidade.

O homem, pela sua natureza e pelo destino que lhe está reservado, deve ter coragem em todas as situações da vida. E' esta qualidade, esta força d'alma, ou energia de character, que constitúe um dos elementos mais necessarios para bem exercer a sua acção social.

E' ella que dá o ardor perseverante, e ao militar o sentimento que mais o nobilita nas lides guerreiras — a ambição de glorias. Em todos os tempos, mesmo nos pre-históricos, tornou-se para elle uma condição *sine qua non* de sua existencia, não só debaixo do ponto de vista physico, como do moral.

A sua educação, fundada em moldes apropriados, é muito differente da que é dada á mulher, porque sua missão é mais ardua, é de ordem superior, carecendo de propriedades physicas, moraes e intellectuaes para pratical-a a bem da collectividade humana e em proveito proprio; em quanto a da mulher, por ter sido destinada a ter uma vida não accidentada e perigosa, devido á structura de seu organismo, ás suggestões inelutaveis de seu sexo, e ás necessidades physiologicas foi, a respeito de exercicios physicos, posta á margem, por não carecer delles para ser amorosa e bem exercer seus sagrados deveres na composição da familia.

D'ahi a deducção logica de ser preciso que o homem seja forte para arrostar com todas as mudanças de coisas que se succedem, para enfrentar as tempestades da vida, afim de sahir sempre triumphante; em quanto a mulher precisa ter sentimentos proprios da delicadeza de seu sexo, afim de tornar-se boa filha, boa esposa, e boa mãe, que são as mais sagradas funcções a cum-

prir, a bem de sua felicidade e da do genero humano.

Para o homem a lucta pela vida deve ser encarada como o emprego do esforço feito com valor, methodo e intelligencia, afim de colher os melhores resultados em prol do progresso, bem como para garantia de seu bem-estar futuro; em quanto para a mulher só é mister que seja sua companheira sagrada e amorosa; que saiba compartilhar suas dôres e alegrias, animal-o com seus cuidados e carinhos, e por fim tornar o lar domestico um paraíso terrestre.

O campo da actividade da mulher é, pois, delimitado pela sua propria natureza.

A historia universal é uma quasi ininterrupta narração de feitos memoraveis e gloriosos, praticados por homens que se tornaram immortaes por seu valôr, por seu amôr--patrio, por ambição de eternas glorias, na defesa da honra nacional em sangrentas pelepas, ou nas pugnas da intelligencia, emquanto que pouco se diz a respeito da mulher ».

EUBANK DA CAMARA

JOSE' EUBANK DA CAMARA nasceu em Porto Alegre em 1844 e falleceu no Rio de Janeiro a 3 de Março de 1890. Era doutor em sciencias physicas e mathematicas pela Escola Central da côrte e distinguiu-se pelo talento e a illustração que o tornaram notavel desde estudante.

Foi ainda no verdor dos annos nomeado engenheiro chefe das obras da Alfandega do Rio de Janeiro, e desempenhou esse cargo com tanta proficiencia, que passou a dirigir as obras do porto de Pernambuco, e em seguida as obras hydráulicas da cidade de Porto-Alegre, sendo então eleito deputado á Assembléa Provincial da nossa terra.

Voltando ao Rio de Janeiro, assim que terminou essa legislatura, o governo imperial nomeou-o consultor do ministerio da Agricultura, cujo cargo desempenhou de maneira tal, que as suas aptidões foram, em seguida recla-

madas para a Inspectoria Geral das Obras Publicas, de onde passou para exercer o cargo de director da Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje denominada Central do Brasil, onde se conservou até ser proclamado o actual regimen politico.

O Governo Provisorio, que no momento da transfiguração radical precisava de homens de prestigio, tal a invasão das mediocridades no assalto feito aos altos cargos, conseguiu fazer-se representar por Eubank da Camara, em uma importantissima commissão na Europa, da qual se desempenhou de tal maneira este illustre intellectual, que assim que regressou a patria foi nomeado chefe da commissão de viação central do Brasil, durante cujo desempenho foi ainda escolhido para árbitro da melindrosa questão do abastecimento de agua desta populosa capital, sendo o seu laudo favoravel á causa do governo, contrariando assim gananciosos interesses de capitalistas dispostos a abrir mão de grandes sommas com o intuito de subornar outrem que não fosse de tão nobre character.

Escreveu vibrantes artigos demonstrando a inconveniencia da construcção do projectado porto das Torres, no Rio Grande do Sul, com os quaes demoveu o governo estadual de permanecer em semelhante propósito; publicou ponderadas considerações sobre o edital da directoria de Obras Publicas de Porto Alegre chamando concorrentes para o serviço do caes da cidade do Rio Grande; apresentou um projecto para a fundação de uma rede de vias férreas commerciaes e estratégicas da mesma provincia, em 1873; novo projecto de caminhos de ferro estratégicos da mesma provincia (em 1874), com pareceres favoraveis do Marquez do Herval e do Conde de Porto Alegre; outro projecto de estrada de ferro, ligando o Rio de Janeiro a Matto Grosso pelo valle do Rio Grande do Sul, acompanhado de um mappa demonstrativo; um folheto, demonstrando a bitola preferivel nos caminhos de ferro nacionaes; a vantagem dos caminhos de ferro do Rio Grande do Sul em competencia com as vias de communicação existentes nas republicas do Prata; um estudo sobre os caminhos de ferro de S. Paulo e a Fabrica de Ferro de Ipanema; novo trabalho sobre a estradas de ferro de S. Paulo (que esoreveu em francez, sob

o titulo de *Rereau general des chemins de fer de la province de S. Paul* (1875); Melhoramento do porto de Imbetiba; *Obras hidráulicas* de diversos portos do Brasil (1876); varios cathálogos, regulamentos e memorias sobre a Exposição de 1875, o porto de Pernambuco, e a Estrada de Ferro D. Pedro II, durante a sua administração, etc.

Eubank da Camara era um bello homem; de porte majestoso, finos gestos e palestra agradabilissima; as suas maneiras diplomaticas, captavam-lhe as mais vivas sympathias; justiceiro no cumprimento do dever, era mais propenso a perdoar do que a punir, sem com isso deixar de manter a mais severa disciplina entre os seus numerosos auxiliares técnicos, mostrando-se mais amigo do que chefe do numeroso operariado dirigido pelo seu criterio administrativo. A morte arrebatou-o no pleno vigor dos seus 45 annos de idade, precisamente quando promettia os mais sazonados fructos da sua singular competencia.

ANTUNES RIBAS

ANTONIO ANTUNES RIBAS nasceu na Cruz Alta em 1846 e falleceu em Porto Alegre em 1906. Começou os seus estudos preparatorios em Porto Alegre e foi concluil-os em S. Paulo, onde se formou em direito, depois de um curso interrompido por constantes diabruras, nenhuma porém tão grave como as do tempo de Alvares de Azevedo, quando os estudantes eram o terror da Paulicéa, até á geração de Castro Alves, cujas estroinices Pires de Almeida descreve com vivas tintas, mas nas quaes não se destacavam, sinão pela solidariedade de classe, esses dois grandes poetas, notando-se que Alvares de Azevedo foi sempre considerado o primeiro estudante, e como tal admirado pelos proprios lentes; ao passo que Castro Alves... permitta-me o leitor a seguinte interpelação, que é interessante: Disse-me o conselheiro Rodrigues Alves, quando presidente de S. Paulo, depois de ter sido presidente da República, que tivera a honra de se

sentar ao lado de Castro Alves, nos bancos da Academia : e accerscentou, sorrindo: — «Por signal que éramos dos mais dsitinctos... um como vadio, o outro como estudioso; elle era o vadio, porque confiava no seu talento; eu, como não era tão intelligente, via-me forçado a estudar dia e noite».

Antunes Ribas, cujo genio alegre e folgasão se tornou famoso entre os collegas, a todos causava admiração pelas boas provas que dava da sua applicação, quando, a ser julgado pelo que fazia fóra do mosteiro de S. Francisco, eram todos capazes de jurar que elle não fazia outra coisa sinão viver a imaginar as mais engraçadas pilherias, que faziam rir, sem que a ninguém magoassem. *Pintava a manta* e era *um bicho*, como se dizia em giria acadêmica, tornando-se assim figura obri-gatoria em todas as festas populares, além do que fazia por conta propria no grupo dos collegas.

Era alto, moreno, sympáthico, dessa belleza varonil que é o susto dos maridos e o encanto das mulheres; mas nunca abusou de taes prendas, para se metter em *altas cavallerias*, com infracção do código penal, nem mesmo do nono mandamento da santa madre igreja. Character altivo e coração generoso, reunia aos dons do espirito os escrupulos de uma consciencia pura. E como pensava com Salomão, que para as almas puras tudo é puro, era capaz de requestar as onze mil virgens, sem que uma só lhe perguntasse que tinha feito elle da sua corôa de flores de laranjeira.

Vivia a imaginar brincadeiras, cada qual mais engen-hosa, mas nenhuma inconfessavel. Diz delle o seu amigo José Luis: — «Fique, porém, consignado que o Ribas era dotado de bello talento e possuia em grau subido predicados de orador, ou antes, de tribuno popular. Para o effeito das suas vibrantes allocuções contribuiam poderosamente a sua voz forte e avolumada e o seu busto leonino.

Era ainda muito joven quando chegou a S. Paulo. Talvez para sujeital-o a uma severa disciplina, que lhe modificasse o character arrebatado, puzeram-no como interno no Seminario da Luz. Ali conservou-se por algum tempo estudando preparatorios. Ali mesmo, porém, não deixou de *fazer das suas...*

Assim, narra a chôrônica que, inculcando-se padre, ouviu no confissionario um *formigão*, e deu-lhe por penitencia cantar em voz alta a *Salve Rainha* por occasião do recreio. A consequencia foi, para o Ribas, o *quarto escuro* e depois a sua expulsão do Seminario, com o que, valha a verdade, elle pouco se affligiu.

Enbrou em seguida para o *Atheneu Paulista*, que era dirigido por um bom educador, a quem os rapazes alcu-nhavam de *João Paganini* (porque era perito na rabe-ca). Ahi praticou o Ribas novas diabruras, sendo sempre o chefe das *greves* e assuadas contra o director, numa das quaes teve de comparecer no collegio o chefe de policia, acompanhado de força, que prendeu o *Ribas Cabeça* (como lhe chamavam), relaxando pouco depois a prisão, a pedido do seu correspondente, que era um cônego muito considerado.

Noutras occasiões, o attribuído director levava o caso para o terreno do espirito, e porfiava em jocosidades com o seu insubordinado alumno. Assim, de uma feita, preso na *cajúá*, escreveu a carvão na parede: — «Si eu não fosse o Ribas, quizera ser Napoleão». — Mais tarde, vindo libertal-o, o director leu aquillo e escreveu por baixo:

«Si tu não fosses pimpão,
Não ficavas na prisão;
Mas ficas, com agua e pão,
Que é de facil digestão».

Ribas, assim que o professor sahiu, escreveu, por baixo daquella quadrinha, esta:

«E' do Julio Paganini
Esta quadrinha pernetta;
Si elle é forte na rabeça,
Em versejar não se metta».

Nem sempre se compadecia com a situação o humo-rismo de um e de outro; e em consequencia de um dos barulhos promovidos pelo Ribas, a virtuosa consorte do di-rector, que estava para dar á luz, teve um mau successo. O marido, afflicto, e com o intuito de provocar o arre-pendimento do irrequieto alumno, chamou-o para ver a criança recém-nascida morta, dizendo-lhe:

— Veja ahi, sr. Ribas, contemple a sua obra!

— Minha obra não, sr. director; oh! não diga isso, a obra é sua...

Maguado por ter perdido uma bengala de unicorne com castão de ouro, o director do Atheneu fez inserir no *Correio Paulistano* um annuncio promettendo gratificação a quem a tivesse achado e fosse restituil-a. No dia seguinte, na mesma folha, deparou-se-lhe uma publicação declarando que á rua de S. José numero tal, estava uma bengala de unicorne, que seria entregue a quem dêsse os respectivos signaes.

— E' a minha! disse alvoroçado o director; e seguiu, sem demora, a reclamar o objecto annuciado. Ao chegar á casa indicada, bate palmas e surge-lhe no pátamar um estudante, que era inimigo do pobre director.

— Que deseja o sr. aqui?!

— A minha bengala...

— Que bengala? que historia é essa?

— A minha bengala, que o sr. annunciou...

— O sr. está doudo? eu não annunciei nada...

— Doudo é elle! Alto lá! Veja esta publicação.

O estudante, depois de ler o jornal que lhe foi entregue, disse, com mau humor:

— Isto é alguma caçoada que lhe fizeram.

Nisso, apparece *casualmente* o Ribas, que por ali passava, dizendo em tom conciliador: — Não se queimem por tão pouco. Pois logo não se vê que foi uma brincadeira?

Mais uma estudantada do Ribas. Morava na rua do Quartel uma linda espanholita recém-chegada, que só recebia em sua casa a alta roda acadêmica e certos burguezes endinheirados. Foi ella prevenida por alguns estudantes de que á noite lhe seria apresentado um sertanejo muito rico, mas boçal, quasi imbecil, cuja bagagem ficara em Pinheiros, onde estava acampada a sua enorme boiada. A rapariga, fascinada pela ambição de depennar um pato tão gordo, bateu palmas de contente.

A noite, o Ribas, de botas e pala, desfigurado com barbas postiças, foi-lhe apresentado, desempenhando maravilhosamente o papel do sertanejo:

— Mecê tenha bôa noite, moça.

— Buena noche, caballero.

— Não arrepare neste trage, porque eu venho de longe. Moro em Calcutá, que fica nas banda dos Goyaz. Ha quatro meis que não saio de cima da *Faceira*. Aquillo é que é mula de virá e rompê!

— Muy bien! muy bien!

— Passado um dia de viage, arranchemo em Bombaim, onde fomo atacado por Annibal e por Leonidas, chefres de ciganos...

— Caramba! Pero; qué hicieron ustedes?

— Fizemo carniça daquelles diabo, com perdão da palavra.

— Caramba!

— Viagemos mais uma sumana, e quando chegemo á Salamina, bem portinho de Lepanto, Virge Nossa Senhora!

— Qué se les ha acontecido entonces?

— Um bandão de bugre, siá dona, um bandão de bugre nos atacou de bodoque!

— Qué bárbaros!

— Foi um baruio que Deus te livre! Mais porém a minha gente era turuna: matemo gentio como quem mata içá quando tá pra chovê. Morreu um chefe chamado Mirabô, de cara bexigosa, e outro chamado Montezuma, e outro chamado Massena. Foi um tempo quente! Não perdemo cabôco, porque nós tinha garrucha de dois cano.

— Que hombres valientes, usted y los suyos!

— Tambem tivemo briga em Marengo, Austrolis e Supipira. No arraial de Marathona tivemo um cateretê chibante. Sapatiei com Popéa, muié de nhô Nero: era uma tyranha que sabia repinicá! Simão de Nantua dansou com Carlota Cordé e com siá Helena, caseira do Menelau.

— Como é que mecê se alembra de tantos nome tão exquisito?

— Eu lhe digo, nhô moço; um franceis das estranja que vem commigo, escrevinhou toda essa historia. Depois, suspendemo acampamento, atravessemo o rio Volga, onde perdi um boi afogado, e rodemo pra cá. Entre parente, siá dona não terá agum espirito pra nois bebê? Calô tá fazendo a gente suá.

— Como nó? — disse a moça.

E num piscar de olho o caipira e os companheiros enxugaram seis garrafas de cerveja. Ao despedir-se, o

boiadeiro pediu licença para voltar no dia seguinte. O Ribas foi pontual ao *rendez-vous*, mas voltou correctamente vestido, com o apuro da elegancia com que trajava sempre. Só foi reconhecido, depois que tratou de arremedar o boiadeiro da véspera. A espanholita gostou tanto da pilheria, que, em vez de ser a conquistada, sentiu prazer em ser a conquistadora.

O Ribas era um grande cavalleiro; e gostava tanto de andar a cavallo que, numa das férias, foi de S. Paulo ao Rio Grande do Sul, por terra, fazendo toda a viagem a cavallo. Para desfructar da mais confortavel hospitalidade, deixou crescer a barba e vestiu um hábito sacerdotal. Em todos os pousos era acolhido com religioso afago aquelle *padre santo*. Davam-lhe uns gallinhas e ovos; outros, leitôas gordas, fructas, etc. Elle a todos ia abençoando, e tudo que quizesse, era só pedir por bôca».

Interrompeu os estudos, no 4.º anno, para seguir para a guerra do Paraguay, onde se portou com valentia. De passagem por Montevidéo, achou-se numa noite envolvido em tamanho conflicto, elle só contra meia duzia de *blancos* (que ali deixou no chão), que andou mais de uma semana derreado, com um golpe no hombro que levou muito tempo para cicatrizar.

Exerceu a advocacia em Porto Alegre, onde se alistou nas fileiras do partido liberal, que o elegeu deputado á Assembléa Geral, em 1881, depois de ter sido chefe de policia do Rio Grande do Sul. Mas, como entendeu dever prestar apoio ao ministerio Paranaguá, que Gaspar Martins hostilisava, este chefe politico não consentiu que fosse reeleito. Passou, então, para a dissidencia, onde já encontrou o seu correligionario e amigo Fernando Osorio.

Ao ser proclamada a República, Julio de Castilhos, a quem se ligara para combater Gaspar, confiou-lhe a chefia de policia, de onde passou para o Tribunal da Relação de Porto Alegre, nomeado desembargador, em cujo cargo veio a aposentar-se, depois de ministro do Superior Tribunal do Estado.

Em 1892 tive a honra de fundar e installar o Grande Oriente da Maçonaria Rio Grandense, auxiliado pelos meus velhos amigos Luis Affonso de Asambuja, gene-

raí Maciel Sobrinho, dr. João Damasceno Ferreira e desembargador Antonio Antunes Ribas, que ao seu valor pessoal juntava o prestígio do cargo que occupava, auxiliando-nos assim poderosamente, com o que fez juz a ser eleito o primeiro Grão Mestre dessa nova instituição, que relevantes serviços prestou a federalistas e castilhistas durante os ultimos tempos da revolução.

DR. SILVA TAVARES

FRANCISCO DA SILVA TAVARES nasceu na cidade de Bagé a 27 de Setembro de 1846 e falleceu na cidade de Pelotas a 18 de Novembro de 1901. Conria-lhe nas veias sangue de heróes, que figuram neste livro: era filho do general João da Silva Tavares, Visconde do Serro Largo e irmão do general João Nunes da Silva Tavares, Barão de Itaqui.

Diz um dos seus biographos: — «Alto, um tanto corpulento, robusto, moreno, pálido, de uma força herculea. Affavel e communicativo, já no tempo de estudante trazia toda a barba, que era preta e decorativa. Agil e perito na esgrima do florete, nelle frequentemente se exercitava com o seu patricio Diana, e surrava-o sem dó. Que pulso que elle tinha!

Era talentoso e de regular applicação. Captivo dos bellos olhos de uma gentil paulistana, com ella se casou no seu segundo anno de direito». Isto fez com que não apparecesse mais nas *repúblicas* da Paulicéa, só sendo visto nas aulas, ou quando para ellas ia e voltava. Fóra disso, só nas reuniões familiares da melhor sociedade, sempre com a esposa, como exemplar chefe de familia.

Volçando aos *pagos*, fixou residencia em Pelotas, onde em pouco tempo já era um dos mais prestigiosos chefes do partido conservador, cujo bastão de commando estava nas mãos do dr. Mendonça, de quem já tratei. Eleito deputado á Assembléa Provincial em diversas legislaturas, foi finalmente membro da Assembléa Geral, tendo por mais de uma vez desafiado Gaspar Martins, que

então dominava a provincia, batendo-se com elle em numerosos prelios parlamentares, sem que nunca se deixasse vencer, passando ambos de simples adversarios a terríveis e irreconciliaveis inimigos.

O dr. Silva Tavares, que acompanhou com vivo interesse a minha campanha contra Gaspar, desde que este rompeu com meu padrinho (o Visconde de Sinimbu), levantando a célebre questão dos acathólicos, em 1881; sendo eu secretario do governo de uma provincia do norte, escreveu-me, pondo á minha disposição uma cadeira na Assembléa Provincial de Porto Alegre. Essa carta era acompanhada de uma outra, de Fernando Osorio, offerecendo-me o apoio da dissidencia liberal, no caso de eu aceitar o offerecimento do chefe conservador.

Respondi-lhes que sim; pedi uma licença de tres mezes ao governo Imperial, e segui para a nossa terra. O que então se passou está minuciosamente narrado no terceiro volume das minhas *Memorias dignas de memoria*, não sendo este o logar proprio para tratar de assumptos do meu interesse pessoal; mas digo isto, para que se veja de que meios lançava mão o Dr. Silva Tavares, para que o seu inimigo Gaspar não encontrasse só flores no caminho que semeou de tantos espinhos.

«A influencia absorvente de Gaspar (diz o senador Almeida Nogueira), e o seu predominio, mesmo nas situações conservadoras, que raramente lhe ousavam enfrentar o poderio, encaminharam prematuramente para os arraiaes republicanos quasi todas as forças vivas do partido conservador rio-grandense. O Dr. Silva Tavares seguiu essa corrente, de modo que, a 15 de Novembro de 1889, elle e quasi todos os seus, já eram republicanos».

Representou, então, importante papel, na primeira phase da organização do Estado. Posteriormente, porém, desavindo-se com Julio de Castilhos, viu-se reduzido a ficar de lado. E foi assim que, ligando-se aos elementos reaccionarios, seus acérrimos adversarios de outr'ora, sob a denominação de *Federalistas*, elle, seu velho irmão e todos os patriotas de 93, armaram-se e proclamaram a revolução capitaneada por Silva Tavares, Gumercindo Saraiva e o glorioso almirante monarchista Saldanha da Gama.

Noticiando o fallecimento do illustre Dr. Francisco da Silva Tavares, diz uma folha diaria de Pelotas: — «Depois de proclamada a Republica, de que não fôra um adhesista vulgar, mas um esforçado paladino da ultima hora, a mais agitada e vibrante, o Dr. Silva Tavares teve de novo o seu dia de prestigio e não foi desvalorada a sua acção. Retirado á vida privada, assim que terminou a luta sem a victoria que esperava, o distincto e prestimoso rio-grandense voltou-se para os labores industriaes, colhendo-o a morte quando lhe sorriam esperanças de fortuna.»

O CONSELHEIRO CAMARGO

ANTONIO ELEUTHERIO DE CAMARGO nasceu em Porto Alegre em 1846 e falleceu em S. Paulo em 1903. Feitos os seus estudos preparatorios na capital da provincia, assentou praça e seguiu para o Rio de Janeiro com destino á Escola Central, onde completou o curso de engenharia militar e foi promovido por estudos ao posto de 2.º tenente de artilharia.

Regressando a Porto Alegre em 1868, quando mais accesa ia a luta dos partidos politicos que disputavam a posse do poder, pediu demissão do serviço militar e alistou-se nas fileiras do partido liberal. Inteligente, illustrado e audaz, foi rompendo caminho a golpes de energia, revelando a precisa competencia para o desempenho dos cargos de mais responsabilidade.

Fundando-se, então, *A Reforma*, órgão politico do seu partido, foi o Dr. Camargo encarregado de escrever o primeiro artigo, que era um verdadeiro programma; e os seus chefes, ante a brilhante synthese em que elle interpretava o sentir e as aspirações communs, confiaram-lhe a chefia da redacção, em que se conservou até 1884.

Era um temperamento de luta, talhado para affrontar os golpes da opposição, firme no seu posto, embora tivesse de ferir a torto e a direito, dando bastonadas de cego, comtanto que lhe deixassem o caminho livre, em-

bora tivesse de pisar sobre o corpo do amigo da véspera que se tornasse o adversario do momento.

Impulsivo por temperamento, e privando na intimidade de Gaspar Martins, que o instigava a levar tudo por diante, provocou polêmicas que se tornaram memoráveis, em algumas das quaes sahia do campo aberto dos principios para enveredar pelas encruzilhadas da politicagem, chegando mesmo a atolar-se no terreno lodoso das disputas pessoaes, como aconteceu commigo, com Apollinario Porto Alegre. Eudoro Berlink, Carlos von Koseritz e Fernando Osorio.

Foi implacavel commosco, o que nos obrigou a pagar-lhe na mesma moeda. A Koseritz só chamava de allemão intruso, lembrando amiudadas vezes o n.º da porta do xadrez, onde, por imposição de Gaspar Martins, fôra encarcerado, *por abuso de imprensa*. (O n.º 8, se me não falha a memoria). Na discussão commigo, em 1881, ora me chamava de *Byron dos Moinhos de Vento*, ora de *Barão do olho de vidro* (alludindo ao monóculo, que uso desde a juventude).

Na luta com Apollinario, a quem denominava *o doutor Iriema*, como não houvesse o que dizer contra esse character impolluto, andou a catar uns ligeiros descuidos que havia no volume das *Paizagns* (contos regionaes), fazendo cavallo de batalha da maneira porque se suicidara a heroina de um desses contos, mordida no seio por uma serpente; dizendo Camargo que semelhante banalidade era um plagio da morte de Cleópatra, que se fez morder no bico do peito por uma áspide, de veneno lethal.

E repisava o assumpto, procurando ridicularisar a bella e simples chinoca pampeana, de uma timidez virginal, comparando-a como a orgulhosa e turbulenta rainha do Egypto, que profanou o thálamo conjugal, passando dos braços do esposo para os de Cesar, que arrastou do adulterio ao assassinio, prendendo ainda aos seus lúbricos encantos o allucinado Antonio, que para a desposar repudiou Octavia, dando-lhe até as provincias romanas do Oriente, e a quem trahiou, ao vel-o vencido, tentando seduzir o vencedor.

O dr. Camargo reconciliou-se logo com Koseritz, assim que este grande jornalista se bandeou para o

partido liberal; com Apollinario e reconciliação tornou-se impossível, desde que cada um não arredava o pé do terreno de suas convicções; commigo, só depois da proclamação do actual regimen, permanecendo ambos fieis ao nosso rei e á nossa dama (que era a Monarchia), não é de admirar que esquecessemos tudo, nas aras de um ideal sagrado.

O meu adversario implacavel da epoca da prosperidade de ambos, e companheiro leal dos dias de ostracismo e funda saudade do tempo em que ainda tinhamos patria e lberdiade; depois de ter sido deputado provincial, deputado geral, ministro de Sua Magestade o Imperador, que lhe confiou a pasta da guerra, em que prestou assignalados serviços ao exercito, esse mesmo exercito que pouco depois lançou por terra as suas mais altas aspirações, nada mais quiz ser no scenario politico.

Os grandes homens da Monarchia, depois de occupar durante largos annos as mais altas posições sociaes, morriam pobres, mas orgulhosos da sua majestosa pobreza. O conselheiro Antonio Eleutherio de Camargo, para não morrer de fome, entregou-se ao trabalho profissional, até que finalmente lhe foi confiada a presidencia de um banco de S. Paulo, mas isto já no fim da sua vida.

EDUARDO GUINLE

EDUARDO PALASSIN GUINLE nasceu em Porto Alegre a 18 de Março de 1846 e falleceu no Rio de Janeiro a 10 de Março de 1912. Este notavel industrial portoalegrense é um dos mais dignos de admiração, porque, começando a carreira pública sem nada, a não ser a intelligencia e a actividade, chegou a ser o possuidor de uma das maiores fortunas do Brasil, avaliando-se os seus bens em mais de 150:000:000\$00 rs.

Si elle tivesse entrado só, na sua esphera de acção commercial e industrial, mais ampla teria sido a colheita e mais sasonados os fructos do pomar da sua liberalidade; mas, jungido á canga de um socio, de character rotineiro, egoista e sórdido, não podendo assim

soltar as azas do sentimento altruista num vôo desembaraçado e alto, esta foi a razão de não ter cooperado para o progresso da sua terra natal, com o mesmo desprendimento do nosso patricio Visconde de Mauá, deixando por isso de figurar na galeria dos seus bemfeitores.

O socio, tambem rio-grandense e de nome estrangeiro, acaba de morrer, viuvo e sem filhos do casal, continuara na direcção das empresas fundadas por Eduardo Guinle; dizem que chegou a possuir uma fortuna calculada em perto de duzentos mil contos, tal o desenvolvimento da colossal companhia Docas de Santos, neste ultimo decennio. Foi a parasita voraz, enroscada ao tronco da arvore florida, sugando-lhe o succo nutritivo e prendendo em seus tentáculos a ramaria viçosa que poderia estender-se de maneira a produzir refrigerante sombra.

Conheci Eduardo Guinle na nossa terra, quando era eu ainda collegial e elle um obscuro caixeirinho, morando com um primo seu, que foi mais tarde continuo da Assembléa Provincial, em cuja casa Eduardo foi se hospedar, depois de estabelecido na côrte, na viagem que fez em 1872 ou 73, quando me obsequiou com o livro de *Poesias* de Soares de Passos, poeta que ambos admirávamos, e de quem elle recitava commovido *O Noivado do Sepulchro* e com enthusiasmo a ode *O Firmamento*.

Muito joven ainda partiu para a côrte do Imperio, onde, depois de trabalhar como caixeiro, arranjou capitaes emprestados e se estabeleceu com uma pequena loja de ferragens á rua da Quitanda n. 11, dando ao seu estabelecimento o nome de *Tulherias*; conseguiu mais tarde uma bôa empreitada de estrada de ferro em Pernambuco, que produziu magnificos resultados, e em seguida outra, na Bahia, da qual tambem tirou lucros consideraveis, tornando-se depois empreiteiro, por muito tempo, na construcção de trechos da Estrada de Ferro Leopoldina.

Em 1888 organisou finalmente o grande syndicato que obteve o contracto com o Ministerio da Agricultura para as obras colossaes do porto de Santos, em cujos trabalhos preliminares os accionistas desanimaram, devido á inveja, o despeito e má vontade dos que conspiravam contra o arrojado empreendimento, só não desanimando Eduardo Guinle, que confiava no seu valor e na sua bôa es-

trella, comprando pouco a pouco as acções do syndicato, até que ficou finalmente, com o já alludido socio, como unicos donos e directores dos multiplos serviços do porto de mar do Estado de S. Paulo.

Foi Eduardo Guinle o cérebro que idealizou e o braço que realisou a colossal construcção das Docas de Santos. Diante das mais pérfidas intrigas, das maiores decepções, das mais violentas ameaças e até de tentadoras offertas, elle nunca cedeu um passo, nunca se deixou seduzir pelas mais generosas offertas de capitaes estrangeiros, para abrir mão da empreza genuinamente nacional. O seu espirito forte não teve vacillações; a sua vontade era de ferro, e assim venceu, mostrando-se um grande homem.

Para ser-se grande homem, não é mister ser poeta como Goethe, nem heróe como Napoleão. Em todas as esphas da actividade humana ha espaço bastante para permanecer a grandesa. O obscuro inventor da máchina de costura prestou maior serviço á humanidade do que toda a pompa floral dos jardins de Semiramis. O carinho de mão foi o primeiro passo dado no caminho do progresso, para se poder chegar á locomotiva e ao automovel.

A idéa é o relampago, a acção é o raio; o relampago deslumbra, o raio fulmina. Mas a idéa tambem é o clarim que conduz a bandeira da acção aos arraiaes da victoria. O campo da theoria é vasto, mas o da prática é fecundo. Todos os laboratorios da realidade são illuminados por mysteriosas luzes abstractas. Só ha uma coisa mais triste que a mediocridade: — é a vaidosa pretensão dos nullos.

Nem todos os que nascem vivem, como nem todos os que morrem deixam de viver. Aquelles passam, sem deixar um traço da sua passagem; estes, trocando o aspecto objectivo pela existencia subjectiva, permanecem inteiros no facto concreto da sua elaboraçao, quer seja elle o poema ou a ópera, o monumento ou o edificio, a descoberta de um astro ou o exame microscopico de um bacillo pulmonar. A vida é um perenne encañeamento de idéas e factos, vôos e quedas, desde o indeciso alvorecer do berço até o bruxoleio crupuscular do túmulo.

Só vivem os que se emancipam do captivo da morte, transpondo o inverno do esquecimento em demanda da primavera da glória. Levem no corpo as cicatrizes do combate ou do martyrio, mas ostentem na frente a corôa dos fortes ou a auréola dos bons. A auréola é mais radiosa do que a corôa. A bondade vale mais do que a força. Ser grande já é muito; mas ser bom é ainda mais do que ser grande.

Para ser grande, basta ter a philosophia de Confúcio ou a moral de Pythágoras, o orgulho de Alexandre ou a riqueza de Cresos, a esthética de Petronio ou a plástica de Phidias, a coragem de Mucio Scévola ou a fidelidade de Epaminondas, a philantropia de Marco-Aurelio ou o altruismo de Bolívar, o scepticismo de Henrique Heine ou a precocidade de Alvares de Azevedo. Mas para ser bom é mister possuir alguma coisa mais, *um não sei quê, que deve vir não sei donde..* alguma coisa que não saia da crosta deste duro planeta, que deva vir lá de cima; que não seja simplesmente um fatalismo de leis atávicas ou hereditarias, mas de uma transcendencia ideal, que symbolise o bem e o bello.

Ser bom é ser quasi santo. E' fazer como o pelicano, que crava o bico no proprio peito para com o seu sangue alimentar os filhos; ou então como o propheta Eliseu quando offerencia a carne do seu braço ao faisão faminto que perseguia a pomba foragida. E' espalhar, com as pequenas mãos, os grandes beneficios, que fructificam em bênção na seara das almas agradecidas, assim como as esmolas daquelle rainha piedosa, que se transformaram em flores aos olhos do rei maravilhado com esse milagre.

Ser bom é tambem ser forte, para poder defender os fracos; é ser humilde, para conter os impetuosos; ser meigo, para consolar os afflictos; e tambem precisa ser justo, para poder avaliar o valor moral do óbulo da viuva do Evangelho; tolerante, para receber de braços abertos o filho pródigo; e saber amar e perdoar, como Jesus amou e perdôou. Esta é a nossa missão na terra, desde que levamos sobre os hombros o pesado lenho da vida, pelo Calvario ácima, desde que não apparecem a cada passo os cyreneus, e nem todos encontram uma Bernice, que com o seu manto lhes enxugue o suor da frente.

A humanidade seria mais feliz, si em cada centena de grandes homens pudesse encontrar uma dezena de homens bons. A bondade vale mais do que a grandesa, mormente quando a gente vê como são pequenas certas grandezas... o que levou o pessimista a dizer: — *Como são pequenos certos grandes homens!*... Felizmente, porém, no limitado circulo dos grandes apparecem de vez em quando alguns bons, que ampliam a esphera do bem até ultrapassar os limites de outras zonas moraes. — Este porto-alegrense foi um delles, chegando mesmo a dizer-me uma vez que estava intimamente convencido de que o poder do rico não está no seu cofre, mas no numero dos beneficios feitos.

Faltam-me infelizmente os elementos indispensaveis para poder desenhar aqui o admiravel conjunto da obra colossal deste modesto e operoso industrial gaúcho. O seu trabalho individual é de tão ampla complexidade, que se torna preciso analysal-o sob todos os seus principaes aspectos, — o esthético, o moral e o social. E' tão viva a impressão que se sente, ao chegar á cidade de Santos, ante as obras construidas pela companhia de que Eduardo Guinle foi o braço forte que soube dirigir e o cérebro illuminado que idealisara tudo aquillo, que o entusiasmo tolhe a calma precisa para se poder dar uma idéa exacta, como requer a sua descripção minuciosa e completa.

Além disso, a sua capacidade de trabalho e de acção ainda se manifestou em outras empresas, que, debaixo da sua attenta e talentosa direcção, prosperaram cada vez mais, dando assim a medida exacta do seu valor de industrial progressista, que não descansava um só dia, embora a precaria saúde o reclamasse, mourejando sempre nessa actividade que o caracterisava, quando outro qualquer, nas suas condições materiaes, passaria tranquillo o resto de seus dias, á sombra dos louros já colhidos.

Disse o *Jornal do Commercio*, ao noticiar-lhe o passamento: — «O sr. Eduardo Guinle occupava entre nós um lugar de grande destaque pela sua fortuna, pela sua educação e pelas suas admiraveis qualidades emprehendedoras, que honravam sobremodo a nossa raça. Filho do Rio Grande do Sul, começou a sua vida como

um negociante modesto; mas, trabalhador e honesto, pelo seu esforço e fino industrial conquistou no nosso meio a mais invejável situação.

Mudando para o Rio de Janeiro o seu centro de actividade, aqui continuou a trabalhar e a prosperar no commercio, até que deliberou levar a effeito a grande obra do porto de Santos. Não precisamos dizer o que representa esse colossal trabalho de engenharia, que ninguem se animava a emprehender, e que a própria provincia de S. Paulo não se atreveu a iniciar.

A concessão dada em Agosto de 1870 ao Conde da Estrella resultou improficua, e o mesmo aconteceu com a autorisação concedida ao governo provincial em Dezembro de 1882, apesar das successivas prorogações. A tenacidade deste capitalista rio-grandense levou de vencida todos os obstáculos, e a grande obra ahí está como um eloquentissimo attestado do nosso espirito de iniciativa e capacidade para o progresso.

Esforçado, laboriosissimo, o sr. Eduardo Guinle foi empregando aqui os seus capitaes, vendo a sua fortuna augmentar sempre, como um justo premio. Educou e encaminhou os filhos na sua escola de energia, pondo-os á frente de empresas importantes, com a sua assistencia e conselhos, e quando o governo deliberou abrir a Avenida Central, remodelando a cidade, o Sr. Eduardo Guinle foi um dos mais enthusiasmados em acompanhar esse movimento de renovação.

Empregou grandes sommas na construcção de valiosos immoveis, um dos quaes é o mais alto e o mais vasto da América do Sul, além do elegante e artistico theatro que tem nos fundos. Uma enfermidade pertinaz não quiz que o estimado capitalista continuasse a trabalhar pelo engrandecimento material de seu paiz». E assim perdeu o Rio Grande do Sul uma das figuras mais representativas no commercio e na industria, podendo-se mesmo dizer que era Eduardo Guinle o unico brasileiro capaz de continuar a obra do seu illustre conterraneo Visconde de Mauá.

FERNANDO OSORIO

FERNANDO LUIS OSORIO nasceu na cidade de Bagé a 30 de Maio de 1848 e falleceu no Rio de Janeiro a 26 de Novembro de 1896. Era filho do legendario General Osorio, Marquez do Herval, de quem escreveu a biographia, que intitolou — *Historia do General Osorio*, cujo titulo poderia ser — historia militar do Brasil durante o segundo reinado, tal a acção desse glorioso gaúcho nos campos de batalha, até como senador do Imperio e ministro da guerra.

Era bacharel em direito pela Academia do Recife, tendo cursado os tres primeiros annos na de S. Paulo, de onde sahiu por ter-se envolvido numa revolução de estudantes, que por isso foram condemnados a não não continuar os estudos durante algum tempo. Fernando era um idólatra do grande nome paterno, que realmente enchia de nobre orgulho o coração dos rio-grandenses, podendo-se mesmo dizer — do Brasil inteiro.

Fernando, assim que se formou, regressou á terra gaúcha, fixando a residencia na cidade de Pelotas, onde começou a advogar, fundando uma aula nocturna para adultos, um centro abolicionista e uma sociedade literaria, em cuja inauguração fez uma notavel conferencia, que tinha por thema *O Amor da Patria*. Metteu-se na politica, alistando-se nas fileiras do partido liberal, chefiado por seu pai, e foi logo eleito deputado á Assembléa Provincial.

Aos 28 annos de idade já era deputado geral, deixando como representante da nação uma das mais brilhantes páginas dos annaes do parlamentarismo do Imperio, defendendo seu pai, atacado por Gaspar Martins, e fazendo-o de maneira tal, que o imperador me disse um dia: — «Vale a pena ser-se atacado, ás vezes, para ser-se defendido assim.» Fernando foi formidavel, esmagador, com as mãos cheias de documentos que provavam quanto o velho soldado tinha feito em beneficio do seu ingrato protegido.

Camargo, Diana, Florencio de Abreu attonitos de surpresa, pois só então é que puderam avaliar o quanto

esse filho era digno daquelle pai, em vão tentaram desoriental-o com apartes da maior violencia; mas elle, sereno e com a auréola de glorias paternas a bater-lhe em cheio na testa illuminada pelo talento, respondendo a todos os apartes, proseguia de victoria em victoria, até chegar ao fim do seu longo e admiravel discurso.

Fernando tambem era poeta, e musico, desde os tempos de acadêmico: era de sua lavra a poesia *A Escravidão*, por elle mesmo posta em musica, como tambem delle eram a musica e letra do *Hymno Rio-Grandense*. Morto seu glorioso pai, a perseguição de Gaspar Martins foi implacavel, desapparecendo o meu amigo num ostracismo que o martyrisou durante treze annos. Chegou, porém, o dia de reaparecer, na mais elevada posição social, mas... as apparencias enganam.

Elle foi sempre bom, mas o seu destino foi mau. Num dia em que me abria o seu coração ferido, objectei-lhe que a sorte tudo lhe tinha prodigalisado: gloria, fortuna e posição. Respondeu-me: — Como tudo isto é illusorio! olha, meu amigo, no dia em que a multidão tirava os cavallos da carruagem de meu pai, para leval-o em triumpho pelas ruas, elle disse-me: — «Palpo a realidade da victoria, e tudo me parece um sonho!» — Eu tambem palpo a realidade... e sinto o nada em tudo!»

Durante o largo periodo das perseguições victoriosas, Fernando Osorio não se rendeu ao inimigo, que lhe não dava quartel, nem permaneceu de armas ensarilhadas: correu á tribuna e á imprensa, de onde parava todos os golpes, e de penna afiada, desde que começou a combater pelas columnas do *Diario de Pelotas*, na cidade desse nome, fundou, em 1881, *A Discussão*, folha diaria de sua propriedade, publicando artigos que firmaram a sua reputação de jornalista.

E permaneceu em luta accesa, até que veio ao Rio de Janeiro para fazer imprimir a biographia de seu pai, em 1894, sendo então convidado pelo marechal Floriano Peixoto para representar o Brasil na Argentina como nosso ministro plenipotenciario e enviado extraordinario. E desempenhou tão bem esse missão, numa época em que a revolução *Federalista* o obrigava a estar attento, sem tirar os olhos das nossas fronteiras, que o *Marechal de*

Ferro, o chamou para occupar o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal.

Fernando Osorio, antes de dar ao prelo o seu grande livro intitulado *Historia do General Osorio*, pediu-me que o prefaciasse. Escusei-me, não por modestia, mas por não me julgar com a competencia precisa para isso. Instou, até que ficou resolvido o seguinte: como Osorio foi poeta, eu trataria delle sob este aspecto, devendo o General Mitre, seu amigo e companheiro no Paraguay tratar do guerreiro, e o Visconde de Ouro Preto, seu collega no ministerio Sininbú, do estadisto. E assim se fez.

Diz Fernando Osorio, á pag. 114 do seu livro: — «... consultei muito de industria dois poetas contemporaneos: o venerando Dr. A. de Castro Lopes e o meu amigo Mucio Teixeira; aquelle, representante da escola em que Osorio se inspirou; este, poeta genial e fecundo, que acompanha a evolução da poesia moderna. Do juizo delles, que anteriormente se vê, tirei a conclusão de que não me assistia o direito de eliminar essas poesias desta obra».

O meu juizo (que vai da página 28 a 37), foi este: — «*Carta ao Exmo. Dr. Fernando Osorio.* — Meu presado Fernando. Quando, em 1880, em pleno parlamento do Imperio, defendeste a memoria sagrada de teu Pai (que a inveja e a ingratição tentaram assaltar), a alma nacional voltou-se para ti; sympathias unanimes coroaram-te de entusiasticos applausos; e eu acreditei sinceramente que nunca mais poderias alcançar triumpho igual áquelle, embora continuasses a lutar sempre pela causa do Bem e da Justiça, como o tens feito até hoje.

Agora, porém, que vais perpetuar nas páginas de um livro a historia dessa existencia tão util quão extraordinaria, lendo as paginas que a piedade filial foi enchendo de documentos esparsos, episódios inéditos e factos edificantes, não só da vida pública do heróe como da vida intima do homem particular, modifico completamente o meu juizo e vejo que o teu serviço de hoje é incontestavelmente superior ao de hontem; pois, si não arrebatado pelo enthusiasmo, perdurará calma e friamente, pela somma de exemplos e civicas lições que, dados por

teu Pai á Patria e ao nosso tempo, são offerecidos por ti aos povos e á posteridade.

O paiz inteiro, sinão os povos civilizados, estão familiarizados com o nome de Osorio — o Legendario. Todos o admiram como guerreiro, muitos o applaudem como politico; seus correligionarios viram nelle, com surpresa, um completo estadista, quando fez parte do ministerio Sinimbú; os intimos recordam saudosos o amigo dedicado e leal, o pai affectuoso e estremecido, aquelle cuja grandesa épica nada perdia vista de perto, o que é rarissimo nos grandes homens, justificando a phrase que os immortaes, como as montanhas, devem ser vistos de longe.

Cabe-me a melindrosa e honrosissima tareta de apresentar aos nossos contemporaneos a personalidade gloriosa de teu Pai, não como o tradicional guerreiro cujo corcel tremia ao peso da bravura, nem por nenhuma das múltiplas faces da sua entidade moral e social, mas simplesmente por um aspecto inteiramente novo e ainda assim radioso: — como poeta, o que vai sen para a maioria dos seus admiradores uma verdadeira surpresa.

Osorio foi poeta por organização; e as divinas Musas abrasaram-lhe a fronte juvenil com o beijo de fogo da inspiração, mas uma inspiração espontanea como a sua coragem, simples como os seus costumes pampeanos, arrebatada como as suas façanhas no campo das batálfas, e ingenua como a simplicidade dessa alma quasi infantil, de tão pura que era, e que até parecia feita do filtro mágico que ora encrespa a juba dos leões, symbolisando a força, ora agita a pennugem alva e macia das pombas, desenhando a caricia.

Muito cedo consagrado ás duras lides marciaes, o seu talento não se robusteceu num estudo methodico e imprescindível; d'ahi o não vel-o na primeira plana entre os nossos poetas; mas tudo que a natureza pode apresentar, sem os atavios da arte, tudo se encontra na sua maneira de sentir e cantar. — «Ha quem tenha mais espirito que Voltaire... disse alguém: — é o povo!» — Inquestionavelmente, a poesia popular de qualquer nação encerra mais bellezas que muitas das poesias dos erudi-

tos. A poesia de Osorio era assim, singela e harmoniosa, verdadeira e humana». (*)

Para que se veja que não exaggero, quando digo que Fernando parecia não poder vir a alcançar triumpho igual ao que obteve na defesa de seu Pai, em pleno parlamento, dou em seguida alguns dos mais interessantes trechos do seu alludido discurso, que foi indiscutivelmente um dos maiores acontecimentos politicos de todo o longo periodo parlamentar do segundo reinado. — Eil-os:

«O sr. Fernando Osorio — Sr. presidente, a Camara em uma das sessões passadas ouviu, não um discurso, mas um libello accusatorio que proferiu o Sr. Silveira Martins. A Camara sabe que esse deputado, em vez de sustentar o debate, na sua verdadeira altura, desceu ao terreno das questões pessoases (*Apoiados*).

O sr. deputado, depois de haver falado muito de sua pessoa, obedecendo ao impulso da sua vaidade; depois de se haver exaltado ao ultimo ceu, collocando-se acima de todos os habitantes deste globo (*riso*), occupouse com a minha humilde individualidade; e não contente com insultar o nosso collega, dr. Flores, impiedosamente desrespeitou a memoria do general Osorio, meu Pai, não detendo o seu arrojo inaudito nem mesmo diante da majestade de um tumulo! (*Apoiados*).

Eu tenho necessidade de destruir esse libello, que figurará nos annaes do parlamento. Na opinião do sr. Silveira Martins eu sou reu; é reu o general Osorio. Pois bem, srs., dai logar á nossa defesa e depois julgai-nos, a nós e aos nossos accusadores. Levantarei a luva no terreno em que a atirou o sr. Silveira Martins. Sinto que elle esteja ausente, porque eu queria encarar face a face o meu contendor; mas toda a Camara sabe que eu estava inscripto para responder a s. ex. neste debate (*apoiados*), e s. ex. mesmo sabia disto, portanto não poderá dizer que me aproveitei da sua ausencia.

Demais s. ex. deixou ali (*apontando para os srs. Camargo, Florencio e Diana*), amigos entusiastas, que em sua defesa queimarão o ultimo cartucho. Com elles, terei de entender-me. (*Sensação*.)

(*) Estes são os tópicos essenciaes do meu juizo, que é demasiado longo para ser transcripto na integra. — M. T.

Aproveito a ocasião para notar que o sr. Silveira Martins, tendo declarado que o seu primeiro passo como senador seria propôr a temporariedade do Senado, agora que se discute a reforma eleitoral, e que podia apresentar emendas em favor da sua idéa, de que tanto fez alarde, abandona o seu posto e parte pressuroso para a nossa provincia! (*Apoiados*).

Uma voz: — Volta breve...

O sr. Fernando Osorio: — Veremos! Mas, sr. presidente, antes de tudo trarei ao conhecimento da Câmara um caso curioso. Vou mostrar como se faz a opinião pública, como se arma a popularidade apunhalando a verdade. Os nobres deputados são testemunha do que occorreu neste recinto no dia da minha interpeação ao sr. presidente do Conselho, e hão de se lembrar de que, quando eu e o sr. conselheiro Saraiva falavamos, reinou o mais profundo silencio, não havendo a minima manifestação desta casa nem das galerias.

— *Vozes:* — Isto é verdade.

— *O sr. Fernando Osorio:* — Pois bem, para o Rio Grande do Sul mandaram telegrammas assim (*lê*): — «Hurrahs ao Rio Grande do Sul! Desde muito cedo havia grande multidão aguardando abertura da Camara. Saraiva respondeu a interpeação Fernando, elevando-se a uma altura esplendida. O proeminente brasileiro Gaspar Martins obteve um triumpho raro nos annaes parlamentares. Teve momentos sublimes, quando fez o elogio da sua heroica provincia. Applausos frenéticos nas galerias. Sahuu da Camara entre vivas e acclamações. A' noite ruidosa manifestação popular. Ajuntamento de mais de quarenta mil pessoas. Musicas, discursos, poesias. Felicito os amigos do Rio Grande do Sul». — Assim se escreve a historia! (*Risadas prolongadas*).

Uma voz: — Bom meio de fazer popularidade! Que audacia!

Sr. Diana: — Mas quem mandou esse telegramma?

O sr. Fernando Osorio: — Eu não fui por certo.

O sr. Florencio: — Nem nenhum de nós.

O sr. Fernando Osorio: — Não sei. O sr. Silveira Martins teve a indiscreção de declarar nesta Camara (dirigindo-me uma insinuação), que nunca teve *pai alcaide*, que entrou para a politica desamparado; que nunca pre-

cisou da protecção de ninguém, e que *sahiu do jogaõ dos gaúchos com a bandeira da liberdade*. Foram estas as suas palavras.

Pois bem, eu vou demonstrar que não é verdade; eu vou deixar completamente provado que si o sr. deputado não teve *pai alcaide*, teve *tutor*, que si não foi filho, foi *pupillo*. O sr. Silveira Martins não sahio do togão dos gaúchos para a politica; sahio do juizado municipal da Côrte, logar para que havia sido nomeado pelo distincto conservador sr. Muritiba. Sahio finalmente da protecção que lhe deu o general Osorio, meu Pai, que o fez deputado provincial primeiramente!

Eis aqui a carta que lhe dirigiu o sr. Silveira Martins, desta Côrte, em 21 de Fevereiro de 1862 (*lê*):

«Meu caro general. Aqui vi o resultado da eleição provincial, e dou-lhe *mil agradecimentos* pelo que por mim fez; sei quanto é difficil apresentar *um candidato que por si nada faz*, nem mesmo pede, mas a minha posição e ausencia a isso me obrigaram; magistrado, longe da provincia, elles perguntariam *que quereis aqui?* e *não me acreditariam*, ainda que eu seja um homem de falar sempre a verdade. O que lhe peço é que v. ex. dê suas ordens a quem muito folga em cumpril-as, por ser de v. ex. patricio, amigo obrigadissimo — *G. Silveira Martins*». — Eis aqui o politico do fogão, que nunca teve pai alcaide! (*Profunda sensação*).

Feita logo depois a eleição, entrando em luta liberaes-historicos e progressistas, não conseguiu o sr. Silveira Martins sahir eleito, mas empatar com o candidato progressista sr. Pinheiro Machado, (*). Ambos vieram para a côrte disputar a cadeira de deputado perante a Camara. O sr. Silveira Martins hoje diz que nunca dependeu do general Osorio, mas a verdade é que s. ex. em 21 de Janeiro de 1864 lhe escrevia da côrte, no meio dos seus apuros, a seguinte carta: — «Meu caro general. — Precisamos todos que eu entre, sinão a reorganisação da Guarda Nacional, que o ministerio annuncia, dará cabo de nós, e na occasião v. ex. *como chefe do nosso partido* não deixará de certo de *nos dar as*

(*) O coronel da Guarda Nacional Pinheiro Machado, pai do futuro general e senador do mesmo nome.

suas ordens para eu reclamar o que fôr a nosso favor. Disponha deste seu patricio e amigo do coração. — G. Silveira Martins.»

Sr. presidente, a sorte decidiu na Camara em favor do sr. Pinheiro Machado, que tomou assento, e o sr. Silveira Martins foi excluído. Em fins de 1864 declarou-se a guerra contra o Estado Oriental. As nossas forças passaram a fronteira. Lutámos e vencemos; porém, em 1865, fomos obrigados a levar a guerra ao Paraguay, sendo o general Osorio o commandante em chefe do exército brasileiro.

A Camara havia sido dissolvida. Novas eleições iam ter logar; e apesar do conselho de abstenção ás urnas, que deu o centro liberal na côrte aos seus amigos das provincias, entendeu o sr. Silveira Martins que podia pleitear a eleição aos conservadores no Rio Grande do Sul e vencer sem o concurso de Osorio e outros chefes. Engano! Em breve tempo viu-se em sérias difficuldades, e a 9 de Setembro desse anno escreveu de Pelotas a seguinte carta ao general Osorio:

«Meu caro general. — Aqui me acho em Pelotas; está tudo mesmo que é uma mistura de grêlos (*risadas*), falta aqui v. ex. para *ditar a lei*, mas na sua falta vai cada um fazendo o que pode. Fui ao Rio; falei com os nossos amigos, e a grande urgencia é mandar liberaes á Camara; eu conto quasi *infallivel o meu triumpho*, mas v. ex. sabe que nestes negocios não ha certesa, portanto *peço-lhe que d'ahi mesmo me recomende*. — De v. ex. amigo e patricio obrigado. — *G. Silveira Martins.*» Mas quem teve o *triumpho infallivel* não foi o sr. Silveira Martins, mas sim o partido conservador.

E assim fica assentado e sabido que a unica vez que s. ex. quiz dirigir a eleição, para se fazer eleger, foi derrotado. Podia o sr. Silveira Martins affirmar que jamais dependeu de Osorio?

Esse sr. deputado, não podendo desconhecer as glorias militares do general Osorio, todavia achou que ellas eram *muito communs*; mas com relação á politica, desconheceu-as formalmente. Pouco faltou para collocar a sua victima na classe das nullidades!...

Mas é Felix da Cunha, o sempre lembrado patriota, quem vai contestar ao sr. Silveira Martins na seguinte

carta de 24 de Agosto de 1863 (*lê*): — «Exmo. amigo sr. general. — «Eu ainda não falei na victoria d'ahi! Não podia ser mais brilhante. Applaudi-a mas não surprehendeu-me, porque sabia de que pulso e tino era o general que commandava essa divisão, e que *é quem anima com seu influxo a todo o exército.* — De v. ex. amigo muito grato. — *Felix da Cunha.*»

Respondendo a um aparte de Florencio de Abreu, disse Fernando Osorio: — Oh! srs! pois o sr. deputado não se recorda de que applaudiu, ha dias, com os seus dois companheiros (Camargo e Diana), ao sr. Silveira Martins, quando este comparou Osorio a Pausanias, o traidor? Não se recorda de que disse, em seu discurso de 19 do passado, que Osorio nunca teve influencia politica no primeiro districto, nunca fôra o director politico do partido na provincia, nunca organisara lista de candidatos? Não se recorda que ha pouco tempo, depois de Osorio morto, a *Reforma* de Porto Alegre, debaixo da redacção de v. ex. e do sr. Camargo, escrevia em artigos editoriaes que elle havia morrido impopular? (*Apoiados geraes*)

O sr. Diana: — «A discussão é inconvenientissima neste terreno»...

O sr. Fernando Osorio: — Ah! pensam agora assim?! Mas quem collocou aqui a questão no terreno pessoal?! Quem foi que a provocou? Estão arrependidos? Ouçam a resposta! (*Lê uma carta do sr. Henrique d'Avila, que era então o presidente da provincia do Rio Grande do Sul*). Nessa carta ha este tópico: — «Exmo. amigo sr. marquez do Herval: — Estamos com eleições á porta. Necessitamos o valiosissimo auxilio de v. ex., *unico nome* que ainda vale para a maioria dos nossos patricios».

Cruzaram-se os seguintes apartes: — Isto é irresponsivel!

— Que dirá a isto o sr. Gaspar? — Por que emudecem os seus amigos presentes? — Perguntou o sr. Zama: — «E ainda ha quem negue a influencia politica de Osorio?»

O sr. Fernando Osorio: — Ha um cidadão na minha provincia que tendo tido noticia de certas ingratições, proferiu a seguinte phrase: — «Com effeito! entretanto o general Osorio foi muito aproveitado»...

Até aqui, creio ter demonstrado, primeiro que é um fogão fantástico esse de onde o sr. Silveira Martins diz que sahiu com a bandeira da liberdade, *sem pai alcaide*; segundo, que desde o seu primeiro passo em politica dependeu da protecção de mei Pai, cuja influencia já naquelle tempo era reconhecida por elle e por outros.

Agora tratarei de provar que não faltei á verdade quando disse que o general Osorio trabalhou muito pelo seu partido. (*Apoiados*).

Falou ainda, durante mais de duas horas, demonstrando os grandes serviços de Osorio, não só ao partido liberal, como á nossa patria, tanto no papel de guerreiro como no de estadista. Fernando Osorio foi delirantemente applaudido e abraçado por todos os seus collegas, com excepção da bancada rio-grandense. Levantou-se essa memoravel sessão ás 7 horas da noite.

RAMIRO BARCELLOS

RAMIRO BARCELLOS nasceu na villa da Cachoeira em 1850 e falleceu na cidade do Rio Grande em 1915.

Feitos os seus preparatorios em Porto Alegre, seguiu para a côrte do Imperio, onde se doutorou em medicina, depois de um curso notavel, em que mais se distinguiu como literato e poeta do que mesmo como bom estudante.

O seu talento, robustecido por estudos variados, era dos mais festejados naquella geração de moços independentes. Regressando á provincia logo depois de formado, exerceu a medicina com verdadeiro exito, mas, versatil e ambicioso de renome, voltou-se de preferencia para a politica, alistando-se nas fileiras do partido liberal.

Eleito deputado á Assembléa Provincial, distinguise como orador, tomando parte nas mais renhidas discussões, e fazendo-se temivel pela violencia no assalto e a formidavel somma de conhecimentos que revelava sobre qaulquer assumpto em discussão. Assim é que, sendo médico, discutia sobre pontes e calçadas com os enge-

nheiros, questões de direito civil com os juriconsultos e de direito militar, entrando em particularidades sobre a técnica disciplinar e estratégica, com os mais competentes officiaes do exército.

Gaspar Martins não olhava para elle com bons olhos, por ver naquelle seu commandado um dyscolo, que a cada momento oppunha resistencia á ferrenha disciplina partidaria; e foi por isso que, sendo um dos redactores do orgão official do partido, desfraldou bandeira de idéas alheias ao programma desse jornal, passando-se com armas e bagagem para os arraiaes da opposição.

Proclamado o actual regimen, as suas aptidões foram logo aproveitadas pelos novos dirigentes do Rio Grande do Sul, que o elegeram deputado ao Congresso Constituinte, sendo deputado federal em diversas legislaturas e finalmente senador, distinguindo-se em todos esses congressos, onde algumas vezes se excedeu, mostrando-se intolerante e violento.

Conta-se delle a triste façanha, de chicotear dentro da propria redacção da *Gazeta da Tarde* ao director dessa folha vespertina, que lhe faltara com o devido respeito, sendo esse jornalista (dr. Gustavo Rego Macedo) um decrépito, com o organismo já minado pela generalisação da arterio-sclerose.

Terminado o periodo senatorial, Ramiro Barcellos voltou á terra gaúcha, assumindo a direcção do serviço das obras da barra do Rio Grande, depois de ter dirigido na Cachoeira uma grande empresa industrial, que lhe promettia grandes lucros materiaes. A versatilidade do seu character, porém, ao serviço de um genio imperativo, não lhe permittia permanecer muito tempo no mesmo posto.

Quando, no fim da guerra de *Canudos*, um *complot* politico determinou a eliminacção absoluta do presidente da República, que escapou de ser assassinado, no Arsenal de Guerra, fazendo-se immolar, na sua defesa, o bravo marechal Machado Bittencourt, que ali cahiu assassinado; o governo mandou prender os mais eminentes chefes da opposição, que foram logo restituídos á liberdade, rebentando a bomba nas mãos do que talvez tivesse menor responsabilidade, o rio-grandense Deocleciano Mar-

tyr, então simples solicitador e audaz jacobino, hoje paco Conde do Papa.

Ramiro Barcellos estava em casa de Pinheiro Machado, quando receberam ambos voz de prisão. Ramiro, puxando do revólver, que sempre trazia, quiz resistir, mas Pinheiro, com aquella soberana calma com que resolvía as mais graves questões, desarmou-o, dizendo-lhe:

— Estás louco? não vês que não ha nada como um dia depois do outro? Si temos a consciencia tranquilla, nada poderão fazer, sinão confessarem-se arrependidos de haver commettido esta violencia.

Foram d'ali para o estado-maior da Brigada Policial, de onde sahiram depois de patenteada a innocencia de ambos no tal *complot* no qual se achavam compromettidos o proprio vice-presidente da República (Dr. Manuel Victorino), o chefe paulista Francisco Glycerio, e outros.

Dava gosto ouvil-o. Ramiro Barcellos discorria sobre qualquer assumpto, tal o brilho faiscante da sua phrase torrencial, em que a imaginação do poeta corria emparelhada com a erudição do polygrapho. Os seus cabellos brancos contrastavam com a frescura do espirito, que se conservou vigoroso durante toda a sua longa vida. Ramiro Barcellos foi tambem ministro diplomático no Estado Oriental.

Instado por elle e Pinheiro Machado, eu ia amiudadas vezes ao Senado, onde ficávamos horas esquecidas, na sala do café, a falar de tudo (menos da vida alheia), num grupo de verdadeiros gigantes: o Trovão, o Ellis, o Martinho Garcez, o padre Alberto, hoje bispo do Ribeirão Preto, e Eu, que os continuos denominavam de *senador honorario*, ignorando que, na República, o mais que posso ser é occultista, mesmo vivendo ás claras, sem saborear as gemmas, o que não me faz gemer.

OLIVEIRA BELLO II

LUIS ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO, filho do desembargador do mesmo nome, nasceu em Porto Alegre, a 17 de Agosto de 1851 e falleceu numa faeznda do

interior do Rio de Janeiro em 1914. Feitos os estudos preparatorios na terra do seu berço, seguiu para S. Paulo, onde se formou em direito, deixando na Academia a fama de primeiro orador da sua geração, em que havia poetas e oradores notaveis.

Pouco depois de formado, foi nomeado presidente da provincia de Santa Catharina e mais tarde eleito deputado á Assembléa Geral Legislativa, onde todos esperavam vel-o na altura do renome conquistado em S. Paulo, conservando-se elle silencioso, naturalmente, por ter-se filiado ao partido conservador, em obediencia ás tradições paternas, quando as suas idéas eram ultra-liberaes.

Casando-se com uma das herdeiras mais ricas da provincia do Rio, abandonou a politica, dedicando-se á grande lavoura, consagrando-se tranquillamente á leitura e á elaboração litteraria, fazendo então publicar o seu romance, *Os Farrapos*, historico e de costumes regionaes.

A ultima vez em que nos encontrámos, na rua do Ouvidor, disse-me que tinha em adiantada via de elaboração um outro romance, tambem regional; e já prompto, para ser dado em seguida ao prelo, um livro de contos rio-grandenses. Mas infelizmente até hoje não foram dados á publicidade.

Oliveira Bello era franzino, de pequena estatura, sympathico e insinuante; olhos de uma vivacidade luminosa; e de uma calvice prematura, que fazia lembrar o poeta Soares de Passos, ou o seu orador predilecto — Emilio Castelar. Teve na juventude aventuras galantes, apaixonando-se por elle uma poetisa fluminense, que lhe perguntou (em versos) porque não voltava aos seus braços, quando voltavam as andorinhas ao ninho, o que a fazia «velar-se na mantilha da tristesa, como a Sapho na escuma do escarcéu»...

Indo a Porto Alegre assim que completou o seu curso de direito, a mocidade do Parthenon recebeu-o de braços abertos, publicando-lhe o retrato no numero da *Revista* daquelle mez e consagrando-lhe uma brilhante festa litteraria, presidida pelo dr. Caldre e Fião, na qual foi saudado por diversos oradores, fazendo elle então um bello discurso, que sinto não ter á mão, para com a sua transcripção poder fechar estas linhas com chave de oiro.

Mostrando-lhe eu o meu volume de *Violetas*, que estava colleccionando para dar á publicidade, escreveu-me pela imprensa uma grande *Carta-aberta*, que entendi dever transcrever nesse livro, em prova do alto conceito em que o tinha. Dessa carta passo a transcrever alguns tópicos, não por vaidade, mas para mostrar como era brilhante o seu estylo. — Eil-os:

«Tem o meu joven poeta muitos versos bons em seu livro; tem principalmente o sr. Mucio Teixeira muita poesia em seus versos, mesmo naquelles que não são completamente irreprehensíveis; quer dizer que é poeta da alma, que tem em sua sensibilidade, em seu espirito, essa harpa eólia das harmonias naturaes, vibrada no intimo do sêr por um sopro ignoto, por um nome mysterioso, — o estro, a inspiração.

Ha em suas estrophes um ressumbrar de melodia natural, dessa melodia que certas imaginações instinctivamente poéticas trescalam, e que bem poderamos chamar os perfumes da intelligencia.

Si ha diamantes, que é mister mondar laboriosamente da crosta rude e espessa, para que o iris que ella occultava jorre em luz cambiante, outros ha, meio desbravados já pela natureza, que ao primeiro olhar do mineiro respondem com a irradiação de um fulgor bravio. O seu talento poético sahiu da infancia como esses diamantes sahem da jazida, já meio lapidado».

CASSIANO DO NASCIMENTO

ALEXANDRE CASSIANO DO NASCIMENTO nasceu na cidade de Pelotas a 13 de Agosto de 1856 e falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 9 de Novembro de 1912. Era bacharel em direito pela Academia de S. Paulo e foi um dos companheiros de Julio de Castilhas na propaganda republicana, levantada por elles no Rio Grande do Sul, dez annos depois de ser ali iniciada e mantida por Apollinario, com os moços do Parthenon e alguns alumnos da Escola Militar de Porto Alegre.

O imperador D. Pedro II dera tanta liberdade aos seus súbditos, durante todo o seu reinado, que muitos, delles chegaram a occupar os mais elevados cargos, não só de eleição como de nomeação, desde Torres Homem, o autor do *Timandro*, que nomeou seu ministro, até Salvador de Mendonça, que passou da direcção d'*A Republica* para um consulado privativo na América do Norte, cuja nomeação deu logar a uma das mais felizes phrases de espirito do magnánimo soberano.

Quando Salvador foi ao paço de S. Christovam, dizendo á Sua Majestade que ia receber as suas ordens, o imperador sorriu, dizendo-lhe: — «Não tenho ordens a dar-lhe; apenas faço votos, para que o sr. preste tão bons serviços ao Imperio, nessa Republica, quantos prestou á sua *Republica* no meu Imperio».

E foi assim que o propagandista republicano Cassiano do Nascimento continuou tranquillamente a fazer a sua ardente propaganda, mesmo depois de nomeado promotor público da cidade do Rio Grande (1880) e juiz municipal da comarca de Sant'Anna do Livramento, em 1882, onde se conservou durante dois annos, apresentando-se candidato na Assembléa Provincial, pelo seu partido, que ainda não dispunha de eleitores bastantes para a victoria nas urnas, o que determinou a sua derrota, pois só depois de 15 de Novembro de 1889 foi que esse partido obedeceu á intimação do conselheiro João Alfredo, que lhe dissera: — «Cresça e appareça»...

Desde 1884 até 1889 Cassiano do Nascimento andou a fazer conferencias pelas cidades e villas da campanha, enquanto faziam o mesmo em outros pontos da provincia Demetrio Ribeiro e Pinheiro Machado, permanecendo Assis Brasil e Julio de Castilhos em Porto Alegre, aquelle dando combate a Gaspar Martins na Assembléa Provincial, este nas columnas da *Federação*.

Com o advento do novo regimen, Cassiano foi eleito deputado á Constituinte, e de então por diante a sua carreira politica foi de victoria em victoria; e teve tão boa estrella que, sendo o *leader* da opposição no Congresso ao Marechal Floriano, este o chamou para fazer parte do seu governo, dando-lhe a pasta das Relações Exteriores e a gerencia interina de outras, como a do Interior e a

da Fazenda, até que fossem occupadas definitivamente por outros ministros.

Cassiano foi ainda vice-presidente do Estado e senador federal, no desempenho de cujo cargo a morte o colheu, repentinamente, depois de um baile no Cattete, onde começou a sentir-se mal, retirando-se apressadamente, até que morreu, poucos momentos depois de ter chegado á sua residencia. Nessa tarde ainda estivemos juntos, na Avenida, perguntando-me *si ainda lhe dava muitos annos de vida...* ao que respondi affirmativamente, abraçando-me elle com effusão. Mas ao senador Ellis, que me ouvira dizer aquillo, accrescentei que ás vezes mentia com restricções mentaes, aos moribundos, outras vezes ás mulheres...

BARROS CASSAL

JOAO DE BARROS CASSAL nasceu em Porto Alegre em 1858 e falleceu no interior do Matto Grosso á 16 de Outubro de 1903.

Fez os estudos preparatorios na terra natal, sendo meu companheiro de collegio, o que lembro aqui, por ter-se dado connosco o seguinte facto, quando ainda ambos éramos meninos: numa briga, entre outras coisas, dise-me elle, perguntando em tom sarcástico: — «Os Mucios romanos eram Consules; tu que serás? — Serei consul tambem» — respondi-lhe com orgulho.

Muitos annos depois, quando fui nomeado, pela Princesa Isabel — a Redemptora, Consul Geral do Brasil nos Estados Unidos de Venezuela, a 18 de Abril de 1888, nesta mesma data escrevi ao meu amigo Cassal, dizendo-lhe que o Mucio rio-grandense já era Consul, conforme a sua resposta prophetica de tanto tempo antes.

Barros Cassal, deixando Porto Alegre para fazer os preparatorios no Rio de Janeiro, viu-se um dia sem mesada, tendo de recorrer ao nosso commum amigo Manuel Monjardin, que lhe deu casa e comida, aprendendo tachygraphia com Annibal Falcão, que sempre o protegeu, vindo mais tarde a serem cunhados, casando-se o Cas-

sal com a unica irmã de Annibal, uma santa de resignação e bondade, chamada Sylvia.

A profissão, que o obrigava a trabalhar nas Assembléas provinciaes, fez com que tirasse o curso de direito em Pernambuco, depois de ter feito os primeiros 3 annos em S. Paulo. Continuou a exercel-a depois de formado, andando assim do norte para o sul e do sul para o norte, conforme os contractos com as casas parlamentares, até que, ao ser proclamado o actual regimen, Annibal foi eleito deputado á Constituinte Federal e Barros Cassal nomeado o primeiro chefe de policia do Estado do Rio Grande do Sul.

Pouco tempo, porém, occupou esse cargo, onde revelou competencia e a precisa energia, numa época da mais completa transformação social. Mas o general dictador, que acabava de sahir das fileiras do partido conservador, para dirigir despóticamente o improvisado Governo Provisorio, não confiava nos moços propagandistas, a começar por Silva Jardim, a quem negou pão e agua, o que o levou a ir morrer de maneira trágica longe da patria, desapparecendo repentinamente numa das crateras do Vesuvio.

Deodoro continuava a dar pulso forte aos adherentes e adhesistas, que sem escrúpulos de ordem moral mostravam ser *pau para toda obra...* tres dos quaes chegaram até á presidencia da Republica (Affonso Penna, Rodrigues Alves e Hermes da Fonseca), não acontecendo o mesmo a Ruy Barbosa, porque, sempre que disputou esse cargo, foi repellido pelas urnas. Insurgiram-se, então, os republicanos históricos, cuja indignação explodiu pela bôca de Julio de Castilhos, quando disse:

«A Republica foi preparada pelos republicanos, foi feita pelos republicanos, (*) estamos no inicio da sua organização institucional, e, entretanto, quem é que governa? São os republicanos? Não! Elles têm o apoio do exército, o applauso do povo, estão com todo o seu prestigio, é o que esta extraordinaria manifestação demonstra, mas elles não governam».

(*) Foi feita pelas 400 praças da guarnição da côrte, que se sublevaram sob a direcção do major Solon, que arrastou Deodoro, com um cáustico no peito, até ao quartel-general do Campo de Sant'Anna.

«Estas palavras (diz um historiador) exaltaram os animos. O governo pela calada tomava medidas preventivas. Os republicanos por seu turno preparavam-se para mostrar sua força, e surgiram os tristes successos de 13 de Maio de 1890, em que Barros Cassal, em plena rua dos Andradas, cahiu varado por uma descarga de infantaria»... Cassal, que era mais que tudo um tribuno, audaz e destemido como Fausto Cardoso, outro bello typo de lutador intrépido, que pagou com a vida os seus generosos impulsos, Cassal, felizmente não morreu ali, de onde foi conduzido ao seu feito, em estado grave.

E assim poudo continuar a prestar os mais assignalados serviços á causa que tinha nelle um dos seus mais abnegados defensores, podendo á 3 de Março de 1892 receber o governo do nosso Estado das mãos do general Barreto Leite, já tendo feito parte da Junta Governativa que surgiu do *golpe de Estado* de Deodoro a 12 de Novembro de 1891, o que levou Floriano Peixoto, a depôl-o, poucos dias depois, a 23 do mesmo mez.

Julio de Castilhos tinha alguma parecença moral com o seu adversario e inimigo pessoal Gaspar Martins. Eram ambos violentos, não querendo ver homens comsigo, mas simples autômatos. Cassal, que tambem era violento e audaz, não podia receber ordens imperativas, julgando-se no direito de discutil-as, acceitando-as ou não. Julio bateu o pé. Cassal deu-lhe as costas, tornando-se seu irreconciliavel inimigo. A morte, só a morte poderia aproximal-os: e por coincidência morreu um sete dias depois do outro.

Castilhos levou tão longe a sua perseguição, que fez com que o Superior Tribunal do Estado decretasse uma lei de banimento, não podendo Cassal pisar no solo gaúcho sem correr risco de ser preso, sinão assassinado, pois as coisas por lá, naquelle tempo, eram decididas á bala ou á faca no pescoço. E Barros Cassal, que entrara na vida como o Judeu Errante da lenda, mas podendo livremente bater a todas as portas, acolhido de sul a norte, acabou os seus dias, numa tristesa de Ashaverus, sem poder entrar mais no proprio Estado que já tinha administrado.

Errante, de novo, cresceu o seu ódio contra os seus proprios amigos da véspera, e assim poz a sua eloquencia

de tribuno ao serviço dos adversarios de tantos annos, a elles si ligando no proposito de se vingar de Julio, contra o qual chegou a tomar armas, na guerra federalista. Mas, gasto pelos soffrimentos, não pela idade, sem recursos para manter a numerosa familia, só por ella, o rebellado curvou a frente aos rigores da sorte, indo como caixeiro-viajante negociar os productos de uma casa industrial de Montevidéo... e numa dessas excursões morreu, como os tigres no deserto, no interior do Estado do Matto Grosso.

ERNESTO ALVES

ERNESTO ALVES DE OLIVEIRA nasceu na cidade de Rio Pardo a 21 de Abril de 1862 e falleceu em Porto Alegre a 21 de Agosto de 1891. Fez os preparatorios no Collegio Gomes, com Assis Brasil e Julio de Castilhos, seguindo com elles para S. Paulo, onde se formou em sciencias juridicas e sociaes em 1883, depois de fazer a sua brilhante estréa na imprensa acadêmica da Paulicêa.

Propagandista republicano desde os verdes annos, assim que foi proclamada a Republica a sua acção na politica, estadual foi de um verdadeiro organisador. Afastou-se, então, da imprensa, onde se batera com adversarios da elevação mental de um Koseritz, um Berlink e um Ignacio de Vasconcellos, para prestar serviços de outra ordem ao partido, de que foi um dos mais considerados chefes na capital gaúcha.

Eleito deputado á Constituinte Federal, a sua acção não se manifestou na altura do renome conquistado, limitando-se apenas a serviços de commissões, quando o seu talento de orador podia encontrar ali um campo aberto ás suas aspirações; manteve-se silencioso, não porque não disposesse dos elementos precisos para a conquista das glorias tribunicias, mas porque a tuberculose pulmonar avançava a passos largos, cavando a sepultura onde desapareceu tão cedo.

Observa um publicista que «a eloquencia parlamentar é uma luta permanente em que cada orador empenha, sem-

pre que intervêm, toda a sua notoriedade. Apaixonadora e terrível, a um tempo desejo e temor, a preocupação da tribuna empolga todo homem politico, pois é uma prova decisiva na estréa e sempre perigosa no decurso de toda a carreira.

A eloquencia parlamentar é uma arte difficil, mais, talvez do que a do pulpito, a do fôro e a da cadeira do magisterio. O orador parlamentar não se acha na situação do actor que recita de côr um monologo ante um auditorio favoravel, ou neutro. Encontra, em qualquer occasião, adversarios, contradictores, mais ou menos poderosos, que tambem mais ou menos, facilmente consegue abater, mas com os quaes se deve medir, lançando, não raro, olhares inquietos para o lado dos proprios amigos, com cuja defecção cumpre contar.

Subir assim á tribuna importa travar pugilato, entrar em accesa e incerta peleja. Esta posição de isolado, baticido pela tempestade num rochedo, (continúa o alludido escriptor), nada apresenta de particularmente regosijadora e inspira, ás vezes, genuino terror.

Nem todos os parlamentares o confessam, mas todos têm a consciencia disso. Um dos maiores, Guizot, analisa, em suas *Memorias*, o factó, com a habitual ponderação: «O orador politico, diz elle, está em continuo dialogo de um lado com apaixonados inimigos, do outro com amigos exigentes que funcionam como juizes.

E não é só com esses contradictores declarados, com esses rivaes da palavra, que tem de arcar: enfrenta, falando, toda a assembléa que o ouve e cujo silencio é preciso que elle observe e comprehenda. Si não adivinha os movimentos rapidos e confusos que ali se produzem, si não lê as impressões dos rostos, poderá falar bem, mas a sua palavra será ora fria e vã, ora mal comprehendida, mal interpretada, e volvida contra elle».

Ernesto Alves, vendo que lhe faltavam as forças para entrar numa luta, de que no goso da saúde perdida só poderia sahir victorioso, mas que, doente como estava, nem lhe permittia manter-se firme na arena; com verdadeira e profunda tristesa viu que o seu lugar não era ali, onde outros, sem o seu preparo nem as suas aptidões demonstradas, mas no goso de perfeita saúde, colhiam os louros que o destino lhe arrancava.

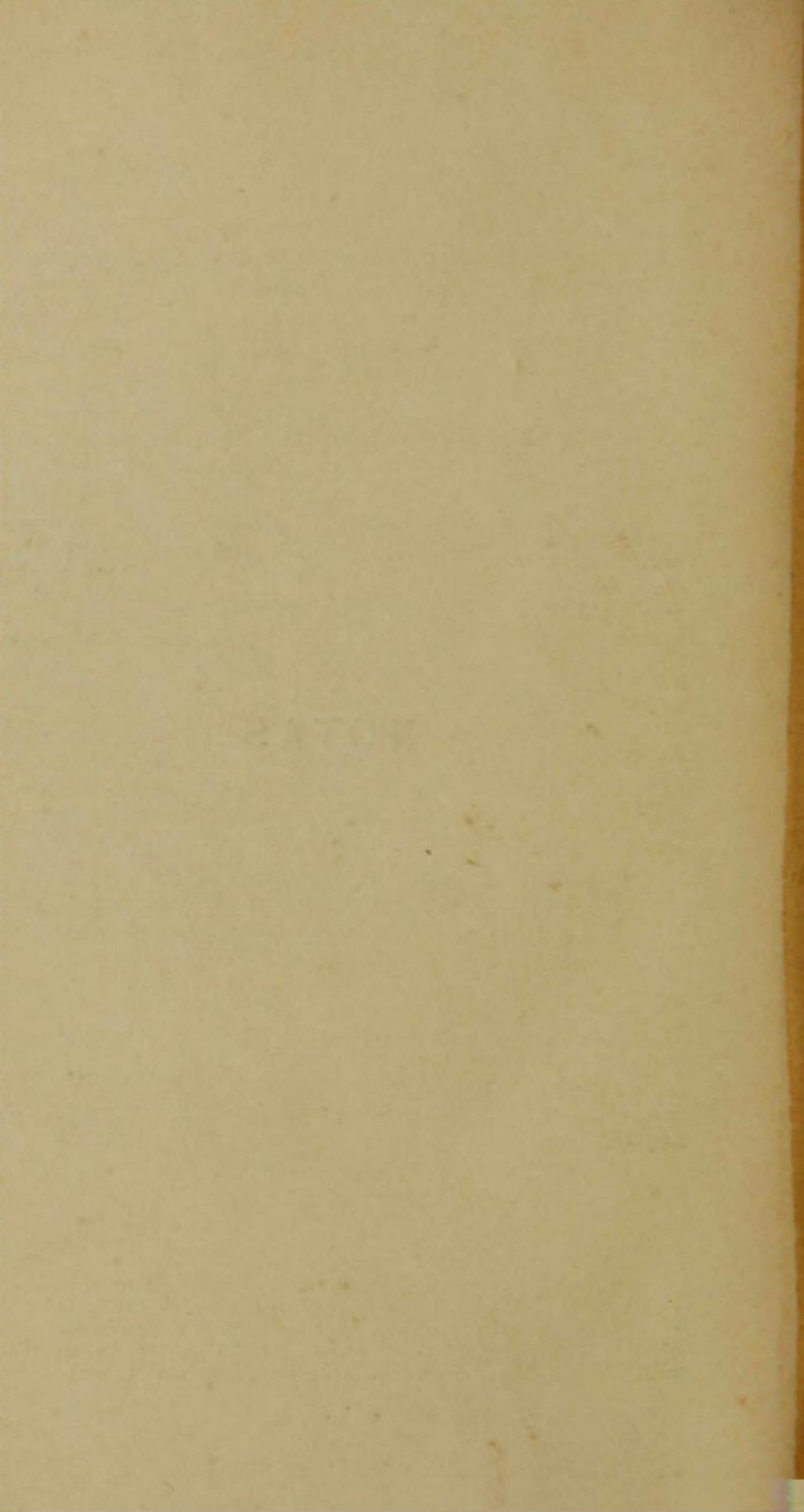
Imagino com que dor d'alma comprehendeu, então, que já tinha passado a *sua hora*, sem que tudo quanto havia feito fosse sufficiente para que o seu nome ficasse burilado nos mármores da historia; todos nós temos o momento opportuno, o nosso dia, si assim se pode dizer, mas nem todos sabem aproveitá-lo, nem mesmo perceber que é um rio que corre, sem nunca voltar atraz.

Interrompeu os trabalhos parlamentares, para ver si os ares da terra natal podiam minorar-lhe os padecimentos physicos, e de novo em Porto Alegre, onde levantara a tenda de trabalho desde que se bacharelara, ahi occupou por alguns mezes o cargo de inspector-geral da instrucção publica, no qual prestou assignalados serviços, até que cahiu, vencido pela morte, antes de completar 30 annos de idade.

Era um vulto talhado para as culminancias da administração. Intelligente, illustrado, character diamantino e coração aberto a todos os grandes sentimentos, o seu nome figuraria hoje na mesma esphera em que se destaca o de Julio de Castilhos, si a morte não viesse tão cedo cortar um vôo que promettia pairar nas maiores alturas.

Alto, sympathico, gesticulando com energia e falando com eloquencia, nenhum outro, nem mesmo Pinheiro Machado, dava a idéa perfeita do nosso gaúcho, cujo typo physico e moral encontrava a fórmula mais representativa em Ernesto Alves, o *Ernestão*, como lhe chamavamos na intimidade.

NOTAS



NOTAS

ORIGEM DA PALAVRA GAÚCHO

Interessantes discussões têm se travado entre os mais eminentes philólogos hispano-americanos, referentes ao nome *Gaúcho*, sem que tenha sido proferida até hoje a ultima palavra no sentido de ficar demonstrada a sua verdadeira etymologia.

O que parece indiscutível, porém, é que a raiz deste vocabulo se prende á lingua Quechúa (completamente desconhecida entre nós), cuja radical é *kcatuaichú*, que significa — *o curioso, o que observa*.

E' conveniente saber que os incas denominavam *Tacui-Bicut* aos inspectores do seu lendario Imperio, cuja traducção literal é — *aquelle que tudo encherça*. Nesse idioma tambem existe uma expressão, que não deve ser esquecida neste caso, pois o seu sentido figurado concorda com a vida do *Gaúcho*, além de obedecer ás leis da phonética: é a palavra *Huacho*.

Huacho, na sua rigorosa expressão, significa *orphão*, ou para melhor dizer, *o filho sem mãe*. A transformaçãõ do *h* em *g*, não é de estranhar, desde que é encontrada em muitas palavras que passaram do idioma quechúa para a lingua castelhana, como *Atalualpa*, *Ceapac* e *Huaina*, que os chronistas hespanhóes da época da conquista, transformaram em *Atagualpa*, *Ceapac* e *Guaina*.

Com o *h* inicial transformado em *g*, a syllaba *ua* substituida pelo ditongo *au* (meio de absorpção da vogal forte) e a syllaba *cho*, com a eliminacão do *c* que a precede, obtem-se a palavra *Gaúcho*, derivada do primitivo nome quechúa *huacho*.

O GAÚCHO — pág. 29

Este capitulo foi publicado na 4.^a edição do meu livro intitulado *Novos Ideaes*, em 1891, e reproduzido na minha *Historia da Revoluçãõ do Rio Grande*, em 1893, sendo agora ampliado com o estudo sobre o folk-lorismo regional, da página 38.

TAPIOCANO

Na página 31, quando trato dos typos e sub-typos regionaes, esqueceu-me a designação do *tapiocano*, do interior do Estado do Rio de Janeiro.

O MEIO PHYSICO

Ao que escrevi, de páginas 21 a 24, pode-se accrescentar os seguintes tópicos do artigo intitulado *O Rio Grande do Sul sob os aspectos de sua geographia physica e estratégica*, publicado da *Patria*, revista mensal dos officiaes reformados do exército e da armada, anno I (1920), n.º 11:

«De todos os nossos Estados, o Rio Grande do Sul impõe-se a considerações de militares e civis por ser um dos provaveis theatros de guerra da Republica, não só pela sua posição de confinante com as republicas platinas, como pelas tradições guerreiras de sua gente.

Quem estudar a historia politica do gaúcho, verá que sua terra fronteiriça ha sido sempre escolhida pela fatalidade estratégica para derimir contendas travadas entre brasileiros, orientaes e argentinos, estes colligados áquelles na dura campanha de 1827, cujo desfecho *indeciso* para as armas combatentes feriu-se ás proximidades do arroio Santa Maria.

Afóra esta lucta internacional, houvemos com denodo e patriotismo que repellir, por mais de uma vez, as intempestivas e cruentas incursões de orientaes em mais de um ponto da linha demarcadora.

A guerra do Paraguay consolidou definitivamente a bravura e a tendencia guerreira dos filhos do Rio Grande. Devemos, portanto, dispensar amor e carinho á sua geographia physica e politica, por isso que o Rio Grande do Sul é a *porta* aberta á invasão estrangeira. Para por-lhe a *tranca* no momento opportuno, é mister, antes de tudo, conhecer seu *solo*, seus *recursos* varios e, sobretudo, a *historia de seu povo*.

Por mais disparatada a sentença, *sem geographia patria não se poderá encarnar o verdadeiro e santo patriotismo*. Nunca é demais descrever uma terra a que o destino pode reservar de um momento para outro surpresas bem desagradaveis, mormente agora que os povos parecem viver *equipados* para a guerra ou para a destruição.

O terreno tem physionomia original e a superficie total pode ser enquadrada em duas figuras regulares: a do norte é *trapezoidal*, enquanto que a do Sul é *triangular*. O Norte é a *serra*; o Sul a *campanha* e a face de léste — o *litoral*.

A serra, cujo trapessio mede 14.400/km² — é a metade da Belgica, e a parte occidental da região, onde outr'ora, se alojavam as antigas Missões, mede 77.600km² — quasi do tamanho da Escossia. A sua latitude média é de 950m, com bons campos criadores e irrigados fartamente por magnificos rios de planalto.

E' cortado de léste a oeste pela cadeia maritima, que, após percorrer 530 klm de largura, vai morrer nas margens do Uruguay, perto de São Borja. A maior volumetria está na parte do N. E. do Estado e no rumo geral do Sul os ultimos contrafortes se intromettem pelas bacias fluviaes, tomando nomes proprios. E' assim que entre o *Jacuhy* e o *Camaquan* tem-se a serra do Herval e entre esta e o *Jaguarão* a dos *Tapes*. Na direcção de Oeste os rochedos se escarpam, perdendo as suas proeminencias.

Mas, quanto mais se dirigem para o sul tanto mais se rebaixam, até formar essas collinas suaves as cochilhas, que Reclus diz serem lombadas que se semelham ás vagas de um oceano levemente ondulado, sem arestas agudas dos fios de faca. São lombadas de longos declives, «collinas de uma Arcadia». O Norte do Estado é a *serra*.

A serra é zona agricola, a campanha pastoril. A serra é um terreno *montanhoso*, a campanha *montuoso*. E para accentuar os traços distinctos desses terrenos, entre o mar e o rio Uruguay, a terra deprimiu-se, formando um covão, por onde coleam as rêdes potamographicas do Estado: a do *Jacuhy* e *Ibicuhy*, que retalham o terreno em duas grandes zônas differentes pelos grupamentos sociaes, pela fauna e a flora.

Uma se vai irradiando para oriente, enquanto que outra se intromette pela parte occidental, dando á topographia uma caracteristica original. A região de *Jacuhy* é portanto elevada, montanhosa, coberta de vegetação, entremeada de campos limpos criadores; a do *Ibicuhy* é uma successão de campinas guarnecidas de matto rasteiro, onde preponderam somente os *capões* isolados ou grupados, lembrando *oasis* africanos.

A região do *Jacuhy* é uma miniatura do mundo amazonico; e a do *Ibicuhy* é o começo da natureza platina. A do *Jacuhy* é o foco da *colonisação*, a do *Ibicuhy* é o dominio do *Gaúcho!* O litoral, cuja extensão orça por 950/km., é de formação oceanica, e os cordões litoraes, que ahi existem, representam o influxo das vagas agitadas pelo vento.

As praias surgiram, assim, á custa da *croção marinha*. Um extenso cordão litoral separou do mar vastas faixas da terra que se converteram em *lagoas*, cujas massas d'agua são, porém, renovadas pelos rios e arroios. Junto ao mar surge, pois, uma cinta de lagunas inavegaveis, atraz das quaes se situaram as maiores bacias interiores do paiz: a lagôa dos

Patos (*) e a *Mirim*, (**) cujos destinos geographicos são preciosos e nítidos na geographia social, podendo-se dizer que, nesse particular e sob muitos outros aspectos, é desconhecido e inexplorado um dos maiores paizes do mundo.

Na opinião de Wappaeus, a vertente occidental da lagôa dos Patos tem bellas mattas, principalmente no terraço norte, onde estão as colonias allemãs. «Nas alturas e mais para o interior a matta vai assumindo o caracter da vegetação dos campos. Ao sul, a vertente oriental do continente não apresenta mais verdadeira matta virgem; é, ou desguarnecida, ou coberta de arbustos pequenos e acanhados e de sebes eriçadas e densas».

Esta floresta pertence ao typo de vegetação hygrophila, cuja flora é assaz rica. Ha arvores frondosas: o cedro rio-grandese tem 20 metros de alto e 1m,80 de diametro; o louro, 17 metros de altura e 1m,60 de diametro, e ha outras madeiras de construcção tambem notaveis.

E' por isso que o Rio Grande do Sul não precisa recorrer á flora de outros Estados em busca de madeira de lei para qualquer genero de construcção e outros mitéres. Muitos dos campos, poteiros e pastos existentes na região serrana, foram conquistados á zona das mattas e hoje se conservam em estado de campos. Este facto é devido exclusivamente á influencia do gado que destróe os brótos das arvores nascentes.

Sabe-se que os vastos campos ao norte e á leste de Porto Alegre e de São Leopoldo foram, outr'ora, cobertos de matta virgem, e em Cangussú ha um logar que, trinta annos atraz, era o campo preferido para o *rodeio* do gado de uma estancia da localidade; hoje é uma capoeira alta, confundindo-se com a matta do rio.

Discute-se a questão de campo primario e secundario. Alguns autores querem distinguil-os pelo aspecto e pelo caracter da vegetação. Mas nem todas as mattas têm esta vitalidade ou tendencia de regeneração. Os pinheiraes, diz von Ihering (Hermann), depois da destruição das arvores se transformam em campos. Sabemos que a região entre a Serra do Mar e a Serra da Cantareira, na epoca da descoberta, estava occupada por pinheiraes, que desapareceram quasi completamente. Não é difficil transformar pinheiraes em campos, mas a matta virgem é muito resistente contra esta transformação.

Os campos criadores do Sul são fartamente irrigados por cursos d'agua e apresentam á maioria do rio uma faixa de vegetação, que serve de refrigerio ao gado. São capões grupados ou isolados, especie de ilhas de matto no campo. Cada legua quadrada de campo no Rio Grande do Sul nutre 3000 cabeças, ao passo que em Matto-Grosso a legua só pode

(*) A Lagôa dos Patos é a via de commnicação para a capital do Estado. Mede 303 kilometros de extensão sobre 66 de largura, sendo a bacia mais consideravel do Brasil e toda ella navegavel.

(**) A Lagôa Mirim, com 246 kilometros de comprimento e 52 de largura, tambem navegavel, é divisa com o Estado Oriental.

nutrir 300. Daqui a razão do elevado preço dos campos gaúchos.

Hermann Soyaux, enviado do governo allemão para constatar da cultura e da prosperidade dos allemães domiciliados no Rio Grande do Sul, attribue ao clima da região o facto de se esquecerem os seus patricios do sacrosanto *Vaterlam*, para se tornarem, antes de tudo, americanos, e, *propudor!* americanos latinos!

O poder de assimilação deste sólo é prodigioso e age directamente sobre o character. D'aqui inferiu Soraux estas leis:

«1.^a — A descendencia dos allemães agricultores no Rio Grande do Sul se brasileira na primeira geração; 2.^a — Nas colonias onde o elemento allemão se mistura com a população falando portuguez, em uma proporção menor de 5.000 almas, sua descendencia na primeira geração conserva-se habitualmente na maioria allemã, mas, a partir da segunda geração, tende a perder a lingua de origem. 3.^a — Nos logares em que o elemento germanico prepondera exclusivamente, possuindo vastas terras colonisadas, até na terceira geração se verifica a lingua de origem».

CANCIONEIRO GAÚCHO

A segunda quadrinha da página 42; a segunda, e a quinta, da pág. 44; a quinta, da pág. 46; primeira, a segunda, a sétima e a décima, da pág. 48; a primeira da pág. 49; a décima, da pág. 50; a nona, da pág. 51; a sétima, da pág. 52; a oitava, da pág. 53; a quarta da pág. 56; a terceira, da pág. 60; a primeira e a quarta, da pág. 61; além de uma ou outra de que não tenho conhecimento, são cantadas de sul a norte, não se podendo dizer com precisão se partiram do Rio Grande do Sul ou chegaram até lá, devido ás constantes migrações, emigrações e immigrações de individuos que levam consigo esses thesoiros da poesia popular do Brasil.

O mesmo facto se observa em relação aos cancioneros ibéricos, cuja trasladação para a América soffre ligeiras variantes, sem esquecer que, entre cantares de Hespanha e Portugal, ha estrophes tão fielmente traduzidas que nem se percebe qual seja a original. Outras, porém, são intraduziveis, como esta:

Dos besos tengo en el alma
Que no se apartan de mí:
El último de mi madre
Y el primero que te dí!

Isto, que se dá em simples quadrinhas, também se observa em sonetos, cuja espontaneidade é tal, em mais de um idioma, que não se pode dizer em qual delles fôra produzido o original. — Eis uma prova:

A UM ABORTO

Tu, infeliz, que sem nascer morreste,
Confusa união entre a existencia e o nada,
Sêr e não sêr, — o teu despojo é este!
Infausto abôrto, oh prole mal formada,

A' honra victimou-te a sorte agreste!
Do amor obra funesta e desgraçada,
Tu, que de um crime a vida recebeste,
Por outro foi-te a morte accelerada:

Deixa o susto acalmar, que me intimida:
Socegue um coração que bate forte,
Vendo o fado, pr'a ti, ser homicida.

Dois tyrannos julgaram a tua sorte:
Si o amor, contra a honra, deu-te a vida,
A honra, contra o amor, te deu a morte!

INFANTICIDIO

Oh tú infeliz que sin nacer moriste!
Confusa union del sér y de la nada!
Prole fatal que, sin estar formada,
Entre el sér y no sér, depojo fuiste!

Tú, que vida de un crimen recibiste,
Y otro crimen nefando te anonada,
De amor obra funesta y desdichada,
De honor víctima cruel, infausta y triste!

Deja al dolor calmar, que me intimida,
Que el ánimo serene para verte
Y contemplar el pecho infanticida.

Dos verdugos deciden de tu suerte:
Amor contra el honor te dió la vida,
Honor contra el amor te dá la muerte!

SILVA TAVARES II

Além de mandar degollar mais de 300 prisioneiros, no Rio Negro, este chefe federalista praticou taes scenas de cannibalismo na tomada de D. Pedrito, que não pude conter a minha indignação, que explodiu na seguinte poesia, publicada em Porto Alegre, em Abril de 1893.

— Eil-a:

O ASSALTO DE D. PEDRITO

Contra as phalanges *federalistas*,
Quando de alma se ouviu o grito,
Rompeu o fogo dos castilhistas
Na defensiva de Dom Pedrito.

Eram apenas trezentos bravos,
Contra milhares dos invasores,
Que com instinctos os mais ignavos,
Se appellidavam — *libertadores!*

Rompeu o fogo de parte a parte,
No mais tremendo, feroz, conflicto:
— Via-se altivo nosso estandarte
Em plena praça de Dom Pedrito.

Durou seis horas o fogo vivo
Das duas hostes belligerantes:
De um lado — a gloria d'um povo altivo,
D'outro — a cobiça dos assaltantes.

Mas eis que surge bandeira branca
Sobre o funesto bando maldicto;
E, como o fogo delle se estanca,
Fazem-se trégoas em Dom Pedrito.

Chegam de prompto parlamentarios,
Que, vendo os meios de resistencia,
Com seus instinctos vís, sanguinarios,
Voltam á carga com mais violencia.

Mais duas horas de lucta accesa
São consumidas em duro attrito;
Sem mais recursos, vê-se indefesa
A triste gente de Dom Pedrito!...

Joca Tavares entra a galope
E faz que o bando dos forasteiros,
Antes do saque, feroz se ensope
No sangue quente dos brasileiros!...

Cannibalismo de antigas éras
Devora as carnes de um povo afflicto!
— São mais vorazes do que as pantheras
Os saqueadores de Dom Pedrito!...

Dos proprios leitos são arrancados
Até enfermos... que, moribundos,
— Em seus delirios arrebatados —
Riem... sentindo golpes profundos!...

As mãis, afflictas, são condemnadas
A vêr — nos braços de um vil precito —
As jovens filhas immaculadas...
Ai bellas moças de Dom Pedrito!

P'ra dar idéa de taes horrores,
O proprio inferno que as portas abra;
— Sopram cornetas, rufam tambores,
Numa tremenda dança macabra!...

No vil tripúdio mão estrangeira,
Ensanguentada no atroz delicto,
Rasga e arrasta nossa bandeira
Pelas calçadas de Dom Pedrito!...

Mucio Teixeira.

OS HERÓES

Deixam de figurar nesta galeria os marechaes Godolphim (meu primo-irmão), Seba t'ão Bandeira (tambem meu primo), e Marinho; os generaes Bacellar, Falcão da Frota, Carlos Telles, e os caudilhos Prestes Guimarães e Juca Tigre, por não me terem chegado ás mãos as imprescindiveis datas de nascimento e fallecimento, embora dos quatro primeiros eu tivesse privado na intimidade, de todos conhecendo os principaes rasgos caracteristicos.

Em edição definitiva desta obra serão suppridas estas lamentaveis lacunas.

OS NOTAVEIS

Figuram nesta galeria de gaúchos alguns filhos de outros logares, que trocaram a terra do nascimento pelo Rio Grande do Sul, ahí fixaram residencia, constituíram familia e se tornaram mais úteis do que a maioria dos oriundos da savana do Pampa.

São elles: — o paulista Visconde de S. Leopoldo, o piauihyense Dr. Manuel Lopes Teixeira, o uruguayo Paula Soares, o allemão Carlos von Koseritz, e o sergipano Caldas Junior, aos quaes o Rio Grande do Sul deve os mais assignalados serviços, como se podê verificar nas respectivas biographias.

OS INCONFIDENTES

O meu juizo, sincero e verdadeiro, sobre Tiradentes, vai naturalmente desencadear tempestades dentro de copos d'agua.. mas páro anticipadamente os golpes do falso patriotismo, com as seguintes palavras de *Taine*, nas páginas de *Madefense*:

«Que me importam as objurgatorias e as sentenças da crítica official? Ha mentiras, na nossa Historia, que devem ser destruidas; ha falsos heróes, cobertos de louros, e grandes homens completamente esquecidos. A Historia não é intangivel aos olhos perscrutadores do analysta e do estudioso. Escrevo e relato estudando e investigando. Historio com os documentos na mão: que me respondam assim».

O TOMO SEGUNDO

O segundo volume da presente obra trata dos estadistas e parlamentares, poetas e prosadores, artistas (um pintor e um músico) e um genio, que são os seguintes:

X

ESTADISTAS E PARLAMENTARES

- Barão de Quarahim (1810-1866).
- Ferreira Vianna (1833-1903).
- Gaspar Martins (1835-1901).
- Florencio de Abreu (1839-1881).
- Pinheiro Machado (1850-1915).
- Julio de Castilhos (1860-1903).
- Rivadavia Corrêa (1866-1920).
- Pedro Moacyr (1870-1919).

XI
POETAS E PROSADORES

- Delphina da Cunha (1791-1857).
 Barão de Santo Angelo (1806-1879).
 Dr. Caldre e Fião (1813-1876).
 Zeferino Rodrigues (1825-1896).
 Carlos von Koseritz (1830-1890).
 Felix da Cunha (1831-1865).
 Bernardo Taveira (1833-1892).
 Ignacio de Vasconcellos (1838-1888).
 Bibiano de Almeida (1838-1892).
 Eudoro Berlink (1840-1880).
 Macedo Junior (1842-1860).
 Menezes Paredes (1843-1882).
 Apollinario Porto Alegre (1844-1904).
 Carlos Ferreira (1844-1913).
 Affonso Marques (1847-1872).
 Luciana de Abreu (1847-1880).
 Hilario Ribeiro (1847-1885).
 Amalia Figueirôa (1848-1878).
 José Bernardino dos Santos (1848-1892).
 Aurelio de Bittencourt (1850-1919).
 João Damasceno (1851-1910).
 Gustavo Vianna (1852-1876).
 Theodoro de Miranda (1852-1877).
 Lobo da Costa (1852-1888).
 Ferreira da Luz (1853-1896).
 Lobo Barreto (1853-1875).
 Alves Torres (1853-1890).
 Baptista Pereira (1855-1875).
 Arthur Rocha (1859-1888).
 Oscar Pederneiras (1859-1890).
 Alexandre Fernandes (1863-1907).
 Caldas Junior (1868-1912).
 Alarico Ribeiro (1869-1899).
 Marcello Gama (1870-1913).

XII
DOIS ARTISTAS

- O pintor Porto Alegre (1806-1879).
 O músico Araujo Vianna (1870-1915).

XIII
UM GENIO

- Arthur de Oliveira (1851-1882).

INDICE

	Pags.
Dedicatória	5
I — O momento histórico	7
II — O meio physico	21
III — O Gaúcho	29
IV — Cancioneiro Gaúcho	41
V — O Parthenon Literario	63
VI — Perfis Gaúchos	77

VII TRES SABIOS

I — Visconde do Rio Grande	81
II — Dr. Joaquim Caetano da Silva	90
III — Conselheiro Candido Baptista	95

VIII OS HERÓES

Os Menna Barretos	101
I — João de Deus, Visconde de S. Gabriel	102
II — Gaspar Francisco	103
III — José Luis I	106
IV — João Propicio, Barão de S. Gabriel	107
V — José Luis II	112
VI — João Sabino	116
VII — João Manuel	119
Os tres Marques de Sousa	121
I — Manuel I	121
II — Manuel II	122
III — Manuel III, Conde de Porto Alegre	123
Pinto Bandeira	140
Marechal Ignacio Silva	143
Barão do Serro Largo	144
Sebastião Barreto	145
General Henrique Marques	147
Santos Pedroso	152
Barão de Tramandahy	154

II

	Pags.
Bento Camara	156
Bento Gonçalves	157
David Canabarro	163
General Netto	166
Côrte-Real	169
Tobias	171
Silva Tavares I, Visconde do Serro Alegre . .	172
Chico Pedro, Barão de Jacuhy	174
Onofre	179
Marechal Chico Felix	185
Barão da Cruz Alta	188
Andrade Neves, Barão do Triumpho	190
Marquez de Tamandaré	196
O General Osorio, Marquez do Herval . . .	199
Silva Tavares II, Barão de Itaquy	212
Marechal Isidoro	215
Gumercindo Saraiva	217
Marechal José Simeão	223
Marechal Cantuaria	225
Marechal Machado Bittencourt	227
Marechal Mallet	228
O General Solon	238
Marcilio Dias	242
General João Telles	243
Marechal Bormann	245
Coronel Thomaz Flores	247
Plácido de Castro	248

IX

OS NOTAVEIS

Padre Thomé	261
Visconde de S. Leopoldo	263
Bispo D. Feliciano	265
Padre Santa Barbara	266
Cruz Jobim	268
Victorino Ribeiro	270
Professor Coruja	274

III

	Pags.
Gomes de Freitas	278
Lopes Teixeira	280
Visconde de Mauá	284
Oliveira Bello I	288
O dr. Mendonça	291
O dr. Flores	293
Felippe Nery	295
Conselheiro Brusque	296
Barão de Theresópolis	299
Visconde de Pelotas	303
Paula Soares	308
O dr. Pederneiras	311
O dr. Bittencourt	315
Professor Gomes	316
Henrique d'Avila	318
Felisberto Pereira	321
Francisco Cunha	323
Leite de Castro	326
Eubank da Camara	330
Antunes Ribas	332
Dr. Silva Tavares	338
Conselheiro Camargo	340
Eduardo Guinle	342
Fernando Osorio	348
Ramiro Barcellos	357
Oliveira Bello II	359
Cassiano do Nascimento	361
Barros Cassal	363
Ernesto Alves	366
<hr style="width: 10%; margin: 10px auto;"/>	
NOTAS	371
Indice do tomo II	379

FIM DO TOMO PRIMEIRO

ERRATA

Página	Linha	Lê-se	Lêa-se
11	5	desde á Gênesis.....	desde a Génesis.....
25	37	facee.....	face.....
31	40	eurtas.....	curtas.....
34	15	Corruptella.....	corruptella.....
37	39	casteiano.....	castelhano.....
63	2	maneira tão poderosa...	maneira poderosa.....
70	40	Apolinario.....	Apollinario.....
116	18	absorvido absorvido.....	absorvido aquella.....
131	15	14 horas.....	4 horas.....
138	9	dois cavallos.....	tres cavallos.....
155	21	vereador.....	veador.....
»	34	guerra federalista.....	guerra dos <i>Farrapos</i>
156	11	Alegretê.....	Alegrete.....
182	7	randos.....	raudos.....
»	11	!.....	!.....
»	33	!.....	!.....
183	40	!.....	!.....
205	29	desbatada.....	desbastada.....
238	35	aproveitando.....	aproveitando-se.....
240	6	nescido.....	nascido.....
242	36	1915.....	1911.....
256	39	crificios.....	sacrificios.....
270	25	1814.....	1914.....
275	18	a cirurgião.....	o cirurgião.....
307	18	pódem.....	podem.....
321	1	Proclamando.....	Proclamado.....
332	34	interpelação.....	interpolação.....
339	8	acathólicos, em 1881;.....	acathólicos; em 1881,.....
343	22 e 23	adivivavamos.....	admirávamos.....
345	38	perdôou.....	perdoôu.....
350	11	Sinimbú.....	Sinimbú.....

OBRAS DO MESMO AUTOR

LIVROS DE POESIA

Vozes tremulas, 1 vol. de 212 págs. — *Violétas*, 1 vol. de 200 págs. — *Ondas e Vuvens*, 1 vol. de 250 págs. — *Sombras e Clarões*, 1 vol. de 296 págs. — *Novos Ideaes*, 1 vol. de 400 págs. (4.^a edição) — *Prismas e Vibrações*, 1 vol. de 236 págs. — *Hugonianas*, 1 vol. de 494 págs. (2.^a edição). — *Contos em Cantos*, 1 vol. de 242 págs. — *Poesias e Poemas*, 1 vol. de 238 págs. (2.^a edição). — *Celajes*, 1 vol. de 361 págs. (em lingua castelhana) — *Poesias de Don Mucio Teixeira*, traduzidas por poetas de Venezuela, 1 vol. de 250 págs. — *Campo-Santo*, 1 vol. de 519 págs.

POEMAS

Cérebro e Coração, 1 vol. de 212 págs. (3.^a edição) — *Fausto e Margarida*, 1 vol. de 210 págs. (4.^a edição) — *O Inferno Politico*, 1 vol. de 224 págs. — *Intermezzo Lyrico*, 1 vol. de 284 págs. — *Um Sonhador do Seculo*, 1 vol. de 182 págs. — *O Tribuno-Rei*, 1 vol. de 126 págs. — (2.^a edição) — *Os Inconfidentes* (fragmentos), 1 vol. de 92 págs. — *Mulheres do Evangelho*, 1 vol. de 226 págs. (2.^a edição) — *Leviandades de Clymene*, 1 vol. de 82 págs. — *Caprichos de Mulher*, 1 vol. de 46 págs. — *O Kaiser perante a Historia*, 1 vol. de 25 págs. — *Terra Incógnita*, 1 vol. de 408 págs.

DRAMAS

O Filho do Banqueiro — (5 actos) — *Alvaro, o Farrapo* (5 actos) — *A Flôr de um dia* (4 actos e em verso) — *Tempestades moraes* (3 actos) — *A Virtude no Crime* (5 actos) — *O Sobrinho pelo Tio* (3 actos). — *Montalvo* (3 actos) — *Chimica Conjugal* (1 acto e em verso) — *A Urucubaca* (3 actos em prosa e verso).

LIVROS EM PROSA

O Imperador visto de perto, 1 vol. — *Memorias dignas de memoria*, 5 vols. — *Poetas do Brasil*, 3 vols. — *Synthese histórica da Literatura Brasileira*, 3 vols. — *Vida e obras de Castro Alves*, 1 vol. — *Biographia de Bethencourt da Silva*, 1 vol. — *Relatorio da Exposição de 1910*, 1 vol. — *La administracion del Doctor Rojas Paül en Venezuela*, 1 vol. — *O Brasil Marcial*, 1 vol. — *Os Gauchos* (o Meio physico, o Momento historico, o Pampa, o Gaucho, o seu Cancioneiro popular e Perfis de Rio-Grandenses illustres).

E NO PRELO: — *Tratado Elementar de Sciencia Occulta*.

NO PRELO

TRATADO ELEMENTAR
DE
SCIENCIA OCCULTA

PELO
BARÃO ERGONTE

(MUCIO TEIXEIRA)

Este livro, de theoria e prática, é uma completa novidade no nosso meio literario.

A primeira parte trata exclusivamente da doutrina theosófica; e a segunda ensina a maneira prática de ler a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas do baralho.

Edição ornada de numerosas gravuras, além de um baralho esoterico, que, destacado do livro, servirá para as experiencias.



Edição da grande livraria editora de
Leite Ribeiro & Maurillo

Séde — Rua Santo Antonio, 3

Deposito parcial e officinas typographicas — parallelamente
aos fundos dos predios 5, 7 e 9 da mesma rua

DEPOSITO GERAL — RUA DA MISERICORDIA, 123
RIO DE JANEIRO

1920

Brasil

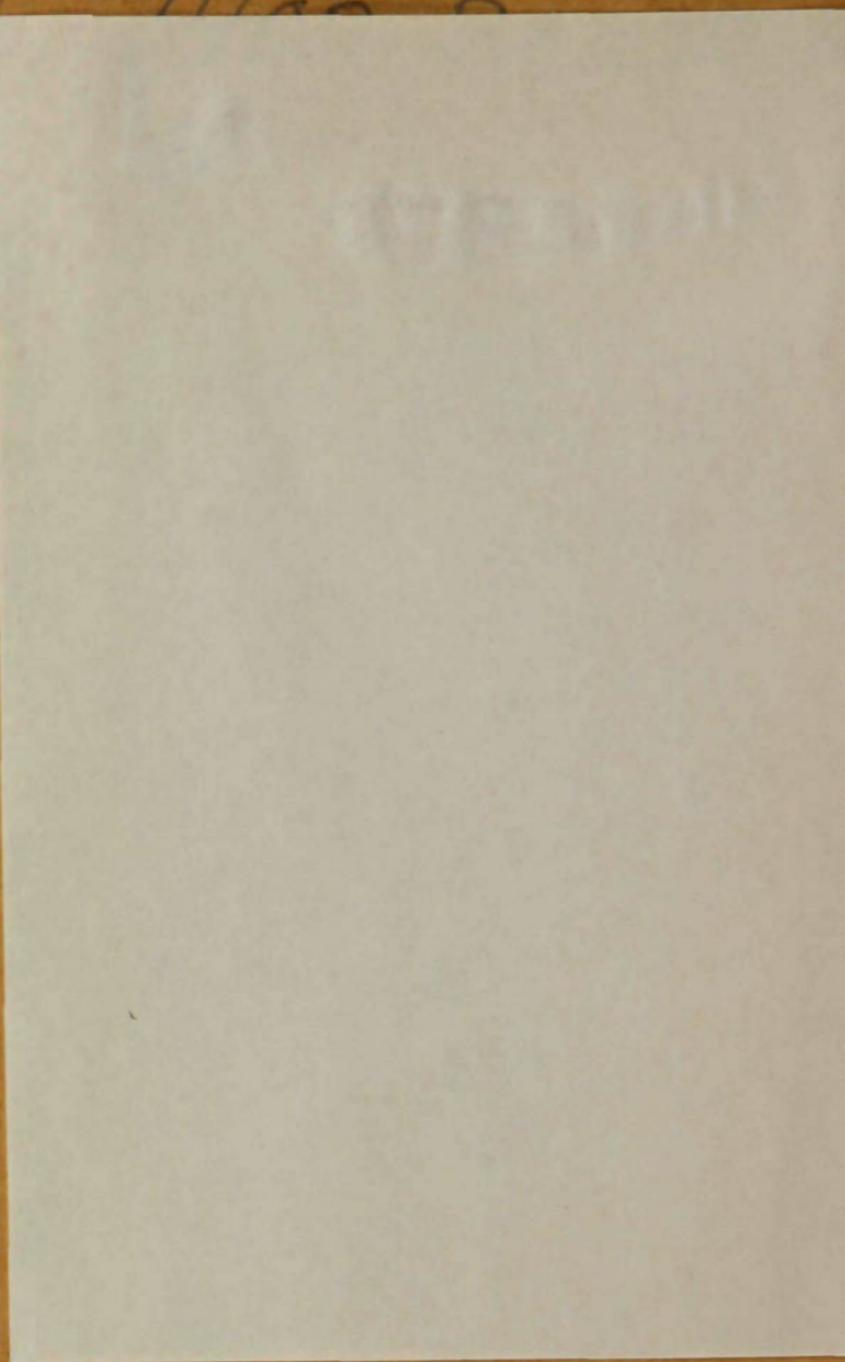
71100 0

2 Vols.

10000

de retrat
do auto

L.B.



LA TROBE UNIVERSITY LIBRARY



C 96528 5044 B

BUNDOORA GENERAL

920.08165

T266g 1920 t.1

TEIXEIRA, Mucio Scoevola Lopes,
1857-1926

Os gauchos : estudo do meio
physico, do momento historico, da vida

BRN : 865519

17 SEP 96

